



SHADOW'S EDGE



J. T. GEISSINGER





Staff

Envio:  Eva M. Clack

Tradução:  Gaby M e Bec B. North

Revisão Inicial:  Justine O'neel

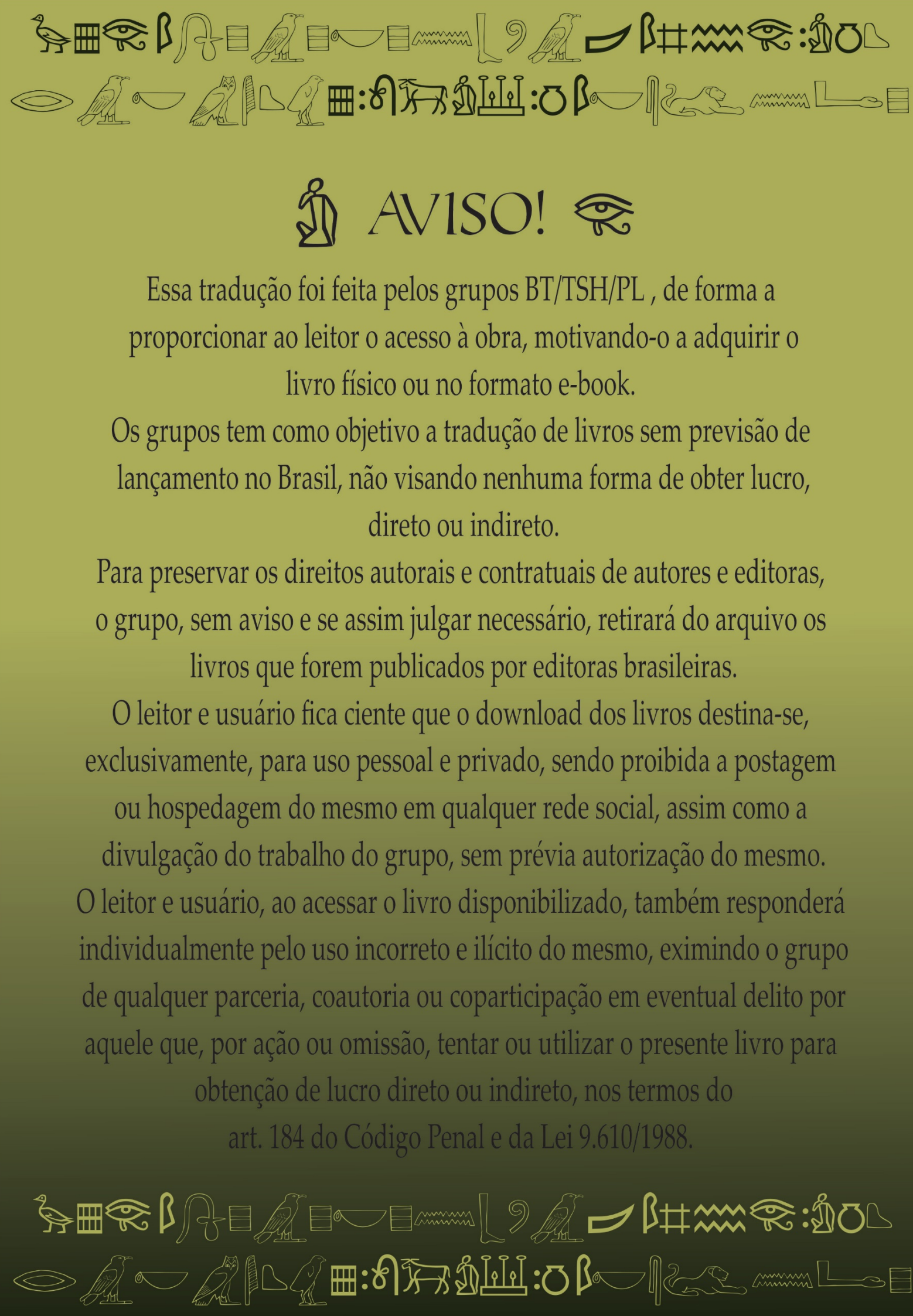
Revisão Final:  Silva Helena

Leitura Final:  Ana Luízinha

Formatação:  Bec B. North

Verificação:  Dri





AVISO!

Essa tradução foi feita pelos grupos BT/TSH/PL , de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

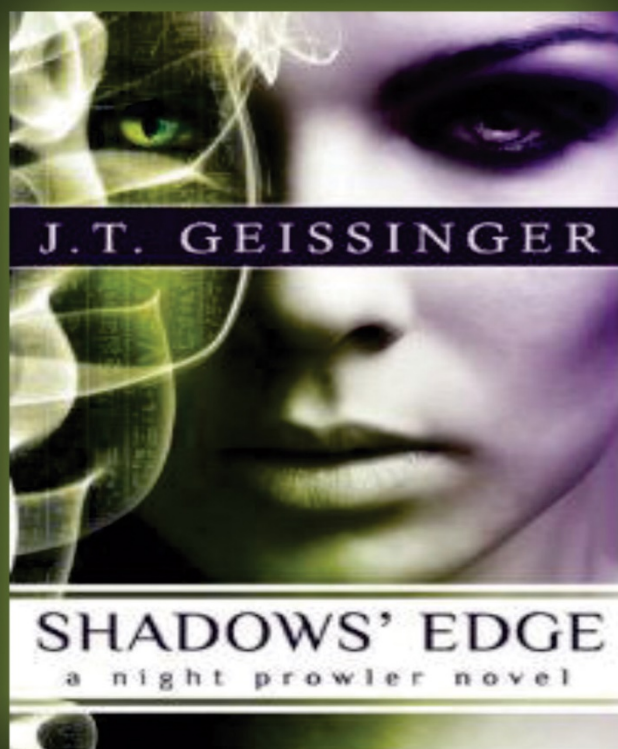
Os grupos tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

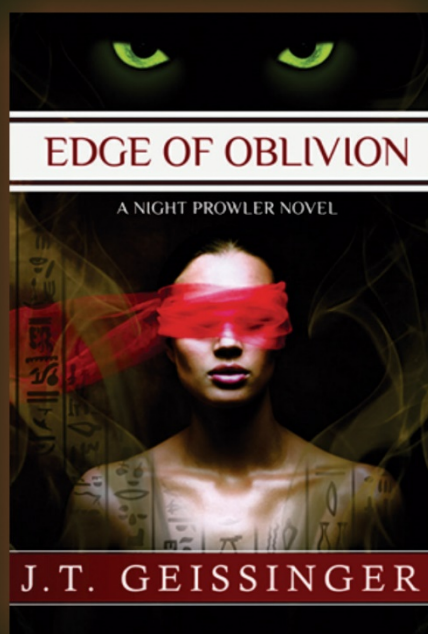
O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

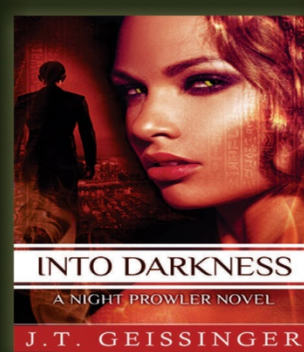
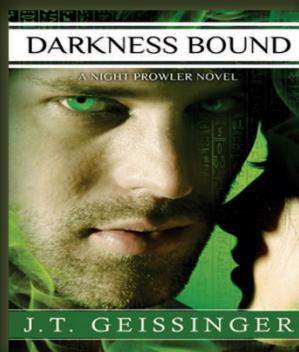
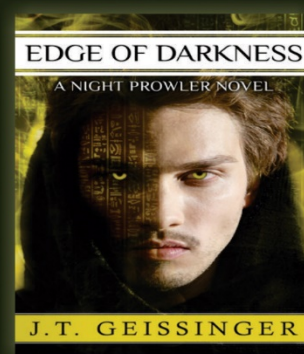
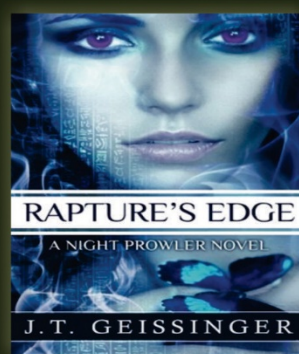
LANÇAMENTO



EM TRADUÇÃO



EM BREVE!



SHADOWS EDGE
J. T. GEISSINGER





DEDICAÇÕES

Para Jay, meu cavaleiro de jeans brilhante; obrigada.

A meus pais, Jean e Jim, que sobreviveram aos rudes anos de adolescência.

Devo muito a vocês.

E a todos aqueles que se atrevem a amar... isto é para vocês.

Quando o amor pede para segui-lo,
Ainda que seus caminhos sejam duros e íngremes.
E quando suas asas os envolvem, cede a ele,
Ainda que a espada escondida entre suas plumas possa ferir-
te.

E quando falar, tenha fé nele,
Ainda que sua voz possa despedaçar seus sonhos como o
vento do norte devasta o jardim.

KHALIL GIBRAN





PRÓLOGO

*Extraído dos jornais ilustrados de Londres, 27 de
outubro de 1888*

EGIPTÓLOGO DESENTERRA AS ANTIGAS TUMBAS DE GATOS

Segundo o Sr. T.M Adisson Pike, famoso egiptólogo e orientalista, o recente descobrimento de uma fossa massiva fora de Beni Hasan que contém mais de 300.000 gatos mumificados é de uma importância especial e lança uma nova luz sobre as informações até agora não confirmadas da estima incomum que os habitantes antigos do Egito tinham pelos gatos.

Um cemitério localizado próximo ao rio Nilo, Beni Hasan foi usado sobre tudo durante o Império Médio, que se estendeu do século 21 a 17 AC. O colossal cemitério, onde encontraram os felinos mumificados, acredita-se que foi construído por Hatshepsut e dedicado a deusa local Pakhet, uma deidade guerreira em forma de leoa.

Hatshepsut, traduzido como *A mais importante das Damas Nobres*, reinou mais tempo que qualquer outra mulher de uma dinastia tribal e foi considerada uma das rainhas mais poderosa e próspera do antigo Egito. Regentes femininas eram muito comuns, outro exemplo de uma mulher que subiu ao trono foi Cleópatra, a última— e talvez mais notória — rainha do antigo Egito.





Depois da entrevista do Egiptólogo que descobriu as tumbas, uma lenda local surgiu. A Ikati — Zulu para *guerreiros gatos* — criaturas belas e sublimes, igualmente mortais em sua forma humana, mas capazes de transformarem-se em vapor ou felinos a sua vontade.

Ao parecer, os antigos egípcios acreditavam que estas criaturas legendárias eram deuses, originados do coração mais sombrio da selva africana, onde o Congo desaparecia nas nevoas e se aferrava ao deserto selvagem, onde nenhum homem se atrevia a pisar. A lenda conta que os Ikati eram a primeira tribo civilizada da área conhecida como Egito e construíram as grandes pirâmides de Gizé, assim como as Esfinges como homenagem a sua espécie. Inclusive diziam que se acasalavam com mulheres humanas durante os rituais religiosos, engendrando alguns dos mais famosos faraós egípcios, incluindo a bela e astuta Cleópatra.

De acordo com o tal egiptólogo local, apenas a queda do Egito pelo Império Romano impediu a proliferação inevitável destas criaturas temidas em todo o mundo. Uma vez descobertas pelo Imperador Cesar Augusto, foram declarados bruxos e caçados até quase a extinção. Os poucos sobreviventes que restaram fugiram para a costa, aparentemente para estabelecer sua residência em alguma outra parte, desconhecida pelo mundo...





Casa Sommerley

Hampshire, Inglaterra

19 de junho de 1994

Meu amor,

No momento em que você receber essa carta, eu estarei morto. Perdoe-me.

Fiz um acordo para salvar o que é mais precioso para mim, uma barganha que comprei com meu próprio sangue. Eu concordei com isso a fim de poupá-la de uma vida de fuga, de espreitar nas sombras como temos feito esses dez longos anos, tentando escapar da morte faminta que nos persegue.

Eles vão retrair as garras e deixá-la ir, eu me assegurei. Mas um dia virão por nossa filha.

Até que tenha idade suficiente para enfrentá-los, ensine-a a lutar. Ensine-a se esconder. Diga tudo sobre mim e minha espécie ou não diga nada em absoluto. Deixo a você a decisão, minha querida esposa.





Encontro-me totalmente miserável em minhas horas finais, perdido sem você. Minha entrega foi total e por isto não posso sentir arrependimentos, sem importar o preço que estou pagando agora. O verdadeiro amor pode ser uma benção ou uma maldição, e para nós, temo ter sido ambos.

Mas a única coisa real e de valor que conheci em minha vida. A única coisa que sei que durará para sempre.

Não acredito que exista vida após a morte para criaturas como eu, mas de todo coração desejo estar errado, para poder segurá-la em meus braços uma vez mais. Céu ou inferno, pouco importa. Enquanto estivermos juntos. Até então...

Eternamente seu,

Rylan





CAPÍTULO UM

Se ela soubesse que hoje seria o último dia de sua vida cuidadosamente controlada e previsível, Jenna talvez não tivesse gasto tanto tempo à sua rotina mundana de recados, compras e limpeza do apartamento, que não pareciam dignos à luz do que estava a ponto de acontecer. Mas a medida que estes dias cruciais eram assim, este começou sem nenhuma pista do que estava por vir.

Era domingo, julho e fazia calor. Estava muito quente, o tipo de calor que poucas vezes sentia no sul da Califórnia, o tipo que deixava as pessoas irritadas e murchava as flores, fazia estragos na energia elétrica provocando apagões na pequena comunidade litorânea. Inclusive os corredores em biquínis e shorts curtos, os levantadores de pesos bronzeados e a legião de turistas com câmeras e bermudas, que normalmente povoavam a calçada da praia em frente ao seu apartamento, fugiram, deixando apenas alguns ciclistas e gaivotas com olhos aguçados patrulhando o céu acima.

Devido a Jenna ser imune as temperaturas extremas, tendo vivido em todas as partes da África ao Alaska sem o mínimo incomodo, ela era a única no supermercado que não parecia ter acabado de sair de uma sauna. Todo mundo ao redor dela estava suando, arrastando os pés, caindo plantas não regadas, mas mesmo com um vestido de lã, o peso substancial de seu cabelo





longo que caía até a cintura em ondas grossas, como mel, mantinha-se fresca e cômoda, como se houvesse ao redor dela uma capa de gelo.

O açougueiro, no entanto, não parecia estar rodeado de gelo.

—O que será, senhorita? — Sob o chapéu de papel branco, tinha os olhos quase fechados, as bochechas vermelhas. Sua respiração era difícil e o suor perolava sua testa e o lábio superior. Parecia ao limite de algum tipo de ataque cardíaco.

—Costelinha. — Disse, apontando através do vidro.

—O filé está em promoção. — Disse apático. — Não prefere um bom bife?

Sim, preferia. Mas não podia se permitir.

—Obrigada, vou ficar mesmo com a costelinha. — Junto com sua salada e uma garrafa de Cabernet, já em sua cesta, daria um bom jantar. Ela normalmente fazia suas refeições a caminho do trabalho, mas esta noite estava de folga.

Movendo-se como se debaixo de chuva, o açougueiro envolveu a carne em um papel encerado e lhe entregou sobre o balcão. — Cuidado para não queimar, apenas quatro minutos de cada lado.

Ela não iria cozinhá-lo, mas não achava que seria necessária esta informação em particular. — Estupendo. Obrigada.

Ele lhe piscou um olho e sorriu de forma preguiçosa de onde estava.

E então, foi quando aconteceu.





No início, foi apenas uma picada quente e leve, um choque estranho, tangível, que parecia vir do nada e, no entanto, de todas as partes ao redor dela. O calor se moveu por sua mão tão bruscamente que quase deixou tudo cair no chão. Assustada, olhou sua mão e viu uma erupção que cobria seu braço. Depois, ficou rosa vibrante, pressionando até seu centro. Era tão intenso, que se sentia como se na verdade pudesse queimá-la.

Com cuidado, movendo apenas os olhos, olhou ao seu redor.

Nada.

Por favor, diga-me que o açougueiro não está me lançando olhares quentes, olhando para trás para ele, dando-lhe um olhar mais atencioso. Ele ainda estava suando, sem deixar de sorrir e era ao menos vinte anos mais velho que ela. Seus grossos antebraços descansavam na parte superior do balcão de carne como duas toras de madeira, tatuados e peludos contra o vidro.

Não. Definitivamente não era o açougueiro.

Olhou ao seu redor outra vez e um homem alto chamou sua atenção, de cabelos grisalhos, de pé junto a sua esposa resmungona diante dos vinhos. Ele estava olhando-a, da forma como estava acostumada a ser olhada pelos homens, mas não, não era ele também.

Quem — ou o que — era?

E então uma lembrança aterradora subiu à superfície, deixando-a arrepiada dos braços ao pescoço.

Se alguma vez a encontrarem... corra.





Eram as palavras de sua mãe, um canto repetitivo de todos os dias até que morreu. Um canto inexplicável e que a deixou com um caso permanente de paranóia e suspeitas estranhas e tão profundas que nunca foi realmente capaz de fazer amigos.

Lembrou-se que sua mãe dizia muitas coisas estranhas que não entendia e bebia muito. —É a fome. —Murmurou para si mesma, fazendo a sobancelha do açougueiro suado se levantar. — Está com fome e provavelmente muito cansada e está uns mil graus aqui. Controle-se.

Dirigiu-se à parte dianteira do supermercado e entrou no caixa rápido, atrás de um homem gordo que não pensava ser capaz de passar pelo corredor sem derrubar os doces e as revistas de cada lado. Ela colocou a cesta sobre a esteira do caixa, logo se virou e abriu o freezer de bebidas que estava entre ela e o caixa. Ela escolheu uma bebida porque não havia leite, sua segunda bebida favorita depois do filé.

E quando fechou a porta e se virou, de repente o ar parecia diferente. Denso de alguma forma, pesado e indo direto para seus ossos.

Pela segunda vez, uma sacudida repentina de eletricidade estática levantou os pelos de seus braços e nuca, enviando um choque através de seu corpo como se fosse atingida por uma rajada de fogo. Ela abriu a boca e ficou rígida, ganhando um olhar alerta do gigante diante dela. Um reconhecimento inquietante pulsava sob sua pele.

Eu a vejo, uma voz sussurrou dentro dela. Sei o que você é.

Ela estremeceu. Os dedos se apertaram com tanta força ao redor da lata de refrigerante que estourou e caiu em seu pulso. Um aerosol de Pepsi





saiu disparado, escorrendo frio sobre seu pulso e dedos, caindo em seu rosto e nas revistas e doces do lado.

—Está bem? — Perguntou o rapaz bonito do caixa, olhando a lata em ruínas em sua mão. Ele franziu o cenho, projetando uma sombra azul claro sobre seus olhos. — Isto é que é um aperto.

—Tenho certeza que estava rachada. — Disse com os lábios rígidos. — Deve ter acontecido no transporte ou algo assim.

Todo o sangue desapareceu de seu rosto. O homem gigante estava olhando fixamente agora,inspecionando seu rosto pálido sob duas sobrancelhas rebeldes como lagartas peludas em sua testa. O refrigerante pingava em uma piscina efervescente no chão de linóleo de cor bege.

O caixa apertou um botão e falou em um microfone que chiou de volta. —Limpeza no caixa cinco.

Moveu-se adiante, pisando com cuidado com suas sandálias brancas de tiras ao redor do escuro desastre, que parecia como uma piscina de sangue coagulado a seus pés. A sensação de perigo iminente era tão aguda que precisou lutar contra a necessidade urgente de fugir.

Assim o homem gigante virou as costas novamente e o caixa agora se preocupava com o troco, assim porque nenhum outro cliente na fila atrás dela podia saber o que estava acontecendo, ela fechou os olhos e abriu seus sentidos, empurrando sua consciência para fora como uma bússola cada vez mais ampla, formando anéis ao redor para abarcar tudo ao redor.

O baixo zumbido do ar condicionado sussurrando através do aço acima. O leve ranger das solas dos sapatos contra o piso, o ranger ainda mais fraco do couro. O tilintar de moedas amortecido e balançando no bolso





de uma calça em algum lugar perto da parte de trás do supermercado. Uma discussão na seção de cigarros — nunca *me deixa comprar o que quero, nem na porra do supermercado* — murmurou com os dentes apertados. O olhar de alguém em suas pernas nuas, com cobiça. Mas não era perigoso. Nada perigoso, não ainda.

Respirou lenta e profundo pelo nariz, deixando o mundo sensorial que aprendeu há muito tempo deixar de fora.

E ali, ali estava.

Animal. Um animal *faminto*. Um predador — e um grande neste caso.

Seus olhos se abriram. Seu coração acelerou. Cada nervo em seu corpo gritava. *Perigo! Fuja! Corra!*

Mas não podia correr. Congelou. Apertou as mãos, o coração acelerado e todos os músculos fixos.

—Vamos levar outro refrigerante? — Disse o caixa sorrindo amavelmente.

Era incapaz de responder ou mesmo mover seu braço para entregar a lata em ruínas. Ela levantou o olhar para seu rosto e ele fez um comentário de imediato.

—Uau! Seus olhos são incríveis! Nunca vi este tom de verde. Ou é... amarelo? É tão incomum. São lindos.

—Lentes de contato. — Mentiu, uma das muitas pequenas mentiras que contava sobre si mesma para mascarar a verdade.





O medo aumentou e o ardor golpeou novamente, elétrico e ameaçador, como uma faca no ventre. Ela teve que apertar os dentes de repente, uma forte sensação de enjôo. O caixa viu algo em seu rosto que lhe fez abrir e fechar os olhos e levantar as sobrancelhas. Ela deixou cair a lata em ruínas no lixo, balbuciando uma desculpa.

—Acho que, na verdade não preciso de outro refrigerante. De fato, vou deixar tudo. Desculpe. Não me sinto bem. Eu... tenho que ir.

—Tem certeza? Não seria nenhum problema, apenas levará um segundo. Vou até o freezer, que está justo ali...

Mas Jenna já tinha dado a volta. Ela começou a empurrar além do homem gigante, mas ele estava de uma forma firme entre o caixa e o freezer de bebidas e não tinha como se desfazer dele e havia dez pessoas na fila atrás dela, pressionando. Estava presa.

Assim, já que estava em pânico e não tinha outra opção, fez algo que nunca se deixou fazer antes e usou sua força.

Toda ela. Na frente de todos.

A respiração coletiva de doze pessoas foram abafadas pelo ranger metálico dos freezers sendo arrastados pelo chão, seus pés redondos cortando profundamente o chão de aço e cimento por baixo. Havia vinte passos entre o corredor onde estava de pé a liberdade e apenas uns segundos e um leve empurrão. Ela não olhou para trás quando o freezer bateu contra um balcão com um baque surdo, espalhando folhetos de desconto no ar como confete.

Ela começou a correr.





Quase chegou às portas de correr de vidro na frente do supermercado quando sentiu uma sacudida de eletricidade novamente. Foi uma comoção cerebral que a atravessou indo para os músculos, da medula aos ossos. Um impulso de intuição inundou suas veias e sentiu algo vasto e intangível correndo para ela, quente e escuro como a morte. Ela tropeçou em uma tela coberta de pó e troncos empilhados para lareiras da marca Duraflame rodeados de arames, enviando as três fileiras de troncos envoltos em plástico ao chão.

E logo, tremendo e sem fôlego, olhou para as portas de correr de vidro para o calor resplandecente da praia no estacionamento, então Jenna os viu.

Altos e elegantes, ágeis como dançarinos, silenciosos e sombrios.

Estavam do lado mais afastado do estacionamento nas sombras de uma figueira alta, com os olhos nela, seus belos rostos com expressões firmes e os olhos afiados. Os três estavam vestidos de negro, obviamente uma roupa cara, equipada e formal, claramente fora de lugar no calor do verão contundente. Não havia nada mais que graça e beleza neles, nada que sugeria perigo, mas sua pele se arrepiava até os ossos.

Porque mesmo de onde estava viu. Apesar da elegância, havia algo muito ruim.

Podia ver os planos e ângulos de seus rostos, o conjunto puxado dos olhos, a curva vermelha e fria dos lábios sem sorriso. A postura, as linhas do corpo, mesmo os rostos eram perfeitos — impares. Talhados e de outro mundo, quase elfos. Eram lindos como alguns animais predadores eram.

E desprovidos de humanidade em seus olhos.





Um se mantinha afastado, levemente adiante dos demais. Como seus companheiros tinha o cabelo como ébano, a pele bronzeada, os olhos selvagens. Era maior, de ombros largos e substanciais, ameaçador mesmo com a simetria perfeita da estrutura óssea, o queixo parecia talhado como diamante. Sua boca era sensual, mas apertada, com tanta força que parecia não ter sorrido em anos. Ou nunca.

Seus olhos se encontraram e sentiu uma sacudida como um raio até seus pés.

Quem era, pensou e então, o que era? Sua mente se esforçou para se manter ao dia com a adrenalina inundando suas veias. Suas extremidades se levantaram em energia repentina e flutuando, os nervos gritando: *Corra!* Mas ela apenas podia ficar ali olhando de longe o estacionamento, os olhos brilhantes selvagens e se perguntando se era verde. Ele lhe devolveu o olhar de forma tão intensa e ardente que pensou se inflamar como ele.

Por instinto inalou e captou a essência rapidamente, embriagadora. Masculina. Potente. Perigosa.

Logo ele mudou o peso de uma perna para outra e com este leve movimento, tudo mudou. Sua expressão ficou sombria, afiada. Pareceu por um momento como se fosse cruzar o estacionamento e devorá-la.

Outro choque ardeu em sua pele — seu coração parou e o sangue gelou — e para seu horror, tudo começou a deslizar para os lados lentamente. Seu corpo ficou mole, sem controle. Os olhos embaçados e centrados, apenas para perder o foco novamente quando se deixou cair com força contra as lareiras falsas e golpeou a cabeça contra a barra de metal.





Manchas coloridas apareciam e desapareciam pelo canto de seu olho, o mundo ficou escuro. Com exceção daqueles olhos constantes, brilhando na escuridão invasora.

Não! Pensou cheia de pânico. Não! Não sou... eu... não posso...

Justo antes de desmaiar, Jenna viu o desconhecido de olhos verdes selvagens lambe os lábios.





CAPÍTULO DOIS

—Bom Leander, sem dúvida é encantadora. Ainda que um pouco sem equilíbrio. Tem certeza que estamos com a loira correta?

Leander não se virou ao ouvir a voz divertida de seu irmão mais novo, Christian, nem tampouco se moveu, piscou ou reconheceu de alguma forma que ouviu. Limitou-se a olhar com olhos febris e um rubor rastejando por seu rosto, no estacionamento de frente para a porta do supermercado, onde uma pequena multidão se reunia ao redor da figura magra da fêmea recentemente caída no chão.

—É ela. — Disse Leander com uma calma que escondia a forma como seu coração estava acelerado no peito. — Sei que é ela.

Desde o momento em que colocou os olhos nela, soube. E não apenas pelos olhos, mas pelo cheiro também. Cheirava a juventude, poder, mulher e algo mais indefinido, precioso, escuro e profundo, algo particular de sua espécie. Era uma mistura sensual de bosque, ervas e chuva, o ar fresco e almiscarado e luz da lua.

Os sentidos de Leander eram impares. Era um de seus dons, ainda que não o mais poderoso. Passou grande parte de sua vida tentando gerir o assalto de cheiros, ruídos, sensações e vibrações que emanavam de todas as





partes ao seu redor. Aprendeu há muito tempo deixar de fora a maior parte do caos, filtrar o que iria absorver, mas abriu totalmente seus sentidos para ela e agora tinha o sabor de sua pele persistente em sua língua. Cada terminação nervosa de seu corpo a sentia. Cada poro estava cheio dela. Estava quase enjoado de desejo.

—Oh pelo amor de deus! — Chegou outra voz, está feminina, do outro lado de Leander. Um suspiro dramático seguiu, logo o som de botas de couro raspando o asfalto quente como o movimento irritante de seu peso. Sem olhar, Leander sabia que as botas eram de couro italiano, feitas sob medida e absurdamente caras. — É ela? A flor murcha? A branca de neve atônita?

—Morgan. — Christian disse em voz baixa, apenas uma palavra. Leander não precisava ver para sentir o olhar de advertência de Christian às suas costas. Permitiu um leve sorriso tocar seus lábios grossos.

Como Alfa, Leander desfrutava não apenas da posição mais alta e do status que acompanhava em sua tribo, mas também lhe era concedido o respeito de alguém com seus muito raros e potentes dons — dons que a garota que agora estava sendo ajudada a se levantar do chão do supermercado por um enorme e suado homem — provavelmente também os tinha.

Não que ela soubesse disso. Ainda.

Mas estavam ali para descobrir se sabia. Se fosse assim, iria para Sommerley para ocupar seu lugar correspondente na tribo. Se não...





Leander não queria pensar no que aconteceria se ela não mostrasse nenhum sinal dos dons. Não depois do que ele sentiu, não depois do que viu.

Ainda que todos fossem bonitos, mesmo os com menos dons de sua espécie, ela era algo completamente diferente. Uma sílfide¹ exótica com elegância, brilho e força, toda curvas femininas e a pele clara, um excesso de potência bruta latente. Sentia-se bem, como uma força pulsante percorrendo através do estacionamento, como uma mão acariciando sua pele.

—E agora o que faremos? — Perguntou Morgan, seu tom um pouco mais civilizado, ainda que ele sentisse a irritação sob sua pele.

Leander de má vontade voltou seus olhos para a mulher e olhou para Morgan, o olhar impaciente. Sua roupa era tão apertada que se grudava em cada curva de seu corpo como uma segunda pele, exatamente como ela queria, ele sabia.

Ela não era nada além de provocação.

—Agora iremos esperar. — Leander respondeu de maneira uniforme. — Temos apenas uma semana. Agora que a encontramos, recuamos. E esperamos.

—E o que devemos fazer enquanto isto? — Morgan perguntou, uma mão em seu esbelto quadril vestido de couro. — Ficamos de babá? Assegurando que ela não jogue uma pedra e acerte sua cabeça? Ela parece ter a tendência a desmaiar por nenhuma razão em particular.

¹ Gênio feminino do ar na mitologia céltica e germânica da Idade Média. Uma mulher esbelta e delicada.





Ela lançou um olhar ressentido para as portas do supermercado, onde meia dezena de homens rodeavam Jenna agora de pé, oferecendo ajuda. Várias outras pessoas estavam correndo além das portas para algo que não podia ver dentro do supermercado. Talvez algo que tivesse a ver com o ranger do metal que ouviu momentos antes, justo antes da garota aparecer na entrada.

—Voltaremos ao hotel para descansar. Posso rastreá-la agora que tenho seu cheiro. Teremos nossa resposta em uma semana.

Morgan bufou sobre a franja negra brilhante em sua testa forte e lançou um olhar escuro e gelado verde esmeralda para ele.

Leander deu a volta. Não queria discutir. Não queria conversar.

Ele apenas queria olhá-la.

Quando o objetivo de sua missão de reconhecimento foi encaminhado para a Assembleia, Leander não ficou feliz. Não entendia sua importância, pensava ser tudo uma loucura e um grande desperdício de tempo e energia, que poderiam ser melhores gastos em outro lugar.

A tribo tinha negócios mais urgentes para atender neste momento.

—Que interesse temos nela? — Argumentou, de pé diante de dezesseis homens e uma mulher na Assembleia, com a mandíbula apertada e as mãos bem abertas.

A Biblioteca Leste, onde a Assembleia se reunia, estava cheia da luz do sol, o outro refletido no lustre de vidro. O lugar tinha um magnífico teto dourado e uma lareira de mármore do século XVII, uma vista espetacular do rio Avon que serpenteava através do bosque e além e normalmente era o





lugar favorito de Leander em Sommerley. Era um lugar onde podia se esconder do mundo e pensar.

Quando não havia nenhuma audiência na Assembleia.

—Uma mestiça cujo pai foi executado por traição? — Acrescentou Leander. Ele negou com a cabeça em sinal de frustração. — Ela não vale um segundo olhar. A probabilidade de que tenha qualquer dom está bem longe. Não apresenta nenhum dos sinais...

—Ela tem os olhos. — Foi a resposta tranquila de Edward, visconde de Weymouth. Reclinado em uma cadeira de seda Dupioni bege e marfim com listras, as mãos cruzadas sobre o jaleco. As longas pernas esticadas adiante dele, o óculos redondo ao longo do nariz fino. — Foi confirmado por mais de um espião. — Agregou.

Leander franziu os lábios e o considerou.

Era um homem de confiança, um homem que levava um registro da ascendência de cada membro da tribo, um homem que conhecia todos os segredos e todas as facetas da história dos antigos dias de glória nas selvas equatoriais da África.

O Visconde de Weymouth era o Guardião das linhagens de sangue, como seu pai e avô antes dele e todos os demais homens de sua família, desde o princípio.

Era um trabalho importante na tribo, um a ser venerado. Para os Ikati, as linhagens de sangue eram de importância secundária por apenas duas coisas.

Segredos. Lealdade.





—Acho que existiram outros mestiços em nossa história que tiveram os olhos e poucos deles mostraram algum outro sinal. E nem sempre conseguiam se transformar. — Leander lembrou ao visconde.

O visconde ficou olhando-o, rígido e em silêncio, durante um longo momento. Então pronunciou algo que fez com que os outros membros da Assembleia se movessem em seus assentos e murmurassem entre si em acordo preocupados.

—O que diz é verdade. Mas nenhum outro mestiço era *dele*.

—Leander.

Seu irmão pronunciou seu nome e voltou ao lugar com sua voz. Christian se sentou na segunda cadeira ao redor da mesa retangular de caoba, a esquerda de Leander, a cadeira de madeira talhada em dourado era menos opulenta que a de seu irmão.

Ele estava fingindo relaxar, encurvado levemente na cadeira, um sorriso irônico em seu bonito rosto. O cabelo caía em um emaranhado de seda sobre os ombros. Ele era o menos imponente fisicamente dos dois, mas igualmente inteligente, de olhos negros e ágil, com altura e graça, e a pele bronzeada que compartilhavam com os Ikati.

E como todos os outros, media a reação de Leander com cada palavra que dizia. Uma frase mal colocada poderia levar a consequências muito desagradáveis.

—Talvez fosse prudente fazer a esta mestiça uma visita. — Começou lentamente. — Para nos assegurar que não seja uma ameaça. Em circunstancias normais, teria sido verificado no nascimento. O mero fato dela permanecer livre, coloca a todos em risco.





A única resposta de Leander foi uma sobrancelha arqueada e os lábios apertados. Incentivado pelas palavras de Christian, Robert Barrington se inclinou sobre a mesa, os olhos verdes estreitos no bonito rosto do leão. — Concordo. Se ela se transformar pela primeira vez fora dos muros da tribo, sem supervisão, talvez à vista de sabe-se quantas pessoas, os resultados poderiam ser desastrosos.

Outro homem, com uma mandíbula firme, inclinou-se para frente. Grayson Sutherland. Recentemente casado, sempre confiante, competiu quando jovem contra Leander pelas atenções de uma das fêmeas mais desejadas da tribo, uma beleza de cabelos negros com lábios como pétalas de rosa e mãos notoriamente livre. Sutherland perdeu.

—Ele tem razão, Leander. Esta pequena perda poderia ser nossa ruína. Ela deve ser trazida aqui imediatamente para fazer frente à Assembleia e a seu destino.

O rosto de Leander escureceu com ira. Ele sentiu o sangue em seu rosto.

A lei shifter — antiga e rígida e absolutamente patriarcal — era clara ao respeito. Apesar de ser permitido aos shifters se relacionarem fora de sua raça com humanos — desaprovado, mas permitido — era proibido se casar e expressamente proibido se reproduzir. A punição para esta transgressão muito rara era a morte para o ser humano e os filhos e uma vida de prisão para o shifter. Com uma única exceção. Se o shifter oferecesse sua vida no lugar.

O olhar de Leander, ardendo com fogo frio, percorreu cada membro da Assembléia, um por um. — Um sacrifício foi feito para assegurar sua





liberdade. Sabem disso. — Acima de tudo, venerava a honra e valor, o dever e a disciplina e assim admirava o que o pai de Jenna fez. Apesar de que admitir sua admiração seria em si mesmo uma espécie de traição.

—Todos sabem. O juramento foi feito e pago com sangue. Meu pai, Charles McLoughlin, O Senhor Alfa desta tribo antes de mim, exigiu o preço. Seguiremos a lei, portanto a manteremos. Ela não será levada.

Apesar de tranquila e controlada, sua voz soava como um chicote através da sala, silenciando a todos.

—Sim. — Concordou Christian depois de um longo e incomodo momento em que apenas o tique-taque do leve e gracioso relógio belga sobre a mesa de madeira soava. —Não podemos romper o juramento do Alfa. Ela e sua mãe receberam permissão para viver e até agora não foi mostrado nenhum outro sinal, apenas os olhos. Mas o risco continua aí.

Apesar de ser algo imprudente para se fazer, Christian se permitiu desafiar Leander, o que era bom para ele, de certo modo. Isto o mantinha conectado a terra e lhe lembrava que ainda tinha família, por pequena que fosse agora. Desde o acidente que levou seus pais há três anos em maio, sua irmã mais velha, Daria e Christian eram tudo o que tinha.

—Assim sugiro descobrirmos seu paradeiro atual e fazer-lhe uma visita uns dias antes de seu aniversário. Mantendo-nos longe da vista, sem contato, simplesmente vigiando. Em seu vigésimo quinto aniversário, teremos nossa resposta, de uma forma ou outra. Se preferir, eu vou.

Levantou o olhar direto para Leander, sem expressão, casualmente curvado na cadeira. Mas Leander sentiu o fogo fervendo lentamente sob o ar de indiferença casual de seu irmão.





Entusiasmo.

Ele estreitou os olhos, perguntando-se a causa, mas seu irmão, ainda impassível, desviou o olhar. Leander voltou a atenção aos homens reunidos. — E se ela for capaz de se transformar?

Foi o visconde Weymouth que lhe respondeu através do pesado silêncio que logo encheu de encanto e esplendor a Biblioteca Leste.

—Então sabe o que deve fazer.

Assim que foi decidido. Christian e Leander viajariam para observar a mestiça até seu aniversário e Morgan os acompanharia. Ela era a única mulher na Assembleia, uma concessão difícil de ganhar e ressentida pela velha guarda, os homens que não estavam acostumados a ter sua autoridade questionada, pouco acostumados a uma fêmea usurpando seu dogma secular de superioridade masculina. Mas foi submetida a votação e foi aprovada, por uma margem pequena.

Leander foi o voto de desempate.

Assegurar seu lugar na Assembleia foi uma batalha. Ela sofreu cicatrizes e lidou com profundos ressentimentos daqueles contra ela. Mas Leander suspeitava que sua ambição e astúcia a mantiveram com calma. De verdade, seus dons e inteligência lhe faziam digna do confronto com os dez homens que se opunham a ela.

Selvagem e astuta, uma experiente caçadora e completamente letal, Morgan possuía o raro dom da sugestão, o deixava mais fácil para ela convencer um mestiço que não queria voltar para Sommerley, se fosse preciso. Também era a razão pela qual em última instância foi aceita na Assembleia.





Ela também tinha fortes emoções. Leander experimentou de primeira mão seu talento para exibição espetaculares de emoção, o sentido agudo e excessivamente delicado orgulho que a deixava frágil com relação aos insultos. Ela era mais espinhosa que um porco espinho.

O plano de visitar a mestiça aconteceu em uma velocidade que não acontecia em decisões da Assembleia em anos. O trio partiu em um avião particular para Los Angeles esta mesma noite.

Quinze horas depois de muito uísque, Leander estava no balcão de sua suíte presidencial me Four Seasons em Beverly Hills, olhando para a cidade enquanto o crepúsculo manchava o céu em tons de anil e violeta profundo.

Como aconteceu inumeráveis vezes desde que saiu de Sommerley, seus pensamentos voltaram mais uma vez para Jenna.

Seguiram-na de uma forma ou outra em toda sua vida, apesar de não saber. A Assembleia permitiu o sacrifício de seu pai para assegurar sua liberdade, mas não a apagou completamente da vida deles. Ignorá-la seria simplesmente impensável.

Um rastreador foi designado para observá-la, segui-la e informar à Assembleia seu progresso. Mas com os anos, à medida que crescia e se transformava em uma mulher, Jenna não mostrava nenhum sinal externo dos dons além de seus olhos.

Na puberdade, quando a maioria dos shifter começavam a exibir os dons de sua raça — força, agilidade e velocidade que fazia com que subir em uma árvore ou pular uma vala fosse fácil, os sentidos aumentados que permitiam ouvir o sussurro do ar sobre as asas dos pássaros no céu e as batidas do coração das pequenas criaturas sob a terra, cheirar a água a





milhares de distância e saber se era doce ou salgada — Jenna não demonstrou tê-los.

E assim, com o tempo, pensaram que nunca o faria.

Os rastreadores eram enviados apenas uma vez a cada poucos anos, mas nunca foi informado nada incomum. A possibilidade de que ela se transformasse em vigésimo quinto aniversário, a idade em que todos mestiços se transformavam pela primeira vez, era uma possibilidade pequena.

Mas ainda assim, havia uma possibilidade...

O pulso de Leander acelerou quando uma leve brisa agitou as cortinas das portas da sacada aberta, o cheiro de pedra quente e flores esmagadas eram uma carícia suave. A varanda de mármore rosa, com suas fileiras de balaustres, cascadeando buganvílias escarlates e a fonte de pedra, estavam silenciosas e abertas a sua frente, um convite para a noite.

Levantou o olhar para o céu escuro e sentiu o pulso dentro dele.

A chamada da transformação.

A noite era quando sentia sua força total, apesar de que, como todos os outros de sua espécie, podia se transformar a vontade. Mas Leander, tinha um dom, apenas os mais poderosos foram abençoados com este. Podia ser algo mais que um animal, mais que um predador letal que qualquer outro pudesse ser.

Podia se converter em vapor e se misturar ao ar.

Ele saiu de sua roupa, jaqueta, camisa e a calça fina de lã, deixando-os caídos no mármore quente sob os pés descalços. Fechou os olhos e deixou





que o ar subisse por ele, o coração acelerado no peito enquanto a alegria da mudança o tomava.

Era como nenhuma outra coisa que jamais sentiu, este momento final antes da desintegração e nada na terra se comparava com isto. Era uma cascata de sensações, um tremor que se convertia em uma carga elétrica que se tornava leveza quando seu corpo desaparecia. Toda a carne humana se foi, todos os sentidos sumiram, permanecendo apenas a sensação de seda do ar contra ele. Deslizou através dele, uma fina pulverização de nevoa se levantando, brilhante, dando forma a si mesmo através de sua vontade e sua mente, que se mantinha, ainda que o corpo não.

Nenhuma outra coisa poderia dar a volta nele. Não era a roupa, armas ou alimentos, tudo o que levava ou tinha em suas mãos simplesmente caía no chão. Era um fato que demonstrou ser um inconveniente em mais de uma ocasião. Mas nesta noite não pensava nisto, nem na Assembleia e suas leis, nem em Christian ou Morgan ou a tarefa diante dele.

Nesta noite pensava apenas em liberdade e se deixou fundir ao céu climatizado e anil.





CAPÍTULO TRÊS

O champanhe estava fazendo muito pouco para aliviar sua dor de cabeça, ainda que fosse um delicioso *Louis Roederer 1996*.

O sutil sabor das avelãs e as flores brancas passava por alto em suas papilas gustativas no primeiro gole, acompanhado posteriormente pelo ataque cremoso de textura sedosa, similar a decadência de pecado de um brioche de manteiga. Cheiros de trigo, cítrico, pão torrado levemente e milho golpeou seu nariz e ela quase gemeu de prazer.

Isto, Jenna pensou enquanto engolia, era um orgasmo na língua.

Custou mais de quatrocentos dólares a garrafa.

Foi um presente de sua vizinha três vezes divorciada, a Sra. Colfax. Eram mais conhecidas que exatamente amigas, já que nunca divulgaram informação pessoal entre si, o que era precisamente a forma como ambas preferiam. Jenna adivinhava que a Sra. Colfax tinha seu próprio armário cheio de ruidosos esqueletos com os quais lidar.

Observou o líquido efervescente dourado pálido brilhando dentro da elegante taça Waterford — outro presente da Sra. Colfax — e deixou escapar um suspiro de frustração.





O que aconteceu neste dia foi grandemente perturbador, ainda que quase convenceu a si mesma que imaginou todo o episódio. O banho de banheira estava ajudando, ainda que apenas para relaxar os músculos tensos das costas. Não fazia nada para aliviar a tensão em sua mente e a persistente estática em sua pele.

Uma estática que aumentava cada vez que se permitia pensar nele.

No entanto, não podia tirá-lo de sua mente. O desconhecido com o cabelo ébano brilhante, o rosto de um anjo de Botticelli, os olhos de um lobo faminto.

Algo nele era tão familiar. Apesar de ter sido apenas um olhar antes de desmaiar, sentiu algo saltar sob sua pele com o peso de seus olhos, como se uma fera desconhecida esticasse seus músculos e tendões, faminta querendo sair à superfície.

Neste momento seus olhos se encontraram, de repente se sentia como uma animal... despertando.

Jenna esticou as pernas e apertou os dedos dos pés na borda da banheira, respirou profundamente e fechou os olhos, no banheiro refletia a luz das velas sobre a bancada de mármore sob o espelho e o vidro da ducha. Balançou a cabeça para dissipar a lembrança de seu rosto, queimando brilhante como uma moeda sob os olhos fechados.

Não era mais que outro estranho na rua. A carga elétrica estranha não pode ter vindo dele. Poderia ter sofrido um golpe de calor? Mordeu o lábio inferior e considerou. Os sintomas eram os mesmos: enjoo, palpitações, pele úmida, desmaios.





No entanto, nunca se viu afetada pelo calor. Nunca ficou doente ou desmaiou, nem sentiu-se enjoada. Nunca teve nada, pelo amor de deus!

Assim que fez o que sempre fazia quando enfrentava algo que não podia imaginar: fugiu. Afundou-se na água morna, perfumada e pensou em onde iria fazer suas compras a partir de agora.

O banheiro era o único lugar em que investiu dinheiro para melhorar seu diminuto apartamento de um quarto e foi um dinheiro bem gasto. A instalação dos canos no entanto... ela pensou quando um fio de água fria escorreu da torneira por cima de seu dedo do pé esquerdo. Iria ter que conversar com Saul sobre a tubulação.

O prédio tinha mais de cinquenta anos de idade, construído em um estilo art décor mal executado e tinha o que seu senhorio Saul se referia a *caráter*. As torneiras pingavam, a descarga vazava, os gabinetes da cozinha estavam rachados, as paredes eram finas como papel. Estava ficando muito familiarizada com os problemas pessoais de seus vizinhos.

Ainda assim, adorava. Era sua casa e uma casa era o que mais precisava depois que sua mãe morreu.

Não foi um choque a adiantada morte de sua mãe. Ninguém sobrevivia bebendo sempre e com o tanto de álcool que ela ingeria. Mas sua morte, deixou Jenna com dezoito anos de idade, sem ninguém, nenhuma alma no mundo para chamar de família. Uma vez que seu pai desapareceu quando tinha dez anos, sua mãe se negou rotundamente a falar inclusive seu nome.

Jenna tinha apenas algumas lembranças fugazes dele. Alto e moreno, bonito, sombrio e misterioso. E a lembrança do cheiro dele queimava em





sua mente. Tinha o cheiro fresco da noite sobre sua pele sem importar a hora do dia.

Sua mãe não tinha irmãos, seus avós estavam a muito tempo mortos... simplesmente não tinha ninguém.

A universidade estava fora de questão. Sua mãe lhe deixou sem dinheiro, não havia nada que não fosse a hipoteca de uma pequena cabana no vale, poucas joias e moveis que comprou em uma loja de usados. Jenna vendeu tudo e usou o pouco dinheiro que sobrou para o pagamento inicial do aluguel de seu primeiro mês neste apartamento.

Fez seu caminho. E sabendo que não poderia sobreviver sozinha, depois do caos de sua infância, depois que todas as perguntas sem respostas sobre porque era tão diferente de todos os outros, não havia nada que pudesse temer.

Exceto talvez, o que aconteceu neste dia. Coisas em que ela não pensava.

—Ohhh ooo Jeeeeennnaaaa! É sua fada madrinha!

Jenna sorriu e abriu os olhos para a voz de sua vizinha, a Sra. Colfax, chamando pela porta aberta da sacada.

—Aqui! — Gritou Jenna e logo moveu-se fora da banheiras. As bolhas deslizaram como folhas lânguidas por seu corpo nu. Ela deixou a taça de champanha no balcão e envolveu-se no abraço da toalha de algodão turco.

Duas batidas na porta do banheiro, então a cabeça loira elegante bem penteada da Sra. Colfax passou.





—Você está tomando um banho? Neste calor? Querida, está louca? —

Perguntou a Sra. Colfax, com uma sobrancelha arqueada perfeitamente modelada.

Ela foi uma atriz em sua juventude, ainda que não especialmente com talento e mantinha tanto a locução como o melodrama do teatro em seu discurso.

—Isto é discutível. — Disse Jenna. Fez um gesto para o champanhe. — Mas estou com dor de cabeça, assim que pensei que um banho e um pouco de champanhe ajudaria.

—Ah sim. — A Sra. Colfax concordou e abriu a porta para invadir seu banho com seu maior personagem na vida.

Usava um de seus ternos Chanel — este era azul pálido — sapatos d’Orsey de Valentino, um colar duplo de perolas e um perfume francês que cheirava a orquídeas raras e sexo. Ela seduziu, casou-se e divorciou-se de uma sucessão de homens ricos e fez uso eficiente dos mesmos e seu dinheiro. Vivia em uma mansão moderna ao lado que se elevava sobre o pequeno prédio de apartamentos de Jenna como um Golias de vidro.

—Champanhe fará maravilhas para sua saúde e felicidade. — Acrescentou a Sra. Colfax. — Fico contente de ver que desenvolveu um paladar por algo mais refinado que o leite horrível que toma.

Jenna pegou outra toalha para envolver ao redor da cabeça. — Percebe que há uma razão para dizerem que leite faz bem para o corpo, certo? Além disso, é mais acessível que o champanhe. Especialmente para os que tomam leite.





—Ter dinheiro para o champanhe francês é muito mais importante que ter dinheiro para aluguel querida, não se esqueça. — A Sra. Colfax disparou novamente. — Claro, pedi um filé para o jantar, querida, espero que não se importe. Estarei em Nova Iorque na próxima semana e pensei que poderíamos celebrar esta noite, já que não precisa trabalhar.

Filé mignon, pensou Jenna. O céu em um prato.

Ela lembrou-se com verdadeiro pesar da costelinha que deixou no caixa esta tarde. A única coisa melhor que um bife. Ou uma tira de filé mignon. Ou um agradável grelhado. Sua boca se encheu de água. Como alguém poderia ser vegetariano, não entendia.

—Sabe que não posso resistir a um filé. — Ela inclinou-se para envolver a toalha no cabelo, dando a volta e voltando a se erguer, deixando o cabelo preso em uma colméia de algodão se elevando sobre sua cabeça. — O que há em Nova Iorque?

A Sra. Colfax torceu a boca em um sorriso malicioso e piscou para Jenna de forma irônica. — Apenas certo cavalheiro. Nada que se preocupar, querida.

Jenna lhe devolveu o sorriso satisfeito. Pelo menos algumas coisas continuavam sendo as mesmas, inclusive se tudo o mais parecesse tão confuso.

A campainha tocou. A Sra. Colfax virou-se para olhar pela porta do banheiro, para o pátio, a alguns metros de distância. — Ah! As carnes! — Ela saiu do banheiro em seus sapatos caros e Jenna fechou a porta atrás de si para poder terminar de se secar e escolher uma roupa. Não se passou dois minutos antes de ouvir seu nome.





—Vamos princesa. Não deixe que esfrie!

Jenna se dirigiu à mesa e observou a Sra. Colfax colocar um filé mignon junto com aspargos perfeitamente cozidos à vapor e batatas ao alho. Colocou os pratos vazios no balcão atrás da mesa na cozinha e logo se sentou. Serviu duas taças de champanhe e levantou a sua para brindar.

—A minha querida amiga Jenna, que está tragicamente sozinha, trabalhando horivelmente em excesso e sendo mal paga. Ela realmente merece mais da vida. —Inclinou a cabeça para trás e bebeu sua taça de champanhe de um gole, então colocou a taça sobre a mesa com um elegante anel de ouro brilhando em sua mão magra.

Jenna se limitou a olhá-la.

A Sra. Colfax levantou as sobrancelhas perfeitamente modeladas. — O que foi, querida?

—Este foi meu brinde de aniversário? Sério?

—Oh. Foi ruim, não? — Respondeu ela, completamente sem vergonha. —Tento novamente? — Ela cortou seu filé mignon, colocou na boca e mastigou, todo o tempo olhando para Jenna de forma divertida.

—Não tem conserto. —Jenna respondeu rindo. Voltou a encher a taça da Sra. Colfax e pegou a sua.

Com uma pontada de tristeza, pensou em sua mãe e o brinde que costumava fazer para Jenna a cada aniversário. Ela levantou sua taça e engoliu um nó na garganta. *Isto é para você, mamãe.*

—A vida é dor e todos morrem, mas o verdadeiro amor vive para sempre.





A Sra. Colfax franziu os lábios. —Tch. Edificante. E por favor, não me diga que acredita em amor eterno, querida. O mito do amor verdadeiro é um dos maiores enganos do sexo feminino. Está à altura da ridícula ideia de que o dinheiro não pode comprar a felicidade e de que o tamanho não importa. Agora coma sua carne e não me diga que está muito assada. Assegurei que fizessem como você gosta. Mal passada.

Horas depois que o jantar terminou — os pratos estavam lavados e a Sra. Colfax estava no Golias de vidro — Jenna estava na cama olhando para as sombras se arrastando sobre o teto, pensando no amor, na morte e no auto-engano e em um par de olhos verdes ardendo intensamente.

Dormiu com a imagem dos olhos brilhantes atrás das pálpebras.





CAPÍTULO QUATRO

Jenna estava tendo o mesmo sonho desde a infância e ainda que os detalhes variassem, o sentido da felicidade a despertava como nunca. Estava correndo em um antigo bosque, saltando sobre troncos caídos e rochas cobertas de musgo, voando através do ar tão cheio de vapor da manhã que parecia roçar a pele nua como seda. Camas úmidas de musgos e folhas verdes se trituravam sob seus pés e emanavam seu perfume, somente de uma forma sentia a terra do bosque argilosa através dos quatro pés em lugar de dois.

Mas este sonho era diferente. E profundamente perturbador.

Iniciou-se com o sussurro de seu nome no ouvido.

A voz era ao mesmo tempo familiar e estranha, reconfortante. Virou-se para ela, estendendo a mão com um suspiro. Seus dedos encontraram a pele suave sobre uma mandíbula forte, traçou o contorno cheio dos lábios, mas suas pálpebras estavam tão pesadas que não podia abrir os olhos para ver o rosto sob a mão. Os lábios se moveram por seu rosto, roçando a testa, as bochechas, logo pressionou suavemente contra sua boca. Estremeceu de prazer. O almíscar de especiarias e fumo, o calor do verão brincou com seu nariz.





—Sim. — Murmurou Jenna na escuridão. Então sentiu as mãos.

Uma mão com dedos fortes, em sua nuca, segurando sua cabeça. Outra acariciou a curva da bochecha, logo se moveu para a garganta até onde seu pulso estava acelerado e quente sob a pele. Sentiu o lábios ali, ouviu seu nome novamente em um sussurro.

Ela arqueou suas costas, soltou um leve som do fundo da garganta e sussurrou. — Sim, por favor.

Os dedos apertaram seu cabelo, inclinou a cabeça suavemente para trás, deixando ao descoberto o pescoço. Um beijo leve como pluma em seu pescoço se dirigiu a um profundo e insistente chupão com a boca aberta em sua garganta. Jenna gemeu, um forte anseio pulsou entre suas pernas.

—Diga que me quer. —Murmurou a voz, rouca e doce, brincando, os lábios se movendo sobre sua pele.

—Sim, sim. — Disse, seu ritmo cardíaco acelerado e a respiração forte.

—Diga. — A voz ordenou baixinho e ela tremeu sob a onda de desejo queimando através dela. Um arrepio percorria sua pele, seus mamilos endureceram, pedindo sua língua e o suave aperto de seus dentes.

—Eu te quero, te quero, quero...

Mas seu canto sussurrado foi cortado pelos lábios esmagando os dela. Os dedos cravaram em seu quadril. As mãos a aproximaram, puxaram com mais força. Ela entrelaçou os dedos nas mechas grossas e sedosas.

Ela apertou o corpo contra o peito duro e com vontade de mais, muito mais, mas de repente o beijo terminou, as mãos se foram e nada mais ficou





que uma risada gutural que sumiu no silêncio enquanto levantava o corpo da cama, acordando e se sentando trêmula e ofegante no quarto escuro.

Passaram-se horas antes de dormir novamente.

Quando abriu os olhos pela manhã, estava deitada de lado, os joelhos dobrados, as mãos cruzadas sob o rosto, os lençóis da cama em desordem ao redor da cintura. A luz do sol se inclinava pela brecha das sombras escuras e pesadas e caía em uma poça de ouro no tapete bege.

Uma gaivota solitária gritou em algum lugar a distância e o penetrante cheiro de café quente alcançou seu nariz, da cozinha do vizinho. O despertador nadou em sua visão, a mesinha ao lado com sua lâmpada de leitura, a foto emoldurada de sua mãe em um estranho sorriso, sua mesa com o computador e o telefone.

O livro que estava lendo antes de dormir estava aberto sobre a mesinha, apesar de lembrar-se claramente de fechá-lo antes de apagar a luz.

Ela franziu o cenho e o olhou por um minuto antes de levantar-se totalmente do travesseiro para uma posição sentada. Ela o fechou, pois se lembrava de no momento pensar que não poderia estragar um livro da biblioteca. Ela pegou o livro e o olhou e logo decidiu que provavelmente estava muito cansada para se lembrar de algo com clareza. Com um encolher de ombros, colocou-o novamente sobre a mesinha, bocejou e esticou-se.

Tropeçou na cama, sentido o suave tapete esfriar em contato com os azulejos ao entrar no banheiro. Seu reflexo no espelho mostrou a evidência da noite: um nó selvagem no cabelo, os olhos vermelhos e chorosos, inchados e sombras profundas sob eles.





Fez uma careta para o espelho, abriu o chuveiro e logo inclinou-se debaixo para pegar um pente, pensando em soltar alguns nós enquanto esperava a água quente.

Quando abriu o armário do balcão, viu sua bolsa de maquiagem fora do lugar na cesta de arame. As loções em uma leve desordem.

Endireitou-se tão rápido que quase acertou a cabeça na pia do banheiro.

Era meticulosamente organizada. Precisava ser pelo tamanho minúsculo do apartamento. Tudo tinha seu lugar, cada espaço era usado e disposto em máxima eficiência. Sua maquiagem sempre estava em perfeita ordem.

E agora não estava.

Ela tentou não entrar em pânico. Isto era, depois de tudo, praticamente nada. Deveria ter se esquecido de arrumar tudo no dia anterior, estava muito cansada, sentindo-se mal. Sim, era isto. Sentiu-se mal e estava misturando as coisas em sua memória. Deixou a porta do armário fechada e entrou no chuveiro.

Depois de se vestir, Jenna foi fazer uma xícara de café. Enquanto estava de pé na cozinha colocando uma colher de pó de café no filtro, percebeu que um dos seus retratos estava um pouco mais afastado que os outros na estante da sala de estar, como se tivesse sido colocado ali depressa, mas não totalmente ordenado.

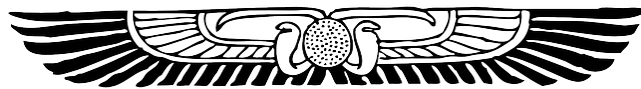
Um brilho sinuoso de premonição se arrastou por suas costas.





Foi para a porta e comprovou que estava trancada, bem trancada, como todas as janelas e a porta da sacada.

Jenna ficou em silêncio na sala de estar por um longo momento, olhando a franja azul do oceano brilhante além da areia, perdida em seus pensamentos enquanto a xícara de café em sua mão esfriava.



Entrar em seu apartamento trancado foi a parte mais fácil.

Leander simplesmente empurrou a si mesmo através da fissura da parte superior da janela de seu banheiro, que finalmente percebeu era larga o suficiente para ser vista a olho nu.

Observar seu sono foi difícil.

Estava ali deitada com o abandono de uma criança. A respiração profunda, o corpo inclinado no centro da cama de casal, os braços abertos, o cabelo se derramando como ouro nos travesseiros. A luz refletia como fogo branco sua garganta e os ombros nus.

Observou do canto do quarto escuro como seu peito lentamente subia e caía, seu corpo nu sob o lençol.

Esteve andando pelo apartamento, tentando encontrar pistas. Tentando encontrar algo que o levasse a acreditar que possuía qualquer dos poderes de sua espécie.





Até agora, não encontrou nada.

Ela amava a arte e a música, gostava de ler, isto era claramente uma das coisas que fazia. Seus livros, a coleção de CD, os bilhetes da exposição de Molière no Museu Getty. Recibos de pagamentos de um restaurante francês, correspondências sem abrir empilhadas ordenadamente em uma cesta de vime perto do telefone na cozinha, cardápios pequenos.

Não havia nenhum sinal de um amante, não havia fotos de amigos, sem indícios absolutos de que era próxima a alguém. Seu álbum de fotos continha velhas fotos de sua mãe, de si mesma quando criança, lembranças de lugares que visitou, cartões postais.

Seu apartamento era organizado e estéril, ilustrando a vida de alguém completamente sozinho.

Não tinha intenção de ir ali quando se moveu, não tinha um destino em mente quando se deixou prender pela corrente de ar da noite quente no terraço do Four Seasons. As luzes e o ruído da cidade ficaram distantes enquanto se fundia na atmosfera, rodando e girando através de nuvens finas, livres do vento.

Ele sabia seu nome, sabia seu endereço. Tinha uma foto, apesar de antiga, antiquada e um pouco borrada.

Mas não a conhecia, está criatura dourada e sedosa, com curvas femininas, com a pele suave como as rosas e cremosa à luz do sol, onde os demais de sua espécie eram escuros, com os cabelos escuros como o chão do bosque à meia-noite, os tons de pele café com leite, rum com manteiga de amendoim.





Não sabia que a força de seu desejo o deixaria de joelhos, agachado na escuridão com o coração na garganta e o cheiro atraente e quente no nariz.

Não esperava isto.

Seus olhos beberam dela e se perguntou se possuía o dom da beleza que todos Ikati compartilhavam. Era metade humana, depois de tudo, uma raça de inferior evolução feita a partir do barro, com tendência à violência, avareza e todo tipo de doenças. Nunca achou estas mulheres atraentes.

Mas seu pai sim. Fez o impensável e se acasalou com um ser humano.

Também conseguiu a promessa de seu sucessor que sua descendência mestiça não fosse levada a Sommerley para viver uma vida de reclusão até o momento de sua primeira transformação como o Decreto Lei dizia nestas circunstâncias. Ela foi deixada para crescer como uma criatura livre das amarras da proteção, o dever e a restrição que definia a vida dentro da tribo.

E para uma mulher, havia mais limitações que poderiam suportar.

Tinham muito desertores em sua história também. Os que eram tratados com a mesma rapidez e sem piedade como a tribo tratava qualquer outra ameaça.

Observou-a até os músculos de suas coxas começaram a doer pela inatividade, logo se levantou e aproximou-se dela. Em forma humana ele era tão silencioso como um gato. Via através da escuridão como se fosse meio-dia, conservava todos os sentidos intensificados de seu lado animal.

Normalmente, isto era uma benção. Agora... estava mais perto da tortura.





Um livro estava sobre a mesinha de noite. Abriu-o com um dedo, leu um parágrafo.

O homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, não bota ovos, é muito fraco para arar a terra, não pode correr rápido o suficiente para caçar coelhos. No entanto, é o senhor dos animais. Ele os coloca para trabalhar, devolve-lhes o mínimo para impedi-los que passe fome e o resto mantém para si mesmo.

Os lábios de Leander se curvaram em um sorriso divertido. A *Revolução do Bichos* de George Orwell.

Ah, deliciosa ironia.

Ele lhe dirigiu um olhar, seu olhar persistente sobre a curva dos lábios, a testa lisa, as bochechas. Era algo mais que este excesso de sensualidade tão agradável a vista? O que havia com seu sentido de humor, sua inteligência, sua paixão? Iria lutar por sua liberdade?

Mas não, de uma forma ou outra, seu tempo de liberdade estava chegando ao fim. Se ela pudesse se transformar, se fosse completamente um dos seus, consideraria dar as costas à Sommerley? Iria forçá-la se necessário. Ela se uniria a sua tribo, conheceria suas formas, mesmo poderia um dia ser sua...

Isto chegou espontaneamente em sua mente, surpreendeu-o no silêncio quando sua mão se fechou sobre o livro aberto.

Minha.

Ficou de joelhos contra sua cama. Uma presilha que caía ao longo do cabelo estava quase solta sobre o travesseiro. Pegou-a e levou ao nariz.





E se não pudesse se transformar, se fosse uma mestiça, pensou, olhando fixamente os lábios vermelhos entreabertos no sono, corresponderia ao Alfa da tribo matá-la. *Corresponderia a mim.*

—Jenna. — Sussurrou, uma exalação quase sem ruído saiu de seus lábios.

Ela moveu-se no colchão, um som muito feminino saiu de sua garganta. Suas costas arqueara sob o lençol, um movimento sonolento, languido apertando seu contra o tecido.

O lençol caiu até sua cintura. Seu ventre era plano. Os seios perfeitos, cheios.

—Sim, por favor. — Murmurou e logo se acomodou sobre o colchão com um suspiro.

Com uma onda de desejo tão agudo que lhe deixou com água na boca, percebeu que estava sonhando.

Sentiu o chão desaparecer sob ele, fundamento da lei e ordem e toda tribo, toda sua vida de serviço e sacrifício, a segurança e o silêncio. Ela se converteu — em uma alteração brusca de propriedade que fez todo o mais desaparecer — na única coisa e tudo o que ele queria.

Mas ele era o Alfa e ela uma mestiça não comprovada, filha de um proscrito, seu futuro pendurado na balança do destino, sua própria existência incerta.

Ela não era dele.

Uma mecha de cabelo deslizou entre seus dedos e se levantou, com o coração acelerado afastou-se.





CAPÍTULO CINCO

Quando Jenna foi entrevistada para o tão querido trabalho de sommelier em Méllise, tinha vinte e dois anos de idade, não tinha graduação, nenhum treinamento especial e sem experiência relevante.

O que tinha era talento bruto.

Seu sentido de olfato era tão agudo que sentia a única nota de lavanda, um mero indicio de grafite, o leve aroma de trufas negras escondido no fundo da especiaria aromática e fruta de um bom vinho.

Ainda que Méllise fosse famosa por suas cartas de vinho — uma que foi supervisionada desde o início por uma rápida sucessão de homens esnobes de meia idade e continha mais de seis mil garrafas do melhor vinho produzido em todo o mundo — contrataram Jenna antes de finalizar a primeira entrevista, com base na demonstração notável de seu talento.

O dono do restaurante, um elegante senhor idoso chamado François Moreau, colocou dez garrafas de vinho envolvidas em simples papeis marrom na longa mesa de carvalho na sala de jantar privada com paredes de vidro e logo, derramou 30 ml de cada um em dez taças feitas de cristal Riedel sem rótulos.





—Diga. — Disse com um sotaque francês que pronunciava conforme gesticulava à mesa. — Qual o vinho em cada taça?

Ajustou o óculos de armação metálica, cruzou as mãos com veias azuis sobre o segundo botão de sua jaqueta de listras de camelo e sorriu, sereno e astuto.

Jenna lhe devolveu o sorriso e começou.

Não apenas ela disse a variedade de uva em cada taça, disse onde foram cultivadas se em encostas ou margens, ou em grandes altitudes ao nível do mar e que porcentagens variáveis continha dentro de cada mistura.

A Sra. Colfax, que contava com o Sr. Moreau entre seus pretendentes e organizou a entrevista, foi muito generosa em compartilhar seu vinho e conhecimento e Jenna nunca se esquecia de nada. A memória sensorial chegava tão facilmente a ela como um grande número de coisas, como sua intuição, sua força, sua agilidade e velocidade.

Coisas que sua mãe com frequência a treinava para manter escondido.

Começou na noite seguinte. Jenna amava seu trabalho mais que qualquer outra coisa em sua vida, apesar da inevitável discriminação que sofria como mulher no que era considerado — pela grande maioria de sua clientela rica — um trabalho de homem.

Esta noite em particular, chegou ao trabalho nove horas antes, muito antes do entardecer e agora estava de pé no lado oposto do longo balcão, com Becky, a atendente enérgica e ruiva recentemente contratada de um concorrente.

Era tarde, quase hora de fechar e seus pés doíam.





Ela teve esta noite três clientes difíceis. Todos homens mais velhos, que a olhavam como se perguntando o quanto ela valeria em um leilão e logo começaram com perguntas sobre a carta de vinhos, os alimentos apropriados e as diferenças mínimas entre um vinho de alta qualidade para outro, cada um finalmente julgando que ela poderia realmente saber sobre o que estava falando e não era apenas uma garçonete substituindo o sommelier de verdade — um sommelier *homem*.

Estava de mau humor.

Quando sentiu que a corrente singular de eletricidade percorreu seu corpo, deveria saber que as coisas estavam a ponto de piorar.

—Oh la la. — Murmurou Becky no ouvido de Jenna. Sua mão parou no ar com a taça de vinho que estava a ponto de colocar em seu lugar na estante sobre sua cabeça.

Jenna levantou os olhos para o rosto cheio de sardas, banhadas pelo sol de Becky e viu o olhar de admiração sobre seu ombro esquerdo à alguém que acabava de entrar pela porta principal. Moveu seu olhar para o espelho pendurado na parede atrás de Becky, que proporcionava uma visão sem obstáculos de todo o restaurante dentro de sua colossal e bem talhada moldura.

Um homem alto e de cabelos escuros estava olhando ao redor do restaurante, deixando o olhar vagar pelo interior elegante como se estivesse procurando alguém. Entregou seu casaco e sem olhar a anfitriã ansiosa que apareceu para atendê-lo.

Seu traje era digno de admirar. Com um corte preciso para mostrar os ombros largos, a cintura estreita e as pernas musculosas que estavam





cobertas por uma calça cinza listrada e tinha o aspecto de ter sido feita sob medida e custou muito caro. Usava por baixo uma camisa de botões branca como a neve, com o colarinho aberto para revelar um tom de pele bronzeada na garganta.

Mas não foi seu elegante traje, que quase todos os clientes sofisticados de Mélissee costumavam usar que chamou sua atenção. Foi o ar casual de confiança, o privilégio e o magnetismo primitivo que o rodeava que atraiu seu olhar, a forma como se limitou a entrar no lugar.

O maitre, um homem altivo chamado Geoffrey e com ombros encurvados e pulsos peludos, que apareciam sob a manga de sua camisa, apareceu ao seu lado e trocou algumas palavras com o homem. Ele lhe lançou um curioso olhar e inclinou-se em um arco.

Jenna levantou uma sobrancelha ante isto e observou com curiosidade como Geoffrey o levava a uma elegante mesa reservada na parte posterior, a melhor mesa curvada de couro cinza contra as paredes pintadas de rosado.

Sentou-se com ágeis movimentos de um dançarino e aceitou o cardápio e olhou para o vinho que um garçom que se materializou ali ofereceu. Dirigiu algumas palavras a Geoffrey, que logo saiu como um rato assustado, espantando o garçom diante dele enquanto fugia.

Logo, com lenta deliberação e a indireta mais crua de sorriso levantando seu rosto, o homem levantou a cabeça e se encontrou com o olhar de Jenna pelo espelho.

Sob os cílios longos e negros como carvão, seus olhos eram agudos e muito verdes. Viu o brilho fosforescente através do ar e da tênue luz das velas e congelou no lugar.





Seu sorriso aumentou, a um fogo lento, muito lento. Ele não piscou.

—Oh deus. — Jenna abaixou o olhar e sentiu o calor se arrastar por seu pescoço e suas bochechas. O coração começou a acelerar.

A lembrança fantasma do sonho vivido apareceu novamente para zombar dela. As mãos, os lábios e a língua.

—É ele.

—Ele quem?

—O homem. Eu o vi antes. — Murmurou para Becky, tentando falar sem mover os lábios. Tinha a estranha sensação de que ele era capaz de lê-los.

—No restaurante? — Respondeu Becky surpresa. — Não me lembro dele. — Ela passou uma mão pelo cabelo vermelho rebelde, depois, alisou a curva da cintura e o avental negro enrugado. — Definitivamente eu me lembraria.

—Shhh! — Jenna franziu o cenho para baixo no balcão superior de granito. — Ele vai ouvir!

Becky finalmente levantou a taça sobre sua cabeça e a colocou pendurada. — Por favor. Está do outro lado do restaurante, Jenna. Ele não vai me ouvir.

Jenna mudou o peso da perna esquerda para a direita e começou a triturar um guardanapo de papel. Ela era muito consciente de seu corpo, as pernas nuas, o ar quente sobre sua pele. Apesar do simples vestido negro que usava, de repente sentiu-se nua.





Seu pulso duplicou no espaço de trinta segundos.

—De onde o conhece? — Perguntou Becky. Voltou a misturar um Martini para um dos garçons.

Jenna não se atrevia a levantar os olhos ao espelho. O calor inundou suas bochechas e começou a descer para todo seu corpo. O mesmo ardor palpitante que sentiu no supermercado.

Isto não era bom. Que merda acontecia com ela?

Inalou um longo suspiro, estabilizando-se, apertando os punhos para não se agitar e contou até dez antes de responder.

—Eu o vi antes, estava no supermercado.

—Uh oh. — Becky interrompeu, sua voz firme. — Feche as escotilhas, aqui vem Napoleão.

Antes de Jenna poder perguntar, uma voz sussurrou em sua orelha direita.

—Earl McLoughlin está solicitando a ajuda do sommelier em sua escolha de vinho — *não vamos fazê-lo esperar!* — O cheiro de alho seco ardeu em seu nariz.

Jenna apertou os dentes e olhou para Becky. — Acho que não usamos os primeiros nomes de nossos clientes, Geoffrey? Você acha que é *trés gauche*²?

²Deselegante. Não é de bom tom.





Ao lado do cotovelo de Jenna, Geoffrey praticamente vibrou sufocado de apoplexia.

—Earl³ não é seu nome, sua tola, é seu *título*! —Disse. — O concierge do Four Seasons fez sua reserva! É um aristocrata, pelo amor de deus!

Antes que pudesse se recompor, o olhar de Jenna voou ao espelho. Do outro lado do restaurante, o Conde estava estudando a carta de vinhos — sobrancelhas eretas, rosto neutro — mas ela sentiu o anseio de uma risada abafada saindo de seus lábios carnosos, que estavam pressionados firmemente.

—É possível que se refira a ele como *Sua Graça* ou *Sua Majestade*, mas de qualquer forma, seja profissional, sorria e vá!

Ele agitou as mãos para ela e fez ruídos espantando-a, como se fosse uma pomba pedindo migalhas em um banco no parque.

Jenna não se moveu.

—Ninguém se refere a um Conde como *Sua Graça*, Geoffrey, nem ninguém o chama de *Sua Majestade*. Estes títulos estão reservados para um Duque e um Rei, respectivamente. — Disse friamente, olhando para a cabeça calva.

A boca de Geoffrey formou um O de surpresa, mas ele não respondeu. Começou a piscar rápido, no entanto. Becky tossiu em sua mão para esconder sua risada e se virou.

³Em português é traduzido por Conde.





Além de desfrutar de um bom vinho, a Sra. Colfax ensinou a Jenna umas quantas coisas sobre a alta sociedade.

—Irei chamá-lo de Lorde McLoughlin ou Senhor, como diz a etiqueta, a menos que ele me peça para chamá-lo pelo primeiro nome, seja como for, seria ridículo continuar com esta coisa de títulos.

Jenna desfrutou da sombra ruborizada que tingiu as bochechas de Geoffrey. Girou nos calcanhares e se dirigiu sem pressa através do restaurante e até a mesa do Sr. McLoughlin, tentando ao mesmo tempo forçar o sangue a sair de suas próprias bochechas e manter a respiração estável.

O Conde não levantou os olhos da carta de vinho quando parou na mesa. Durante um momento rápido deixou seus olhos vagarem pelos dedos longos e finos que seguravam a carta de couro. Eram bronzeados, fortes e elegantes, como o resto de seu corpo.

Uma leve corrente elétrica se instalou em seu abdômen.

—Sr. McLoughlin. — Disse ela, levantando os olhos para seu bonito rosto. — Bem vindo a Mélisse. Em que posso servir-lhe?

Com um suave movimento de seu braço, desceu a carta de vinhos até a mesa, depois encontrou seu olhar. Ele sorriu, um sorriso verdadeiro, de admiração e os sons do restaurante pareceu se afastar bruscamente em um banco de nevoa, deixando apenas os dois.

—Por favor, chame-me de Leander.

Esta voz como veludo, enviou um ardor por todo seu corpo. O cabelo era um pouco mais longo do que se lembrava, quase roçando a parte





superior dos ombros, grosso e brilhante. A sugestão de uma barba cobre brilhava em sua mandíbula.

Diga que me quer...

—Leander. — Jenna repetiu, gostava da forma como seu nome se sentia na língua.

Impossível, pensou. Muito improvável. Mas ainda assim...

Ela inclinou a cabeça e lhe dirigiu um olhar estreito. — Não Sua Graça? Sua Majestade? — Disse rapidamente, para colocá-lo a prova.

Seu sorriso foi resposta o suficiente, mas suas palavras foram uma confirmação total.

—Porque se incomodar com esta coisa ridícula de títulos? É tudo tão...
— Ele estalou os dedos, buscando uma palavra. — Fora de tom. *Trés Gauche*, fato... não lhe parece?

Inclinou-se para frente sobre a mesa, junto as pontas dos dedos sob o queixo e segurou seu olhar. Por um breve momento imaginou ouvir seu coração pulsando no peito.

—Absolutamente. — Respondeu ela, sua mente trabalhando furiosamente.

Como ouviu sua conversa com Geoffrey? Como era possível? Estavam a trinta metros de distância... pelo menos. E sussurrando.

O estômago se contorceu com uma pontada de intuição que ignorou sem demora. Não havia ninguém mais que podia fazer o que ela podia,





ninguém que conheceu nunca teve este tipo de dons sensoriais. Não era mais que apenas outro homem.

E as advertências críticas de sua mãe... bom, sua mãe costumava beber muito.

Ela empurrou uma mecha de cabelo do rosto com o dorso da mão e apontou a carta de vinhos. — Posso ajudá-lo com uma seleção de vinhos, Leander? — Ela disse suavemente. — Vê algo que gosta?

Porque ele ficou olhando-a fixamente no supermercado? Esteve olhando-a fixamente? O que estava fazendo *ali*? Era uma louca — foi tudo sua imaginação?

Seu sorriso aumentou, formando covinhas nas bochechas. — Sim, senhorita...? — Levantou as sobrancelhas esperando.

— Jenna. — Respondeu ela.

— Jenna. — Repetiu lentamente. Seu intenso olhar piscando sobre sua figura, uma vez. Ele voltou o olhar para seu rosto e um músculo em sua mandíbula pulsou. — Sim, acho que há algo que gosto.

Sob o correto sotaque inglês, Jenna detectou uma leve cadência em sua voz, algo melodioso, familiar, um matiz que não podia identificar. A que forma a olhava fez seu estômago se torcer de forma estranha.

— Maravilhoso. — Amaldiçoou sua voz tremula. — O que posso trazer-lhe esta noite?

Coincidência? Imaginação? Ou os dois? E o que era este cheiro celestial vindo de sua pele?





—Um Latour 61.

E logo deixou de pensar e apenas piscou, tentando não deixar sua boca ficar aberta. O garçom se aproximou e colocou uma bandeja de massa fina e rolinhos quentes de levedo com alecrim em linho marfim sobre a mesa.

—Água com gás ou sem gás, senhor? — Perguntou o garçom.

Os olhos de Leander não se moveram do rosto de Jenna. — *Rien, merci*⁴. — Disse, sua voz como a seda.

O garçom olhou para Jenna, logo inclinou a cabeça e se retirou.

—Latour 61. — Jenna repetiu com rigidez, franzindo os lábios. — Uma boa escolha.

Custando sete mil e novecentos e oitenta dólares, no muito, a mais cara garrafa de vinho em sua lista de trinta e nove páginas.

Era apenas para acrescentar seriedade na carta de vinho, ninguém em seu são juízo podia gastar tanto dinheiro em um vinho tão raro em um restaurante. Teria que verificar se estava armazenado corretamente. Um verdadeiro colecionador, alguém com tanto dinheiro e paladar para apreciar algo tão raro e valioso, iria comprá-lo em uma casa de leilões de renome ou diretamente do Château assegurando o cuidado e a integridade do vinho.

Mesmo os astros do cinema e os rappers, que eram grandes consumidores no restaurante de um bom vinho com pouco apreço, não ia ao Latour. Seria um *Moelleux* ou um *Screaming Eagle*.

⁴Nada, obrigado.





Além disso, inclusive armazenado adequadamente, um Vintage 1961 provavelmente teria perdido seu apogeu — perdido há anos, na verdade. Era ridículo. Era mais que ridículo.

Leander levantou as sobrancelhas. — Detecto um tom de surpresa?

—*Surpresa?* — Repetiu, as três sílabas alongadas com ironia.

Ele interpretou sua ironia com surpresa? Como choque? Como — deus não queira — assombro?

Assim: outro egoísta intitulado que gostava de jogar dinheiro ao redor como confete para impressionar as massas inferiores. Ela supunha que tratava as mulheres de uma forma similar. Provavelmente pensava que era tola e ele bom demais para ela. O número quatro do dia.

Com um *puf* quase audível, a paciência de Jenna evaporou.

—Claro que não me surpreende. É a escolha perfeita para você. — Disse ela, dando ênfase à última palavra. Ela ignorou o fantasma da voz da advertência de sua mãe na cabeça e concedeu um sorriso, leve e deliberado.

Um gesto fugaz cruzou suas feições. E foi rapidamente substituído por uma expressão de neutralidade plácida.

—Para mim?

Inclinou-se atrás no couro suave da cadeira e cobriu um braço casualmente sobre a parte superior da banquetta, sem afastar o olhar de seu rosto. O músculo da mandíbula se moveu uma vez mais.





O garçom se materializou em silêncio ao lado da mesa e apresentou um prato oval com três porções de comida em pequenas colheres de prata todas rodeadas por uma infusão de pepinos.

—*Amuse-bouche*⁵, senhor. —Apontou as porções na mesa. —Ostras Kumamoto com geléia de pepino, folheado de salmão defumado com caviar Osetra, atum vermelho com erva-doce em conserva.

Chegou a colocar o prato de frente a Leander assim que Geoffrey apareceu, com um sorriso de quem olhava um tubarão.

—E como está a seleção de vinhos *Vossa Senhoria Graciosa*? Quer ouvir algo sobre a especialidade da casa?

Nem Jenna ou Leander o reconheceram. Os olhos estavam ainda presos um no outro.

—Sim. — Disse Jenna de forma ácida. — O que lhe convém perfeitamente. O Latour 61 é um derradeiro vinho pênis.

Geoffrey ficou sem fôlego, o garçom soltou o prato de *amuse-bouche* e colocou-a abaixo com um leve barulho contra a mesa, mas Leander continuou quieto em sua cadeira, um sorriso frio curvando seus lábios.

—De verdade? — Disse, controlado e tranquilo. — Que divertido. Por favor, me esclareça.

—Minha mais estimada *Alta Majestade*, desculpo-me por completo! Permita-me assegurar que Mélissee de nenhuma forma tolera este tipo de...

⁵Em alguns lugares precede uma refeição. É um couvert, uma “cortesia” oferecida para que não fique com fome até ser servido o prato principal.





Leander fez um movimento brusco, desdenhoso para Geoffrey com a mão sobre a parte de trás da banqueta e manteve o olhar de lobo no rosto de Jenna. — Não precisa se desculpar. Deixe-nos.

Pelo canto do olho, Jenna viu o rosto de Geoffrey ficar como uma berinjela. Agarrou o braço do garçom e o arrastou para a cozinha.

—O que estava dizendo? — Disse Leander.

—Eu o chamo de vinho de pênis. — Respondeu Jenna, mantendo o mesmo tom de civilidade levemente depreciativo, ainda que seu sangue fervesse. Ela sabia que teria que pagar por isto, sabia que seu trabalho iria ser prejudicado, mas no momento não podia se importar menos.

—São vinhos ridiculamente caros para mostrar masculinidade por uma certa espécie de homens —desculpe, machos — os quais não tem nenhuma apreciação real pelo seu valor, mas sentem a necessidade patética de exibir suas bonitas penas.

O sorriso dela ficava maior a medida que o dele sumia completamente. — Acho que um homem seguro de sua masculinidade iria escolher algo um pouco mais... substancial, digamos assim. Um pouco menos *chamativo*.

Passou um momento, não muito, mas longo e cavernoso, em que nenhum dos dois falou.

—Eu a ofendi. — Disse finalmente. Seu rosto não traindo nada, seu tom tranquilo e sumamente educado. Apenas seu corpo revelava um indicio de qualquer coisa diferente a desapego total. Ele agarrou a beira da mesa com tanta força que seus dedos ficaram brancos. — Como?





A sombra de hostilidade desapareceu de sua postura. Esperava indignação, até mesmo gritos sem rodeios. A maioria dos fanfarrões como ele ficavam mais do que felizes em gritar com um subalterno, se a oportunidade se apresentasse. Estava preparada e pronta para uma discussão, até mesmo pensou em alguns comentários maldosos para romper o olhar.

Mas ela não esperava isto. Não está paciência. Não está... preocupação.

Jenna tomou ar e mudou seu peso sobre seu outro pé. De repente desejava estar em qualquer outro lugar que ali neste momento. Estava cansada e irritada.

Ao mesmo tempo sua ira se esgotou, deixando apenas um leve resíduo de vergonha e o forte desejo de voltar para casa, entrar na cama e cobrir a cabeça.

Ela fechou os olhos e engoliu. — Geoffrey tem razão, não foi educado da minha parte. — Ela suspirou e passou uma mão pela testa. — Desculpe, foi uma longa noite. Trarei o Latour.

Virou-se para sair da mesa, perguntando-se onde iria encontrar outro trabalho, quando a voz suave de Leander a chamou.

—Espere, Jenna, por favor.

Ele já estava na metade da cabine, levantando-se antes da precaução impedi-lo, alcançando-a com a mão, com o rosto escurecido pela palmeira Raphis perto da mesa, seus olhos perturbados.

Ela o olhou, surpresa com sua altura e sua repentina proximidade. Ele a olhava fixamente, sua mão ainda em seu braço. O cheiro intoxicante e





estranhamente familiar de especiarias e a noite fresca e homem viril
ondulava ao seu redor, enchendo seu nariz.

—O Latour 61 era o vinho favorito do meu pai. — Murmurou Leander.
Seus olhos brilhavam à luz baixa como pedras preciosas. —Foi servido em
seu casamento com minha mãe, há trinta e cinco anos.

Inalou e roçou seu braço nu com os dedos, enviando uma corrente de
calor serpenteando através de cada nervo. — Os dois morreram em um
acidente de carro há três anos. Nas raras ocasiões em que vejo uma carta de
vinhos, lembro-me deles.

Jenna perdeu momentaneamente o poder da fala. Era, no entanto,
muito consciente de seus dedos sobre a pele, o calor e a tensão que pulsava
entre eles e os olhos curiosos de todo o restaurante.

—Oh, eu... estão tão... sinto muito. — Gaguejou ela, ruborizando. Seus
dedos mantinham uma leve pressão, uma distração em seu braço. Ela
confusa deixou escapar impulsivamente. — Meus pais também já se foram.

Jenna não falava sobre isto com ninguém há anos.

Em resposta, ele simplesmente murmurou. — Sim.

E então ela olhou em seus olhos, sugada pelas profundezas esmeraldas
como um nadador perdendo a luta contra a correnteza forte, um nadador
que queria se afogar. Uma onda escura de surpreendente *déjà-vu* a
percorreu, tão forte e clara que se sentia espantada.

Sim, ecoou em sua mente. *Sim*.

—Eu o conheço? — Sussurrou urgente. — Já nos vimos em algum
lugar?





Permaneceu imóvel, tão imóvel e em espiral que parecia de outro mundo, como se estivesse talhada em pedra, um pedaço de mármore com olhos incandescentes.

Ele aumentou a pressão no braço por uma fração de segundo, mas não respondeu. — Estava no estacionamento do supermercado, verdade? Eu o vi ali... não é isso? — Pressionou sem fôlego. O coração dando saltos quando seus olhos se mantiveram unidos.

Uma onda de tensão rodou através de seu peito. Seus lábios se separaram e ele a olhou, com o rosto ardendo. — Nós, eu...

Parecia a ponto de dizer algo mais, mas uma mulher em uma das mesas próxima ao piano explodiu em uma gargalhada alta, estridente e o momento desapareceu.

—Nunca nos encontramos antes desta noite. — Disse em voz baixa e deixou cair a mão de seu braço. Deu a volta e logo um passo atrás, inclinando a si mesmo para mesa.

—Mas...

—Poderia, por favor, trazer-me o Latour? — Perguntou educadamente, olhando para baixo, hesitando antes de se sentar mais uma vez. Ele juntou as mãos com seus braços apoiados contra a beira da mesa e se inclinou, olhando seu prato, o cabelo reluzente como ébano, caindo para frente, escondendo sua expressão. Ele não levantou os olhos.

Um rubor vermelho se arrastou pelo pescoço de Jenna até seus ouvidos. Idiota.

—Claro. — Murmurou com rigidez. — Logo volto.





Ela se obrigou a mover com tranquilidade longe da mesa, com os olhos adiante para evitar dezenas de outros pares curiosos e teceu seu caminho através do restaurante, com as pernas rígidas.

Não se lembrava de caminhar para a cozinha, ela apenas sabia que chegou ali quando Geoffrey a encontrou de pé como um zumbi no meio dela, olhando o vazio.

—Acabou! — Gritou, seu pescoço cheio de veias azuis contra a gola engomada de sua camisa.

—Geoffrey...

—Eu sabia que não deveria ter contratado um sommelier feminino! Eu sabia! Muito emocional, muito imprevisível, muito pouco profissional!

Jenna fez uma careta e limpou a saliva do rosto, enquanto Geoffrey andava de um lado ou outro dela, agitando os braços.

—Estamos arruinados, sabe disso. — Deu a volta e cravou o dedo no ar diante do rosto de Jenna. — Arruinados! O que acha que vai acontecer quando ele contar ao proprietário sobre isto? Serei responsável por sua exibição repugnante de feminismo! E a imprensa?

Congelou. Sua pele adquiriu a palidez de um lençol branco. Seus olhos pequenos e brilhantes sobressaíam em sua cabeça até que pensou que na verdade poderia sair de suas orbitas.

—A imprensa. — Sussurrou contra seu rosto lívido. Levantou as mãos dos lados da cabeça. — Se correr a voz na imprensa de que chamou sua *Santa Dignidade* de um pau...

—Eu não...





A anfitriã, uma morena com peitos grandes em um vestido negro justo com um grande decote, entrou pelas portas de aço de vai e vem da cozinha e olhou de forma selvagem, quase ofegante de pânico. — Geoffrey!

—Pelo amor de deus, Tiffany, *estou aqui!* O que foi? — Disse, girando e bufando.

—O Conde. — Respirou ela, apontando sobre o ombro para o restaurante. — Pergunta por você. — Ela girou novamente pelas portas com um flash da perna bronzeada sobre um sapato Jimmy Choo ouro platinado.

Geoffrey se virou para Jenna e estreitou os olhos. — Seu emprego no Mélisse acabou, com efeito imediato. Saia do meu restaurante. — Grunhiu.

Antes que pudesse abrir a boca para falar, Geoffrey desapareceu através das portas da cozinha como um *poltergeist* irritado, deixando apenas o cheiro metálico da fúria persistente atrás.

Jenna respirou lento, controlou sua ira. Olhou ao redor da cozinha aberta com seu piso de azulejos brancos e negros, a enorme câmara fria, mesas de aço inoxidável e a grande atividade e disse um silencioso adeus. Apenas tinha a jaqueta e a bolsa para recuperar, todos os documentos e arquivos em seu pequeno escritório sem janelas pertenciam ao restaurante.

Uma vez que saísse pela porta, seria como se não houvesse acontecido os últimos dois anos de sua vida ali. Seria como se nunca houvesse existido.

Como em um sonho, moveu-se pela cozinha até seu pequeno escritório na parte de trás. Fechou a porta atrás de si para bloquear as risadinhas da





cozinha e pegou sua bolsa da cadeira onde a lançou enquanto se apressava para começar seu turno.

Olhou ao redor pela última vez. A forma do escritório, as estantes que recobriam uma das paredes, o certificado de sommelier emoldurado sobre a mesa. Com a ideia de poder ser algo depois de tudo, conseguiu o certificado como Sommelier através de seu próprio trabalho duro e talento e nem isto fazia nada para animá-la. Depois de ser despedida de Mélissee, duvidava que pudesse trabalhar em qualquer lugar da cidade novamente. Logo poderia ser garçonne no clube de striptease perto do aeroporto.

Os golpes com punho contra a porta do escritório a fez saltar e girar ao redor.

—Jenna!

Era Geoffrey, gritando, provavelmente querendo sua cabeça em uma bandeja.

—Dê-me um minuto, Geoffrey, apenas estou...

A porta se abriu para revelar Geoffrey e Tiffany, com todo o pessoal da cozinha atrás deles, olhando com cara de linchamento.

Deu um passo atrás e chocou assustada contra a cadeira. Caiu até parar contra a mesa e tudo ficou em silêncio, com apenas o fraco barulho da cebola fritando na manteiga e fogo nas seis chamas do fogão além.

Geoffrey carregava uma garrafa de vinho na mão e a levantou para ela, sua pálida e bulbosa testa com uma capa fina de suor.

—O Latour. — Disse com voz áspera, as mãos tremulas. — Ele quer que o sirva.





O olhar de Jenna saltou para trás entre Geoffrey e Tiffany, que estava toda rígida e pastosa como um manequim. Ninguém disse nada.

Geoffrey engoliu e manteve a garrafa como se fosse uma relíquia sagrada. Havia uma generosa capa de pó sobre o vidro, com uma leve mancha de mofo na etiqueta; sinal de uma garrafa perfeitamente tranquila, impecável quanto a idade do vinho.

—Agora. Por favor. — Gemeu Geoffrey. A luz do teto brilhando pálida contra sua testa.

—O que está acontecendo aqui? — Perguntou Jenna.

Foi Tiffany quem respondeu. — Ele não está irritado. Quer o vinho. Você é a sommelier.

Jenna olhou para Geoffrey, as sobrancelhas arqueadas. —Geoffrey?

Ele assentiu com a cabeça dando um puxão para cima e para baixo rapidamente.

—Não estou despedida?

Sua cabeça balançou novamente, desta vez de lado a lado. *Não.*

—Porque não?

O fôlego abandonou seus pulmões em uma forte lufada de ar, como se fosse colapsar. — Por favor, Jenna, apenas vá! Conversaremos sobre isto mais tarde! Por favor. — Implorou, dobrando os joelhos e fazendo um salto estranho. — Não o faça esperar! — Ele agitou a garrafa de um lado a outro diante dela como uma anzol, balançando o vinho.





Jenna estendeu a mão e com delicadeza tirou a garrafa das garras da morte, suadas que ele tinha. — Com cuidado, certo? Está sujando a garrafa, tudo ficará...

—Pelo amor de deus, mulher, apenas vá! — Praticamente gritou em seu rosto.

Jenna parou, o conhecimento de alguma forma girou sobre ela e o equilíbrio do poder se inclinou a seu favor. Tinha a suspeita de que sabia quem era o responsável por esta mudança repentina.

—Geoffrey. — Disse e olhou diretamente em seus olhos.

Levou ambas as mãos sobre o rosto e logo passou-as sobre sua cabeça, um dramático e silencioso: *o que?*

—Saia do meu caminho.

Deu a volta, pegando Tiffany pelo braço no caminho e saiu da multidão de espectadores visivelmente decepcionados. — De volta ao trabalho, dégueulasse animaux⁶, antes que tudo queime! — Ele gritou.

Jenna abaixou o olhar para a garrafa de Latour. Ele queria que o servisse...

O que quer, o tem, pensou com seriedade. Mas tenha cuidado com o que deseja, Earl McLoughlin.

⁶Animais selvagens





Endireitou os ombros, levantou o queixo, saiu de seu escritório e passou pela cozinha, segurando o Latour nos braços como se fosse uma criança.

Sem olhar para trás, Jenna passou pelas porta de vai e vem.





CAPÍTULO SEIS

Leander a viu se aproximar com fascinação e assombro.

Não era seu corpo, o caminhar suave ou o comportamento suntuoso ou mesmo a forma determinada como levantava a cabeça. Não era sua pele marfim, a forma como sua mandíbula ou a massa de cabelos dourados brilhantes em cascata sobre os ombros que a diferenciava, que atraía olhares de admiração de todos os homens, enquanto ela passava.

Tratava-se simplesmente do fato dela brilhar como uma chama, um diamante impecável respirando fogo vivo entre tantos carvões mortos.

Enquanto ela se movia graciosamente pelas portas vai e vem da cozinha, passando pelas mesas dos clientes, indo em sua direção através das luzes das velas e suas sombras. Esbelta, bonita e alta, brilhava mais que o sol do meio-dia, iluminando o lugar como uma tocha.

Deu um passo além do balcão, levantando o braço com a graça de um cisne para pegar uma taça de Bordeaux a seu passo. O sangue Ikati era claramente visível em sua figura, as linhas sensuais de seu corpo, a forma como flutuava como uma pantera à caça de sua presa no bosque. Ela era grácil, elegante e gloriosa.

Sua beleza fazia sua pele arder.





Mas eram aqueles olhos que o olhavam, estranhos, claros e inquietantes, como se escondesse algo, algo reservado. Ela era frágil e impetuosa por fora, cheia de equilíbrio, confiança e força, mas o olhar dela estava estranhamente ferido. Apesar dela ter zombado dele e o chamado de patético, havia algo insondável profundamente dentro...

—Suponho que devo uma desculpa e um agradecimento. — Disse Jenna educadamente, os olhos baixos enquanto apresentava a garrafa de Latour, a etiqueta para cima, para sua inspeção.

Sua voz era tranquila e melodiosa, deixando um arrepio se arrastar por sua coluna. Alegrou-se pelo couro duro da banquetta contra suas costas, puxando-o para a realidade. Fez um esforço consciente para manter seu corpo relaxado, sua respiração regular.

—Já se desculpou. E não precisa me agradecer. — Leander acariciou com o polegar o pó na etiqueta do Latour, mantendo seus próprios olhos concentrados na garrafa.

Ele assentiu com a cabeça para a garrafa, aprovando-a.

Ela deixou a taça Bordeaux no forro branco e usou o cortador de papel de alumínio para tirar a tampa sobre a rolha. Um saca-rolhas apareceu em sua mão.

—Tenho certeza que deve ter dito algo ao maitre. Meu trabalho foi restaurado milagrosamente. — Um elegante giro do pulso soltou a rolha da garrafa. — Não que o mereça. — Agregou inaudível.

Leander levantou os olhos para seu rosto. Sua audição aguçada lhe permitiu ouvir cada palavra terrível que o pequeno rato que era aquele





homem falou para ela na cozinha. Queria segurar o pescoço de Geoffrey em suas mãos e apertar muito, muito forte.

—Eu o informei que planejo jantar aqui todas as noites durante o restante de minhas... férias... e simplesmente deixei claro minha expectativa sobre seu talento e perspicácia de sommelier estarem a minha disposição para me ajudar com a escolha de vinhos.

Ele aceitou a taça que lhe foi estendida sem mais comentários. Ela o observou mover um dedo fino para cima e para baixo na haste fina da taça de vinho.

—Devo decantar⁷?

—Não. — Respondeu ele, levantando o olhar para seu rosto. — No entanto, deve trazer outra taça.

—Alguém irá se unir a você?

—Sim. Você.

Viu como a surpreendeu. Os dedos se apertaram ao redor do gargalo da garrafa de vinho. Ela moveu o peso de seu pé ao outro.

—Ah... — Ela lançou um olhar para as portas da cozinha. — Realmente não acho que seja o melhor...

—Vamos. — Interrompeu com um leve sorriso. — Não acho que o maitre aprovaria sua negação a um pedido de *Sua Santa Dignidade*, verdade?

⁷ Na verdade, existem basicamente duas razões para se decantar um vinho; para separar o líquido de seus sedimentos (decantação) em vinhos não filtrados, como na grande maioria dos vinhos de longa guarda, e para “amaciar” os vinhos mais jovens e de média guarda e nesse caso o termo correto a ser aplicado é aeração, mesmo que isso seja feito num decanter.(Falando claramente é coar o vinho)





Foi uma provocação e deliberada. Ele queria que ficasse curiosa, queria que ela perguntasse como sabia o apelido ridículo do qual Geoffrey lhe chamou, queria que se aproximasse...

Jenna fechou o Latour e colocou-o sobre a mesa com um golpe discordante, o vinho moveu-se na garrafa. Seu rosto ruborizou.

—É uma espécie de brincadeira? — Disse com os lábios rígidos. — Estou em uma câmara ou algo assim? Como soube?

Leander fez uma nota mental para futuras referências, que ela não gostava de ser provocada. Nem ela parecia ter nenhum problema em ser direta. Obrigou-se a sorrir novamente com os lábios esticados.

—Porque não se senta comigo e eu conto? — Murmurou, segurando seu olhar feroz.

Uma lutadora, pensou. Magnífico.

Ela continuava tensa e silenciosa na beira da mesa, a respiração ofegante com o rosto vermelho, os olhos brilhantes.

—Por favor. — Fez um gesto para o assento vazio ao seu lado. — Tenho algo que gostaria de perguntar-lhe, em todo caso.

Jenna continuou avaliando-o com um olhar longo, medindo-o, como se pudesse arrancar os pensamentos de sua cabeça.

Tinha a esperança, por deus, de que não pudesse.

Esteve muito perto de aceitar a derrota quando de repente dobrou os joelhos e de forma elegante deslizava na cabine junto a ele. Ela estendeu a mão, pegou a garrafa de Latour e colocou na taça. Um arco perfeito de





líquido desceu para formar uma piscina suave dentro do vidro. A cor era escura e rica, rubi descolorido, quase um âmbar na borda.

Ela deixou a garrafa sobre a mesa, segurou a haste entre o polegar e o índice, deslizando a taça suavemente sobre o forro da mesa para ele.

—Então. — Disse ela, virando-se para ele com seu olhar agudo. — Estou sentada. O que é que queria me perguntar?

Ele fez tudo o possível para ignorar os olhos gelados que pareciam capazes de descobrir todos os segredos de sua alma. Em seu lugar, segurou a taça de vinho, moveu-a e levou ao nariz.

Ele fechou os olhos.

Primeiro: o aroma de madeira, carvalho fundido, ervas, baunilha e algo indefinido, selvagem e poderoso. Depois: trufa, couro, minerais e doce, coberto de aromas e texturas, cedro, amoras e groselha. Finalmente: a textura cariciando e demorando-se em sua língua como ambrosia. Como sol e chuva que alimentava as vides, o chão que alimentava as vinhas, o barril de madeira no qual envelheceu, em um antigo bosque na França.

Tronçais, pensou. Não — *Jupilles*. Os sabores de baunilha tinha mais delicadeza que o vinho envelhecido de *Tronçais*.

Moveu-se no tempo, esta coisa da beleza perfeita, esta obra de arte, a glória da natureza confinada em uma garrafa.

Seu pai tinha gosto divino. O Latour 61 era provavelmente a prova da existência de deus.





Sentia seu corpo junto a ele, ouvia o movimento de seu vestido de seda contra o couro e a pele nua enquanto se movia e lhe entregou a taça sem abrir os olhos. Ela a segurou, sentiu o toque repentino de sua mão.

—O que queria perguntar. — Disse em voz baixa. Ao abrir os olhos viu toda a intensidade de sua palidez e sua falta de sorriso. — Como se sente o vinho?

Surpreendeu-lhe que ela fosse uma sommelier, mas lhe deu esperança. Esta linha de trabalho não era para os que tinham sentidos embotados. Era uma pista, uma possibilidade...

Suas sobrancelhas claras se arquearam, depois de juntaram. — É algum tipo de prova?

Não tem nem ideia, pensou. Mas ele negou com a cabeça e a olhou.

Umedeceu os lábios e engoliu, logo deixou escapar um longo suspiro pelo nariz. — Depois disto, responderá minhas perguntas. — Ela levantou o queixo desafiante.

Finalmente permitiu que seus lábios se contorcessem em um sorriso. Ele assentiu.

Ela levantou a taça ao nariz e inalou.

Viu então, a forma como se aproximou, a forma como ela se abriu para permitir-se detectar o sabor. Seus olhos se fecharam, com os lábios separados. Conteve o fôlego e ficou calma, usando os sentidos, todas as fibras nervosas e em sintonia com a concentração perfeita ao bouquet do vinho de frente a ela.





Ikati, o animal dentro dele disse em voz baixa, elevando-se contra sua pele. Era um ardor palpitante de reconhecimento, quente, forte e mal contido. *Ela é Ikati. Como eu.*

Tomou um gole do vinho, rodou o líquido em sua língua, parou por um momento longo e silencioso, depois engoliu.

—Oh. — Disse ela, deixando escapar um pouco o fôlego, atônita. — Oh deus.

—Diga-me. — Murmurou. Inclinou-se para frente por instinto, para sentir o aroma sutil de sua pele, vendo o rubor em suas bochechas descendo para o pescoço, o peito.

—Nunca... é...

Engoliu saliva e voltou a olhá-lo, assombro e reverência evidente em cada traço de seu rosto. A tensão se foi, toda reticência, a melancolia tranquila. Em seu lugar estava a surpresa, prazer, exaltação. Alegria.

De repente achou muito difícil respirar pela faixa de aço que se apertou em seu peito.

—É magnífico. — Respirou. — Depois de anos, depois de todo este tempo os sabores deveriam ter desbotado... — Ela balançou a cabeça, piscando. — Mas é perfeito.

—Sim. — Murmurou, admirando a forma como a luz das velas brilhavam em âmbar e mel contra seu cabelo. Cobria da metade para cima, a outra metade não, caindo até a cintura, parecia como se acabasse de sair de uma cama muito quente. — Sim. Justo em seu ponto mais alto agora, diria. Pode mesmo ter outros dez pela frente.





Ela deixou a taça sobre a mesa com exagerado cuidado e precisão, logo deslizou novamente para ele. — Obrigada. — Disse em voz baixa. — Isto foi incrível. E muito... — Hesitou e engoliu, levantou os olhos para ele. — Muito não patético. — Um leve sorriso irônico tocou seus lábios.

Sem afastar o olhar de seu rosto, pegou a taça e deixou que seus dedos tocassem os dela, a mínima fricção entre suas peles, com a maior pressão possível.

—Não respondeu minha pergunta. — Sua voz saiu tranquila como antes, mas agora estava um pouco sombria, quase tensa. —Qual o sabor?

Ela ficou muito quieta, o leve sorriso sumiu quando lhe devolveu o olhar e ficou repentinamente consciente do calor e a dor entre as pernas e o impulso quase irresistível de afundar as mãos profundamente em seu cabelo e puxá-la com força contra ele.

—Groselha. — Disse. — Cedro. Calcário.

Ouviu sua respiração ficar mais forte, seu coração batendo acelerado contra as costelas e se perguntou qual a causa, esperando talvez, que de alguma forma, tivesse algo a ver com ele.

Jesus, pensou, ela é linda. Esta pele, os lábios, tão frágil, perfeita...

—Fácil. — Ele zombou baixinho, ainda segurando seu olhar. Permitiu a ponta do dedo indicador passar pelo polegar dela. Ela não se moveu, nem piscou, mas suas pupilas se dilataram uma fração.

—O que mais? — Murmurou, inclinando-se para ela, aspirando o aroma de sua pele. A dor entre suas pernas aumentou, a rigidez incomoda.





—Cedro espanhol. Anis. Canela. — Ela fez uma pausa. — Fumaça de madeira.

Ele levantou as sobrancelhas. — Fumaça de madeira?

A ponta de sua língua saiu para umedecer os lábios e quase gemeu, era tão erótico. — Não vai acreditar. — Disse.

Aproximou-se mais e sorriu. Era um sorriso perigoso, um sorriso faminto, sabia pela forma como seus olhos se abriram quando o viu, mas não pode evitar. Precisou de toda sua força de vontade para não beijá-la. — Você se surpreenderá com o que acredito, Jenna. — Disse baixo. — Prove-me.

Ela cravou os dentes no lábio inferior, hesitante e logo tomou uma decisão tácita com a leve elevação de um ombro. — Havia fogo a lenha perto das vides durante o crescimento, antes da colheita. Ameixas em flor, acho.

Ele a olhou. Ainda assim era encantadora, com os olhos brilhantes como esmeraldas, estava claro que tinha medo de sua zombaria, de sua incredulidade. Um tremor passou por ele. Aproximou-se mais.

—Proteção contra o vento.

—Como? — Disse, gutural. Seu olhar piscou para sua boca.

—Ameixeiras são usadas como quebra-vento nos vinhedos em *Pauillac*. — Disse, quase sem controle. A forma como o olhava, olhava sua boca... — Floresceu na França nesta temporada, milhares de árvores foram infectadas.

Olhou novamente para ele e ficou presa no poder deste olhar, a beleza e a luminosidade frequente em seus olhos. Não era apenas verde claro surpreendente, a íris era de um ouro brilhante, mas continha manchas





preciosas de âmbar e cidra dentro deste incêndio provocado em suas profundezas esmeralda.

Imaginou-a reclinada em sua enorme cama com dossel em Sommerley, suas curvas cravadas na colcha de pele, os olhos refletindo seu próprio desejo, seu corpo nu, apenas com os diamantes que queria dar a ela, em sua garganta, ao redor de seus pulsos, em seu dedo...

—Tiveram que queimar todas as árvores neste ano para impedir a propagação da doença. — Sussurrou.

O desejo crescente dentro dele de repente se transformou em uma fera, silvando e arranhando sua pele, a ponto de devorá-lo. Seus dedos se fecharam apertados ao redor dos dela e ele abriu os lábios, deixando seu sabor queimar contra sua língua.

—Proteção contra o vento. — Murmurou ela, apoiando-se nele com um olhar sonhador, os olhos quase fechados. — Oh isto é...

Com o coração acelerado, inclinou a cabeça. Um segundo mais... um centímetro mais e seus lábios estariam sobre os dela...

Logo seus olhos nublaram. Ela começou a piscar. As sobrancelhas se arquearam e seus olhos ficaram agudos. — Pode sentir isto? — Ela girou a cabeça, procurando no restaurante, seu olhar movendo-se para o céu negro nas janelas alinhadas em uma das paredes, com vista para a rua.

Leander se perguntou se Jenna de alguma forma cheirava seu desejo por ela, tão aguda era a sensação dela, mas logo se virou para ele, fazendo uma careta.





—O que foi isto? — Ela parecia doente. Os dedos começaram a tremer sob os dele.

Ficou em alerta bruscamente, uma sensação de perigo correndo em seu peito. — Jenna? O que foi? O que está acontecendo?

Mas já havia se levantado da mesa, seu rosto pálido, com os olhos abertos, seu olhar voando pelo restaurante. Os lábios se separaram e ela respirou algumas palavras enquanto tentava manter o equilíbrio com uma mão trêmula na banquetta.

—Está vibração. Esta fricção — eletricidade estática.

Ela ofegou e tropeçou.

Estava ao lado dela antes que pudesse cair, puxando-a para ele com um braço, apoiando seu corpo contra o peito. Seu coração estava pulsando violento, bombeando. Ela era como seda e fogo em seus braços, a pele de seus braços nus arrepiada, ardendo com um calor não natural. Seu coração começou a entrar em pânico quando ela gemeu baixo e se deixou cair contra ele, os olhos enormes olhando o nada.

Algo estava errado. Algo estava muito, muito errado.

Logo começou o tremor.





CAPÍTULO SETE

Morgan descobriu Rodeo Drive.

E não apenas como uma turista a passeio, mas de boca aberta, maravilhada e chocada enquanto passeava no andar superior de um ônibus de turismo. Não ela estava como uma nativa.

O que não era uma descrição precisa da forma como passou os últimos três dias, porque ninguém em Beverly Hills parecia caminhar em qualquer lugar, exceto os turistas e ela caminhou desde Valentino a Prada, Bulgari a Armani, de Dior a Tiffany.

Amava caminhar, depois de ter passado toda sua vida vagando por New Forest, em busca de todos os melhores lugares de terra úmida e gramada, madeira terrosa e vistas para os pinheiros. Mover seu corpo era uma segunda natureza. Era fácil caminhar por milhas, carregando coisas, o sol no rosto, o vento brincando através de seu cabelo. Estava confinada dentro da jaula dourada do hotel Four Seasons e era difícil.

Não ficava em forma humana por muitos anos.

Assim que, para se distrair da crescente irritação de negar seu lado animal, foi fazer compras.





Suas compras começavam a ocupar uma grande parte da suíte no hotel, caixas quadradas vermelhas, retangulares e negras, bolsas de papel cor turquesa, pacotes brancos com logotipos das lojas mais caras e perfeitas, pequenas caixas pequenas azuis com fitas brancas. As favoritas.

Não podia esperar para provar tudo novamente.

O fato de ter comprado tudo com o cartão de crédito que Leander lhe deu — *apenas para emergências Morgan* — fez com que fosse ainda mais satisfatório. Ao parecer o pequeno cartão negro não tinha limites de compra.

Morgan estava de pé descalça no centro do tapete creme felpudo, inspecionando os danos, sentindo-se orgulhosa de si mesma. Pediu o café da manhã novamente, de um fabuloso café francês na rua do hotel, outro luxo graças ao maravilhoso e pequeno cartão negro — e os restos do que foi uma vez um gorduroso bacon defumado, queijo gruyere e uma torta de maçã estava sobre a mesa na suíte principal, junto com uma xícara quente de café e bolos.

Provavelmente ela não podia sair à sacada mesmo se quisesse: a porta de correr de vidro estava escondida por trás de uma pilha de caixas Ralph Lauren. Perguntou-se brevemente como iria conseguir levar aquilo tudo para Sommerley, mas logo encolheu os ombros e colocou as mãos no quadril. Leander pensaria em algo melhor para ela, sempre o fazia.

Era um Alfa. Este era seu trabalho.

Um sorriso de prazer iluminou seu rosto.

Foi exatamente nesta postura que Leander a encontrou quando passou pela porta.





—Eu preciso de você. — Grunhiu, brusco e tenso. Uma pilha de pacotes sobre a mesa de vidro do hall de entrada tombou conforme ele passava por elas, derrubando a bolsa de couro de crocodilo Hermés no chão de mármore branco.

—Não sabe bater? — Morgan se queixou, disparando um olhar duro.

—Minha suíte. Agora.

Seu corpo estava tenso de uma forma que nunca viu. Ele normalmente se movia com graça sombria, sigiloso, todo aprumado, ameaçador e uma vigilância feroz nos olhos. Mas agora ele estava distraído, visivelmente tenso como uma corda de arco, o rosto sombrio e sem se barbear, fazendo Morgan franzir os lábios e engolir uma resposta na ponta da língua.

—O que foi?

Sem dizer uma palavra, abriu a porta com um movimento rápido, duro e desapareceu através dela. Seu cabelo se moveu solto sobre os ombros, negros como a noite contra a seda branca enrugada de sua camisa.

Morgan suspirou e se virou para olhar novamente, com mais de um toque de melancolia para as caixas cheias de coisas caras. Parecia como se seu plano para esta manhã não seria colocado em prática.

Experimentar tudo novamente teria que esperar.

Leander observou Jenna toda a noite, agachado em silêncio e imóvel na penumbra de seu quarto enquanto ela dormia, tenso e pronto para desaparecer como vapor no ar se acordasse, esperando por algum sinal de que ela não estivesse tão bem como repetidamente ela disse aos paramédicos.





Foram chamados ao Mélisse por causa de suas lesões. Paramédicos, bombeiros e policiais foram enviados por toda a cidade para atender os feridos. Eram coisa em sua maioria menores: cortes de vidro quebrado, esfolados, contusões, alguns casos de choques com idosos.

Nenhum dano importante foi reportado a nenhuma estrutura, apesar dos numerosos edifícios, como o que se encontrava o Mélisse — sofreram com algumas janelas quebradas, gesso rachado e danos à fachada. Disseram a ele que foi um dos terremotos mais leves que atingiu Los Angeles nos últimos anos.

Não importava que fosse um terremoto leve, causou um grande transtorno para ele.

Na primeira onda do movimento, Jenna se deixou cair contra ele tão fraca que sentiu seu coração na garganta, seus instintos animais à vapor.

Levantou-a contra ele, os joelhos sobre seu braço esquerdo, com a cabeça contra seu braço direito e passou pela porta de trás do restaurante para o amplo pátio, pavimentado com ladrilhos. Era um lugar deserto, um lugar seguro, envolto em escuridão, livre de qualquer coisa que pudesse cair sobre eles de cima.

No meio do recinto escuro dos ciprestes e árvores que lhe rodeavam como uma catedral ao ar livre, o céu sobre eles de um azul escuro, Leander ficou apoiado contra o tremor, com as pernas abertas, os braços ao redor dela com força.

Os galhos das árvores balançavam e golpeavam para cima, enquanto os gemidos e ranger misteriosos dos edifícios ao redor deles — segurando-se





em suas bases, enquanto a terra se mexia como uma criatura viva —
apertavam seu estômago.

Se não fosse por Jenna, exuberante e passiva em seus braços, teria se transformado em uma pantera, subido a uma árvore próxima e rugido com fúria louca.

Seu rosto estava muito pálido à luz da lua, pálida e bela como algo forjado do mármore, seus longos cílios uma mancha escura contra a perfeição de seda de suas bochechas de marfim. Ele sabia que não desmaiou, ainda que seus olhos estivessem fechados, sua respiração ofegante. Sabia por que ela mantinha uma firme mão pressionada contra seu peito.

O calor de sua palma queimava diretamente através da tela de sua camisa.

Não sabia se estava buscando segurança no ritmo constante de seu coração ou tentando evitar que se aproximasse mais. Podia sentir como ele desejava tocar sua testa com os lábios, seu cabelo e seu rosto?

Ele queria muito, muito mesmo beijá-la, em qualquer lugar, em todas as partes, mesmo quando o chão sob seus pés ficou louco.

Quando o tremor parou e o mundo voltou a uma lucidez razoável, Jenna abriu os olhos e o olhou diretamente, suplicando. O rugido eletrônico de centenas de alarmes de carros se elevou no ar da noite sobre a cidade para criar um espectro do terremoto. Foi sublinhado pelos gritos de pânico e choque do restaurante atrás deles.





—Senti que vinha. — Sussurrou para ele, com sua voz baixa e assustada. Sua mão se enroscou no tecido de sua camisa. — Senti em meus ossos. Cheirei. Provei-o.

Foi então quando Leander percebeu que a Assembleia tinha sua resposta.

E ele também.

Colocou-a suavemente para baixo em uma cadeira longa com tranquilidade e a deixou brevemente para usar o telefone dentro. Um caos leve se instalou no restaurante, que Geoffrey fazia pouco para acalmar, por estar muito ocupado gritando histérico e agitando a mão, hiperventilando. Os paramédicos chegaram em questão de minutos e tomaram o controle. Ante sua insistência, Jenna foi uma das primeiras em receber atenção, mas não encontraram nada errado com ela. Ainda que trêmula, estava em forma, ilesa, perfeitamente sã. Eles lhe aconselharam a ir para casa e dormir um pouco e logo voltaram sua atenção aos outros.

Afastou-se dele, olhou-o como se de repente soubesse algum terrível segredo, seu segredo e desapareceu na noite como um fantasma, antes que pudesse falar, antes que pudesse pegá-la.

Ela era muito rápida. Podia correr ainda mais rápido que ele, apesar dele ser mais forte, mais rápido que qualquer pessoa em todas as tribos. Mais rápido que qualquer outro predador na terra.

Exceto, evidentemente, ela.

Ele não estava preparado para isto.





Quando perdeu seu rastro no canto escuro do edifício do banco na segunda rua, quando tudo o que pode cheirar, quando abriu seus sentidos, foi o traço fugaz de seu perfume através do ar quente, carregado de sal como uma lembrança quase esquecida, quase perdeu a cabeça.

Seu apartamento era o único lugar que lhe ocorreu ir — o único lugar lógico para esperar por ela, ainda que se mantivesse cuidadosamente fora da vista. Tirou a roupa atrás de um contêiner de lixo no beco enquanto se movia, descartando seu traje feito sob medida como se fosse despojos, logo se levantou como uma fina nevoa contra a parede do edifício de apartamentos.

Ele ficou ali durante horas no ar quente da noite, estendeu-se tão fino que era incomodo, sabendo que um forte vento poderia destruir sua forma. Sentiu-se agradecido por não estar abaixo de zero, não sobraria nem os ossos se ele morresse assim.

A noite estava árida, o ar quente e mais seco que na Inglaterra, inclusive à beira mar. Não precisava respirar — distribuído e desencarnado em fumaça — nem sentia seu coração batendo como um tambor ou sofria ou sentia o sangue em suas veias. As sensações e paixões ardentes de seu corpo desapareceram. Ele estava tranquilo. Sossegado.

Se tão somente pudesse apagar sua mente também.

Imaginava-a perdida, ferida, atacada por drogados, estupradores, membros de gangue. Quanto mais esperava, pior ficava suas fantasias. Pela primeira vez em sua vida, amaldiçoou. Se tivesse o dom da previsão, saberia onde procurar. Ele poderia protegê-la.

Poderia fazer algo.





Finalmente chegou tropeçando nas primeiras horas de silêncio, na manhã com o aspecto de um zumbi levantando de entre os mortos: despenteada e arrastando os pés, o rosto pálido com os olhos bem abertos, rígida. As linhas elegantes de seu vestido enrugadas e desordenado, como se tivesse dormido no carro ou caído. Repetidamente.

Isto fez pouco para aliviar sua ansiedade.

Deslizou pela parede desigual do velho edifício, molécula a molécula, fluindo suavemente sobre as rachaduras e frestas, pelo vidro das janelas escuras, em silêncio fundindo através da trepadeira e hibiscos até que encontrou a janela de seu quarto.

Estabeleceu-se como uma nuvem cinza de nevoa na janela e esperou.

Jenna apareceu a vista através do escuro corredor da cozinha como uma fantasma se materializando na noite, movendo-se tão lentamente que parecia drogada, as mãos levantadas levemente adiante como se não confiasse em seus olhos para abrir caminho. Ela não acendeu nenhuma luz. Ficou de pé na porta de seu quarto com a mão no marco da porta, olhando ao redor. Olhava em silêncio para sua cama, a mesa de trabalho no canto com sua lâmpada e porta-retratos, a porta do armário entreaberta, os sapatos que tirou e decidiu não usar jogados no tapete aos pés da cama.

Finalmente passou uma mão trêmula pelo rosto, alisou o cabelo e levou a mão para trás para soltar o vestido.

Leander se fundiu ao vidro da janela e flutuou por cima do canteiro de hortelã, o perfume das plantas roçando-o. Deu a ela privacidade para se despir e deitar-se na cama sem ter o olhar dele sobre ela, embora fosse tudo em que pudesse fazer para resistir ao desejo de quebrar a porta e levá-la





para Sommerley neste momento, obrigando-a a voltar com ele para casa agora que sabia ser seu legítimo lugar.

Ela parecia tão perdida. Com tanto medo. Quase... vulnerável.

Você é o Alfa. Ela é Ikati. Não falhe com ela!

A necessidade de protegê-la arremeteu contra ele, repentino e insistente. Impiedoso.

Isto já foi feito antes. Não havia garantias para estas situações, as defesas se mantinham interligadas, disposta na lei. Podia levá-la de volta, mantê-la ali segura.

Contra a demanda de todos os nervos de seu corpo, se conteve e esperou.

Uma vez dentro de seu apartamento através da fresta já familiar na janela do banheiro, ele voltou ao homem e a vigiou enquanto dormia para se assegurar que estivesse ilesa, não percebendo nenhum sinal de sofrimento, ficando ali para o caso dela precisar.

Com as mãos no quadril, o cabelo estendendo-se sobre o travesseiro, dormiu, inquieta e gemendo, movendo-se no lençol como alguém se afogando no vasto mar, implacável.

Foi apenas quando ela finalmente começou a se mover em seu sono, tarde pela manhã quando o sol entrava pela janela como outro, foi capaz de sair dali e voltar ao hotel.





—Assim é verdade então. — Disse Christian baixo. — A pequena mestiça pode se transformar. Quem diria?

Do sofá da suíte presidencial, Christian olhava para Leander na cadeira de frente com os olhos anormalmente brilhantes. Estava tenso, sombrio e havia algo incomum em sua voz, uma pitada de emoção desigual que nunca viu antes em Leander. Algo em sua postura mostrava que Leander estava no limite, seus instintos em alerta máximo. Porque lhe importaria se Jenna se transformava ou não?

—Se ela pode sentir um terremoto, sentir o cheiro da fumaça de uma madeira queimada há décadas em uma taça de vinho e correr mais rápido, com certeza é um shifter. De fato. — Disse Leander, observando cuidadosamente o rosto de Christian. — Ela pode ter mais habilidades que todos nós.

Leander manteve o olhar enquanto Christian se levantava do sofá, aproximava-se das janelas brilhantes e passava uma mão pelo cabelo grosso.

—Filho da puta. — Murmurou Christian e nada mais.

—Você parece perturbado... irmão.

Christian se virou para olhá-lo. Um músculo flexionando em sua mandíbula. — Encontramos uma mestiça, incrivelmente linda, filha de um dos mais poderosos Alfas da tribo e está me dizendo que não apenas pode se transformar, mas que pode ter mais habilidade que todos nós. Sim. Estou perturbado. Definitivamente estou.

A sobrancelha esquerda de Leander se levantou. — Incrivelmente linda?





Seus olhares se encontraram por mais tempo que Leander gostou.

Então Christian se voltou para a janela encolhendo os ombros. — Não é assunto meu, suponho. — Murmurou olhando o sol. — Segundos filhos nunca são a primeira opção.

—Bem vindo a meu mundo. — Disse Morgan atrás deles quando entrou no quarto. —E quanto a você nem sequer *ter* uma escolha, porque não tem um pênis entre as pernas?

—*Pelo amor de deus, Morgan.* — Leander disse bruscamente, sua paciência começando a ruir. Voltou-se para olhá-la. — Pare com isto! Temos que nos concentrar em levar Jenna à Sommerley antes que ela fuja novamente. Antes que se transforme pela primeira vez. Imediatamente. Hoje. Agora.

—Não! — Morgan colocou as mãos no quadril e olhou para ele, desafiante.

Ficou de pé no meio da suíte elegantemente decorada usando um vestido que não viu antes. Era vaporoso, com uma fina seda negra até os joelhos com padrões de diamantes ao longo do decote, deixando descoberto grande parte de seu bronzado, a pele perfeita e os músculos abdominais esculpidos. Ele estreitou os olhos e se perguntou quanto lhe custou.

E era aqueles saltos de pele de cobra?

—Absolutamente não! Temos uns poucos dias antes de seu aniversário! Não há razão para apressarmos isto...

—Não estamos de férias, Morgan. Nosso propósito aqui não é para relaxar, passear ou fazer compras...





—É fácil para você dizer! — Morgan disse bruscamente, os olhos verdes brilhantes como uma lamina afiada. — Você é capaz de ir e vir como quer! Não passa sua vida preso, esperando a oportunidade de escapar, com a esperança de...

—Com a esperança de que? — Leander perguntou, tranquilo, muito tranquilo.

Olharam um para o outro.

—Acha que a vida de um Alfa é melhor que a sua, mais fácil que a sua, está muito errada, Morgan.

Apesar de seu privilegio e dinheiro, todo o poder que vinha com sua posição, com frequência desejava, bem dentro de seu coração, com sua alma, que o papel de Alfa fosse para outro.

Apenas ele era o líder. Apenas ele tinha o destino de todos em suas mãos. Não era como Morgan imaginava, um passe de acesso à felicidade e plenitude.

Não. Era mais como uma maldição.

Morgan levantou o queixo. — E como propõe que façamos isto? — Perguntou com frieza. Ela cruzou os braços sobre os seios e golpeou o pé com couro de cobra contra o tapete felpudo. — Poderia usar a sugestão para fazer com que vá por um tempo, algumas horas, provavelmente, mas apenas isto. Como realmente vamos levá-la para Sommerley? Sequestrando-a?

—Acho que apenas devemos dizer a verdade. — Disse Christian de sua posição da janela. — Ela deve saber que é diferente. O que acontecerá se mudarmos na frente dela e dizermos que é igual a nós?





—E então, o que? — Morgan disparou novamente, voltando a lançar um olhar gelado. — Colocar um saco sobre sua cabeça e arrastá-la quando se assustar e fugir?

Christian passou a mão sobre o cabelo brilhante negro outra vez, deixando-o em desordem. — Não. Mas poderíamos drogá-la.

—Está sendo sarcástico, Christian. — Disse Morgan com um suspiro exasperado. — Não podemos machucá-la, ela não é uma peça de...

Leander levantou os braços da madeira talhada da cadeira em que estava sentado com tanta força que rachou em suas mãos. Morgan e Christian se calaram e olharam para ele.

—Se algum dos dois prestaram atenção na última reunião da Assembleia, sabem qual o plano. — Disse com os olhos brilhantes. — Faremos por nós mesmo. Vamos submetê-la com seu poder de sugestão, Morgan. Faremos...

O telefone tocou no escritório, interrompendo-o. Soltou um longo suspiro, saltou da cadeira, ficou rígido e se aproximou do telefone.

—Sim. — Disse bruscamente.

—Qual a diferença de uns dias? — Disse Morgan em voz baixa para Christian, tentando-o para concordar.

Esticou seus longos braços e colocou as palmas contra o vidro, olhando baixo, para a cidade a seus pés. — Certo. — Murmurou quase para si mesmo. —Devemos ficar aqui por um tempo... e chegar a conhecê-la melhor antes de pegá-la. Antes que sua cabeça esteja feita.

—O que? — Disse Morgan. — O que isto significa?





Ele não respondeu e a tensão em seus ombros sugeria que ele não estava de humor para mais conversa.

Ela descruzou os braços e os braceletes de rubis que rodeavam o pulso direito lançaram vários reflexos como faíscas de fogo. Ela puxou para trás uma mecha longa de seu cabelo de seu rosto e olhou para os braços arruinados da cadeira de Leander. — De qualquer forma, se ela não estiver em casa. — Ela continuou. — Ficaremos acampados em sua porta por umas horas, esperando que apareça magicamente? Como isto não seria suspeito? Ou devemos tentar encontrá-la...

—Não precisamos encontrá-la. — Leander interrompeu em voz baixa, descendo o telefone. Virou-se para olhar os dois com um estranho olhar no rosto, como se houvesse acabado de considerar algo profundamente.

—Ela nos encontrou. Era a recepção. Ela está no vestíbulo.





CAPÍTULO OITO

Jenna se lembrava muito claramente da última vez que viu seu pai com vida.

Foi uns dias antes de seu décimo aniversário e chovia muito forte. A água caía como agulhas do céu sombrio, cinza escuro. Isto era incomum para o mês de junho na maioria dos lugares, mas neste momento sua família estava vivendo em Kauai, uma das pequenas ilhas do Havaí. Chovia quase todos os dias no verde e lindo paraíso tropical.

Ficaram ali algumas semanas, não mais. Caixas estavam ainda sem abrir na sala de estar. Sua mãe realmente nunca se incomodava em desempacotar todos seus pertences. Estariam guardando tudo logo novamente, sabia.

O cheiro da vegetação verde, as flores úmidas, a terra molhada ao redor de sua pequena casa. Sua mãe deixou todas as luzes acesas para afastar a escuridão de uma tempestade de verão tropical, mas seu pai deu a volta na casa em silêncio, apagando uma a uma, cauteloso, tenso e sempre insondável.





Era uma das coisas que Jenna mais se lembrava vividamente sobre ele. A forma como sempre preferia se mover na escuridão, como uma criatura noturna da selva à caça do jantar.

Ela o observava de seu esconderijo favorito, o pequeno espaço debaixo da escada, onde colocou almofadas e mantas, junto com seu urso de pelúcia desgastado. Um dos olhos de Teddy desapareceu e o outro era uma bola negra contra as bochechas caramelo.

Sua mãe dizia que era muito grande para mantê-lo, mas Jenna não podia se separar dele. Teddy e a roupa que vestia eram a única prova sólida de que tinha um passado.

Seu pai chamou sua atenção, como sempre fazia. Inclusive quando não chamava, sabia que podia sentir seus olhos fixos nele. Mas desta vez chamou-a por seu nome, fazendo um gesto com a mão para que ela se arrastasse para fora da escada.

Manteve o urso nos braços enquanto se aproximava dele e subia em seu colo na cadeira de balanço, vendo as gotas de água da chuva caindo contra a janela como lágrimas prateadas. Através do vidro viu as árvores, a grama e as flores apagadas pelo vento da chuva.

—Jenna. — Murmurou em seu cabelo. Ele a abraçou com força e balançou para trás e para frente, lentamente no piso nu de madeira. — Sabe quem te ama?

Ela era muito jovem então para ouvir o tremor em sua voz, assim apenas sorriu e colocou os braços ao redor de seu pescoço, acariciando o espaço quente entre a nuca e o ombro, sentindo-se feliz, quente e muito





segura. Havia uma pequena lareira na sala, rangendo as toras de madeira e impregnando o ar com seu cheiro.

—Você, papai. — Respondeu ela, a mesma resposta todas as vezes.

—E sabe por que papai te ama? — Ele inclinou sua cabeça para trás para olhar em seus olhos verdes, seu bonito rosto quase difuso tão perto.

Adorava vê-lo assim, fora de foco e borroso com os olhos estreitos. Parecia mais real de alguma forma. O detalhes dos cílios, a barba escura no queixo, o branco puro de seus dentes ao sorrir, tudo servia para deixá-lo menos misterioso e mais... dela.

A misteriosa cicatriz irregular na mandíbula ainda estava desaparecendo a medida que se curava, quatro garras feias e finas vermelhas estavam ficando lentamente brancas, manchando a perfeição da pele dourada. Ele chegou em casa assim no dia anterior.

—Não. — Disse, ainda que já soubesse a resposta, mas com vontade de ouvir novamente.

—Porque é uma princesa. — Sussurrou em sua orelha, acariciando-lhe as costas e abraçando-a com mais força. — Dourada, loira e bonita, forte e valente, vale qualquer sacrifício. Minha princesa um dia será uma rainha.

Mas algo lhe incomodava nesta resposta, algo em que nunca pensou antes.

—O que é um sacrifício papai? — Perguntou, franzindo o cenho ao olhá-lo. Ele se limitou a sorrir e a beijou na testa, moveu-a para trás e para frente até que dormiu, quente, segura e feliz contra seu peito duro.





Quando acordou na manhã seguinte estava em sua cama, com Teddy escondido sob a colcha de retalhos e ele se foi.

Desde esta noite, cada vez que chovia, Jenna pensava em seu pai e tinha que engolir a agonia que subia a sua garganta.

Não estava chovendo agora, enquanto estava sentada tranquilamente no bar do vestíbulo do Four Seasons junto a um enorme arranjo de lírios, berinjelas e jasmim que parecia um pouco sinistro para uma mesa. Seus olhos ardiam e sentia-os pegajosos, não porque estava pensando em seu pai.

Estava pensando em seu pai porque viu seu rosto na mente de Leander.

A primeira vez que Leander a tocou a noite com uma leve pressão no braço quando falou em voz baixa, atraente quando pediu um Latour em memória a seus pais, sentiu um tremor singular sobre a pele. A mesma corrente de eletricidade quente que sentiu profundamente no supermercado — e outra vez quando encontrou seus olhos no restaurante ao tocá-la com a ponta dos dedos.

Mas ela ainda estava em negação. Culpou os nervos.

A próxima vez, foi o calor estático e um borrão súbito de cores nadando diante de seus olhos enquanto sua mão tocava a dela sobre a haste da taça de vinho. Seu coração disparou quando ela tentou se concentrar nele, para fazer as cores se fundir em algo coerente.

Jenna se esqueceu de tudo isso quando o som da terra se abrindo a uma milha de distância sob seus pés tocaram seus ouvidos minutos antes mesmo do tremor começar. Então ela mal pode ficar de pé quando a





vertigem golpeou com as primeiras ondas de choque e pressão, junto com o cheiro acre de calor fazendo fissuras nos alicerces chegou ao seu nariz.

Mas uma vez que Leander a levantou nos braços e correu com ela através do restaurante para o pátio traseiro, se lembrou. Enquanto sua mão descansava sobre seu peito, sentindo as batidas de seu coração, sentindo o calor de sua pele sob a palma, os borrões de cores vieram novamente. Mas desta vez se juntou a outras visões que nunca viu antes.

Lembranças, embora não dela.

Dele.

Tantas coisas ao mesmo tempo. Muitas pessoas e lugares, uma mistura de sensações de estranho poder e pulsante desejo, mas sempre presente: uma elegante casa senhorial, situada atrás de amplas áreas verdes, um vasto e misterioso interior com colunas de alabastros e enormes quadros com molduras douradas de pessoas sem sorriso e antiguidades de valor incalculável dispersas por todo o lugar. Um bosque escuro, mata densa, árvores antigas tão altas que as copas se perdiam cobertas pela nevoa, o musgo cobria os galhos mais baixos, que se movimentavam na brisa da noite etérea. Presas, garras e musculosos corpos lisos, criaturas de quatro patas ondulando silenciosamente pelo bosque, criaturas que grunhiam, rugiam e desapareciam no ar quando ouviam um ruído desconhecido.

Uma terra selvagem, longe do exuberante vale verde que conduzia ao bosque antigo, um rio com água tão clara que via o reflexo de uma truta bem abaixo do leito rochoso, uma baixa cadeia de montanhas enfumaçadas escurecendo o horizonte distante. Uma terra cheia de pessoas bonitas que não pareciam reais.





Pessoas que se pareciam com seu pai.

Depois que a terra se acalmou, depois que Leander chamou os paramédicos, quando veio caminhando do restaurante através do caos como um antigo deus da guerra — magro, musculoso, o corpo como uma lamina, um rosto glorioso, lindo e assustador ao mesmo tempo — ficou de joelhos diante dela e segurou seus braços em suas mãos.

—Tudo ficará bem. — Disse, veludo suave e tranquilo. Apesar do tom tranquilizador, sua expressão era dura e severa como uma fera no inverno frio. Seus ferozes olhos verdes olhavam de um rosto cinzelado como olhos de um selvagem, um lobo faminto.

Mas sabia que nada ficaria bem. Porque agora suas mãos estavam queimando sobre sua pele nua e ela viu suas lembranças, seus pensamentos e suas fantasias ao mesmo tempo, piscando ante seus olhos em uma tela panorâmica e de aterrador movimento, cor e luz, como se estivesse em uma esfera tridimensional de um filme, como se estivesse de alguma forma dentro de sua mente, no ponto de origem.

Jenna precisou fugir para impedir a avalanche de visões. Pensou que nunca poderia deixar de correr.

Mas precisava. E agora estava ali, esperando-o no bar do vestíbulo elegante de seu hotel.

Sua calma desapareceu de repente, seu coração acelerou no peito, sua boca secou e seu rosto brilhou com calor quando viu Leander na esquina no bar.

Viu-o passando pelos vasos de palmeiras astutamente dispostas como em câmera lenta, movendo-se com graça e sigilo, exalando uma onda de





poder puro e perigo, chamando atenção enquanto passava. Seus olhos se encontraram através do espaço vazio entre eles e ela apertou as mãos em seu colo para evitar movê-las.

Ele estava sozinho. Parecia como se houvesse tido uma noite ruim.

—Jenna. — Disse ao chegar ao lado da mesa. Ele dirigiu um olhar verde para ela. — A preciosa sommelier do Mélisse. Que agradável surpresa.

Ela olhou para ele.

Parecia totalmente à vontade e controlado, como se a tivesse encontrado por coincidência enquanto saía para uma caminhada. Mas, sob o exterior elegante e contido, a sugestão da agressividade estava sob controle. Levava consigo um cheiro de noite fresca.

—Sente-se melhor hoje? Deu-me um pequeno susto quando desmaiou. Espero que não...

—Eu sei o que você é. — Disse Jenna suave e tranquila, olhando seu rosto.

Ele ficou imóvel por um longo momento, sua fria indiferença sem ser incomodada pelo leve pulsar do músculo na mandíbula.

—Sabe? —Ele murmurou. O lustre acima deles refletia faíscas azuis em seu cabelo negro conforme pegava o fluxo de ar quente. A luz no bar o deixava ainda mais brilhante e tudo cheirava a jasmims e calor implacável.

Jenna não podia ler sua expressão. Era absolutamente neutra.

—Sim. É de você que eu deveria estar fugindo.





Isto pareceu assustá-lo enquanto piscava para ela, os lábios se abrindo. Ele se recompôs e fez um gesto para a cadeira de frente a ela. — Posso?

Ela assentiu. Sentou-se e cruzou as pernas, deixando cair seu olhar para o recipiente de vidro com frutas secas na mesa entre eles. Estava vestido casualmente, com calça bege e uma camisa de seda branca, as mangas dobradas mostrando os musculosos antebraços. Uma sombra escurecia sua mandíbula, não se barbeou.

Pegou uma noz do recipiente e começou a rodá-la entre os dedos.

Jenna era abstratamente consciente da luz do sol através das enormes portas de vidro do vestíbulo atrás dele, o estrondo surdo de conversas e saltos clicando no piso de mármore, cada molécula de seu corpo, cada átomo concentrado nele.

—Não tenho muita certeza de como responder a isto. — Disse Leander cuidadosamente. Levantou os penetrantes olhos a seu rosto, seu tom de voz ainda neutro. — Talvez gostaria de explicar?

Jenna manteve seu foco nele quando respondeu. — Se vai jogar comigo. — Disse em voz baixa, olhando diretamente a seus olhos. — Não irei para Sommerley com você.

Sua expressão ainda estava em branco, seu olhar verde agudo e congelado em seu rosto, Leander esmagou a noz entre os dedos.

—Como? — Sussurrou.

Ela sorriu com triunfo sombrio. Não era tão genial depois de tudo.

—Pensou que estaria totalmente desprevenida? Sabia que passou por alto o fato de que eu poderia ter pensado sobre como este momento seria,





que eu poderia até mesmo estar esperando por você ou alguém como você, durante anos? Acha que sou uma completa idiota?

Ela arqueou as sobrancelhas para ele, esperando, mas ele apenas a olhava em silêncio, assombrado.

—Minha mãe me advertiu que este dia chegaria, ainda que realmente não acreditei nela. — Disse ela, seu coração acelerado contra as costelas. — Ela me disse para fugir, mostrou-me como viver uma vida na clandestinidade, mas de verdade, há muito tempo cansei de fugir. — Ela fez uma pausa. Quando voltou a falar, sua voz diminuiu a uma oitava. — E merda, se vou me esconder de você ou qualquer outra pessoa.

Jenna acabou com sua fuga. Acabou com os segredos.

Desde que era criança, seu pai mudava-se com a família a cada poucos meses, sem permanecer em qualquer lugar tempo o suficiente para criar raízes. Sua infância foi um borrão constante de estranhos. Uma sucessão de rostos — vizinhos transitórios, professores, colegas de escola — materializando-se dentro e fora de sua vida como se fossem aparições todo o ano. Davam uma volta rápida e logo, desapareciam no ar, para não mais ser visto ou ouvido.

E então seu pai se converteu em alguém assim, sumiu como todos os outros.

Você é diferente das outras garotas, Jenna. Sua mãe dizia, o que era mais que evidente de mil formas. Mas precisa fingir que não é. Não importa o que aconteça, precisa se misturar. É como seu pai. É a única forma de se manter a salvo. É a única forma de ser livre. E se alguma vez a encontrarem... corra.





Ela estava completamente segura de que deveria fugir daquele que estava sentado à mesa com ela, exótico e enrolado como uma cobra pronta para o ataque.

—Quero fazer um acordo com você. — Ela estendeu a mão para roçar o pó da noz moída no forro branco engomado sob sua mão congelada. — Diga-me a verdade e irei com você sem lutar. Irei de boa vontade. Se me disser a verdade. O que me diz?

Não se moveu, piscou ou falou. Ele se limitou a olhá-la com os olhos estreitos, calculando.

—Sei que não era o que esperava, mas espero que considere. É uma maldita vista muito melhor que seu plano, em qualquer caso.

Jenna manteve o rosto cuidadosamente neutro e não permitiu que o fato dela estar blefando a distraísse do que queria. Viu pedaços, muitas imagens e impressões não muito legíveis. Mas não havia como ele saber o que viu.

Ela queria respostas. Depois disso... ele poderia voltar para Sommerley, onde quer que isto fosse.

Ou poderia ir diretamente ao inferno.

Leander lentamente inclinou-se em sua cadeira e a olhou. Solto um longo suspiro pelo nariz. Depois de um minuto sem que nenhum dos dois falasse e a tensão aumentasse em seu corpo, sentindo-se como cabo de aço esticado que poderia se romper, o mais elementar dos sorrisos levantou seu rosto. Sua voz, no entanto, não soava divertida. Soava vigilante, astuta, quase... com admiração.





—Pode ler a mente. — Seus dedos se fecharam e limpou o pó da noz deles sem tirar o olhar de seu rosto. — Que inconveniente.

—Apenas a sua até o momento. E isto é novo em minha vida, assim que não espere muito.

Inclinou-se para frente e começou a traçar um padrão de braços cruzados na mesa, com o olhar em seu dedo e quando voltou a olhar para ela tudo o que havia entre eles, tudo o que sentiu na primeira vez que viu, o zumbido de eletricidade, a magia e ameaça emanava dele como um perfume. —Parece muito sereno para alguém que acaba de descobrir algo incomum. — Murmurou.

Um nó se formou em seu estômago. — Minha vida toda foi incomum. Mudar-me de um lugar a outro, fugindo de uma ameaça fantasma, um pai que desapareceu sem deixar rastro, uma mãe que bebia muito para dormir cada noite, sabendo que eu era diferente, mas sem ter nenhuma resposta, sem nunca, nunca saber a verdade.

Parou abruptamente, olhou para a mesa e piscou para eliminar a umidade repentina em seus olhos. Quando voltou a falar, sua voz saiu em um sussurro. — E acredite quando digo que não estou serena. De fato, meu café da manhã está fazendo algumas reflexões serias sobre como reaparecer.

Leander se inclinou mais na cadeira. —Jenna...

Mas interrompeu-se quando alguém novo apareceu na mesa, um homem jovem e bonito, esbelto e de cabelo negro como Leander, todo espetado, nos olhos uma sugestão de violência e sensualidade ao mesmo tempo. Ele se sentou em uma das cadeiras, suspirou e esticou os braços sobre a cabeça.





—Não pude resistir a sair um pouco do quarto. Linda manhã, não é? —

Ele sorriu abertamente, contrastando com sua atitude casual e colocou o braço sobre o encosto da cadeira.

Jenna o conhecia. Era o outro homem no estacionamento do supermercado, no primeiro dia.

Havia outra pessoa, uma impressionante mulher de cabelos escuros que estava com Leander também, com um vestido tão provocante que levava um homem a subir pelas paredes se abrisse caminho a ele. Ela se sentou com graça em sua mesa, sem considerar a fúria gelada de Leander.

Jenna ignorou ambos e mudou o peso para frente da cadeira. Uma onda de determinação inundando suas veias.

—Tudo o que precisa fazer agora é me contar a verdade e vou manter minha palavra. — Disse para Leander. — Irei com você. Não vi nada em sua mente que me faça acreditar que queira me machucar. — Um rubor escureceu seu rosto. — Todo o contrário, na verdade. Acho que pode ser a única pessoa que conheci que pode responder as perguntas que tenho. E tenho muitas. Mas se achar que está mentindo ou escondendo algo, nada vai me obrigar a passar desta cadeira. Não haverá nada que poderá fazer ou dizer uma vez que minha confiança se for para recuperá-la. Sentarei aqui nesta cadeira e gritarei assassino até que a polícia chegue e logo vou correr para tão longe que nunca será capaz de me encontrar outra vez.

Os sons das pessoas conversando e passos fazendo eco e o tilintar do vidro pareciam amplificados no repentino silêncio que se seguiu. A mulher e o homem mais jovem permaneciam imóveis em suas cadeiras. Olharam um para o outro e logo para Leander.





Mas ele estava olhando sereno para ela, sem esforço, bonito e controlado, recuperando a postura. — Devo admitir, estou... quase sem palavras. Não posso me lembrar a última vez que aconteceu. Se aconteceu alguma vez.

—Trágico. — Disse, para a óbvia diversão de Christian.

A expressão de Leander endureceu. — Apenas para esclarecer. — Disse com uma paciência exagerada que sugeria que sua postura não era tão controlada. — Vai sair de sua casa — deixar todos seus amigos, seu trabalho, sua vida — para ir a um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas... apenas por algumas respostas?

—Sim. — Ela mentiu. Não tinha a intenção de ir a nenhuma parte com ele.

Ele negou com a cabeça lentamente para trás e para frente. — Está deixando as coisas muito fáceis para mim, mas sinceramente, não acho que entendo sua posição.

Jenna inclinou-se em sua cadeira, aliviada e aterrorizada ao mesmo tempo de que ele negasse suas acusações, tentasse se valer de sua inocência, a chamasse de louca.

Para o melhor ou pior, até o momento iria junto com suas exigências.

Afastou o cabelo do rosto novamente com um simples movimento da mão e encolheu apenas um ombro. — É um homem. Sou uma mulher. Tenho certeza que há muitas coisas que não pode compreender em mim.

A bonita mulher de cabelo escuro começou a rir, uma risada suave, como criança tentando esconder atrás da mão. Mas saiu uma gargalhada,





encantada e ela inclinou a cabeça para trás e segurou o ventre enquanto Leander e Jenna olhavam um para o outro em silêncio.

—Acho que vou gostar dela, Leander. Acho que irei gostar muito mesmo. — Disse a mulher quando pode falar novamente. Limpou uma lágrima perdida no canto do olho e considerou Jenna como uma nova admiração no olhar verde e quente.

—Perdoe-me. — Disse Leander para Jenna. — Por não apresentar meus companheiros. — Ele lançou um olhar duro para a mulher. — Esta é Morgan.

Morgan sorriu amplamente, os dentes brilhando perfeitos atrás dos lábios vermelhos e estendeu a mão, sua expressão aberta e direta. Antes que Jenna pudesse sequer pensar em reagir, a mão de Leander disparou e segurou os dedos de Morgan em sua mão. Morgan congelou e olhou seu rosto, mas não disse nada.

Assim achava que era a forma como viu seus pensamentos. Inteligente. Muito bem, então. Ainda não podia saber o quanto viu.

—E este é Christian. — Disse Leander, com um gesto brusco para o homem mais jovem sentado junto a ele. Suas feições similares falavam de sua relação, mas Leander não disse nada.

—Devo dizer. — Christian arrastou as palavras, olhando fixamente com os olhos estreitos. Um sorriso libertino brincando em seus lábios. — Que prazer é, finalmente, encontrá-la. — Ele se iluminou com um enorme sorriso. — A filha prodiga que saiu do ninho finalmente voltará para casa — teremos uma festa ou algo assim?





—Christian. — Advertiu Leander, com os lábios apertados em uma linha fina, seu olhar endurecendo.

Morgan deu uma palmadinha de deleite e sentou-se direito na cadeira. — Sim! Uma festa! Quando chegarmos a Sommerley vou organizar um baile em homenagem a volta de Jenna e teremos baile e música e...

—Pare com isto, os dois. — Leander disse entre dentes apertados. Seu rosto sombrio com uma fúria fria que silenciou aos dois.

Jenna moveu-se em sua cadeira, consciente do jogo visceral que Christian acabou de orquestrar, do qual Morgan foi cúmplice inocentemente e a indignação de Leander com ambos.

—Você é parente de meu pai? — Perguntou bruscamente, aceitando a vantagem.

—Sim. — Disse Leander, respondendo quase com ira, antes que pudesse pensar. Ele apertou a ponte do nariz com os dedos e fechou os olhos. — Não, quero dizer. Não como quis dizer de qualquer forma. Não é tão simples assim, é muito...

—Sabe o que aconteceu?

Ele a olhou e suas sobrancelhas se ergueram, projetando uma sombra sobre seus olhos. — Uma vez mais, não é tão simples assim.

—Sabe onde está? Está vivo? — Disse, levantando a voz.

—Jenna, pelo amor de seus, este não é o lugar para discutirmos isto...

Jenna disparou da cadeira, com o rosto ardendo pela repentina explosão de ira que surgiu através dela. A cadeira caiu e explodiu contra o





chão de mármore com um ruído agudo que atraiu os olhares ao redor.

Ignorou todos os demais e focou sua atenção como um raio laser no rosto sorridente de Leander.

—Porque está me seguindo? O que quer de mim? Onde está meu pai?

— Perguntou.

Ele sabia. Sabia tudo. Ele sabia e permanecia em silêncio como uma estátua, olhando-a com este olhar exasperante e frio, como se tudo o que lhe importasse fosse acena que estava fazendo, como se tudo o que importasse era manter o decoro.

A verdade, bastardo, pensou com a bÍlis na garganta, era o que importava.

Suas mãos começaram a tremer, como seu lábio inferior, como os joelhos e todos os nervos de seu corpo. Algo em seu interior ruiu.

—Quem merda são estas pessoas? — Gritou a pleno pulmão.

Todos e cada um no bar ficaram em abrupto e completo silêncio, salvo o coração de Leander. Este se ouvia claro como uma campainha, golpeando com força dentro do peito, forte, ruidoso e cheio de sangue.

Levantou-se de sua cadeira com luxo e sem pressa de movimentos, cada músculo tenso se flexionando quando a olhou. Ele a olhava de modo tão frio que congelaria a lava fundida.

—Estou disposto a responder todas suas perguntas, Jenna, como pediu. — Disse em voz baixa, a ira sob o tom suave. — Mas talvez seja hora de irmos a algum lugar menos público para continuar nossa discussão, já que parece cada vez mais... agitada. Sugiro minha suíte.





Jenna se irritou com tudo isto, ainda tremendo. — Espera que eu vá com você, sozinha, a sua suíte onde pode fazer sabe deus o que comigo? Se acha que sou ingênua, está muito errado.

Seu olhar descongelou uns poucos graus e se permitiu um sorriso triste. Levantou a mão e estendeu para ela: um convite. — Se não acredita... — Virou a palma para cima. — Veja por você mesma.

Jenna ficou olhando sua mão estendida e logo seu rosto, bonito e calmo. Ela não o tocara novamente, não podia. Não estava preparada para o ataque, para a superabundância aterradora de sensações que vinha com a pressão de sua pele sobre a dela. Nunca estaria pronta. Ocorreu-lhe que nunca seria capaz de tocar ninguém mais e era tão louco que não sabia se isto a incomodava ou não.

Assim que... ela tinha que confiar nele.

— Certo. Sua suíte então. — Disse Jenna, apertando as mãos novamente para controlar sua agitação. — Mas deixaremos a porta aberta.

Leander inclinou a cabeça sem romper o olhar. Com voz baixa, disse. — Siga-me.

Se atreve-se foi o que não disse, mas o ouviu claramente como o dia de qualquer forma.

Ela não foi a primeira. Seguiu os três à medida que avançavam em silêncio através do vestíbulo, com suas exposições de flores gigantescas e espelhos reluzentes, além do átrio tranquilo, cheio de plantas tropicais e uma lagoa escura com um koi laranja inquieto, pelas portas de vidro que se abriam para fora em uma explosão de calor e cheiro de rosas no ar. Estas





portas conduziam aos jardins de trás e a escada privada que dava à suíte presidencial no andar de cima.

Negou-se a entrar no elevador com os três.

Não podia afastar os olhos deles, movendo-se, vendo o animal em cada um. A forma como os pés não faziam ruídos sobre o mármore e a grama, a forma como seus membros se moviam, flexíveis, elegantes, potentes e ágeis, cada volta e curva revelando sua verdadeira natureza, cada movimento em uma sinfonia de graça natural, perigoso e perfeito.

Jenna não pode evitar a imagem em movimento através do bosque escuro, à espreita.

Caça.

Quando chegaram ao alto da escada, Leander abriu a porta de sua suíte e fez um gesto para que entrasse.

— Aqui estamos. — Disse, sua voz neutra, seu corpo relaxado quando inclinou um ombro forte contra a porta para mantê-la aberta.

Mas estes olhos eram penetrantes, verdes e ferozes. Enviava um arrepio por suas costas.

— Morgan, Christian, falo com vocês mais tarde. — Ele fez um leve gesto com o queixo para indicar que deveriam continuar no corredor.

— Claro, Leander. — Disse Morgan, soando feliz em fazê-lo. — Bom, eu o vejo logo. E Jenna. — Ela voltou a cabeça e falou enquanto se movia com graça para longe, seu longo cabelo negro ondulando pelas costas como ondas na água escura sobre um leito de pedras lisas. — Foi um prazer conhecê-la. Espero nos vermos novamente logo.





—Não... espere, aonde vocês vão? Precisam ficar...

Mas ela apenas sorriu de volta, levando Christian pelo braço, seu vestido revelando uma parte bronzeada de suas costas e uma indiscreta vista de seu traseiro firme.

Christian se virou para olhar Jenna por cima do ombro, mas seu rosto estava na sombra sob a luz lançada na parede. Não podia ler sua expressão. Os dois continuaram caminhando e viraram na esquina.

Sem falar, Leander levantou a mão a modo de convite para entrar na suíte.

Jenna bufou, ignorou seu olhar ardente e passou junto a ela, evitando cuidadosamente qualquer contato físico. Ela caminhou pelo vestíbulo de mármore na sala principal suntuosa, admirando os bonitos moveis, a ampla extensão do terraço de mármore visível através das cortinas, a cama extra grande.

Seu olhar voou longe da cama antes que pudesse cair ali.

Maldição. Ela não estava controlada. Precisava se controlar.

Estava ruborizada e tremendo. De alguma forma se sentia cansada e cheia de júbilo, longe de ficar calma. Cada fibra de seu corpo estava em sintonia com o ambiente ao seu redor, o ar quente e a luz oblíqua e o belo homem, obviamente perigoso de pé na porta, observando-a em silêncio e de alguma poderia pensar que desapareceu.

Com exceção das batidas de seu coração. Ela ainda o ouvia e se esforçava para sufocar o barulho pulsando em sua mente.





—Será mais fácil com o tempo. — Disse Leander suavemente atrás dela, com uma voz surpreendentemente terna. — Apenas precisa praticar.

Sobressaltada, Jenna se virou tão rápido que quase perdeu o equilíbrio. Estendeu uma mão para se segurar no encosto da cadeira coberta de seda, os braços de madeira polida estranhamente quebrados e rachados. *Controle-se*, advertiu a si mesma.

—O que?

—As sensações. Pode facilmente ter uma sobre dose de informação que seus sentidos serão capazes de recolher, mas isto se pode manejar. Depois de um tempo. — Disse, afastando-se da porta para deixá-la se fechar com um suave clique atrás de si. — Será capaz de controlá-lo. Dificilmente perceberá isto, a menos que queira.

Deu uns passos para ela com grande deliberação, seus olhos concentrados em seu rosto.

—Não. —Disse Jenna, dando um passo atrás, esquecendo por um momento que ela podia ouvir seu coração. — A porta fica aberta. Este foi nosso acordo.

—Não, isto foi um pedido. No entanto. — Disse ainda avançando com a sugestão da energia em espiral a cada movimento, um olhar como fogo lento de sensualidade escurecendo seu rosto. — Acho que seria mais prudente manter a porta fechada no momento. Sobre tudo com o que gostaria de lhe mostrar.

O coração de Jenna começou a pulsar com tal ferocidade que pensou que fosse desmaiar.





Em lugar disso, afastou-se até que seu traseiro golpeou a mesa contra a parede. Tentando se manter segura enquanto continuava avançando, dando um passo ao redor da mesa, movendo-se mais no quarto, até que finalmente os ombros chegaram a descansar contra a seda da parede do fundo.

—Pare! — Sua voz se rompeu pelo pânico. Sorriu terrivelmente e continuou. Seu olhar voou ao redor do quarto para saltar em algo, apunhalá-lo com — havia uma faca sobre a mesa, não um abridor de cartas...

Mas então ele estava de pé justo na frente dela, com uma onda estática de eletricidade vibrando entre seus corpos.

Jenna congelou. Sentia-se queimando pelo calor e a tensão vindos dele, uma dolorosa tensão de consciência entre seus corpos. Ela se esforçou para controlar a respiração, para controlar as borboletas no estomago, tentando afastar o medo e olhando em seus olhos.

O que ela viu ali fez as borboletas dançarem.

—Acho que queria respostas. — Ele murmurou, levantando os braços para descansar contra a parede de ambos os lados de sua cabeça. Virou o rosto e tentou achatar-se mais contra a parede para escapar do que havia entre eles, a incandescente escuridão.

—Eu não vejo como isto... — Ela parou de falar quando ele abaixou a cabeça e arrastou a ponta do nariz lentamente a partir de um ponto sob o lóbulo da orelha dela para onde estava a pulsação na base de sua garganta.

Ele respirou fundo e fez um som baixo e masculino em sua garganta.

—... pode ser qualquer tipo de resposta. —Ela disse exalando, lutando contra a onda de prazer que o toque dele enviou através de seu corpo.





Ele riu baixo e falou sem levantar a cabeça, seu hálito quente em sua pele. —Não é. — Ele concordou. —Estou apenas satisfazendo a mim mesmo.

—Bem, pode parar com isso, por favor. *Agora.* — Ela acrescentou severa, tentando arduamente soar convincente.

Ele inclinou a cabeça para trás, olhou para ela com os olhos estreitos e sorriu. Uma linha de luz das janelas da varanda deixava sombras em seu cabelo, transformando-o em tons de castanho chocolate sob as grossas camadas de ébano brilhando.

—Você realmente quer que eu pare? —Ele murmurou, aquele sorriso preguiçoso aumentando. Seus olhos brilhavam verdes e a linha de luz inclinada jogava sombras sobre suas maçãs do rosto, mostrando os detalhes de sua pele: perfeita, sem poros, ouro polido.

—Menina bonita. — Ele sussurrou, olhando profundamente em seus olhos. —Diga-me a verdade.

Jenna preferia a verdade; ela passou sua vida inteira tentando discernir a verdade. Mas agora, pela segunda vez neste dia, apreciaria muito o valor de uma boa mentira.

—Sim, eu quero. — Disse ela friamente, com força e tão brusca quanto possível.

—Entendo. — Disse ele não afetado, seu sorriso ficando ainda maior, uma pitada de capricho ali. — Então, não ligaria que eu, por exemplo, fizesse isto.

Ele abaixou o rosto e roçou os lábios contra os dela com uma leveza lânguida, tocando e não tocando, deslizando lentamente.

Jenna engasgou e tentou virar a cabeça, mas ele a segurou pelo queixo, sua mão forte e firme contra seu rosto virando-o de volta.





Sua mente foi imediatamente preenchida com imagens — não suas — a sensação da pele ardendo contra o pulso dele, o desejo, a lembrança e a *essência* dele. —Pare! — Ela gritou.

—Você pode aprender a se controlar, Jenna. — Ele disse de forma rude, movendo os lábios contra os dela. Ele pressionou seu corpo duro contra ela fazendo-a sentir o calor dele queimando através das roupas, queimando seu peito, abdômen e coxas. Seu corpo arqueou-se contra a parede, flexionando-se contra ele, dolorido e cheio de necessidade. Suas mãos se fecharam em punhos e ela não tinha certeza se era para acertá-lo ou para evitar puxá-lo com mais força contra ela.

—Tente controlar. — Disse ele, feroz e inflexível.

Ele passou ponta da língua acariciando o lábio inferior dela e foi inundada por imagens cristalinas de si mesma em rendição apaixonada, imagens arrancadas direto da mente dele.

Sinta-me, Jenna.

Deite-se, deixe-me te provar.

Diga-me o que você quer. Você gosta disso? E disso?

Diga meu nome, sussurrou quente em seu ouvido enquanto empurrou profundamente dentro dela e ela estremecia e gozava sob ele. *Diga que pertença a mim.*

—Leander. — Ela sussurrou, assim que seus joelhos cederam.

Ele a pegou em seus braços quando ela caiu, tão facilmente como se não pesasse quase nada e girou com ela. Levou-a até a cama e gentilmente a deitou ali, em seguida, sentou-se sobre a colcha ao lado dela em um movimento fluido, quente, masculino e sólido contra seu lado. Um dedo afastou uma mecha de cabelo de seus olhos, deixando um rastro de imagens





ardentes vividamente sobre sua pele e embora fosse louco, errado e impossível, o corpo dele ao lado do dela parecia tão *certo*.

—Apenas se concentre na sua respiração. — Disse ele, sua voz suave. — Juro que você está segura comigo, Jenna. Não irei lhe causar qualquer dano. Nada nunca vai lhe machucar novamente.

Ele esfregou o nariz ao lado de sua garganta e inalou tão profundamente que fez toda sua pele se arrepiar. — Apenas quero protegê-la. — Ele sussurrou, seus lábios acariciando o pescoço dela. — Mantê-la segura. Confie em mim, Jenna. Confie em mim. Deixe-me cuidar de você.

A mão dele na parte baixa de suas costas, os dedos abertos, pressionando seu corpo mais perto do dele. O joelho dela permitiu que o peso da perna musculosa dele ficasse entre as dela, a barra de seu vestido subindo, deixando a coxa nua e exposta. Os dedos dela cravando-se profundamente na colcha enquanto os lábios dele se moviam sobre sua clavícula, enquanto murmurava palavras em uma língua que não entendia. A mão dela deslizou sobre o braço dele, pelo ombro, tocando a pele quente do pescoço, deslizando no cabelo dele...

—Leander. — Protestou ela com a voz presa entre um sussurro e um gemido, já começando a render-se a onda de prazer quente das mãos e lábios dele. Sua reação física a ele era esmagadora: instintiva, pura e primitiva. Mais alguns segundos e seu corpo iria assumir o controle e tomar a decisão. —Por favor, eu não consigo pensar...

Mas ele a cortou com um beijo, profundo e quente, rolou sobre seu corpo enquanto ela estava derretendo sobre o colchão de luxo macio.

Ele recuou ofegante. —Não pense. — Disse ele, rouco. —Apenas sinta.

E então ele a beijou novamente e ela não pode evitar — Beijou-o de volta.





Leander fez um som profundo em sua garganta, um grunhido baixo como um animal. Ele colocou a boca contra seu ouvido e disse ofegante seis palavras que fizeram seu coração apertar em um punho.

—Eu quero estar dentro de você.

Ele deslizou a palma da mão aberta para baixo em sua coxa nua, fechou os dedos sobre seu quadril e balançou sua pélvis contra a dela. Ela sentiu sua excitação, dura e insistente, o desejo a golpeou com tanta força que gemeu. A luxúria ansiosa quente que exigia satisfação cresceu nela e começou a queimar.

Ele segurou seu pulso com uma mão forte e ergueu-o sobre a cabeça, pressionando-a para baixo, cativa contra o travesseiro. Ele abaixou a cabeça contra a coluna de seu pescoço e apertou seus lábios contra sua pele, lambendo, chupando, fazendo-a arquear-se contra ele.

Em seguida, ele a mordeu.

Não foi forte, nada que pudesse romper a pele ou deixar uma marca, mas uma explosão primitiva, inexplorada de energia brilhou à vida dentro dela sob a picada fugaz de sua mordida. Uma onda ofuscante de consciência selvagem percorreu seus músculos, sangue e nervos como se ela fosse uma pilha de folhas secas tocadas por uma tocha...

Como se um animal dormindo sob sua pele tivesse despertado em uma bárbara alegria selvagem.

Jenna abriu os olhos e olhou fixamente para o teto e sentiu algo escuro se juntando dentro dela em uma tempestade.





CAPÍTULO NOVE

Num momento ela era veludo, fogo e tensão em seus braços, no outro tinha se dissolvido completamente em névoa.

Leander supunha que isso não deveria tê-lo surpreendido. Sabia que iria acontecer, depois de tudo. Desde o primeiro momento em que colocou os olhos nela, sentiu o poder latente sob a pele de marfim, sabia que ela se transformaria, tão certo como sabia seu próprio nome.

Mas não foi apenas a forma súbita que o deixou congelado, olhando para o vestido vazio ainda contra a colcha com um leve farfalhar de seda, o perfume de sua pele ainda persistente em seu nariz.

Foi o fato de que ela se transformou *neste momento*— ainda faltavam dias para seu aniversário.

Na totalidade da história registrada que remontava quase dois mil anos antes do aparecimento de Cristo, Leander nunca ouviu falar de um mestiço se transformando antes dos vinte e cinco anos de idade.

Era um fato imutável, científico. Quando fundido com seu homólogo humano, o sangue *Ikati* era diluído, deformado, corrompido a partir do estado de pureza que permitia que suas características genéticas específicas florescessem. A primeira mudança, em geral, acontecia entre os doze e dezesseis anos para uma criança *Ikati*, mas para um mestiço...

Vinte e cinco anos a partir do minuto de nascimento e a mudança acontecia ou não.





Aconteceu antes, mas somente uma porcentagem minúscula de mestiços sobreviveram.

E para isso haviam sepulturas sem identificação perto da periferia de cada tribo *Ikati* onde os ossos dessas criaturas menores eram lançados no chão. A lei era clara: transformar-se ou morrer.

Mas Jenna se transformou sem esforço e fez isso mais cedo do que o esperado. Leander não sabia bem o que fazer com a anomalia que ela estava se revelando ser.

Olhou para o teto, onde ela se espalhava contra o gesso branco. Movia-se silenciosamente para o lustre no centro da sala, uma fina capa de vapor branco que pairava, mergulhava e fluía, um fantasma curvado afundando através do ar.

—Jenna. — Ele disse, sua respiração ainda ofegante pelo prazer dos lábios dela sobre os seu, o corpo tão feminino e cheio de luxuria. —Volte.

Ele viu quando ela se reuniu ao redor do lustre, movendo-se sobre ele, conhecendo suas bordas conforme ela vasculhava os pingentes brilhantes de cristal. O olhar dele pulou para as portas da varanda e seu coração perdeu uma batida. Ele deixou uma delas aberta.

Pulou para fora da cama para ficar debaixo do lustre.

—Por favor, desça. — Olhava para ela pairando acima, o mais belo fantasma. — Apenas pense, *para baixo*, e isto irá acontecer. — Olhou para ela sem forma ondulando, fluindo e esticando-se tão fina que vislumbrou o teto através dela.

Ela desceu do teto em uma coluna elegante de névoa branca e transformou-se em uma mulher sob seu nariz. Em uma mulher completamente nua, salvo pelos fios em cascata do cabelo loiro mel que





cobria alguns centímetros da pele nua conforme caía sobre os seios dela, mas deixava muito pouco à imaginação.

Sua respiração ficou presa na garganta quando viu os seios dela sob o cabelo. Deu um passo para trás e tentou olhar diretamente em seus olhos.

Seus olhos estavam arregalados como pires, brilhando verdes e amarelos para ele com uma combinação de horror e euforia.

—Está tudo bem. — Disse ele. — Não se mova.

Ele pegou a colcha de cashmere macio da ponta da cama, abriu-a e envolveu sua extensão exuberante e macia ao redor do corpo dela. Ela estava tremendo. Ele esfregou as palmas das mãos para cima e para baixo nos braços delas para fazer o sangue circular e pensou em beisebol para distrair-se da dor de sua ereção, para não pensar nos prazeres que estavam escondidos sob a colcha e que com apenas um puxão ele iria deixá-la inteiramente exposta...

—Leander. — Ela sussurrou. Sua voz trêmula com seu nome.

—Sim.

—Eu acabei de... acabei de...

Ele precisou limpar a garganta antes que pudesse falar. —Você acabou de se transformar. — Disse ele.

Ela olhou para o rosto dele, um olhar claro e concentrado, seus grandes olhos brilhando sob os cílios extravagantemente longos. Uma mancha tênue de cor floresceu sobre suas bochechas. Era como assistir a um belo pedaço de mármore ganhar vida.

—Transformar...

Seu coração pulou uma batida. Mesmo em meio a uma neblina de confusão ela era tão bonita que tornava a respiração difícil. —Você é uma





Shifter, Jenna. *Ikati*. Como seu pai. Como eu. — Ele murmurou, olhando em seus olhos.

Ela piscou uma vez e sua agitação lentamente parou. Ela soltou todo o ar em seus pulmões em uma expiração tranquila e longa, junto com ela toda a tensão em seus membros foi dissolvida.

—*Ikati*. — Ela repetiu, rolando a língua sobre a palavra desconhecida.

—É uma palavra antiga da nossa terra natal, isso significa que você pode manipular a sua forma humana para tornar-se... outra coisa. Algo mais.

—Mais do que humano. — Ela olhou sem pestanejar profundamente em seus olhos, que ele sentiu como se cada canto de sua alma estivesse exposto, como se ele fosse um mistério, o mistério *dela*, que tentava compreender. Seus lábios começaram a levantar-se em um sorriso, mas fizeram uma pausa e em seguida, voltaram-se para baixo. Ela franziu a testa.

Ela então o olhou com uma sobrancelha levantada, com olhar de desafio, o qual ele estava começando a reconhecer, a resolução sobre seu rosto, diluindo sua boca em uma linha firme e teimosa.

—Acho que preciso me sentar. — Disse ela.

Ele se moveu instantaneamente para arrastar a cadeira de seda quebrada até ela. Posicionou-se atrás dela e ela se sentou, suas costas retas, seu corpo nu envolto firmemente nas dobras profundas da colcha.

Ela olhou para fora das janelas em direção a varanda e do horizonte e não fez nenhum som.

—Eu sei que deve ser chocante para você. Inacreditável. — Disse Leander, com esta calma não natural. Ele não podia imaginar o que estava por trás daquilo. A primeira vez que ele se transformou com onze anos de





idade, correu e gritou de alegria em círculos sobre o gramado de Sommerley.

Mas estava preparado. Sabia a vida toda o que ele era. Sempre quis isso. Enquanto Jenna...

Ele arrastou outra cadeira sobre o tapete e se sentou de frente a ela, enquanto ela apenas continuava olhando para fora da janela, em silêncio, imóvel como uma pedra.

— Acho que lhe devo um pedido de desculpas. — Ele começou, desconfortável com o contínuo silêncio dela. — Realmente não sabia que você iria... não é o seu tempo ainda, veja, nós ainda temos mais alguns dias, então pensei que teria mais tempo para explicar. Pensei em mostrar-lhe como eu... — Ele se conteve e passou a mão pelo cabelo grosso quando não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

Jenna lhe lançou um olhar longo e gelado que acabou com toda a suavidade entre eles. —O que mais eu posso fazer? — Ela perguntou, calma e controlada. Acusando.

Ele foi pego de surpresa pela diferença nela. Apenas um momento atrás, ela era dócil e suave em seus braços, o beijou com tanta paixão que se sentiu derreter. Ele ainda tinha o gosto dela em sua língua. Mas agora ela estava sentada ereta em sua cadeira e olhando para ele com punhais nos olhos.

—Eu não sei ainda. Não sei exatamente o que você vai ser capaz de...

—Mas você tem uma ideia. — Ela interrompeu, sua voz continuou com a mesma cadência baixa, hesitante que torceu o coração dele em nós. Suas feições encantadoras endurecidas em uma máscara de cautela.

Ela olhava para ele como se fosse um estranho.

Como se ele fosse um inimigo.





Desejou alcançá-la, encontrar a sua mão sob as camadas da colcha, apertá-la em seus braços, deslizar as mãos pelo peso de seu cabelo. Mas ele sabia que ela só iria recuar, então permaneceu na cadeira, com um aperto infeliz em seu estômago.

—Se você pode fazer a mudança para vapor, será capaz de se transformar em pantera também. — Disse ele. —É o que somos. É o que você é.

Desta vez ela nem sequer piscou. Seus olhos estavam claros, sombrios e insondáveis. O olhar dela cintilou até os lábios dele, em seguida, virou a cabeça novamente, ergueu o queixo e presenteou-o com seu perfil.

—Uma pantera. — Disse ela sem inflexão.

—Sim.

Uma pequena pausa e então: —Um *gato*.

—Tecnicamente, sim. Um gato.

Um pouco de ar escapou de seus lábios, o que poderia ser diversão ou desdém. Ela observou o calor do dia dobrar o ar em ondas brilhantes sobre os telhados da cidade além das janelas e seu nariz delicadamente se enrugou, como se cheirasse alguma coisa ruim.

—Maravilha. O que mais?

Leander recostou-se na cadeira e debateu-se sobre o quanto deveria dizer a ela. Este ar de civilidade entediado poderia ser a forma como ela reagia normalmente sob estresse ou poderia ser a calma antes da tempestade desabar. Ele não a conhecia bem o suficiente para julgar.

Ele *odiava* não a conhecer bem o suficiente para julgar.

—Não apenas qualquer gato, Jenna e certamente não a variedade domesticada. Você é um predador, um letal. Terá a velocidade e agilidade que todos os felinos possuem, mas será muito mais rápida, muito mais





forte. —Ele viu o jogo de luz sobre os contornos de seu rosto, observando cuidadosamente para ver sua reação. Para ver *qualquer* reação. Ela não teve nenhuma.

— Será capaz de ver claro como o dia através de uma noite muito escura. Será capaz de ouvir uma conversa sussurrada a meia milha de distância, o cheiro de uma tempestade a uma semana de distância e sentir tudo ao seu redor com perfeita clareza ininterrupta. Estará em sintonia com a natureza de forma que nenhuma outra criatura neste planeta poderá estar.

Mesmo depois de tudo isso, ela permanecia como uma esfinge: bonita, fria e imóvel.

A voz dele tornou-se um murmúrio. — Será capaz de sentir o batimento cardíaco da própria terra.

Isso pareceu chegar até ela, ainda que de leve. Seus lábios tremeram, ela respirou fundo e soltou a respiração silenciosamente pelo nariz.

— Suponho que você já sabia sobre alguns desses talentos durante anos. Deve ter percebido que era diferente. — Continuou ele, perguntando-se o que deve ter sido para ela esconder quem era, tentar agir como o resto das pessoas ao seu redor, embora ela fosse muito mais.

Imaginou-se vivendo uma vida entre os seres humanos e suprimiu um estremecimento.

Ele se inclinou em direção a ela e apoiou os cotovelos nas coxas. —Mas agora que você mudou para vapor, tudo vai ser exponencialmente mais forte. E uma vez que mudar para pantera, a onda de sensações será quase esmagadora. Para se desenvolver, para sobreviver. — Ele enfatizou. — Deverá aprender a controlar o quanto você deixa entrar.

Seus olhos procuraram o rosto dela. Jenna estava muda, sem expressão.





Era absolutamente enervante.

—Além disso, cada Shifter tem talentos individuais que varia em força. Você, por exemplo pode, obviamente, ler mentes com um toque da sua mão. Qualquer coisa que for capaz de fazer irá se revelar a você quando for a hora certa.

—E você? — Ela disse, quase inaudível.

Seu cabelo loiro brilhava como ouro e mel na luz, lançando um brilho quente sobre sua pele rosada e cremosa, iluminando suas feições com um brilho tão forte que era quase incandescente. No entanto, ele não fez nada para aquecer o gelo em seus olhos.

—Eu posso mudar para vapor também...

—Não podem todos mudarem para vapor? Todos os *Ikati*? — Ela o interrompeu.

—Não. Apenas um número muito reduzido, apenas os mais talentosos. A maioria de nossa espécie está presa a terra.

—Meu pai podia mudar para vapor?

Entre outras coisas, ele quis dizer. Mas isso não parecia prudente. — Sim.

Ela deu um pequeno aceno de cabeça satisfeito, em seguida, virou o rosto para olhar pela janela mais uma vez. Cruzou uma perna sobre a outra, enviando uma pequena lufada da fragrância, limpa e quente de sua pele ao nariz dele. Ele viu um esbelto pé descalço começar a dançar para cima e para baixo.

O cobertor cobrindo suas pernas se movia sobre um joelho, deixando a coxa descoberta, mas ela não pareceu notar. Ele cerrou os dentes.

—Morgan? Christian?





Ele não se importou com o som do nome de seu irmão na língua dela.

—Nenhum deles pode mudar para vapor. Morgan tem o poder da Sugestão...

—Sugestão? —Ela repetiu, sua voz aumentando uma oitava. Sua cabeça girou bruscamente e ela fitou-o com um olhar arregalado. —Como *controle da mente*?

—Você não viu isso quando você me tocou? —Disse Leander, surpreso.

Ele percebeu imediatamente que foi uma má escolha de palavras. Ela estremeceu e fechou os olhos por mais tempo do que um piscar de olhos. — Estava muito ocupada vendo tudo o mais. — Ela murmurou enquanto virava a cabeça. Tudo de uma vez, o equilíbrio natural e calma pareceu fluir para fora dela como água pelo ralo, deixando apenas uma sombra pálida de desgosto mal disfarçado achatando seus lábios.

Ela ficou em silêncio novamente.

Ele se forçou a permanecer relaxado, forçou-se a ter calma, lutou contra seu instinto de puxá-la de volta a seus braços. Após longos minutos de vê-la respirar e olhar o horizonte com olhos vidrados, ele falou.

—Existe mais alguma coisa que você quer me perguntar, Jenna? —Ele esperou pacientemente ela responder.

Ele esperou por um longo, longo tempo.

Jenna olhou para fora das janelas brilhantes. Ouviu o silvo fraco do tráfego nas ruas abaixo, sentiu o cheiro de pedra quente e rosas murchas surgindo do jardim de rosas, provou as cinzas de sua antiga vida em sua boca. Ela olhou para tudo, mas não viu nada.

Sua mãe a avisou que algo estava por vir. E agora isso estava aqui.

A sensação de seu corpo físico se dissolvendo em névoa foi a coisa mais emocionante — e assustadora — que ela já experimentou. Entrar em uma





corrente ascendente de ar quente, de costas achatadas contra o gesso gelado do teto, ela viu e ouviu tudo como antes, mas amplificado por mil. Como vapor ela era livre como um fantasma para passar e atravessar qualquer coisa que quisesse, tinha apenas que querer e poderia ir em qualquer direção.

Uma canção de alegria perfurou direto através dela quando percebeu que seu corpo desapareceu. Todo o peso de músculos e ossos desapareceu, a força da gravidade evaporada completamente, deixando nada além de ar, encantador e sem peso. Foi como voltar para o paraíso depois de ficar presa em uma cela escura por toda a eternidade.

Ela pensou que poderia morrer de pura felicidade.

Não era a primeira vez, é claro. Isso vinha acontecendo aos trancos e barrancos desde que fez dez anos, desde o dia em que seu pai desapareceu. Sua mãe lhe disse que ele nunca voltaria e ela se trancou em seu quarto e simplesmente se desintegrou em nada. Foi apenas por um momento e quase acreditou que imaginou isto, mas então aconteceu novamente e novamente e sempre quando ela estava com raiva ou de alguma forma fora de controle.

Esse foi o principal motivo para ela nunca ter um relacionamento de longo prazo com um homem. Uma vez que suas emoções se envolviam, uma vez que ela soltava o seu controle vigilante, estava tudo acabado. Isso não aconteceu em anos — foi muito cuidadosa.

Mas agora era totalmente diferente, esta mudança. Foi como um milhão de sonhos febris de libertação, foi como se sentir em casa. Ela teria prazer em deixar o mundo para trás e ficar como vapor para sempre.

Foi apenas a voz dele chamando-a de baixo que a trouxe de volta a partir da beira bonita do esquecimento. Havia um peso ressaltando o tom aveludado que a puxava de volta para a terra como um lastro. Era como se





ele estivesse no comando de sua vontade, como se o mero som de sua voz pudesse afetá-la tão profundamente que iria se afastar de tudo para obedecê-la, até mesmo do mais doce prazer que ela nunca conheceu antes.

Essa foi a parte assustadora. Ela não queria considerar o que isso significava.

Jenna lentamente encheu seus pulmões com o ar e disse um adeus silencioso a tudo o que existia para ela antes deste momento. Porque agora tinha a intenção de manter sua promessa a Leander, agora tudo mudou, agora que a chave foi empurrada pelo buraco da fechadura, girada e a porta aberta.

Agora que ela era Alice, no buraco do coelho.

Ela entendeu exatamente o que ele quis dizer quando disse que teria que aprender a controlar as sensações que deixava entrar; pensou que aprendeu como fazer isso anos atrás. Mas agora tudo estava ainda mais brilhante, ainda mais alto; o ambiente a esmurrava mais forte do que jamais fez antes.

Cada vez que ele respirava agora era forte em seus ouvidos, cada raio de sol que atravessava as janelas queimava seus olhos, cada cheiro no quarto e derramando através das portas do pátio abertas martelava implacavelmente.

A pele aquecida pelo sol, lã velha, seda perfumada, madeira polida, sabonete perfumado, lençóis recém-lavados, grama cortada, fumaça de carros, ar árido. Terra fecunda e céu aquecido, todos os animais por milhas ao redor, pulsando quente com sangue. Mas por baixo de tudo, algo novo, escuro e muito desagradável. O cheiro podre do desespero humano enfiado como uma mancha, elevando-se a partir das pessoas que se deslocavam sobre a terra abaixo picando seu nariz com sua selvagem mordida acre.





Tristeza. Solidão. Mágoa. Remorso.

Mais do que qualquer coisa que ele disse, isso mexeu com ela, quase às lágrimas, embora ela não fosse deixá-lo ver. Porque era humana, ainda assim, apenas metade *Ikati*. O sangue de sua mãe corria em suas veias, assim como o de seu pai.

Era a dor de sua mãe que cheirava em todas as pessoas abaixo. E seu pai...

—Você sabe onde está o meu pai? —Ela perguntou a Leander em um sussurro feroz, ainda olhando para fora sobre a cidade.

Ele respondeu sem hesitar. — Sim.

Ela mordeu o lábio com força para forçar de volta o soluço de alívio que queria escapar de sua boca. Ela não podia desmoronar agora, aquela não era nem mesmo sua pergunta mais importante. Ela viu um falcão peregrino voar preguiçosamente no céu azul sem fundo. Ele subiu em uma corrente ascendente, caçando, penas cinza e negras eriçadas pelo vento. Ela sentiu seus olhos penetrantes flutuarem sobre ela por um momento, então ele piscou e planou para longe.

Ela engoliu em seco, reuniu coragem e levantou seu olhar direto para o dele. —Ele está vivo?

Leander não respondeu de forma afirmativa, nem negativa. Ele só olhou para ela em silêncio e respirou ponderando.

Ela tomou isso como a resposta que ela temia. Seu pai estava morto, morto há anos, estava assim desde que desapareceu como éter, quando ela era uma criança. Ela fechou os olhos contra as lágrimas quentes que brotaram e lutou para engolir o punho que se formou em sua garganta.

Ela não sabia quanto tempo se passou antes que pudesse falar novamente. Apenas repetiu uma coisa em sua mente.





Você não vai deixá-lo vê-la chorando. Você não vai.

Quando ela finalmente falou, foi uma diretiva sussurrada. —Você vai me levar até ele.

—Irei levá-la a qualquer lugar na Terra que você queira ir. — Ele disse, seus olhos suaves.

Ela assentiu com a cabeça de volta para ele, uma dormência começou em seu coração. —Há outros — em Sommerley — outros como meu pai. Outros como você e... eu. Há mais de nós lá?

—Muitos outros. — Disse ele. Aquele olhar de lobo faminto iluminou seu rosto, a batida do coração dele soou forte e clara em seus ouvidos.

Ela sentiu seu desejo, quente e grosso como xarope de bordo. Ela cheirou a pele dele, provou os lábios, sentiu o calor de sua mão marcar a parte baixa de suas costas. E ela o queria também, embora isso fosse imprudente e louco: ele estava ali para sequestrá-la. Não poderia confiar nele.

Então, decidiu simplesmente não se permitir sentir nada por ele. Ela nunca iria deixá-lo entrar.

Com um esforço de vontade que não sabia que tinha, ela bloqueou tudo. O desejo dele — bem como o seu próprio — os ruídos, o assalto de cheiros e sensações. O mais difícil era sufocar o som do coração dele batendo. A batida estava ecoando e se recusava a desvanecer-se de seus ouvidos, embora se concentrasse com tanta força que quase parou de respirar.

—Eu quero algo de você agora, antes de irmos adiante. — Disse Jenna suavemente. Ela deixou seu olhar trilhar o rosto dele uma última vez, memorizando os planos e ângulos perfeitos do jeito que memorizou o rosto de seu pai há muito tempo atrás.





Outra bela lembrança que teria que apagar para sobreviver.

—Sim. — Ele respondeu, sua voz áspera. Estava sentado na cadeira tão tenso que parecia pronto para saltar. Seus olhos brilharam verde-claros, sobrenaturais. —Qualquer coisa.

Ela olhou para ele, os olhos, os lábios, o corpo tão forte e musculoso. Sua beleza era quase sublime, mas agora não sentia nada. No espaço de um único momento, seu coração se transformou em algo frio e estéril. Sem vida.

Jenna assentiu com a cabeça, satisfeita. Este amortecimento era bom. Isso iria ajudá-la avançar.

—Quero sua palavra Lorde McLoughlin. Na verdade, não. — Corrigiu-se com um leve empurrão de sua cabeça que enviou ondas de mel em cascatas loiras sobre a colcha. — Exijo o seu *juramento*.

—Qualquer coisa. — Repetiu ele, instintivamente levantando uma mão para ela.

—Prometa-me que você não vai me tocar novamente. — Disse ela, dura e fria como a geleira dentro dela.

A mão dele congelou no ar entre eles, Leander olhou nos olhos dela e encontrou uma nova dureza resoluta olhando para ele. Ele percebeu com um choque desagradável que ela estava falando sério.

Sua mão desceu lentamente para descansar no braço de madeira da cadeira. Ele considerou-a por um momento de silêncio e tudo pareceu parar no tempo. Partículas de poeira descansavam preguiçosamente em um raio de sol das janelas, suspensas no ar, suspensas como o batimento cardíaco dele.

Ele a encontrou. Desejou-a. Falhou em movê-la. Agora que ela deixou suas intenções claras, tinha apenas o seu dever de devolvê-la a Sommerley.





Permitiu que seu corpo rígido se inclinasse contra o sólido encosto de trás da cadeira. Sua resposta foi suave e muito baixa.

—Se isso é o que você exige, Jenna, você o terá.

Uma fração da tensão do corpo dela desapareceu. Ela ainda sorriu, um sorriso pequeno e tenso. —Bem, então. — Disse ela, um pouco mais brilhante. —Quando partimos?





CAPÍTULO DEZ

— ... e o beluga⁸. — Disse Morgan entre garfadas do caviar branco reluzente. —É excepcional. Você realmente devia provar.

Jenna franziu o nariz para o monte de ovas de peixe gelatinosas e olhou para fora pela janela com gotas de chuva. Eles estavam pousando. Grandes trechos de floresta esmeralda intercaladas com áreas de colinas verdes e paredes de pedra baixas levantavam-se para encontrá-los. Nuvens de trovão pesadas com chuva no céu escuro e ao longe, um raio solitário queimou o ar com um fugaz brilho elétrico.

— Pensei que o caviar fosse preto. — Disse Jenna para a janela, imaginando se o raio seria um mau presságio. —Ou vermelho.

—Os baratos são. — Morgan respondeu com um encolher de ombros que fez o tafetá preto estendido sobre os ombros sussurrar. A blusa era de corte baixo, justa, a frente com uma fileira de botões de pérolas delicadas. Ela mostrava mais do que uma pitada de decote, enquanto a saia minúscula mostrava o que pareciam ser dez milhas de bronzeado das pernas nuas. Com um conjunto de maçãs do rosto esculpidas, um brilhante e ondulante cabelo negro sobre os ombros e lábios vermelho-cereja, ela era bonita de uma forma intimidante.

⁸Um mamífero cetáceo dos mares do hemisfério norte, principalmente no Ártico de até 3,5 cm de comprimento e coloração geral branca, baleia-branca, golfinho-branco.





—Quanto mais velho o esturjão, mais leve o caviar é em cores e mais requintado o paladar. Esta é Almas, do Caviar House & Prunier em Londres. É o melhor que o dinheiro pode comprar.

Ela engoliu outro pedaço de caviar grosso espalhado em um ponto de uma torrada levemente coberta com manteiga e suspirou de prazer. —É o céu, nada menos. Deixe-me fazer uma para você. — Ela cavou a pequena colher de madrepérola dentro da tigela de cristal a frente dela na mesa de jantar. Cheirava levemente a água salgada e avelãs.

Mas Jenna estava sem apetite.

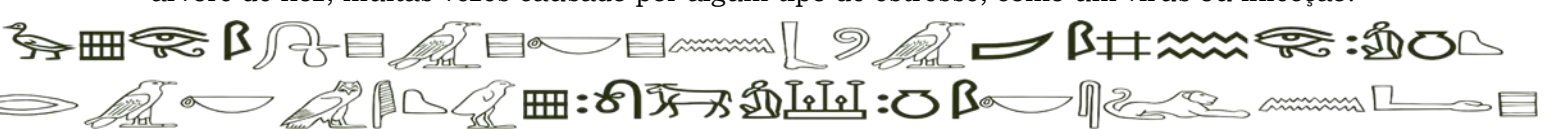
Não era o voo de onze horas de Los Angeles no jato particular de Leander que estava a incomodando. Isto foi uma introdução ao tipo de luxo ao qual Jenna nunca foi exposta: mesas feitas de burlled walnut⁹ com bancos de couro macio em tons de chocolate e bege, uma enorme TV de tela plana montada acima do sofá. Até o tapete debaixo de seus pés era bonito; felpudo e grosso da cor das areias do deserto.

O interior aberto e elegantemente decorado da cabine imitava a grande sala da mais confortável e luxuosa mansão. Eles tinham até mesmo um mordomo.

Era a uma hora de carro para o sul de Hampshire a partir do Aeroporto de Heathrow que a preocupava.

Leander não falou uma palavra com ela desde que eles entraram no avião, exceto para dizer que o mordomo estava disponível para qualquer coisa que pudesse precisar. Em seguida, ele retirou-se para o canto mais distante da cabine e passou todo o voo lendo, o rosto pétreo sempre que ela olhava sorrateiramente.

⁹Um tipo de madeira de nogueira. É na verdade, um crescimento anormal ou deformidade em uma árvore de noz, muitas vezes causado por algum tipo de estresse, como um vírus ou infecção.





Isto não deveria incomodá-la. Isto *não* a incomodava. Apenas que agora todos os quatro estariam se dirigindo para Sommerley juntos, no mesmo carro. E seria forçada a falar com ele, forçada a sentar-se ao lado dele, provavelmente.

Estaría cativa ao cheiro dele. Por sua proximidade. Pelo sufocante e agonizante desejo que sentia.

Ela esticou-se no assento e olhou para fora da janela, conforme o capitão avisava pelo alto-falante que chegariam a Londres dentro de alguns instantes e que deveriam afivelar os cintos de segurança e permanecer sentados durante o restante do voo.

Merda. Ela estava prestes a saltar do banco e sair correndo. Mais uma vez.

Morgan olhou para ela sob os cílios e voltou a colher de caviar não consumido para a taça de cristal. —Relaxe. — Ela murmurou, o mais desprotegido dos sussurros. —Uma vez que nós chegemos a Sommerley você não terá que ficar tão perto dele. Terão seus próprios quartos. O lugar é realmente muito grande, você pode ficar sem vê-lo por dias.

Ela enviou-lhe um lento sorriso e piscou.

Jenna sentiu a subida do sangue em suas bochechas. —Eu não sei o que você quis dizer.

Morgan empurrou o prato que segurava a tigela de caviar, os pontos de torradas com manteiga e um copo gelado de vodca e começou a recolher suas coisas do lugar vago ao lado dela: um casaco de cashmere preto, bolsa de couro Kelly, uma pilha de brilhante revistas de moda.

—Quero dizer que ele nos disse por que você concordou em vir conosco. E o que você exigiu dele para fazer isso.

Ela não conseguia pensar em nada inteligente para dizer em resposta. — Oh.





—Sim, *oh*. — Morgan zombou dela suavemente, um sorriso aquecendo seu rosto. —E eu entendo completamente. Ele pode ser realmente um chute no...

Ela parou e olhou para onde Leander estava sentado. Ele virou uma página de seu livro e ignorou as duas. Sua voz ficou ainda mais baixa. — Embora eu não possa dizer que Christian esteja chateado por causa dessa notícia.

Agora Morgan lançou um olhar em direção a Christian, que estava reclinado com os braços cruzados sobre o peito no sofá de couro do outro lado da cabine. Ele estava olhando para o teto, sem piscar, seu grande corpo tenso como uma prancha. De vez em quando, um músculo se flexionava em sua mandíbula, mas isso era tudo. Observando-o, o sorriso de Morgan desapareceu um pouco.

O olhar de Jenna disparou para Leander. Sua mão parou na página.

—Bem, isso é bom de ouvir. — Jenna murmurou, seu olhar ainda no rosto de Leander. —Sobre o quão grande é Sommerley, quero dizer. Isso tornará mais fácil para todos, tenho certeza.

Leander não deu nenhuma indicação de que a ouviu. Ele continuou olhando para o livro em seu colo. Então um dedo começou a tocar, um ritmo silencioso e constante contra a capa traseira.

Jenna percebeu que se ela quisesse e manter escondido algo dele, teria que começar a agir.

—Então, como isso funciona? — Jenna virou a cabeça para olhar mais uma vez para a paisagem escura subindo para encontrá-los. Um subúrbio agora, as casas iluminadas e os minúsculos carros em movimento sobre as ruas varridas pela chuva. —Todos os *Ikati* vivem em uma casa grande juntos, como uma comunidade?

A risada zombeteira de Morgan fez Jenna olhar para ela.





—Oh, por favor. — Ela fez uma careta, apenas uma onda delicada em seu lábio superior. Ela olhou para Leander, em seguida, continuou num tom mais claro. —Sommerley é como qualquer outra pequena cidade, exceto que é mais... escondida. Eu gosto de fingir que é um resort exclusivo, como um refúgio numa ilha que apenas alguns privilegiados podem visitar. — Ela sorriu, quase melancólica. —O que quase é. Há a praça principal e escolas, lojas e tudo mais que você esperaria em uma cidade. Também tem vastas florestas escuras, colinas verdes e um céu que se estende para sempre.

Ela jogou uma mecha de cabelo escuro por cima do ombro e olhou para fora da janela. —Eu acho que é um dos mais belos lugares do mundo, mas... — Ela encolheu os ombros e seu triste sorriso desapareceu, deixando o rosto pálido e sombrio. —Eu realmente não sei. Tenho muito pouco para comparar.

Um suspiro escapou de seus lábios. —De qualquer forma, todos vivem em suas próprias casas, assim como os humanos, exceto que temos muito mais espaço. Nós não somos exatamente animais de matilha, precisamos de nossos próprios territórios. O Alfa vive na propriedade principal com Christian e sua irmã, Daria...

—O *Alfa*? — Jenna interrompeu, sobrancelhas arqueadas. — É assim que vocês chamam o Leander?

Morgan olhou para ela com um olhar tranquilo, diversão em seus olhos verdes. —Isso é o que ele é, Jenna.

Ah sim. Às vezes era muito difícil acreditar que debaixo daquele exterior elegante e refinado batia o coração de uma fera, uma criatura de vapor, presas e feitiçaria. Ela o olhou mais uma vez, esquecendo por um momento seu voto de indiferença e simplesmente o admirou.

—Então ele é... o líder. Ele está no comando?





Morgan jogou um olhar verde elétrico sobre Jenna. —Claro. Você não poderia dizer só de olhar?

—E exatamente quantos de vocês... de nós... estão lá? Por que a Inglaterra? Quer dizer, as panteras não vivem em florestas tropicais?

—Originalmente, nós éramos sim. África, diz a lenda, embora panteras possam sobreviver em qualquer área florestal com abundância de presas. Eu não estou a par de todos os dados, porque eu sou a... — Ela se conteve e fez um pequeno gesto impotente com a mão. —Eu nunca prestei muita atenção aos anciãos da tribo e suas histórias de criação.

De alguma forma, Jenna não acreditou naquilo. —Mas por que os *Ikati* não estão em todos os lugares, então? Por que vocês são os três únicos outros que eu já conheci? Além do meu pai, eu quero dizer.

A sombra de algo que Jenna não pode identificar cruzou o adorável rosto de Morgan. —Porque ao contrário dos humanos que se reproduzem como coelhos, muitos dos *Ikati* são inférteis. A maioria deles, na verdade. E está ficando pior a cada geração. Menos de uma meia dúzia de tribos existem agora, espalhadas por todo o globo. Nepal, Canadá, Brasil e Sommerley.

—E Leander é o Alfa de todos eles?

Ela sorriu, divertida. —Tenho certeza que queria ser. Mas não, cada tribo é composta por um Alfa e uma Assembleia formada pelos homens mais poderosos da tribo. — Seu sorriso se aprofundou. —Eu diria pelas pessoas mais poderosas da tribo, mas, tanto quanto sei, eu sou a única mulher a servir em uma Assembleia.

—E ninguém sabe sobre qualquer coisa. — Jenna ficou maravilhada. — Vocês vivem no aberto e ninguém pode dizer que vocês são diferentes.

O sorriso de Morgan desapareceu. —Não é a céu aberto. Nunca a céu aberto. Nós não podemos.





—Por que não? Não seria mais fácil, ou melhor? Só para ficar... fora?

Morgan inclinou a cabeça e olhou para Jenna. Seus olhos brilhavam a luz fraca cabine. —Deve ser bom acreditar que a natureza humana seria tudo menos cruel com algo tão diferente.

Jenna se sentiu vagamente insultada. —Nunca se sabe. Você pode se surpreender com a forma que as pessoas podem ser. Há alguns ovos podres, claro, mas no geral...

—Pelo seu jeito mundano, eu temo que você seja mais do que apenas um pouco ingênua. — Ela interrompeu calmamente. —Não há nada que a mente humana despreze mais do que a diversidade, não importa o que você foi levada a acreditar. Ou você é igual ou você é diferente. — Sua voz era plana. —E ser diferente é o mesmo que ser o inimigo.

Jenna pensou em todas as pessoas agradáveis que conheceu em sua vida, embora nenhuma delas por muito tempo. —Acho isso difícil de acreditar.

Morgan lançou lhe um olhar, delicadamente desdenhoso e triste. —Você vai ter que acreditar em mim nesse quesito.

O avião sacudiu quando aterrissou. A mão de Morgan voou para a garganta.

Jenna franziu a testa para ela. —O que foi?

Ela balançou a cabeça um pouco, engoliu em seco e acenou com a mão no ar, em um gesto de desprezo. —Eu odeio voar. Eu me sinto tão fora de controle — você não pode *ver* nada.

—Sério? Deus, eu amo voar. — Respondeu Jenna. —Nós nos mudávamos muito quando eu era criança, costumava pensar que nós possuíamos o nosso próprio avião. Sempre sentava no assento ao lado da janela para que eu pudesse olhar para as nuvens e fingir que estava sozinha, voando livre com o vento. Meu pai costumava me dizer que eu tinha a alma de um pássaro.





Ela fez uma pausa, a lembrança de seu pai provocando o gosto amargo de sal na boca. O gosto de lágrimas. —Eu sempre quis ser um falcão. — Ela murmurou. —Então poderia voar para longe e deixar o mundo para trás, com todos os seus segredos e misérias.

Pelo canto do olho, Jenna viu a cabeça de Leander subir e inclinar em direção dela.

—Bem, é apenas a minha segunda vez em um avião. — Disse Morgan, inclinando-se para pegar uma pequena bolsa a seus pés. —Eu vou ser feliz quando puder colocar meus pés de volta no chão. — Ela se sentou e manteve os olhos afastados. Jenna sentiu que era de modo deliberado.

—Deixe-me adivinhar. Sua primeira vez foi o voo para Los Angeles.

A boca de Morgan se torceu em um sorriso irônico. —Eu realmente não saio muito. — Disse ela, com a voz sombreada com sarcasmo tranquilo.

O avião estremeceu até parar. Em um movimento rápido, Leander soltou o cinto de segurança e saltou para seus pés. Ele se moveu silenciosamente pelo corredor arejado da cabine para frente do avião e desapareceu atrás da parede da cozinha.

—Você pode parar de fazer buracos no teto com seus olhos agora, Christian. — Morgan olhou para onde ele estava estendido na frente da cabine. Ela se levantou e recolheu seu casaco e bolsa. —Estamos aqui.

Ele virou a cabeça e deu a Jenna um olhar examinador por muito tempo, antes de se levantar. Era o mesmo olhar que ela muitas vezes viu Leander dar a ela, o que a fez corar exatamente da mesma maneira. Ela desviou o olhar rapidamente e se concentrou em desafivelar o cinto de segurança e recolher suas coisas.

Ela não precisava ter se preocupado com o carro. No momento que ela, Morgan e Christian descerem do jato com passos lentos pela pista molhada sob





enormes guarda-chuvas pretos mantidas no ar pelo mordomo e um dos tripulantes, Leander se moveu rapidamente para longe em uma das duas limusines pretas elegantes que esperavam a poucos passos de distância.

—Imbecil. — Morgan murmurou baixinho enquanto observava as luzes traseiras vermelhas do carro desaparecer na noite. Os pneus jogavam para trás chuva em um spray que captavam a luz e transformou-o em uma chuva de cristais arco-íris.

Jenna fingiu ignorar a compressão que sentia dentro de seu peito, enquanto observava a velocidade do carro se distanciando. Ela respirou fundo, deixando o cheiro escuro e desconhecido de turfa molhada, urze e musgo se estabelecer sobre sua pele, permeando o nariz. Era ao mesmo tempo fresco e convidativo, familiar e estranho.

—Bem. — Disse Christian de pé bem atrás dela. —Mais espaço para nós três.

Ele estalou os dedos e deu um sorriso rápido e hesitante para Jenna conforme um motorista uniformizado saltava para fora do carro. O motorista correu para o lado deles e abriu a porta preta e pesada da limusine, em seguida, ficou parado, estoico e sem piscar, sem encontrar os olhos de qualquer um deles.

Christian fez um gesto para a porta aberta, seus olhos penetrantes. — Minha cara dama. — Ele murmurou. —Depois de você.



Leander ligou antes para se certificar que tivesse um carro só para ele. Ele imaginou que precisaria de uma fuga rápida após onze horas confinado em um





espaço pequeno — ainda que luxuoso — envolvido pelo cheiro e pelo som calmo e agradável da voz dela.

Ele estivera absolutamente certo.

Esfregou a mão cansada sobre o rosto e deixou a cabeça cair para trás contra o encosto almofadado do carro. Deus, sua cabeça doía. Permanecer em um lugar por esse período de tempo, desejando permanecer imóvel contra cada instinto que se alastrava dentro dele deixou um torno latejante em volta de seu crânio que estava muito perto de virar uma enxaqueca.

Ele não estava acostumado a ficar parado. Não estava acostumado a ter seus desejos negados.

Ele viu a noite passar por ele em flashes, em manchas de cores suaves e leves, borradas com o brilho da chuva e da velocidade com que o motorista dirigia pelas estradas estreitas e se perguntou o que Jenna tinha que ele achava tão atraente. Tão intoxicante.

Naturalmente houve outras mulheres. Dezenas delas, verdade seja dita. Sua juventude foi gasta em estudos, esportes e tradições da tribo, mas havia tempo de sobra para matar na floresta com alguma coisa atraente jovem, bastante tempo para explorar.

E ele explorou.

Para o filho do Alfa, que um dia seria nomeado Alfa, não faltavam parceiras dispostas. Criaturas bonitas com pele reluzente e os olhos de bronze, acenando-lhe descaradamente com convites sem papas na língua, propostas feitas com palavras, olhos e corpos magros. Ele conhecia todas as melhores clareiras na floresta, todos os cantos escuros com a grama macia para rolar.

Mas mesmo com todas as artimanhas e beleza, nenhuma dessas panteras de sua juventude o fez sentir algo além de uma excitação juvenil. Ele ainda não tinha se apaixonado.





Observou seus pais em busca de pistas. Eles tiveram uma união feliz.

Depois de trinta e cinco anos de casamento, eles ainda davam as mãos, Ainda se beijavam e lançavam olhares quentes e prolongados um ao outro.

Era desse jeito em sua espécie. Eles eram monogâmicos. Eles se acasalavam para a vida. Uma vez que votos de casamento eram trocados na pequena capela de tijolos vermelhos em Sommerley, nada poderia separar marido e mulher. Nenhum caso, nenhum divórcio, nenhuma crise de meia idade atormentava os *Ikati*.

Apenas a morte os separava.

De certa forma, seus pais tiveram sorte. Embora o acidente tenha sido horrível, eles se foram juntos. Pensou que seu pai teria ficado com o pior de tudo, se ele tivesse sido o único a sobreviver ao acidente sem sua mãe. Leander o imaginou vagando pelos corredores vazios de Sommerley, perdido como uma criança, soluçando em sua xícara de chá.

Eles eram inseparáveis na vida. De alguma forma, parecia apropriado que eles fossem inseparáveis na morte.

Ele passou a mão sobre a sua cabeça latejante e pediu ao motorista para ir mais rápido. Queria estar de volta em sua própria cama esta noite. Precisava dormir, dormir *bem*. Estava sendo torcido pela dor do constante desejo que Jenna despertou nele, uma dor que ficava afiada como uma lâmina quando ela estava perto e entorpecia a um zumbido crônico de descontentamento quando não estava.

Ela era pequena, arrojada, forte e linda além de qualquer descrição, imprudente e valente ainda assim cheia de uma vulnerabilidade que mexia com ele. Era obstinada e inteligente, era calor, fogo e calma, um mistério feminino, tinha sabor de rosas selvagens e chuva, mas ela não era dele.

Nem, como ela tão claramente demonstrou, queria ser.





Sua cabeça caiu para trás contra o encosto de cabeça mais uma vez. Ele pressionou os dedos nas cavidades dos olhos e soltou um longo suspiro.

Quando finalmente fizeram uma parada suave antes dos maciços portões de ferro que ficavam no início da longa estrada que levava até Sommerley, as esperanças de Leander de uma boa noite de sono foram frustradas.

Um pequeno quadrado de tecido foi colocado acima do pilar de pedra à esquerda, balançando no vento.

Era uma bandeira vermelha. O sinal da Assembleia para o perigo.





CAPÍTULO ONZE

Jenna encontrou o botão no braço do assento que operava a janela matizada preta. O cheiro de grama encharcada, chuva e noite invadiram o interior quente e mal iluminado da limusine conforme a janela se abaixava silenciosamente. Ela se inclinou para fora para olhar com espanto para os três metros de paredes de pedra talhada, a guarita com câmeras de segurança, o arame farpado afiado artisticamente escondido além dos portões pelo bosque de figueiras, a brilhante folhagem escura aparada precisamente na altura certa.

—Parece uma fortaleza. — Disse ela, maravilhada. As paredes de pedra bruta iam do portão principal em qualquer direção, tão longe quanto os olhos podiam ver, sumindo na escuridão enquanto marchavam longe dos holofotes. — O que vocês estão tentando manter do lado de fora?

—O mundo e todos os seus segredos e misérias. —Christian respondeu suavemente, sua voz uma carícia lânguida vinda da parte da frente do sedan.

Ele estava reclinado, as pernas longas esparramadas casualmente contra o banco atrás do motorista. Ele olhou para ela e Morgan, que se sentavam juntas no assento de couro longo na parte traseira. A janela de vidro esfumado entre o compartimento principal e o motorista estava levantada, reluzindo como uma coroa escura ao redor da cabeça de Christian conforme refletia a luz das lâmpadas a partir das janelas e refletia de volta.





Seu rosto estava envolto em sombras, mas seus dentes perfeitos e brancos brilharam quando ele sorriu. Mesmo em meio à escuridão, ela sentiu o calor específico de seu olhar e sentiu uma pontada de pânico. Ela estava louca por aceitar ir até ali? Estes *Ikati* iriam comê-la viva? Mas depois foi distraída por Morgan, murmurando baixinho ao lado dela.

—É mais o que estamos tentando manter *dentro*. — Ela moveu seu peso no assento ao lado de Jenna e cruzou os braços magros sobre o peito.

Jenna franziu a testa. Quanto mais próximo de Sommerley, mais Morgan ficava sombria. Ela esgueirou uma espiada em Morgan, que olhava pela outra janela, dura e pálida, os lábios franzidos.

—O que isso significa? — Ela perguntou.

— Você verá. — Respondeu Morgan ameaçadoramente, ainda olhando para longe.

Um grito de estática vindo de fora a assustou. O motorista falou em uma caixa de microfone montada em um poste fino ao lado da garagem. A estática mudou para uma voz metálica, em seguida, um tilintar eletrônico conforme os portões de ferro estavam automaticamente sendo abertos.

Os portões se abriram lentamente passando pela guarita de pedra, as janelas negras olhando como olhos vazios. A limusine foi para frente.

Sommerley era como ela se lembrava das imagens arrebatadas da mente de Leander, só que parecia muito mais vasto e intimidante agora que ela estava de pé no cascalho branco da unidade circular, alheia ao criado uniformizado — *Ikati*, ela sentiu, como motorista — que estava levemente curvado enquanto ele segurava a porta aberta atrás dela.

Era intimidante e também muito bonito.

Ali havia jardins bem cuidados com pingos de chuva como joias e com arestas de ervas aromáticas, borbulhantes fontes de alabastro e estatuas





nuas, um enorme pórtico arredondado, com colunas de mármore em estilo palladiano¹⁰ destacado pelos focos escondidos nos arbustos por baixo. Atrás da casa principal se esticavam vales profundos e selvagens envoltos em nevoa cinza azulados como dedos grossos e curvados para um horizonte escuro além. A floresta.

A lua era uma pérola marfim no céu, lançando seu brilho pálido sobre tudo.

Ouvindo a serenata dos grilos e sapos coaxando e a trituração de cascalho sob os pés, eles foram levados para dentro por um empregado com luvas brancas através de portas de ferro com duas vezes a altura de um homem e Jenna não pode evitar suspirar para o que estava dentro.

Ela foi surpreendida a partir do momento que pisou através das portas, atingida por beleza, vozes e passos ecoando, Christian e Morgan a sua frente e ao empregado por trás, a confusão de uma dúzia de diferentes perfumes exóticos em seu nariz de uma só vez, ela ficou deslumbrada pelas paredes cobertas de seda, tetos abobadados em estilo barroco e lustres cintilando com um brilho frio acima.

O brilho do piso era interrompido constantemente por tapetes persas grossos, uma lareira de mármore queimava brilhante em cada cômodo pelo qual eles passaram, por porcelana chinesa e vasos de cristais cheios de petúnias perfumadas e orquídeas adornavam as mesas de madeira entalhada de uma grande sala que esbanjava ouro.

¹⁰Estilo arquitetônico derivado da obra prática e teórica do arquiteto italiano Andrea Palladino. Usava uma série de conceitos matemáticos para estabelecer as proporções que eram associadas a filosofia.





Relógios faziam tique-taque, tecidos farfalhavam e vozes murmuravam de dentro do labirinto que era a mansão e sempre com lembrete das criaturas que andavam pelos corredores deste lugar mágico:

Havia estátuas de panteras — furtivas, caçando e andando em ônix polido, mármore e bronze — em todos os lugares.

—Por favor, permita-me acompanhá-la aos seus aposentos, Lady Jenna.

Outro criado uniformizado estava falando com ela, curvando-se enquanto mantinha seu olhar para baixo e gesticulava em direção a escadaria em espiral dupla que levavam para o segundo andar. Ele também exalava o fino sussurro de poder dos *Ikati* e Jenna concluiu que todos em Sommerley eram *Ikati*, até mesmo os criados. A julgar pela forma como Morgan falou sobre diferenças, os seres humanos seriam as últimas criaturas convidadas ali.

—Oh, por favor. — Ela disse ao homem curvado. — Você pode me chamar de Jenna.

Isso pareceu assustá-lo, mas ele se recuperou rapidamente, piscando rápido o suficiente para deixá-la saber que este era um pedido muito incomum. —Sim, minha senhora, se isso lhe agrada. — Ele murmurou, então recuou silenciosamente em direção às escadas.

Jenna franziu a testa para o recuo dele. Lady Jenna?

—Eles estavam esperando por você. — Explicou Morgan, fazendo uma pausa para arrancar um figo de uma bacia de cristal Waterford em um console de madeira de cerejeira a alguns centímetros de distância. Ela o virou em seus dedos, levantou-o para seu nariz, em seguida, colocou-o de volta na tigela com uma fungada. —Estou faminta. Aquele pouco de caviar que eu comi no avião não diminuiu em nada o meu apetite.





Ela tirou um fiapo invisível da manga da blusa de tafetá preto e suspirou, olhando para o espelho com moldura dourada acima do console, a parede pintada de marfim e creme, o teto abobadado elevando-se acima. Sua expressão azedou.

—Quem estava me esperando? — Perguntou Jenna.

—Ora, todo mundo. — Disse Morgan. Um sorriso apareceu em seu rosto e Christian, de pé ao lado dela, com os braços cruzados e as pernas abertas, deu um suspiro suave.

—Nós temos que comparecer a uma reunião, Jenna, por favor, perdoe-nos por deixá-la por um tempo. — Disse ele olhando para Morgan. Ela assentiu com a cabeça. — Mas jantaremos mais tarde, se estiver com fome. Ou pode ligar para cozinha para ter algo levado para o seu quarto.

Morgan acenou em despedida por cima do ombro. —Eu tenho que me limpar. Vejo você mais tarde, Jenna. — O criado segurando as malas de Morgan prestou atenção quando ela passou, em seguida, a seguiu mantendo uma distância de dois passos dela, uma criatura letal vestida com saltos stiletto pretos, tafetá e cashmere, andando pelo corredor arejado em direção a um conjunto de portas esculpidas e com painéis embutidos de madrepérola.

—Fique longe de problemas. — Disse ela com uma risada baixa enquanto fechava as portas atrás de si.

Jenna olhou para Christian.

Seu corpo vibrava com um crepitar, a tensão elétrica pareceu aquecer o ar ao seu redor. Ele sorriu para ela com uma intensidade que fez seus olhos queimarem e fez o coração dela palpitar.

— Tenho certeza que não poderia entrar em qualquer problema por aqui. — Disse ela, vagamente envergonhada, embora não soubesse por quê.





—Sério? — Seu olhar era firme. —Você está tão segura assim?

Ela fez um pequeno ruído de incredulidade irritada. —É essa a sua forma de tentar fazer com que eu me sinta melhor? Porque não está funcionando.

Houve uma pausa longa, então ele se aproximou, lentamente, o fogo ainda queimando em seus olhos. Ele parou a poucos passos de distância, quase tão alto quanto Leander, musculoso e substancial e ela precisou olhar para cima para segurar seu olhar.

—É a minha maneira de dizer para você ter cuidado, Jenna. — Disse ele. — Alfas são conhecidos por conseguirem o que querem. Por quaisquer que sejam os meios possíveis.

Envergonhada por isso, o rosto inflamado. —Devidamente anotado. — E não que isso seja da sua conta, mas não há nada entre Leander e eu e não tenho nenhuma intenção de mudar isso.

Christian olhou para ela por alguns segundos, a cabeça inclinada como se pesando a verdade de sua declaração. Em seguida, hesitante, com um olhar conflituoso como se ele não quisesse, mas simplesmente não pudesse se conter, estendeu a mão e tocou levemente um dedo na bochecha quente dela. Ela endureceu e vendo seu desconforto, a expressão em seu rosto mudou de conflito para dor. Ele deixou cair sua mão e seus olhos ficaram terrivelmente tristes.

—Ele não precisa da sua permissão. — Ele murmurou. —Você está no mundo dele agora. Não há ninguém que vai impedi-lo de fazer qualquer coisa que queira. —Seu olhar vagou sobre o rosto dela, por sua garganta, para o colarinho aberto da blusa de seda branca, e as bochechas dele coraram. —Nada mesmo.





Ela resistiu ao impulso de dar um passo atrás e em vez disso endireitou os ombros. —Eu posso cuidar de mim mesma.

Seu olhar cintilou de volta para o dela e ele assentiu. Um canto de sua boca se elevou. —Eu sei que você pode. — O sorriso torto desapareceu e as sobrancelhas se juntaram. Suas próximas palavras saíram em uma desastrada, precipitação desarticulada. —Mas... se precisar... qualquer coisa... estarei aqui para você... ficaria feliz em... você sempre pode... o que eu quero dizer é que eu quero... eu quero...

Ele gaguejou até parar e ela franziu a testa para ele, esperando. Ele ficou ainda mais vermelho, olhou para longe e soltou um suspiro duro. Em seguida, ele amaldiçoou e escondeu seu rosto atrás de uma mão como se estivesse envergonhado e foi quando várias coisas se encaixaram de uma vez.

Ela percebeu que Christian estava lhe oferecendo mais do que apenas a ajuda dele.

Seu pulso ficou irregular. Ela ficou presa na empatia — ela conhecia o peso que a solidão terrível e saudade poderiam ter — excruciante da autoconsciência e o forte desejo de fugir para a noite de luar e deixar toda essa insanidade para trás. Respostas, *ela lembrou a si mesma*. Eu vim aqui por respostas e eu não vou embora até consegui-las. Não importa o *quão* estranho isso fique.

Ela colocou sua determinação como uma armadura e lembrou o que sua mãe dizia quando as coisas ficavam especialmente ruins — Mantenha a calma e siga em frente. — Ela procurou no escuro pela coisa certa a dizer e soube que realmente quis dizer aquilo quando ela enfim falou.

—Obrigada. — Disse ela.

A cabeça de Christian se levantou e ele olhou para ela, esperando.





—Quero dizer... — Ela estava momentaneamente distraída pela aura dele, queimando perigosa entre eles, ela tentou se recompor e dizer algo coerente que não tornaria a situação pior. — Quer dizer, espero que possamos ser amigos, porque preciso de todos os amigos que puder conseguir. E você parece alguém que eu posso confiar.

Ela se arrependeu imediatamente da escolha dessa frase em particular.

Os olhos dele se fecharam por mais tempo do que apenas um piscar de olhos e uma dor urgente contorceu seu rosto, e em seguida desapareceu. Ele abriu os olhos e seu olhar passou sobre a figura dela com uma fome tão palpável ela sentiu como uma mão em sua pele.

—Você não deveria confiar em mim. — Disse ele, sua voz áspera. —Se eu fosse Alfa já a teria reivindicado para mim, independentemente do que você queria. Pelo menos meu irmão está mostrando alguma restrição. — Ele fez uma pausa, sua respiração ficou irregular. —Eu não faria isso.

Agora, ela deu um passo para trás, não apenas um passo, mas dois, de repente grata pelo criado esperando nas escadas, o qual estava olhando concentrado para baixo, para seus próprios sapatos.

—Eu não acredito nisso. — Disse ela, assustada. —Você é um cavalheiro.

Ele riu, um som escuro, cruel e diminuiu a distância entre eles em um longo passo. Ele pairava sobre ela, grande e masculino e ameaçador. — Sou? — Ele pegou a mão dela, abriu sua camisa com um forte puxão que fez alguns botões voarem e pressionou a palma da mão contra o seu peito musculoso e nu. Ele segurou-a lá quando ela engasgou e tentou se afastar. — Você pode ler mentes, então me diga o que você vê Jenna. — Ele disse, os olhos queimando. —Diga-me exatamente o quão cavalheiro eu sou.





Ela conseguiu desvencilhar-se e se afastar tropeçando, com mão na boca, tanto fraca quanto furiosa, o raio das imagens ainda queimando em sua mente. Elas eram um amontoado de carnalidade, ternura e cores vivas borradas pela velocidade, imagens deles trancados juntos em beijos apaixonados e em um ato sexual ainda mais apaixonado, imagens de crianças que pareciam ser uma combinação dos dois e algumas estranhas cenas distorcidas de um grande número de pessoas se curvando para ela que foram substituídas rapidamente pela enchente avassaladora de representações pornográficas de seus lábios dizendo sim enquanto ela estava montada nele, debaixo dele, arqueando-se contra ele em êxtase.

Vendo o choque evidente dela a mudança súbita dele de bom para mau, os lábios de Christian torceram em um sorriso sem alegria. —Não confunda-nos com seres humanos, Jenna. Os *Ikati* são animais. E como todos os animais, nós estamos preocupados com apenas três coisas: hierarquia, território e procriação. —O olhar abrasador dele viajou sobre seu corpo, persistente e quando ele olhou em seus olhos novamente sua boca ficou seca de medo. Ele abriu a boca e disse: — Mas cada vez que estou perto de você eu só consigo pensar em uma delas.

Em seguida, ele virou-se e afastou-se, deixando-a sem fala e tremendo no corredor frio.



— Outro corpo foi encontrado. — Veio a voz lacônica do Visconde Weymouth conforme Leander entrava nos confins aquecidos pelo fogo da Biblioteca Leste. Ele parou na porta e olhou para os homens reunidos, cada





um deles com o rosto pálido de medo, parecendo que acabaram de sair da cama: olhos turvos, cabelos despenteados, barbas por fazer nos rostos.

Todos eles tinham esposas e filhos, casas e trabalho. Todos eles tinham algo precioso para proteger.

Leander não se preocupou em desfazer as malas ou comer ou até mesmo remover suas roupas de viagem. Ele foi ali diretamente da limusine. Sabia que eles estariam esperando, provavelmente estavam esperando por horas e que era seu dever tomar decisões.

Rapidamente.

Com um encolher de ombros estava fora de seu pesado casaco de lã. Jogou-o sobre uma cadeira em seu caminho para tomar o seu lugar na cabeceira da mesa de mogno retangular. Ele não se sentou, mas agarrou a parte de trás da madeira esculpida da cadeira do Alfa, olhou para a congregação em silêncio, ouvia o crepitar da madeira seca conforme era queimada e as batidas, os assustados batimentos cardíacos batendo contra as costelas dos homens de sua tribo.

Ele acenou para Morgan conforme ela entrava através da porta e tomava seu lugar habitual, então franziu a testa enquanto Christian, sombrio, com a mandíbula cerrada e com a sua camisa azul oxford desabotoada até a metade do peito, a seguiu. Sem olhar na direção de Leander, Christian ficou na frente da lareira, cruzou os braços sobre o peito e olhou para as chamas.

Leander voltou sua atenção para o Visconde Weymouth. —Diga-me. — Ele ordenou.

—Fora da tribo de Quebec desta vez, congelado em um lago apenas começando a derreter. Eles acham que pode ter estado lá desde o inverno. — O visconde deslizou um jornal francês para ele do outro lado da mesa longa.





Uma fotografia desfocada mostrou o corpo nu de um homem que estava sendo retirado do lago por uma equipe de funcionários locais.

Tal como o primeiro corpo descoberto em março fora da tribo de Bhaktapur no Nepal, este foi decapitado. O que ele não poderia dizer a partir da foto era se tinha sido queimado também.

Leander fez um cálculo rápido. Dois corpos em apenas alguns meses, possivelmente até mesmo menos se eles pudessem estabelecer a hora da morte para este novo corpo. Ambos achados muito perto de tribos *Ikati*, ambos sem cabeça.

Esta era a marca registrada dos seus antigos inimigos, os Expurgari. Torturar a vítima, queimá-la viva e cortar sua cabeça. O que eles faziam com as cabeças, nenhum dos *Ikati* sabia.

Mas foram descobertos, por que não mais vítimas? Por que não um ataque direto?

—O corpo foi identificado? — Perguntou Leander, puxando o jornal, quase temendo tocá-lo. Ele olhou para a foto e leu a legenda abaixo: *Corpo do ativista desaparecido encontrado em lago congelado perto de Mt. Tremblant.*

—Sim. — Respondeu Visconde Weymouth, os nervos em frangalhos transparecendo em sua voz. — Era Simon Bennett.

Leander sentiu o sangue se esvaír de seu rosto.

Bennett era um ativista ambiental, lutando por leis mais duras sobre a poluição, defendendo a energia limpa e um movimento em direção aos estilos de vida mais naturais, trabalhando para trazer harmonia entre o homem, os animais e o planeta. Trabalhando para impedir a superpopulação, o desperdício de recursos naturais e parar a destruição da mãe deles, a Terra.





Trabalhando aos olhos do público, para impedir a invasão dos habitats da população local de pumas, lince, e onças. Panteras.

Como Visconde Weymouth, os dois homens mortos eram Guardiões das Linhagens.

Leander lentamente olhou em volta para os rostos na sala, rostos que conhecia toda sua vida, os homens que cresceram com ele ou cuidaram dele como um menino, como o filho do Alfa. Homens que ele jurou proteger uma vez que se tornou o próprio Alfa.

Se os Expurgari tinham obtido qualquer informação destes homens antes de serem mortos, se tivessem torturado estes homens que conheciam todos os segredos de suas tribos, cada membro dentro delas, cada localização de sua espécie em todo o mundo...

Ele agora sentia a mesma semente de medo que viu nos rostos de todos estes homens se plantando firmemente no solo de seu coração, criando raízes e crescendo com suas folhas negras.

—Guarde a tribo. Tome todas as precauções. Ninguém entra, ninguém sai. Edward. — Disse ele, virando-se para olhar para o rosto pálido do Visconde Weymouth. —Convoque uma reunião do Conselho de Alfas imediatamente, aqui em Sommerley.

Ele tomou uma respiração longa que parecia como ácido marcando seus pulmões e falou as palavras que reconheceriam seus medos, que mudariam toda a sua vida a partir daquele momento em diante.

—Eles nos encontraram novamente. Preparem-se para a guerra.





CAPÍTULO DOZE

Jenna acordou lentamente em um quadrado suave de luz solar que se derramava como mel através das janelas em seu quarto no segundo andar. Com os olhos ainda fechados, ela inalou uma profunda respiração, o cheiro da manhã e de algodão recém-lavado suave no nariz. Ela esticou os braços e as pernas languidamente debaixo dos lençóis lisos, enrolando os dedos dos pés, flexionando os dedos.

Essa cama era tão confortável, tão grande e deliciosamente quente. Estava tão acomodada embaixo do linho fino, que era como se ela tivesse dormido em uma nuvem.

A vizinhança estava tranquila hoje. Sem o ruído do calçado, sem caminhões de lixo retumbando sobre o asfalto nas primeiras horas da manhã, sem conversas abafadas através das paredes finas de seu apartamento. Os únicos sons eram os lençóis deslizando sobre sua pele nua quando ela rolou de costas e o gorjeio de um pássaro solitário, uma nota pura erguida e tremendo no amanhecer rosa e orvalhado.

O silêncio era inquebrável, idílico, e *muito* incomum...

Suas sobrancelhas se juntaram. Era um feriado? Um domingo? Por que estava tudo tão silencioso?

Seus olhos se abriram. Uma faixa de tecido cintilante aquecida pela luz solar entrou em foco, organza açafrão e damasco com ouro, dobrado e amarrado entre quatro postes de mogno com franjas de seda pesadas.





Jenna deu um salto e olhou ao redor do quarto em uma névoa de confusão. Ela não reconheceu nada.

Paredes pintadas de coral e baunilha, cobertas com papel de parede delicado de jardins, hera escalando e jasmim cor de lavanda e verde. Móveis adequados a um palácio: uma escrivaninha francesa, um sofá de seda, tapeçarias penduradas, esculturas em madeira, cadeiras e almofadas de veludo em desordem sobre um divã. Janelas altas do outro lado da parede leste revelando o início de uma manhã de verão, inundando tudo com uma onda de brilho âmbar rosa.

Levou segundos de pânico antes de sua memória fluir e ela pudesse respirar novamente.

Inglaterra. Sommerley. O quarto dela. *Ikati*.

Leander.

Ela se lembrou que sonhou com ele, ali neste quarto dourado conforme a luz do sol ao longo do horizonte aquecia a escuridão debaixo de suas pálpebras fechadas para âmbar e ouro polido. Sonhou com o rosto dele, seus olhos e o timbre sedoso e doce de sua voz conforme ele pronunciava as vogais do nome dela.

Ela sonhou com ele e com a floresta escura além de suas janelas, uma floresta que acenava para algo profundo e escuro dentro dela, uma floresta que ela explorou com ele ao seu lado, uma musculosa pantera ébano que se movia através das árvores, samambaias e arbustos silenciosamente, exceto pelo sussurro fino do vento deslizando sobre a pelagem elegante.

Não nos confunda com seres humanos, Jenna. Os Ikati são animais...

Ela teria que fazer algo sobre Christian e Leander e ela não tinha ideia do que. Fugiu para a segurança relativa do quarto ricamente feminino na





última noite depois de seu confronto com Christian e não saiu por nenhuma vez sequer, nem mesmo para comer.

Covarde.

Exasperada, ela atirou para trás o edredom pesado e pegou o robe de seda pura marfim deixado pela empregada que arrumou sua cama. Ela jogou-o sobre os ombros e com um puxão, amarrou o cinto em volta da cintura.

Ela sentiu tapete felpudo, em seguida, o mármore frio sob seus pés enquanto ela caminhava através do quarto banhado pelo sol para o banheiro adjacente. Ela estendeu a mão para torneira da pia para lavar o rosto, mas sua mão ainda estava no meio do caminho quando viu uma bolsa acolchoada de cosméticos na bancada de mármore ao lado de uma saboneteira que parecia ser de ouro maciço.

A bolsa de maquiagem *dela*.

Ela endireitou-se e franziu a testa.

Leander esperou do lado de fora do apartamento dela na limusine, enquanto ela fazia as malas no dia anterior. Ele deu a ela vinte minutos. Ela jogou tudo o que pensou que precisaria para uma viagem curta em uma única mala de couro, mas não se lembrava até esse momento que deixou sua bolsa de maquiagem para trás.

Não que isso importasse, porque de alguma forma ela estava *aqui*.

Ela pegou a bolsa, deixando que seus dedos passassem sobre o tecido familiar, a costura acolchoada. Ela abriu o zíper; tudo estava embalado ordenadamente dentro.

Jenna se virou e olhou para a porta de vidro fosco do closet. Ela colocou a bolsa em cima da pia, puxou a faixa de seda mais apertado em volta da cintura e caminhou até a porta.





Quatro pares de jeans, uma meia dúzia de camisetas, calcinhas, meias, dois pares de sapatos. Isso foi o que jogou na mala. Isso foi tudo que coube em sua mala.

Mas o que ela estava olhando agora — dobrado em nichos de mogno, empilhado em prateleiras de rolamento, pendurado em cavilhas de madeira polida, situado em prateleiras deslizantes fila após fila — era o seu guarda-roupas inteiro.

Cada peça de roupa que ela possuía estava organizada em perfeita ordem, cor por cor, camisas, vestidos, bolsas e sapatos, todos alinhados, dobrados e dispostos dentro do closet. Suas joias, abrigadas em bandejas de veludo dentro de quatro gavetas em uma grande ilha central. Suas calcinhas, dobradas como lenços e arrumadas por cor nas gavetas do outro lado. Até sua lingerie estava pendurada em cores do arco-íris em uma seção, categorizados das mais claras as mais escuras, em seguida, pelo comprimento dentro do espectro de cores.

Além de tudo o que possuía, havia coisas que ela não reconheceu. Vestidos formais, vestidos simples e vestidos de noite enchiam um comprimento de parede e sobretudos e casacos em cada estilo e cor enchiam o outro. Uma terceira seção foi dedicada inteiramente a bolsas e sapatos, muitos que ela reconheceu como sendo de grife e extremamente caros.

E não foi realmente uma surpresa para Jenna quando ela espiou as etiquetas nessas roupas estranhas e belas. Tudo era do seu tamanho.

Ela ficou imóvel no centro do grande quarto, tentando decidir o que fazer. Apertou as mãos com força contra os lados da cabeça e fechou os olhos com um suspiro pesado.

Foi exatamente nesta posição que Leander a encontrou.





—Avise-me se isso ajudar com a dor de cabeça. — Disse ele. —Eu não encontrei nada para curar a minha própria dor.

Ela cheirou a fragrância especial de almíscar e especiarias exóticas muito antes de sentir o tremor fraco do assoalho sob o passo dele viajar até sua espinha para fazer um nó de tensão sob seu estômago, Jenna não se virou ao som da sua voz.

—Eu geralmente acho. — Disse ela, olhando amargamente para um vestido Valentino vermelho com uma fenda alta até a coxa. — Que jogar algo pesado contra uma parede é uma maneira satisfatória de aliviar uma dor de cabeça. Especialmente se quebrar em um milhão de pedaços.

Ela olhou por cima do ombro para ele.

—Uau. — Ele encostou-se no batente da porta com um sorriso pálido. —Eu não sabia que você tinha essas tendências violentas. Se quiser posso providenciar um vaso de porcelana. Imagino que daria o mesmo efeito.

Havia sombras tênues sob seus olhos. Ele estava com a mesma camisa de seda preta e a calça que usava no avião, só que agora ambas estavam amassadas. Debaixo de sua pele de ouro, ele parecia pálido.

—Ou talvez ajudasse se você me dissesse por que todas as minhas roupas estão neste closet.

Ele olhou para ela. —Porque é o seu closet. Onde mais elas poderiam estar?

O tremor em seu estômago começou a queimar.

—Em minha casa. Onde deveriam estar. — Disse ela. Uma veia pulsava em sua testa e ela lutou contra a vontade de pressionar os dedos contra ela.

— Onde é exatamente que estão. —Respondeu ele, suave como a seda.

Ela lançou um olhar afiado para ele. —Não brinque comigo, Leander, por favor. Deixando de lado por um momento a logística de como todo o





meu guarda-roupa chegou aqui durante a noite, só me diga por que está aqui e a quem pertence as outras coisas —

Era incrível para ela que, embora ele não se mexesse ou contraísse um único músculo conforme se inclinava casualmente contra a porta, ainda conseguia exalar uma corrente de ação voraz, como uma bolha que tomava conta de tudo ao seu redor.

No entanto, hoje havia tensão escura sob o verniz de elegância sem esforço, uma pitada de algo que ela não viu antes. Preocupação?

— Pensei que poderia precisar de um guarda-roupa mais completo do que o trouxe com você, então... — Ele encolheu os ombros, uma imagem tranquila. — Pedi a Morgan que encontrasse algumas coisas para você. Ela adora moda e adora fazer compras, como deve ter notado.

As palmas das mãos de Jenna ficaram úmidas, mas estava determinada a não deixá-lo ver seu pânico crescente. Podia ser uma covarde, mas certamente não iria deixá-lo saber este pequeno fato. — Que generoso. Mas não era necessário, irei embora em poucos dias. Voltarei para casa.

Ele lentamente levantou as sobrancelhas.

—Minha casa real. — Ela esclareceu, respirando de forma constante contra o sangue fluindo através de suas veias. —Onde eu vivo.

Algo brilhava feroz em seus olhos, mas diminuiu conforme seu sorriso aumentou, trazendo uma covinha na bochecha. —Espero que tudo sirva. Embora devo admitir. — Ele murmurou, deixando seu olhar passear sobre a seda do roupão dela. —Gosto muito deste *traje* em particular.

E ali estava novamente, a coisa que sempre surgia entre eles, o calor e a atração. Apesar de seus melhores esforços contrários, não havia como ignorar ou diminuir o desejo que existia entre eles. Agora que ela o provou, agora que sentiu o tenso e musculoso peso de seu corpo sobre o dela, ela só





tinha que olhar para seus lábios suavemente curvados para sentir algo queimar em seu estômago.

Agora ela sabia o que ele poderia fazer com ela e assim como a fera arranhando sob a pele dela.

Ela parou por um momento, concentrando-se no pulso latejante de calor entre eles, tentando fazê-lo desaparecer.

—Eu odeio interromper a sua contemplação à minha camisa. — Disse ele, confuso. — Tenho certeza que tem todo tipo de mancha interessante sobre ela, desde que fiquei acordado a noite toda, tentando...

—Você não pode me manter aqui. — Disse Jenna, cada palavra clara e exagerada conforme ela se endireitava para enfrentá-lo. —Você não pode me manter aqui contra a minha vontade.

—Contra a sua vontade? Você está aqui contra a sua vontade? —Ele perguntou suavemente. —Porque acredito que foi você quem me pediu para trazê-la aqui. Exigiu, na verdade.

Sangue corou mais profundamente suas bochechas, mas ela não se permitiu qualquer outra reação. —Como um gato, brincando com sua presa. — Disse ela calma. —Brincando com um rato meio-morto até se cansar e devorá-lo inteiro.

—Que opinião charmosa você tem de mim. — Ele disse, imperturbável. — Eu lhe asseguro, não tenho planos imediatos de devorá-la. E você, minha querida, não é um rato meio morto.

Ele sorriu, um sorriso perigoso e lânguido. —Não, você é algo mais traiçoeiro do que isso, não é? — Ele murmurou. — Algo que poderia encantar os pássaros para fora das árvores com um golpe desses seus cílios, mesmo com esses olhos de gelo.





—Qualquer coisa que eu seja, eu não sou nada como você. — Ela atirou de volta.

Seu sorriso desapareceu. —Sim, amor, temo que você seja. — Disse ele. —Receio que você seja *exatamente* como eu.

Eles olharam um para o outro, a tensão dolorida entre eles, até que um estrondo alto interrompeu o silêncio. O estômago de Jenna, rosnando com fome.

—Perdoe-me. — Disse Leander, se empurrando do batente da porta para ficar ereto. —Você não comeu. Por que não se veste e se junta a mim no café da manhã?

—Eu realmente tenho escolha?

Ele se virou com um sorriso reprimido e caminhou até a porta do quarto. —Estarei esperando do lado de fora. — Disse ele. —Não tenha pressa. — A porta se fechou atrás dele com um suave clique.

A sala onde comeram era elaborada, como tudo neste lugar, enfeitada com tapeçarias coloridas penduradas em uma parede longa e uma galeria de retratos com molduras douradas iluminadas de cima na parede oposta. Havia porcelana com detalhes em ouro, copos de cristal cheios de suco de laranja espremido na hora, cestas de doces espanados com açúcar e bolinhos de framboesa, um prato amontoado com uvas vermelhas e fatias finas de queijo Camembert cremoso que derretia em seus dedos.

Havia comida suficiente para alimentar um pequeno exército, mas havia apenas três deles na mesa.

A mulher que se sentou em frente a Jenna olhava recatadamente para baixo em sua xícara de chá de porcelana, sua mão delicada vibrava ao redor de sua garganta como uma borboleta agitada, enquanto observava o vapor se enrolar como dedos minúsculos da xícara quente. Apesar de ser de





manhã, ela usava pérolas e um vestido de cetim marfim com uma costura ouro intrincada que brilhava sob a luz lançada de cima. Seu cabelo era do mais negro ébano com um pouco de prata, afastado de seu rosto de ossos finos. Algumas mechas soltas se curvaram ao redor das maçãs do rosto como se elas se recusassem a ser domados.

Ela parecia uma boneca rara e preciosa, que acabou de ser removida de um cofre trancado.

—Leander me contou que você é uma apreciadora de vinhos finos, Jenna. — Ela disse suavemente, levantando as pálpebras para olhar para Jenna acima da borda da xícara de chá. Ela tomou um gole delicado e colocou a xícara florida de volta em um pires combinando, seu olhar suave demorando em Jenna. Seus olhos eram mais pálidos, com um verde mais claro do que seus dois irmãos.

Ela foi apresentada por Leander como sua irmã mais velha, Daria. Leander sentou-se em silêncio à direita de Daria, franzindo as sobrancelhas para seu prato, como se ele o tivesse ofendido.

—Bem, isso pode ser um leve exagero. — Jenna respondeu com cuidado, observando Leander rasgar um bolinho com os dedos. Ele não comeu nada desde que eles se sentaram. — Eu amo vinho. Aprecio tudo que vem nele — a paixão, o trabalho duro, a arte. Mas não tenho renda disponível para ser uma colecionadora real. No entanto, tenho uma amiga que é. — Jenna sorriu, pensando na Sra. Colfax. —Ela me ensinou tudo o que sei sobre o vinho.

Daria sorriu de volta, um pouco do calor passando para seus olhos. — Sim, é bom ter amigos. — Ela respondeu. — Pessoas que podem ajudá-lo em momentos de necessidade. — Ela abaixou o olhar para o prato, agarrou o





garfo levemente entre os dedos, e espetou um pedaço de melão com os dentes dourados.

—De fato. — Murmurou Leander. Ele fez sinal ao criado, que se adiantou com uma bandeja de prata e distribuiu um pouco de seu conteúdo no prato de Jenna: fatias de carpaccio de carne temperado no azeite de oliva, tão finas que eram quase transparentes.

—Eu não poderia estar mais de acordo. — Disse Jenna. —Embora às vezes me pergunte como distinguir um amigo de inimigo. É tão fácil ser enganado por lobos em pele de cordeiro.

Jenna observou boca de Leander se torcer em um sorriso sarcástico. O bolinho em seus dedos estava completamente destruído agora, espalhado sobre o prato em minúsculos pedaços de pálidas migalhas, cravejadas de framboesa.

—Isso mesmo. —Daria concordou. —As pessoas podem ser bastante traiçoeiras, não podem? Mas sempre se pode contar com a família. — Ela sorriu novamente para Jenna, sua expressão aberta e envolvente. —Você vai se encontrar com mais deles em sua festa. — Acrescentou levemente.

Jenna olhou para ela perplexa. —Mais deles?

—Da família. —Daria respondeu, sempre enigmática.

—Morgan insistiu em dar uma festa, Jenna, se você se lembra. — Interrompeu Leander. —Espero que você não se importe, ela não consegue fazer esse tipo de coisa com muita frequência. Uma vez que coloca algo na cabeça não pode ser persuadida.

—As pessoas realmente precisam de uma distração da monotonia. — Disse Daria. Ela alisou a palma da sua mão sobre sua saia conforme Leander olhava para ela, um músculo em sua mandíbula tensionado. —Esperamos que você possa encontrar algo em seu closet para vestir. — E acrescentou,





enviando a Jenna um olhar de soslaio. Seu rosto levantado, como se ela reprimisse um sorriso.

Algo nas maneiras de Daria lembrou Jenna de sua mãe. Ela tinha a mesma elegância sem esforço, as mesmas maneiras encantadoras, uma forma de te deixar à vontade mesmo que você fosse um perfeito estranho. Para sua profunda surpresa, gostava dela.

Jenna abaixou o garfo e pegou o copo de cristal. Conforme ela engolia um gole do suco de frio e cítrico, Leander falou novamente.

—Eu definitivamente não usaria o Valentino vermelho se eu fosse você, no entanto. Pedi a Morgan para devolvê-lo. Não acho que ficaria bom com seu tom de pele.

Daria olhou para ele com as sobrancelhas levantadas. —*Très gentil, mon frère.* — Ela murmurou. —*Charmante comme toujours.*

Para esconder a raiva que o insulto espontâneo de Leander deflagrou, Jenna apertou os dedos ao redor de seu copo. Ela olhou para as pinturas a óleo ao longo da parede oposta e não teve problemas para ler as palavras que foram gravadas nos pequenos letreiros de ouro abaixo dos retratos.

—Só por curiosidade. — Disse ela, engolindo uma mordida do delicioso carpaccio. —Por que vocês têm um retrato de Maria Antonieta na parede?

Daria e Leander trocaram um olhar. Ele balançou a cabeça, quase imperceptivelmente.

—A condenada *Reine de France* era uma ancestral nossa, minha querida. —Daria respondeu, batendo com um guardanapo de linho no canto de sua boca. —A última rainha puro sangue dos *Ikati*.

—Rainha dos *Ikati*. Certo. — Jenna tentou manter o rosto neutro, composto. —Claro. E o retrato abaixo do dela, o de Michelangelo?





Agora foi a vez de Leander falar. — Você realmente pensou que a Capela Sistina foi criada por algo tão simples quanto um ser humano? — Ele parecia vagamente decepcionado.

—Que tola eu sou. — Jenna murmurou enquanto seus olhos se moviam sobre a galeria de retratos. Sua surpresa se transformou em choque quando ela leu todos os nomes.

Amenemhet I; Cleopatra; Michelangelo; Sir Charles Darwin; Sir Isaac Newton...

— Chamamos isso de Galeria dos Alfas, Jenna. Os retratos que você vê são uma história pictórica de nossos líderes mais poderosos, de volta para o início da nossa linha ou pelo menos o mais próximo que podemos imaginar.

Daria pegou sua xícara de chá e tomou outro gole delicado. —Nós costumávamos viver bastante em campo aberto, mas depois que aqueles terríveis romanos tomaram conhecimento de nós... — Ela encolheu os ombros com tristeza e abaixou a xícara. —Começamos a ser caçados. Fomos expulsos; a maioria de nossa espécie foi morta. Nós realmente nunca estivemos seguros desde então.

—Caçados? — Disse Jenna, assustado. —Você foram caçados pelos romanos?

Daria parou por apenas um momento mais longo do que um piscar de olhos. —Entre outros, sim.

—Expulsos de nossa terra natal. — Disse Leander baixinho, estudando o rosto de Jenna —Declarados inimigos de Estado, algo a ser exterminado a qualquer custo. Então nós nos escondemos.

—Aprendemos a nos misturar. —Daria concordou, acariciando um dedo ao longo da curva delicada de flores pintadas e porcelana sob sua mão. —Nós interagimos com os humanos quando necessário, é claro, para o





comércio ou para outros fins, mas nunca deixamos eles saberem o que realmente somos. É muito perigoso.

—Mas isso foi há centenas de anos. —Jenna protestou. — Milhares. Vocês não acham que poderia ser diferente agora? Tanta coisa mudou desde então, as coisas são muito melhor em tantas maneiras...

—As pessoas não mudaram desde o início dos tempos. —Daria declarou simplesmente, ainda olhando tristemente para a sua xícara. —Elas só estão ficando piores para nós com o passar dos séculos. Nos anos 1300, lendas surgiram de que as bruxas poderiam se transformar em gatos para disfarçar suas atividades e demônios montavam em panteras negras gigantes para irem a suas reuniões a meia noite. Porque eles não nos compreendiam, eles nos tomavam como bruxas, consortes do diabo. Foi quando os primeiros Expurgari surgiram...

—Os Expurgari? — Interrompeu Jenna.

Daria ergueu o olhar pálido para o rosto de Jenna. —Os *purificadores*. — Disse ela em um tom abafado, como se simplesmente dizendo a palavra iria invocá-los. —Eles são um pequeno ramo da Igreja — assassinos treinados, muito brutais, muito militantes, com fé inabalável em seu dogma de morte. Por toda a Europa gatos foram queimados, afogados, jogados de campanários das igrejas, usados como alvos de tiro com arco. Mais uma vez os *Ikati* permaneceram em segredo para sobreviver. Embora nossa força e astúcia nos ajudassem a prosperar, embora tivéssemos acumulado riquezas e os nossos líderes terem se tornado *Lordes* no mundo humano, não estamos seguros. E nós nunca estaremos. Assim, embora possa parecer incrível que criaturas como nós fomos forçados a fazê-lo, nós duramos por séculos por simplesmente... nos escondermos.





Jenna foi esmagada por isso. Ela pensou em seus pais, como eles fugiram, ano após ano, como sofreram. Uma dor aguda floresceu sob sua caixa torácica.

—Esconder-se nunca é a resposta. Posso dizer-lhe a partir da minha experiência pessoal. — Ela levantou o olhar para o rosto de Leander. Seus belos olhos se estreitaram. —Tudo aquilo do que você está fugindo, eventualmente, irá te encontrar, quer você goste ou não.

Ele tomou uma respiração longa e deliberada, olhando para ela, com o rosto impassível.

— Certamente espero que você esteja errada. — Disse Daria calmamente, ficando mais pálida do que era antes. —Porque o que está procurando os *Ikati* é muito desagradável, de fato. —Ela estremeceu levemente, em seguida, acenou para o criado pairando para remover seu prato.

Jenna olhou novamente para a parede de retratos, ignorando o olhar penetrante de Leander e deixou o olhar vagar sobre as filas de telas a óleos emoldurados, movendo-se em direção ao fim.

O último da fila no topo era um retrato de Leander, em lápis de carvão e escuro, todo sobrelanceiras arqueadas e maçãs do rosto sombreadas. Somente a curva agradável de seus lábios cheios suavizava sua expressão. Na placa abaixo lia-se, *Leander McLoughlin, sétimo conde de Normanton*. Ao lado do seu, segundo a partir do final — *Charles McLoughlin, sexto conde de Normanton*.

Ele era um homem bonito, apenas um pouco menos travado e leonino que seu filho, com os mesmos olhos verdes e uma ampla testa. *O pai dele*, ela pensou, surpresa que alguém tão enigmático e de outro mundo tenha sido formado de uma maneira tão normal. Ele parecia tão auto-suficiente e





tão no controle de si mesmo e de todos os outros, que ela não conseguia imaginá-lo como uma criança, sendo ensinada a andar, a falar, a ler. Parecia muito mais provável que foi formado de espaço e estrelas e apenas se forçou à existência.

Seu olhar cintilou sobre Leander, que agora estava olhando para ela com um olhar de antecipação estranho. Ela franziu a testa para ele, e isso lhe valeu um sorriso divertido.

Com um suspiro, ela olhou novamente para a parede e seus olhos caíram sobre um nome esculpido em ouro que a deteve. Era o retrato ao lado do pai de Leander, terceiro a partir do final, que capturou perfeitamente o olhar de resignação estoica que ela conhecia tão bem.

Rylan Moore, 13º Duque de Grafton.

O copo de cristal escorregou de seus dedos e se quebrou como uma bomba no chão.





CAPÍTULO TREZE

Jenna não conseguia parar de se desculpar por sua falta de jeito, embora Daria repudiasse suas explicações com um aceno elegante de sua mão e um olhar afiado para Leander.

—Sua surpresa é perfeitamente compreensível, Jenna. Eu não tinha ideia de que isso não foi contado para você. Presumi que Leander explicou tudo isso antes de você chegar.

Ela assistiu enquanto o criado limpava os últimos cacos de vidro com uma pá de lixo e afastava-se atrás de uma porta de recesso antes que ela voltasse seu olhar mais uma vez para Jenna. —É apenas um copo, afinal. — Ela sorriu, empurrou para trás em sua cadeira. —Espero que me desculpe, mas tenho de ir. Meu marido, Kenneth, se preocupa se fico fora por muito tempo, especialmente agora...

Leander estava ao lado Daria e ofereceu-lhe a mão quando ela se levantou em um fluido, movimento elegante de membros delgados e saias farfalhantes. —Imbecil. — Ela murmurou baixinho enquanto aceitava a mão com um sorriso frio.

—*Merci*. — Murmurou Leander, mantendo o rosto cuidadosamente neutro. Ele sabia que nenhuma delas ficaria contente se ele se permitisse sorrir.

Embora ele ficasse. Contente, é claro.





Ainda que de uma forma miserável. Ele estava imensamente satisfeito por ter finalmente conseguido uma reação de Jenna e igualmente mortificado pela dor que viu em seus olhos quando ela reconheceu o retrato de seu pai. Ele só tinha a intenção de sacudir-lhe o suficiente para olhar por baixo do exterior gelado que ela ostentava; ele escolheu este espaço para o café da manhã deliberadamente.

Mas agora ela parecia totalmente desorientada e trêmula. Ela tinha os olhos arregalados, assustada como um cervo atingido por faróis. Um cervo prestes a ser atropelado por um caminhão muito grande.

—Eu vou deixá-los, então, Daria murmurou quando ela se virou, olhando para ele a partir do canto do olho.

Ela sempre teve o sentido mais agudo da justiça, sua irmã mais velha. Sempre quem insistia em jogar limpo, mesmo que a entregasse ou tirasse sua vantagem. Ela tinha coração mole e era compreensiva com erros, era muito parecida com a mãe deles.

Ela virou-se para dar a Jenna um sorriso caloroso. —Foi um prazer conhecê-la, Jenna. Espero que possamos passar mais tempo juntas depois que o Conselho de Alfas acontecer.

—O Conselho de Alfas? — Jenna ecoou. Ela estava olhando para a mesa, a comida, os criados alinhadas ao longo da parede, mas ela não estava olhando para ele e definitivamente não estava olhando para o retrato do pai na parede.

Com uma pequena, exalação assobiada de respiração, Daria falou por entre os dentes. — Vejo que você tem muito que discutir com Jenna, Leander. Tente não deixar nada de fora. — Disse ela, seus olhos pálidos como gelo acima seu sorriso sereno.





Ela soltou sua mão e virou-se, deslizando passando pelas tapeçarias, criados e retratos, o perfume de rosas de chá e creme para as mãos demorando-se atrás dela. Sua cabeça estava em ângulo rígido que lhe disse que ele levaria uma bronca mais tarde.

Leander se voltou para Jenna ainda sentada em sua cadeira, toda rosa, ouro e sonhos, distraidamente triste, seu equilíbrio perfeito quebrando.

Daria está certa, ele pensou com uma pontada de culpa, *eu sou um imbecil*.

—Talvez um passeio no jardim. — Ele sugeriu bruscamente, jogando o guardanapo na mesa. —É uma bela manhã. Talvez você gostasse de ir lá fora?

—Lá fora... — Murmurou ela, saindo de sua contemplação da uva sem semente que segurava entre os dedos. Ela a deixou cair em seu prato e se levantou abruptamente, raspando a cadeira pelo chão com um guincho.

Ela piscou para ele, finalmente despertando. —Sim. Lá fora seria... melhor.

Através do labirinto de corredores que levavam da galeria para as portas francesas na traseira da mansão, Jenna permaneceu em silêncio, movendo-se graciosamente ao seu lado, ignorando os olhares velados e especulativos dos criados enquanto eles passavam.

Apesar de estarem sempre de cabeça baixa, com expressões impassíveis, cada um deles estava profundamente e instintivamente interessado nela.

Todos em Sommerley sentiu sua chegada. Ela era nova, diferente e poderosa. Mesmo os criados eram dados a fofocas e especulações. Todo mundo sabia quem ela era e por que estava ali e ele não podia lutar contra





seus instintos de vê-la, de olhar para ela, não importava quantos olhares duros lhe desse silenciosamente.

Por duas vezes ele a sentiu olhar para ele, mas quando virou a cabeça, ela já tinha desviado o olhar.

Eles passaram através das portas francesas para a manhã fresca e úmida, os passos golpeando levemente contra as lajes de mármore. Ele olhou para o céu e para a profusão de nuvens brancas e lavanda flutuando suavemente ali como tufos de lã, esvaziadas de sua carga de chuva. Um nó de estorninhos marcou o horizonte pálido, um novelo preto conforme eles se levantaram da copa das árvores, piscando na luz como mercúrio cinza prata.

Era malditamente bom obter uma lufada de ar fresco. Ele esteve confinado na Biblioteca Leste a noite inteira, discutindo estratégia e logística com mais de uma dúzia de outros homens privados de sono e agitados, o ar foi inalado tantas vezes que ficou rançoso e úmido.

Leander colocou guardas no perímetro do território deles. Os poucos que podiam mudar para vapor flutuavam como pequenas nuvens, a deriva, patrulhando em conjunto com dezenas de animais elegantes e letais ocultos nas sombras da floresta. Suas ordens eram explícitas.

Se você vir qualquer pessoa nova, qualquer um que não seja Ikati, mate.

Seu olhar alcançou Jenna. Ele não podia correr nenhum risco, não agora.

Ela usava um vestido sem mangas de algodão pálido coral, apertado ao redor de sua cintura fina, uma das poucas peças elegantes que Morgan escolheu para ela. Era feminino, macio e dava cor às bochechas de marfim.





O vestido o fazia pensar em algodão-doce e sorvete de morango batido à mão e muitas outras coisas deliciosas e rosas que ele gostaria de lambar.

—Eu sou o primeiro ser humano a vir aqui? — Jenna perguntou enquanto algumas empregadas que estavam regando vasos de flores escarlates e roxas congelaram, fizeram medidas rápidas, em seguida, fugiram, com os olhos arregalados e sussurrando, através das portas francesas das quais Jenna e Leander tinham acabado de sair.

—Você não é humana. —Leander a corrigiu. —Você é mestiça. Essas são duas coisas muito diferentes. — Eles desceram os degraus de mármore da colunata sombreada para a imensidão verde dos gramados mais baixos. O ar mudou ao redor dele, doce, espesso, com umidade, o cheiro de alecrim e do jardim de rosas, livre da poluição atmosférica que sufocou seus pulmões em Los Angeles.

—Mas todo mundo aqui é como você.

Ele inclinou a cabeça.

—Então, como vocês decidem quem fica no comando? Como você decide quem é um criado, e quem entra na Assembleia?

—Quando nos estabelecemos aqui gerações atrás, a cada um foi atribuído a uma tarefa específica de acordo com os seus Dons. Os mais talentosos eram membros da Assembleia e os menos talentosos eram servos, com uma dúzia de camadas diferentes entre eles. É basicamente o mesmo desde então. Muitas das empregadas domésticas, cozinheiras e lacaios aqui agora tinham bisavós que serviram meus bisavós.

—E eu suponho que ninguém opina em tudo isso? A palavra do Alfa é lei?

Os lábios de Leander torceram em um sorriso. —Isto não é uma democracia.





—Foi o que me disseram. — Disse ela, sombria, mas não acrescentou nada e ele se perguntou o que Morgan disse a ela na viagem do aeroporto. Nada de bom, ele apostava.

Ele parou ao lado de uma cerca viva com alecrim e se virou para olhar para ela. —Há mais uma coisa que você deve saber.

—Só uma coisa? — Ela respondeu, olhando em frente para floresta que começava a ficar manchada com a luz solar além dos vales e bosques e que escurecia conforme se aprofundava. —Que reconfortante. Estava inclinada a pensar que havia várias coisas que eu precisava saber. Se há *uma* coisa só, então eu fico aliviada.

Ele suspirou.

Ela olhou para ele e sorriu, os olhos verdes brilhantes. —Quão ruim poderia ser, se é apenas uma pequena coisa?

Ele a estudou. Ela era notavelmente resistente, está fêmea tinha uma vontade férrea embora parecesse tão resistente como um marzipan rosa.

Mas até então ela teve que ser dura, ele pensou, de repente, *não teve?*

—Os *Ikati* estão sob ataque. —Disse ele, bebendo de sua pele cremosa, a linha elegante de sua garganta, o aumento suave de seu peito. Sua pele era tão refrescante quanto alva, como umapérola reluzindo ao sol. —Pelo menos temos boas razões para acreditar nisso.

—Sob ataque? — Jenna repetiu, com calma. Ela lhe deu olhar avaliativo antes de se virar para olhar mais uma vez para o escuro da floresta. —Bem, que inconveniente para você. Eu sei como você odeia ficar na defensiva.

Ele desviou o olhar e ficou com as mãos cruzadas atrás das costas.

Por um longo tempo, nenhum dos dois falou.

—Isso é verdade. — Ele finalmente disse, calmamente e sem sombra de sarcasmo. —Mais verdadeiro do que você imagina, Jenna. Estive preparado





para ser o sucessor do meu pai por toda minha vida, preparado para liderar e tomar decisões, treinado para vencer. Eu não tomo nem a minha responsabilidade nem a minha posição levianamente. Eu não posso. Eu sou o Alfa. Há dezenas de pessoas que dependem de mim, mulheres e crianças, famílias que devo proteger, a qualquer custo. É um privilégio, mas também um fardo, porque eu não tenho como compartilhá-lo com ninguém que entenda como é o medo de perder. Se eu falhar, os *Ikati* falham. Se eu perder...

Ele se virou para ela. —Nós todos perdemos.

—Perder. — Refletiu ela, virando-se em direção à floresta, os olhos nebulosos e sem foco. A luz da manhã brilhava contra a inclinação de sua maçã do rosto esculpida, contra as pontas de seus longos cílios, aquecendo-os como ouro. Seu olhar cintilou de volta sobre ele, avaliando. —Eu me pergunto se alguém como você tem alguma ideia do que *realmente* significa perder algo.

—Nós todos temos coisas a perder, Jenna, até eu. Especialmente eu. Meu povo está em perigo, o nosso modo de vida está em perigo. —Ele deu um passo mais perto, inalando o perfume suave de orvalho e rosas que se agarrava a pele dela. —*Você* está em perigo. — Disse ele, sua voz áspera. —E isso é algo que eu simplesmente não posso tolerar.

Jenna não protestou ou deu um passo para trás, como ele esperava. Ela aceitou sua proximidade sem comentários, sem se afastar, mas virou a cabeça e abaixou os olhos.

—Você está certo. — Ela murmurou. —Nós todos temos coisas a perder. — Um rubor rastejou sobre suas bochechas. —Coisas como fé, confiança, esperança — todas as coisas que fomos ensinados a acreditar. Todas essas mentiras reconfortantes, como cavaleiros de armadura brilhante. Como





segundas chances. Sua voz abaixou para o mais baixo dos sussurros e foi à sombra de tristeza. —Como o amor verdadeiro. E, como o perigo... — Ela levantou lentamente o olhar para o rosto dele.

Leander ouviu tudo à sua volta num raio de vinte milhas: o ar sussurrando através dos pinheiros, o rio Avon que fluía rápido e profundo sobre rochas de granito e pedras polidas, as aves do céu e os esquilos nas árvores e as toupeiras cavando profundamente em suas tocas subterrâneas.

Mas de forma mais aguda, ouviu o coração dela, batendo forte, com sangue aquecido, um aperto e um bater tão convincente que ele desejava se afogar no som.

Toda sua preocupação por seu povo, toda sua raiva pelos seus inimigos pareceu derreter e em seu lugar havia apenas Jenna, o tambor de seu batimento cardíaco, o abraço frio da manhã.

—Eu não tenho medo do perigo. — Disse ela. —Ou nunca teria vindo aqui com você. O que eu tenho medo é de... algo que só você pode me dar, Leander. E eu espero que... — Ela fechou os olhos. —Embora eu saiba que vai doer, realmente espero que você me dê o que eu quero. — Ela abriu os olhos e fitou-o com um olhar faminto.

Ele ficou fascinado conforme a brisa errante levantava uma mecha de cabelo dourado e a enviava tremulando sobre o ombro nu e pelas costas.

—Qualquer coisa. — Ele murmurou, atordoado, seu coração se apertou em agonia repentina. *Eu daria qualquer coisa apenas para ter você olhando para mim desse jeito por um segundo a mais.*

—A verdade. — Disse ela com firmeza. — Tudo o que você não me disse até agora, o que você não quer me dizer, isso é exatamente o que preciso ouvir. E preciso ouvir agora.





Ela fixou o olhar nele, o timbre doce de sua voz deslizando como cetim nos ouvidos dele. Ele mal podia respirar com sua beleza, com o desejo batendo em suas veias.

—A verdade. — Ele repetiu, ainda confuso, tentando se concentrar em suas palavras.

Ela falou com muita calma. —O que aconteceu com o meu pai?

—Seu pai foi... — *Executado*, ele quase disse. Parou a tempo, mordeu a língua para manter a palavra atrás. Depois de outra respiração firme...

—Um homem extraordinário.

Seus olhos se arregalaram. —Você o conheceu?

—Todo *Ikati* ao redor do mundo o conhecia. Ele era uma lenda.

Ele viu como ela estava assustada, viu como ela tentou esconder. — Porque ele era o Alfa. — Suas sobrancelhas se juntaram. Ela puxou o lábio inferior entre os dentes e ele queria libertá-lo com o dedo, com a língua.

—Porque ele foi o líder mais poderoso que nossa espécie já viu. Seus dons eram incomparáveis. — Leander olhou para longe, sobre a vasta extensão de floresta antiga, onde seus guardas rondavam, as árvores no sol da manhã. —E por causa do sacrifício que ele fez.

—Sacrifício. — Ela repetiu, a voz dela estava fria. —Que sacrifício?

Leander sentiu o olhar dela embora não estivesse olhando para ela, sentiu a maneira como seu corpo ficou rígido e ouviu seu coração saltar uma batida primeiro, depois outra. Ela era linda, preciosa, e nova para o mundo dos *Ikati* e Sommerley, embora ele planejasse mantê-la ali, com ele, para sempre.

Ele estava relutante em machucá-la.

Não podia dizer que viu o pai dela morrer, assim como o pai dele e o irmão e todos os outros Alfas de todas as tribos em todo o mundo e cada





Ikati em sua colônia. Ele não podia dizer a esta criatura olhando para ele tão absorta e encantadora que ficou parado e assistiu com horror impotente o que foi feito com Rylan Moore, como ele foi usado de exemplo pela Assembleia, para que todos soubessem como os bandidos eram tratados, de modo que todos iriam ver as consequências de violar a Lei fria e imutável.

Sua morte não foi rápida e não foi misericordiosa. O próprio Expurgari teria aprovado o que fizeram com o Alfa desonrado.

—A Lei *Ikati* é imutável, Jenna. — Ele disse suavemente, ainda evitando seu olhar. —A adesão à Lei, à vontade da Assembleia, é o que nos mantém juntos, o que nos permite sobreviver em um mundo que iria nos destruir. Não importa a posição do *Ikati* que rompe a lei, não importa a própria transgressão, a punição acontece.

—Punição? — Ela sussurrou. Deu um passo para trás.

—É proibido se casar com um humano. — Disse ele, observando atentamente seu rosto. —É proibido ter filhos com seres humanos. A punição para isso é... — A *Morte*. —A prisão.

—Prisão? — Ela repetiu, sua voz leve como uma criança. —Por quanto tempo?

—Para sempre. —Ele disse simplesmente.

Ela recebeu isto com uma inalação rápida de ar e duas manchas de rosa nas bochechas. Olhou para ele, os lábios entreabertos, luz solar fazendo um halo em seu cabelo.

—Não demorou muito para ele, no entanto. — Continuou ele, porque ela não estava falando ou se movendo e precisava fazer algo para evitar puxá-la em seus braços. —Ele recusou qualquer alimento ou água, se recusou a ser... enjaulado.





Isto era verdade, ainda era real na mente de Leander quando viu Rylan, acorrentado e desafiante, mesmo em face da morte iminente, gritando com seu pai e toda a Assembleia que eles poderiam ir direto para o inferno e que não mudaria nada se tivesse que fazer tudo novamente.

O que deixou uma impressão permanente em Leander — com dezoito anos, prestes a se tornar Alfa após seu próprio pai algum dia — que sempre se perguntou, nos anos que se seguiram, como deveria ser amar uma mulher tanto que de bom grado daria a própria vida para protegê-la.

Com um choque de reconhecimento semelhante ao de mergulhar nu em um lago gelado, Leander percebeu que finalmente começou a entender.

—Então é por isso estávamos sempre fugindo. — Disse ela com a voz trêmula e muito alta. —Porque o amor deles era proibido. Porque *eu* era proibida. —Ela limpou a garganta, as manchas cor-de-rosa em suas bochechas se escureceram enquanto o sangue parecia escorrer de sua pele para qualquer outro lugar, deixando-a branca, fantasmagoricamente pálida.

—E todo esse tempo, todos os dias da minha infância, você está me dizendo que estávamos fugindo de vocês...?

Leander era experiente com as mulheres, então sabia que, ao julgar pelo tom de sua voz e o olhar dela, não importava o que ele dissesse em seguida, não seria a resposta certa. Nada que pudesse dizer iria diminuir a dor, nada iria ser aquilo que ela precisava ouvir.

Então, ele aceitou essa falta de controle como uma pílula amarga que não tinha escolha a não ser engolir e falou a verdade.

—Seu pai era um homem de grande coragem. Um homem que eu respeitava, um homem com orgulho, coragem e honra. Eu não concordo com o que foi feito com ele, mas era jovem, impotente. E a Lei é de ferro. O que seu pai fez foi proibido. Se permitirmos mesmo uma exceção, corremos





o risco da destruição de nosso modo de vida, de nossa existência. É a nossa maneira. Devemos viver em segredo, devemos ficar juntos, devemos aderir à Lei.

Ele respirou longo e lento. —Ou nós devemos morrer.

Ela olhou para ele, os lábios ainda se separaram como se tivesse algo duro em sua boca, que ela não era capaz de mastigar. Pensou sentir uma compressão nela, como se sua pele fosse apertar sobre seus músculos e ossos, como se estivesse desenhando uma armadura invisível ao redor de si mesma.

Seus olhos se estreitaram. —Ele não ficou apenas preso. Verdade, Leander? Ele não morreu de causas naturais.

Ele queria mentir. Deus, como queria mentir para ela. Mas não podia. —Não.

Seu corpo ficou completamente imóvel. Nem parecia que ela estava respirando. —Diga. Basta dizer. Conte-me o que aconteceu.

—Jenna...

—Conte-me! — Ela gritou.

O olhar em seu rosto mostrou-lhe o tipo de dor que imaginou que sentiria se o cortasse ao meio com uma espada. Por um segundo, debateu consigo mesmo, sabendo que este seria o último prego em seu caixão. Ela realmente iria odiá-lo depois disso. Mas ela merecia saber. Se a verdade era tudo o que pudesse dar a ela, mesmo que isso significasse que nunca falaria com ele novamente, que assim fosse.

—Ele foi executado. — Disse ele baixo, segurando seu olhar. Suas narinas dilataram, mas ela não se moveu ou falou. Ela esperou que ele continuasse, apenas observando-o com aqueles olhos largos e bonitos. — Foram feitas outras coisas com ele, mas no final...





—No final? — Ela perguntou quando ele hesitou.

Ele queria puxá-la com força contra si, enterrar o rosto no cabelo dela e implorar seu perdão, implorar por uma chance para consertar isso de alguma forma. Mas era apenas uma ilusão. Ele respirou fundo e preparou-se para o que viria.

—Um *Ikati* puro sangue pode ficar em forma animal para sempre, se quiser, porque isso é o que realmente somos. É a nossa verdadeira natureza. A nossa forma humana é um disfarce, uma adaptação inteligente que nos permitiu viver ao lado de nossos inimigos, para sobreviver. Nós só podemos manter a nossa forma humana ou vapor por certo tempo. — Ele tomou outra respiração lenta, medindo as palavras. —Dias, semanas, talvez, se você for forte o suficiente. Mas tem que mudar de volta em algum momento e quando você o faz...

Ele ficou ali lutando, lembrando-se.

—Embora tivessem ordenado a ele que não mudasse, seu pai mudou para vapor para aliviar a dor depois que foi torturado em uma máquina chamada Furiant...

Jenna fez um pequeno ruído, horrorizado. Toda a cor desapareceu de seu rosto. Ela levantou a mão trêmula à boca.

—Ele foi recapturado como vapor e colocado em uma caixa, uma caixa de aço especial projetada para selar na entrada para que não pudesse escapar. — Suas palavras finais foram quase sussurradas. —Era uma caixa muito pequena.

Seus lábios se separaram. Ele viu seu pulso batendo no oco de sua garganta. —Então, quando ele mudou de volta...

Não eram necessárias mais explicações, mas ele balançou a cabeça de qualquer maneira.





Ela deu um passo para trás e ficou com uma mão sobre a boca e a outra pressionada sobre o coração e olhou para ele, tremendo, os olhos ferozes com lágrimas não derramadas. Demorou até ela falar.

—Sabe o que eu acho?

Seu tom era tão frio que ele imaginava gelo caindo de suas palavras para se quebrar em um milhão de pedaços congelados contra a pedra sob seus pés.

—Não.

—Eu acho que talvez seja *melhor* morrer do que viver como vocês. — Ela disse, os olhos piscando contra a palidez de seu rosto. —Escondendo-se como fugitivos, presos em uma gaiola dourada. — Ela fez um amplo, gesto largo que abrangeu as relva, os jardins, a floresta e a enorme mansão atrás deles. —Virando-se uns contra os outros da pior maneira possível para o bem da sua preciosa *Lei*. Isso me dá *nojo*. *Você* me dá nojo!

A dor explodiu sob o ombro dele como se um prego tivesse sido colocado ali. Ele diminuiu a distância entre eles com dois passos curtos. — Jenna...

—*Não*. — Ela disse, respirando com dificuldade e voltando para trás. — Não se *atreva*.

Jenna mudou para vapor, assim que ele estendeu a mão para seu braço, deixando-o agarrar o nada além de ar. Leander observou impotente conforme o vestido de algodão vazio escorregava para o chão, um fantasma rosa rejeitado e macio largado em silêncio lúgubre contra a grama orvalhada.





CAPÍTULO QUATORZE

Jenna riscou como uma bala para o santuário fresco da floresta.

Ela nunca se moveu assim antes, nunca imaginou que fosse possível. Nada além de pura força animal e sua vontade a levaram para frente através do bosque de árvores altas. A luz do sol brilhava conforme ela voava, um tiro cheio de raiva e um desespero tão profundo que era sem fundo.

O pai dela. Aqueles bastardos mataram seu pai.

Ela acelerou com um instinto primitivo, correndo através do ar enevoado e eixos de luz solar, assustando uma família de cervos com seu vôo, passando sobre troncos caídos e samambaias, espalhando um rastro de folhas mortas. Ela passou por uma teia de aranha delicada e pesada por causa do orvalho e sentiu suas fibras de seda grudarem nela até que arreventaram, uma por uma, arrancadas por sua velocidade.

Agradeceu não ter a capacidade de chorar agora, formada de vapor como estava. Estava agradecida por não poder sentir seu coração palpitar e suas entranhas se contorcerem em nós.

Ela estava grata por não poder gritar. Porque se começasse, não achava que fosse capaz de parar.

—Se eles conseguirem te encontrar, corra. — Sua mãe disse enfaticamente, poucos meses depois que seu pai desapareceu há tantos anos.





—Quem? — Ela perguntou, subitamente alerta, abandonando o show que estava assistindo na televisão na sala de estar e voltando a olhar para sua mãe, que estava olhando pela janela da frente de sua casa, seu olhar se movendo rapidamente, como se esperasse que alguém saltasse dos arbustos a qualquer momento. Um copo grande de líquido claro estava em sua mão tremendo e até mesmo de onde estava sentada com pernas cruzadas no chão a certa distância Jenna podia sentir o cheiro do álcool.

—Era tarde demais para mim quando descobri o que ele era. — Ela respondeu enigmática, ainda olhando para fora da janela. —Eu já estava apaixonada por ele. Éramos a versão real de Romeu e Julieta, amor rápido e profundo e previsto nas estrelas, com tudo e todos contra nós. —Ela tomou um longo gole do copo, os cubos de gelo fizeram barulho, quando ela pressionou o copo contra a testa e fechou os olhos. —Não mudaria algo se pudesse. — Ela sussurrou. —Eu não mudaria nada se pudesse voltar no tempo.

—Mãe? — Disse Jenna, com medo do discurso incoerente, do tom escuro e desolado em sua voz. Sua mãe se afastou da janela e Jenna viu pela primeira vez os vincos profundos ao redor de sua boca, o vinco entre as sobrancelhas, as linhas que o medo e luto esculpiram em seu rosto. Embora frágil e doente, ela ainda era linda, escultural e elegante, com uma juba de longos cabelos loiros que ela herdou da própria mãe e passou para Jenna.

—E nada de esportes. — Disse ela abruptamente, sua voz mudou de desolada a feroz. —Não há mais ginástica, nem futebol, nem atletismo. Você não pode se arriscar. Você tem que misturar-se, tentar agir como todo mundo.





—Eu ganhei um troféu em atletismo! — Jenna gritou, saltando para seus pés. —E em ginástica também! Eu sou muito melhor do que aquelas outras garotas...

—Oh, querida. — Disse a mãe de Jenna, com os olhos cheios de lágrimas. —Isso é porque você não é como as outras meninas. Você nunca será como elas.

Essas palavras soaram como uma profecia, e deixaram Jenna sem palavras. Ela ficou olhando para sua mãe, alta, loura e pálida, assim como ela, mas quebrada e sentiu a terra virar sob seus pés.

—Eu sou como quem, então? — Ela perguntou, já sabendo a resposta.

Uma lágrima solitária rolou sobre rosto de sua mãe. Ela não se preocupou em secá-la. —Você é como seu pai. — Disse ela e a desolação estava de volta. —Você se parece comigo, mas é como ele, forte, rápida e... diferente. E assim como ele, você será caçada. Então, precisará aprender a fingir ser algo que não é, porque não estarei sempre por perto para protegê-la.

Não havia nada no curto espaço de tempo de Jenna na Terra que pudesse prepará-la para isso. Não só para o pensamento de que sua mãe podia, eventualmente ir embora, morrer ou deixar de cuidar dela, mas também a admissão de que ela era como seu pai, que adorava como algo próximo ao divino e a proclamação de que seria caçada.

Como ele. Seu pai foi *caçado*. Seu corpo ficou frio, com horror.

—O que aconteceu com ele? — Ela sussurrou, aterrorizada pelo que sua mãe podia dizer neste momento. Mas ela não disse. Apenas tomou outro gole do copo e se voltou para a janela. Foi um longo tempo antes que ela respondesse.





—Ele se foi e nunca mais voltará. — Disse ela e Jenna nunca ouviu tal angústia na voz de outra pessoa. Sua mãe drenou o resto do líquido a partir do vidro, colocou-o no peitoril da janela e olhou para ela, *através* dela, como se não estivesse vendo nada.

Jenna caiu de joelhos no chão de madeira nua, tremendo tanto que suas pernas não podiam apoiá-la mais. Seu rosto estava quente e molhado e ela percebeu que estava chorando.

—Por que não? Por que você nunca me conta o que aconteceu?

—Quando você for mais velha. — Sua mãe respondeu em um tom lúgubre, morto, ainda olhando para o vidro.— Irei contar quando você for mais velha.

Isso se tornou uma promessa que nunca foi cumprida. E agora Jenna estava voando como o vento através de uma floresta que pertenceu a seu pai, fugindo da resposta a uma pergunta que a corria e feria, que crescia como um tumor cancerígeno durante quinze anos.

Ela cobriu milhas de vegetação primitiva, até que finalmente se cansou.

Descendo contra a casca áspera de uma árvore, ela se reuniu, exausta, em uma pluma aguada entre seus ramos. Ouviu os sons da floresta, as folhas farfalhando, galhos rangendo, esquilos tagarelando, o tamborilar de pés minúsculos, invisíveis raspando sobre a terra abaixo. Um pardal vermelho pousou no galho de cima dela e começou a assobiar, a barriga com penas expandindo-se docemente com a música.

Ela não conseguia pensar no que fazer. Mal podia pensar. Queria respostas tão desesperadamente, tinha a sensação de que o mundo seria corrigido se soubesse de todos os detalhes de seu passado, se soubesse os por que e os como e os quando. Mas até mesmo o pequeno pedaço de





informação que Leander lhe deu não a ajudou a alinhar o mundo de qualquer maneira — apenas serviu para tirá-la ainda mais fora dos eixos.

Execução. Uma caixa muito pequena. O pensamento fez o pardal se borrar em uma forma que ela não reconhecia, uma bolha de cor forte e afiada. Ela se ergueu contra a árvore, achatando-se sobre a casca conforme perdia o equilíbrio. O pardal voou para longe com um grito para a floresta.

Ela passou através do dossel de ramos e olhou para baixo sobre as copas das árvores, espalhadas grossas e verdes por milhas ao redor. Ela viu uma ruína desmoronando a distância, um pouco além de um afloramento de granito coberto de líquens, e inclinou-se para baixo em direção a ele. Era uma velha casa de pedra, com janelas vazias e um telhado e meio desabado, quase reclamada pela floresta.

Coberta de hera e carolinas azuis, parecia tão miserável e desesperada quanto ela se sentia.

Jenna se moveu para baixo e mudou para mulher ao lado de um muro baixo, desintegrando-se. Ela hesitou por um momento, seus sentidos voltando. Seu coração bombeado para a vida, o cheiro de resina de menta e cedro selvagem encheu seu nariz. Um frio entrou em erupção sobre a pele nua conforme uma brisa fresca passava por ela.

Ela colocou a mão na parede de pedra bruta para firmar-se, inclinou-se e vomitou.

Quando a última golfada acabou e ela finalmente esvaziou seu estômago, enxugou os olhos lacrimejantes e o nariz com as costas da mão e cuspiu na sujeira. Ajoelhou-se ali algum tempo, olhando para uma pequena pilha de folhas mortas no chão, sentindo o lodo e lama escorrer por entre os dedos, a dor surda de seus joelhos nus contra o chão frio.





Ela encheu seus pulmões com o ar e forçou-se a fazê-lo novamente e novamente. Quando começou a sentir que eles iriam se lembrar de fazê-lo por conta própria, ficou de pé e raspou a lama de suas mãos contra a parede áspera.

A casa estava escura e ainda mais fria do que a floresta. Quando entrou, teve que envolver os braços ao redor de seu corpo nu para manter o calor. Gramíneas e hera tomaram a maior parte do chão de pedra, mas em um canto oposto onde o telhado desabou havia uma lareira de tijolos enegrecidos e ao lado tinha uma lanterna e um cobertor áspero, dobrado em cima de um travesseiro. Alguém encontrou refúgio ali, mas há muito tempo atrás — uma fina camada de poeira cobria tudo.

Tremendo, Jenna desenrolou o cobertor, sacudiu-o, e se enrolou nele. Era grosseiro e arranhava sua pele, ele cheirava a mofo e madeira podre, mas era grosso, quente e caía até os joelhos dela. Ela deixou-se cair na lareira de pedra fria e se sentiu como um peregrino perdido em alguma fábula esquecida: sem amigos, sem alma, proscrita e abandonada por tudo e todos. Ela olhou para seu pequeno santuário triste. As paredes em ruínas, a pedra coberta de musgo, o interior sombrio e solitário.

Ruim ou não, teria que bastar. Ela planejava ficar ali por algum tempo.





CAPÍTULO QUINZE

Morgan assistiu com espanto quando Leander, pela quinta vez em quatro minutos, andava pela Biblioteca Leste, e girava sobre os calcanhares, caminhando de volta. Ele parou ao lado de uma poltrona estofada, em seguida, sentou-se pesado nela, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e apertou os dedos em seus cabelos.

Putá merda, pensou, surpresa. Ele está enlouquecendo.

Depois de tudo o que ele passou — os treinamentos de resistência e agilidade esgotantes para confirmar seus dons e que era digno do título de Alfa, os rigores de comandar um bando de feras indisciplinadas e selvagens, a morte chocante de seus pais — ele nunca perdeu a compostura, nunca deu um vislumbre de nada além de controle total.

E agora isto... estava se desfazendo. Era tão impensável quanto a terra parar de girar.

—Ela não vai demorar muito, Leander, não tem nenhuma comida. — Disse Morgan de sua cadeira na mesa. Ela ajustou seu peso contra a madeira esculpida, desconfortável e inquieta. —Ou roupas. Até onde ela pode chegar?

—E tem um exército dos melhores caçadores da terra procurando por ela. — Acrescentou o Visconde Weymouth, sentado em frente a Morgan. Eles trocaram olhares conforme Leander permanecia imóvel na cadeira,





olhando para o chão. Ele soltou um gemido baixo e gutural — um som que fez algo desagradável rastejar ao longo da pele dela.

Definitivamente enlouquecendo.

Nos três dias desde que ela fugiu de Leander, a notícia do desaparecimento de Jenna — um único dia depois de sua tão esperada chegada — se espalhou como fogo pela tribo. A filha do mais talentoso Alfa da tribo e seu criminoso mais notório, desapareceu como um fantasma.

Um fantasma que não tinha absolutamente nenhuma intenção de ser encontrado novamente.

Junto com um grupo de seus guardas mais talentosos, Leander procurou cada canto e recanto de Sommerley — cada lugar baixo e escondido, cada vale e bosque, todas as milhas de campos abertos, falésias altas e margens do rio cobertas de grama — mas ninguém encontrou um único átomo de seu perfume para levá-los até ela.

Ele estava em sintonia com ela, conhecia o cheiro dela melhor do que qualquer um deles, mas não encontrou nada na floresta, nada perto da estrada. Nenhum traço que lhe desse esperança de que ela ainda estava próxima e que poderia ainda — de alguma forma — ser convencida a ficar.

—E se houver algo *mais* lá fora, procurando por ela também? — Leander levantou a cabeça para olhar pela sala. Seus olhos eram ferozes. Havia linhas finas ao redor da boca que não estavam lá ontem, uma expressão de angústia que ele não estava fazendo nada para esconder. —Ela está sozinha, sem roupas, sem armas ou comida, está completamente vulnerável.

—Nós não sabemos se as fronteiras de Sommerley foram violadas pelos Expurgari, Leander. — O Visconde Weymouth disse suavemente, olhando





mais uma vez para Morgan. Ele se recostou na cadeira e pegou uma xícara de café preto.

—Nós não temos nenhuma prova disso ainda. Se eles estiverem por perto, é altamente duvidoso que estejam dentro do perímetro, não com o número de guardas que você colocou, não com os sistemas de segurança que nós temos. — Ele levou o café aos lábios, o tempo todo mantendo seu olhar em Leander. —Um intruso teria que ser *convidado* a passar por nossos guardas. Tenho certeza que ela está segura.

—Por enquanto. — Disse Christian, tenso e taciturno na ponta da mesa. Todos os olhos se voltaram para ele.

Ele também parecia pior do que desgastado. Ele usava a mesma camisa por três dias seguidos, não se preocupou em tomar banho ou fazer a barba nos últimos dois. Ele passou a mão pelo cabelo e deixou escapar um suspiro cansado.

—Ela é nova na floresta, nova em Sommerley como um todo... não tem ideia de onde nossas fronteiras terminam. E se pode mudar para vapor, como Leander diz que ela pode. — Ele ignorou o olhar cortante de Leander e continuou. — Simplesmente pode voar para longe à vontade. Para nunca mais voltar.

—Obrigado, Christian. — Disse Leander. —Por seu comentário extremamente útil. Agora cale a boca.

—Estou apenas dizendo. — Continuou ele, falando diretamente com o Visconde e Morgan. —Que Jenna não tem absolutamente nenhuma razão para querer fazer daqui a casa dela, mas lhe deram uma boa razão para detestar a todos nós. No lugar dela. —Ele olhou para Leander, com as juntas brancas ao redor dos braços da cadeira. —Eu teria feito a mesma coisa.





—Você está insinuando. — Disse Leander, mortal e suave. —Que eu errei em contar a verdade?

O visconde limpou a garganta e colocou seu copo para baixo com cuidado em cima da mesa de mogno reluzente. Ele se inclinou para frente e ajeitou os óculos. —Talvez tenha sido um pouco... cedo demais...

Quando Leander moveu o olhar de Christian para se concentrar diretamente sobre ele, o Visconde limpou a garganta novamente. —Ela não conhece nossa cultura. Deve ter sido um grande choque. — Acrescentou ele, uma leve picada de desgosto em sua voz.

O silêncio tomou o lugar. O canto alerta de um rouxinol veio através da janela, duro e cortante, cortando a sala iluminada como uma faca.

—Embora tenho certeza que você teve suas razões. —O Visconde terminou sem jeito. A superfície de seu café de repente tornou-se de grande interesse para ele.

—Nós não somos como o resto deles. — Disse Leander, sua voz dura. Seus olhos ardiam conforme recaíram em cada um deles, um de cada vez. — Nós não somos como os Expurgari ou os seres humanos ou qualquer um dos outros animais que andam nesta terra. Nós somos mais fortes do que todos eles, *enfrentamos* a verdade. Nós nos adaptamos. Nós sobrevivemos eras de perseguição e inveja por sermos mais fortes do que eles são e Jenna é uma sobrevivente também. Eu não vou me rebaixar ao nível deles e mentir para ela. Somos *Ikati*. Estamos acima de todos eles, acima de suas mesquinharias, ganância e mentiras.

—De fato. — Disse Morgan, examinando a manicure francesa com interesse agudo. —Ouso dizer que nós somos. —Ela levantou o olhar para o rosto de Leander e um pulso de raiva aguçou seu tom. —Mas nós não estamos acima de fazer alguém com boas intenções e coração inocente





nosso prisioneiro relutante, mesmo que ela não tenha percebido isso ainda. Também não estamos acima forçando-a se sujeitar às nossas leis. Leis que são estranhas a ela, leis que tiraram a vida do pai dela.

Ela se recostou na cadeira e cruzou uma das longas pernas sobre a outra, sua manicure esquecida. —Leis que vão torná-la não mais do que uma posse se descobrirem que ela pode reproduzir. Não. — Ela disse suavemente, seus olhos se estreitaram. —Nós definitivamente não estamos acima disso.

—Nós já passamos por isso com você antes, Morgan. —Interrompeu o Visconde antes que alguém pudesse falar. —Dezenas de vezes, centenas, eu apostaria. —Ele se inclinou para frente em sua cadeira, visivelmente grato pela oportunidade de mudar o foco de si mesmo. Ele começou a tocar o dedo indicador sobre a mesa, batendo para sublinhar suas palavras.

—A Lei está em vigor para nos impedir de ser um desastre total. Ela foi criada como a âncora que nos mantém seguros contra o rio caudaloso da tentação que nos levaria à extinção. Se não fosse pelas regras as quais vivemos, nós estaríamos sendo caçados muito mais facilmente do que estamos agora. Nós não teríamos durado nem mesmo um *milênio*...

—A *Lei* não é nada além de controle e opressão, *especialmente* para uma mulher e se Jenna tiver o mínimo de bom senso ela vai ficar o mais longe possível desta prisão brilhante...

—Não importa se ela gosta ou não, *esta* é a casa dela, *este* é o lugar onde ela pertence...

A porta de madeira enorme na extremidade da sala se abriu e bateu na parede com um estrondo abafado. Dois dos guardas de Leander entraram com uma garota a reboque.





—Perdoe-me, Meu Lorde. — Um deles fez uma rápida reverência antes de se endireitar e apontar para a garota ao seu lado, com o braço erguido no aperto firme do outro guarda. —Nós achamos que você deve ouvir isso imediatamente.

—O que foi? — Leander saltou de sua cadeira e caminhou em direção a eles, com as costas ereta. —Você encontrou alguma coisa? Você viu algo? Fale, menina!

O guarda deu à menina um empurrãozinho com o cotovelo e acenou com a cabeça em direção a Leander.

A menina fez uma reverência e mordeu o lábio inferior.

—Eu estava na cozinha, Meu Lorde. — Ela começou, mansa como um camundongo. Mechas de seu cabelo castanho escorrido caíram sobre um olhar abatido. Suas mãos pequenas vibraram ao longo de um avental listrado até que pararam, tremendo ao redor de sua cintura. Ela limpou a garganta.

—Polindo a prataria como sempre faço nas terças-feiras. —Ela torceu o avental em seu punho, mais e mais, trabalhando o algodão bruto em um monte embolado. —É uma prataria linda, Meu Lorde, toda detalhada com pequenas rosas, videiras e pássaros pequeninos. Adoro trabalhar com a prataria, é realmente muito...

—Sim. — Disse Leander. A palavra caiu entre eles como um bloco de cimento.

A copeira parou de falar, olhou para ele, e empalideceu.

—É uma prataria linda. Tenho o prazer de ouvir que você gosta de trabalhar com ela. — Ele olhou para ela, flexionando a mão direita, abrindo e fechando.

A copeira abriu a boca, então a fechou.





—Mas talvez você pudesse nos contar — rapidamente — *exatamente* o que você viu.

— Apenas... apenas o sangue, Meu Lorde. —Ela gaguejou.

Christian se levantou da cadeira em um rápido e inflexível movimento de membros que não produziu um único som. Morgan voltou seu olhar para ele. Ele ficou imóvel, os olhos como a mira de uma arma sobre a menina.

—O sangue? —Leander repetiu, consternado. —Que merda você está falando? Que sangue?

—Pequenos respingos no chão de pedra, senhor. Eu só notei porque me abaixei para chegar a um pano de polimento limpo que mantemos em uma pequena caixa no armário de baixo ao lado da lavanderia. É mantido assim, senhor, muito bonito e limpo, a própria governanta assegura-se que a cozinha e a lavanderia estejam sempre em boa conservação, de modo organizado e de um jeito quase militar, senhor, nunca uma coisa fora do lugar. Você sempre pode encontrar o que está procurando, quer se trate de panos para polir ou toalhas de mão ou apenas o tempero certo para o prato que o cozinheiro está fazendo para jantar.

—O *SANGUE*! — Christian explodiu, com o rosto vermelho. —O que tinha o *SANGUE*?

O guarda segurou o braço da copeira quando ela quase desmaiou, seu rosto redondo e branco como a lua.

—Christian. —Leander disse. — *Já chega!*

Christian chutou a cadeira para longe com o calcanhar, empurrou através da menina e dos guardas e saiu pela porta aberta, amaldiçoando.

—Que diabo está acontecendo com ele? —O Visconde murmurou para Morgan. Seus dedos se envolveram tão apertados ao redor da frágil xícara de café que a alça parecia estar prestes a se quebrar.





—A mesma coisa que está acontecendo com Leander. —Morgan

murmurou de volta. Ela abaixou o olhar quando a cabeça de Leander virou-se bruscamente. Ele a olhou por cima do ombro, os olhos cheios de raiva.

Por um longo momento, Morgan sentiu o ardor de seu olhar em seu rosto. Se ele não estivesse tão descontrolado, o teria encarado, mas agora... agora ele estava prestes a explodir. E isto o deixava muito perigoso.

Ele virou os olhos para a menina. —Conte-me tudo. Diga-me agora. — Ele rosnou.

—Havia sangue no chão, senhor, na lavanderia. — Ela sussurrou com terror. —O sangue atravessava a cozinha e subia a escada dos criados em direção aos aposentos da senhora...

Leander passou por ela antes mesmo que terminasse de falar.

—Leander! Espere! — Morgan gritou.

Ela saltou de sua cadeira e atravessou a sala. Ela moveu-se rapidamente para alcançar os passos longos dele, que já tinha passado a porta e estava no corredor. Ele passou por ela, andando com as pernas rígidas pelo longo corredor em direção às escadas curvas que levavam para o segundo andar. Ela teve quase que correr para alcançá-lo.

—Se Jenna voltou e ela está machucada, *não* vai querer vê-lo. —Ela se moveu na frente dele assim que ele colocou um pé no primeiro degrau.

—*Maldição*, Morgan...

—*Não*. — Ela o interrompeu. Ela o fez parar e olhou direito em seus olhos. —Apenas *desta* vez, confie em mim. Eu vou primeiro. Você pode me acompanhar em poucos minutos, se quiser, mas acredite em mim, seu rosto não vai ser a primeira coisa que ela vai querer ver, não depois da forma como sua última conversa terminou.

—Se ela estiver sangrando, se ela estiver *machucada*...





—Então eu vou sair e chamar você.

Através do tecido da camisa, Morgan sentiu o tremor debaixo da pele dele. Tensão que flexionava os tendões e ossos em pedaços de carne duros, prontos para a ação, ele estava tão tenso que ela pensou que poderia mudar para pantera sob sua mão e voar até as escadas, subindo seis degraus de cada vez.

—Apenas alguns minutos. — Disse Morgan mais suavemente, percebendo que Leander estava quase irracional. Seus olhos, a ardência verde sobrenatural, estavam olhando para o patamar no topo das escadas curvas, que levavam a outro longo corredor que por sua vez levava diretamente para o quarto de Jenna. —Eu vou primeiro. — Ela insistiu. — Deixe-me vê-la primeiro. Você pode esperar na porta.

Ele hesitou, respirando com dificuldade, ainda olhando para as escadas. Quando ele finalmente falou, sua voz era áspera, como se suas cordas vocais estivessem esticadas, segurando gritos silenciosos. —Você tem um minuto antes que eu arrombe a porta.

Ele voltou-se para Morgan e ela podia ver o quanto era difícil para ele conceder aquele minuto. —*Um*. Estou bem atrás de você. Vá.

Ele empurrou-a a sua frente.

Morgan não teve que olhar para trás para ver que ele a seguia. Sentiu-o em seus calcanhares, mais fera do que homen, o coração dele batendo forte em seus ouvidos.





CAPÍTULO DE ZESSEIS

O corte na sola do pé dela era pequeno, pelo menos no início.

Causado depois que ela pisou na ponta afiada de um pedaço de obsidiana quebrado fora da cabana, suas bordas estavam limpas: não era profundo. Sangrava mais do que realmente doía. Mas foi o efeito que produziu que era mais aterrador.

Desde que se cortou, Jenna foi incapaz de mudar.

Ela tentou de todas as maneiras possíveis forçar a mudança, embora antes parecesse acontecer por vontade própria se estivesse chateada ou com medo ou se apenas ela quisesse, uma única palavra em sua mente para fugir das coisas que saíam da boca de Leander.

Houve um lampejo de energia, mas a mudança não vinha.

Ela não tinha um plano quando fugiu para floresta, era nada além que fugir. A cabana parecia um bom lugar para ficar enquanto ela considerava seu próximo passo. Água limpa e fria corria em um pequeno riacho apenas vinte passos além da cabana, havia mostarda e framboesas silvestres e até mesmo um canteiro de cogumelos Morel, empurrando suas cabeças pálidas por um pedaço chamuscado da terra de algum incêndio recente. Ela tinha abrigo, tinha comida e água.

O que ela não tinha era ideia do que deveria fazer em seguida.





O primeiro dia ela passou sufocada em um tipo de raiva que caía para fora dela, como se isso a seguisse enquanto se movia, uma névoa espessa de fúria a qual era impossível de transpor. Ela não sentia nada por dentro, nem luz, nem esperança, nada sólido ou substancial. Era como se a enormidade de suas emoções não pudesse ser contida dentro de seu corpo e precisasse de mais espaço para respirar.

Mas não conseguia respirar. Ela passou longos e assustadores minutos com falta de ar, certa de que estava tendo um ataque cardíaco, a dor no peito era tão grande.

O crepúsculo caindo na floresta trouxe consigo uma diminuição da dor. A dor surda tomou o lugar da angústia crua e sem esperança. O céu ficou em um tom brilhante de fúcsia conforme o sol começava a afundar no horizonte. Rosa, violeta e vasto acima dela, ela olhou para ele e pensou em sua casa, seu apartamento minúsculo na praia a meio mundo de distância desse lugar. Sentiu saudades com uma súbita pontada dolorosa de melancolia. Ela sentia falta da Sra. Colfax, Becky e seu trabalho no Mélisse e até se sentia um pouco nostálgica com a histeria de Geoffrey. Pelo menos aquelas pessoas eram reais e de confiança, aquelas coisas eram familiares.

Esta não era sua casa. Nunca poderia ser. E essas pessoas... Christian estava certo. Essas pessoas eram animais.

Ela adormeceu contra a fria lareira de pedra, tremendo como um cão, ouvindo as pequenas criaturas da floresta acordando com a escuridão.

Quando acordou de manhã, o pescoço estava duro e doía, mas sua cabeça estava clara, tão clara como o amanhecer quebrando sobre as colinas de fumaça roxa à distância. Não havia mais respostas, pelo menos nada que consertaria isso ou a ajudaria a entender.





Ela decidiu que compreender o passado era menos importante do que abraçar o futuro.

Iria embora. Deixaria este lugar, suas feras míticas e o horror de todos os segredos que eles guardavam e encontraria uma nova vida para si mesma em outro lugar do mundo.

Em algum lugar onde eles nunca iriam encontrá-la.

Ela sabia se esconder, foi ensinada ainda criança por um deles. Ela desapareceria no vento e acabaria com tudo isso. Finalmente seria livre.

Mas, assim que tomou sua decisão e ajeitou os ombros para voar, pisou naquela maldita pedra. Não importava o quanto tentasse, não conseguia mudar. Ela não conseguia escapar.

Jenna foi confrontada com duas opções agora: viver na floresta tanto tempo quanto pudesse, procurando alimento, exposta aos elementos ou caminhar de volta para o covil das feras. Demorou uma hora para ela se debater sobre os prós e contras de ambas as situações antes que tomasse uma decisão.

A morte por fome e exposição era apenas um pouco menos atraente.

Passou os últimos dois dias caminhando pela floresta de volta para Sommerley, nua, faminta, o cobertor grosso ao redor de seus ombros sujos com uma camada de lama quando teve que parar e dormir no chão.

O corte em seu pé descalço piorou enquanto ela caminhava, ficando cada vez maior com a vegetação rasteira, troncos caídos, rochas e pedras que ela teve que atravessar. E agora ele estava infeccionado.

—Como é que, eu me pergunto, você foi capaz de escapar de todos os guardas de Leander na floresta e pela mansão e entrar direto sem uma única alma perceber sua chegada?





Morgan levantou o olhar da planta do pé esquerdo de Jenna, que ela lavava em uma bacia de água morna e sabão, enquanto Jenna estava sentada, estoica e silenciosa, mordendo o lábio contra a dor.

Ela encolheu os ombros, um movimento derrotado dos ombros por baixo do roupão de seda azul pálido que Morgan colocou ao redor dela. —Eu podia senti-los. Onde todos eles estavam, quando estavam perto e quando a sua atenção estava em outro lugar.

Exceto pelo pé esquerdo, o resto do seu corpo ainda estava coberto de sujeira da sua jornada através de quilômetros de floresta. Suas pernas estavam machucadas, seus tornozelos cobertos de arranhões. Seu cabelo estava enredado em uma confusão profana de nós. Ela se esgueirou pela cozinha, pela longa escadaria curva e simplesmente entrou em colapso, nua, em cima da cama em seu quarto, adormecendo instantaneamente quando sua cabeça atingiu o travesseiro.

Ela estava tão exausta que esqueceu de trancar a porta.

Ela acordou momentos atrás para encontrar Morgan de pé na beira da cama, estalando a língua como uma mamãe galinha, cobrindo seu corpo nu com o roupão.

—Todos eles? — Morgan pareceu assustada. Sua mão parou no ar, a toalha molhada pingando na bacia de prata em seu colo. —Você pode sentir todos eles?

—Que diferença isso faz? — Jenna tirou o pé do aperto de Morgan. Ela colocou-o sobre o tapete, apertou o cinto em volta da cintura e afastou uma mecha de cabelo sujo longe de seus olhos. —Estou de volta agora, tenho certeza que vou ser presa — não importa o que posso sentir e o que não posso. Pelo que eu entendo de sua *lei*, eu nunca vou ser capaz de sair deste quarto novamente.





Morgan olhou para ela, os olhos verdes pensativos, a cabeça inclinada para o lado. —Na verdade isso faz uma grande diferença. — Disse ela calmamente e colocou a bacia no chão.

Morgan já tinha ido para a porta do quarto três vezes. A primeira vez para sussurrar alguma coisa para alguém do lado de fora, a segunda para trancá-la, a terceira para parar as batidas de um punho muito forte com um comando sibilado.

As batidas começaram novamente, mais altas do que antes. Elas balançaram a pesada porta em sua batente.

—Deixe-me adivinhar. — Disse Jenna. Ela olhou com cansaço para a porta. —Todo mundo sabe que estou de volta.

—Se eles não sabiam antes, definitivamente sabem agora. — Morgan murmurou. Ela se levantou e se dirigiu para a porta novamente.

—Você não pode simplesmente ignorá-lo? — Jenna lutou contra a força da exaustão, indisposta a enfrentar o dono do punho batendo.

Morgan olhou para ela. —*Ele?*

—Sim, ele. Leander.

Ela sabia que era ele. Sentia o cheiro dele, sentia sua marca particular de energia pulsante em toda a extensão do quarto. Mesmo a porta trancada não fazia nada para diminuir a corrente feral escaldante que ela enviava através de sua pele. Ela odiava que, mesmo em seu estado atual de fadiga e sujeira, ele ainda a afetava tão fortemente. E a batida do coração dele...

Ela estava começando a perceber que reconheceria o som em qualquer lugar, como se fosse uma voz que falava o nome dela, de novo e de novo.

Morgan olhou para ela com desconfiança. —Então você pode sentir cada um de nós, *especificamente*? Não apenas o sentido geral de um *Ikati* por perto,





mas você pode identificar indivíduos específicos? — Ela olhou para trás em direção à porta fechada.

—Sem colocar os olhos sobre eles?

Jenna suspirou. —Não. Apenas ele, especificamente. Com o resto de vocês eu apenas sinto essa... presença. Você é diferente de qualquer coisa que eu já senti antes, por isso é fácil te distinguir. Mas com ele... — Ela suspirou novamente, irritada consigo mesma, por admitir isso. —É como pulsar, como a carga de eletricidade antes dos relâmpagos. Foi tão forte a primeira vez que eu senti que desmaiei.

A boca de Morgan fez um 'O' de surpresa. Seus olhos ficaram tão arregalados que Jenna podia ver o branco acima e abaixo de suas íris.

—O que?

Ela olhou para a porta novamente, parecendo confusa. —É por isso que você desmaiou no mercado? Você tem certeza?

—Bem, sim. Eu senti isso antes mesmo de vê-lo. E então quando eu finalmente o vi, a energia me bateu. Eu tentei fingir que não era ele na época, mas, infelizmente, parece que era.

Morgan fez um som de espanto divertido. Ela levantou a mão e cobriu a boca; Jenna podia ver o sorriso que ela tentou esconder.

—Por favor, não me faça adivinhar o que você está pensando, Morgan. Eu não tenho energia para isso.

—Não, não é nada. — Disse ela alegremente, acenando com a mão na frente do rosto. —Sério, provavelmente não é nada.

Jenna olhou para ela.

—Bem, é só que... — Ela parou, apertando os lábios.

—O que?





—É só que apenas um Alfa pode sentir outro Alfa assim. Especificamente.

— Ela riu, um som alegre, feminino que parecia nitidamente fora de lugar para as circunstâncias. —E só com o Alfa com quem eles estão acasalados.

Jenna desejou que não estivesse tão cansada. Ela pensou que provavelmente poderia jogar Morgan a uns bons seis metros de distância pelo quarto em qualquer outro dia.

—Se você alguma vez disser algo parecido para mim novamente, eu não serei responsável por meus atos.

Morgan fez um gesto de aquiescência com seus ombros e mãos, embora seu sorriso ainda não estivesse ajudando a paz de espírito de Jenna.

As batidas na porta começaram novamente, mais altas do que antes.

—Ok. Temos cerca de cinco segundos antes que ele arrombe a porta. Eu não posso ignorá-lo. O que você quer que eu faça?

—Basta dizer que vou sair mais tarde, para o jantar. Se eu estiver *autorizada* a comer. — Seu lábio superior se curvou.

O sorriso de Morgan desbotou. Ela fitava Jenna com um olhar de peculiar concentração intensa por um longo momento. —Isso eu tenho certeza que eles vão deixar você fazer. Quanto ao resto do que será autorizada a fazer... — Ela apertou os lábios. —Isso vai depender inteiramente de você.

Jenna fechou os olhos e deixou o cabelo cair sobre o rosto quando Morgan foi novamente para a porta. Desta vez, ela passou por ela e fechou-a atrás de si por um momento antes de voltar e a fechar de repente.

—Isso deve funcionar.

Quando Jenna abriu os olhos, viu Morgan de pé com as mãos no quadril nos pés da cama. —Eu só disse a ele se não parasse de bater você voaria para fora da janela, para nunca mais ser vista novamente.





—Esse era o plano original. — Jenna murmurou. Ela reprimiu um bocejo atrás de sua mão e olhou para o travesseiro, o edredom macio, as camadas de lençóis de cetim abaixo. A cama macia chamando por ela como um canto de sereia, exuberante e succulento e *oh* tão convidativo. Este lugar podia ser uma prisão, mas pelo menos era uma prisão suntuosa.

—Bem, passarinho, você está presa à terra até que seu pé se cure de qualquer maneira. — Disse Morgan.

Jenna ficou instantaneamente alerta. —Por quê?

—Porque não podemos mudar quando estamos feridos. Mesmo um pequeno corte basta. Você não vai a lugar nenhum até que seu pé se cure.

Algo dentro de seu estômago diminuiu e suavizou, em seguida, floresceu uma pequena flor de esperança. Um corte pequeno como este iria se curar rapidamente. Alguns dias, talvez uma semana...

Ela se virou para que Morgan não visse sua surpresa. Ela se levantou, colocando a maior parte de seu peso em seu pé direito e mancando sobre o tapete peludo em direção ao banheiro.

—Então você está dizendo que estou presa aqui até que isso cure completamente. — Ela disse por cima do ombro.

—Eu estou dizendo, minha querida. — Disse Morgan, totalmente neutra. — Você está presa aqui permanentemente.

Aquilo fez Jenna parar em seu caminho. Ela virou-se lentamente de volta para Morgan, segurando a mão na altura da cintura para manter o equilíbrio. Pânico esparramado sobre o peito. —Eu sabia. — Ela disse, com a boca ficando seca. —Eu sabia que não deveria ter confiado nele. Ele nunca planejou me deixar ir, não é?





O rosto de Morgan tinha outra expressão inexplicável. Seus olhos brilhavam com uma profunda e dura reflexão. Seu olhar se virou para janela por um momento. —A menos que...

—A não ser o quê? — Jenna disse bruscamente.

Ela cortou seu olhar para Jenna. Quando falou, sua voz era urgente, uma súbita onda de palavras caía de seus lábios. —Como você encontrou o caminho de volta para Sommerley, Jenna?

—Eu andei, eu disse a você...

—Sim, por dois dias. Eu sei. Em meio à mata em que você nunca colocou os pés antes, fugindo ao longo do caminho de um exército dos melhores caçadores na terra e simplesmente entrou pela porta da cozinha aberta. Mas como você soube qual *direção* seguir?

Por alguma razão bizarra, a expressão facial de Morgan exalava um ar de expectativa incrédula como se ela estivesse prestes a espreitar ao redor de um canto para ver um unicórnio que estava no meio da sala.

—Eu apenas... — Jenna lutando para encontrar a descrição certa para o que a levou de volta. —Eu apenas segui a trilha.

Morgan apenas olhou para ela com a mesma expectativa silenciosa, por isso Jenna continuou.

—Havia uma trilha...

—Seu cheiro? Você detectou o seu próprio cheiro de dias atrás? — Morgan interrompeu.

—Bem, sim, o meu cheiro era a coisa óbvia, mas também foi... a luz.

Esta era uma descrição totalmente inadequada para o pulso de energia que ela detectou quando, conforme se ajoelhava para examinar o corte em seu pé, ela fechou os olhos por um breve momento e viu os anéis concêntricos sob as pálpebras, uma fraca trilha reluzente de branco e ouro que levava para fora





da floresta. Quando abriu os olhos foi embora, mas ela fechou-os novamente e aquilo voltou, formas brilhantes como círculos com flâmulas em direção constante ao sul, mesmo quando ela virou a cabeça para frente e para trás para ver se iria se mover.

Ela sabia instintivamente que era ela, uma impressão deixada conforme disparava como uma flecha através da floresta. Ela sabia que isso iria levá-la diretamente de volta para Sommerley.

—Você pode ver sua assinatura de calor. — Disse Morgan, sem piscar. — Você podia sentir seu cheiro e ver sua assinatura de calor, com mais de dois dias passados. — Ela levantou uma mão para a cadeira contra a parede e afundou-se de forma desigual sobre a sua almofada de seda. Seus olhos estavam muito arregalados.

—Eu não sei exatamente como explicar isso... acho que isso soa bem, no entanto. — Jenna olhou no rosto de Morgan, a palidez repentina em suas bochechas, o queixo relaxado. —Por quê? O que isso significa? Você não pode fazer isso também? Todo mundo aqui não pode fazer isso?

—Eu... eu... — Morgan limpou a garganta e começou a piscar muito rapidamente. A cor voltando para suas bochechas em uma corrida de carmesim. —E agora. —Se você fechar os olhos agora, pode ver mais alguma coisa?

Jenna levantou uma sobrancelha. —Como você sabia que eu estava de olhos fechados?

—Basta tentar. — Morgan sussurrou. —Isto é muito importante, Jenna, por favor, apenas tente.

—Estou em extrema necessidade de um banho, Morgan, como você pode ver claramente e estou quase delirando de fome e exaustão. Dificilmente vejo esse como um bom momento para brincar...





—Maria Antonieta. — Morgan interrompeu com um sussurro rouco.

Jenna permaneceu em silêncio, pensando, enquanto Morgan olhava para ela de sua cadeira.

—Ela foi a última...

—Rainha. Sim, sim, eu sei. Sua ancestral condenada, a rainha da França. O que tem ela? — Jenna disse, exasperada. Seu pé estava latejando, sua paciência estava se desgastando e seu estômago estava apertado em uma pequena bola horrível de vazio, se contorcendo, parecia pronto para começar a comer a si mesmo.

Morgan parecia estar respirando regularmente, mas Jenna podia ouvir seu coração batucando sob sua caixa torácica como um beija-flor.

—Os *Ikati* não são cães, Jenna. Nós não somos como uma matilha de lobos, embora tenhamos Alfas e hierarquias e regras dentro de regras sobre regras. — Disse ela lentamente. Ela engoliu em seco antes de continuar. — Somos GATOS. E todo grupo de gatos tem uma rainha. — Ela parou novamente. —Embora os *Ikati* não tivessem uma desde Maria Antonieta. Ela era a mais poderosa Alfa do seu tempo, mais talentosa do que qualquer macho alfa. Ela foi a última verdadeira rainha.

—E veja o quão bem isso acabou para ela. — Disse Jenna, sem humor.

Morgan balançou a cabeça, discordando. —Você está perdendo o ponto.

A rainha da França fazia o que queria precisamente por causa de quem ela era. Ela estava no controle de seu próprio destino, se tivesse sido qualquer outro *Ikati*, ela teria sido algemada pela Lei, como o resto de nós é. Então, estou supondo aqui, mas se eu estiver certa...

Morgan inalado uma respiração instável. —Basta fechar os olhos e me diga, me diga o que você pode ver. Feche os olhos e concentre-se.

Jenna olhou para ela, confusa. —Por quê?





—Porque é... importante.

Suas sobrancelhas se arquearam.

Morgan tomou outra respiração instável. —Porque é *muito* importante?

—Isso é completamente ridículo.

—Por favor?

Jenna fez um som de exasperação. —Eu já *sei* o que posso ver, a luz! Eu te disse!

Morgan permaneceu em silêncio, mas juntou as mãos firmemente na frente de seu peito em um gesto de súplica muda.

—Tudo bem. — Disse Jenna com os dentes cerrados. —Mas você vai se decepcionar. E você me deve uma.

Ela fechou os olhos.

No começo não havia nada, além do brilho âmbar de luz solar contra pálpebras. Dois pássaros começaram a gorjear fora da janela, uma melodia ascendente de perfurando notas que se juntavam e ficando cada vez mais alto, amável e doce. Ela suspirou em frustração e cruzou os braços sobre o peito.

—Apenas relaxe, Jenna. — Morgan murmurou. —Basta deixar-se ir e se concentrar na sua respiração.

Inalar. Expirar. Ela relaxou seu corpo e sentiu sua exaustão tão intensamente que pensou que poderia cair no sono de pé. Ela não se preocupou em cobrir seu bocejo com a mão.

Tornou-se consciente da desaceleração de seu batimento cardíaco. Algo começou a afundar em suas células, suavizando o tempo ao seu redor para um suave e silenciado badalar do relógio na moldura da lareira, um eco pálido da respiração de Morgan. Havia uma sensação de calor, deslizando, como mel derramado sobre a pele.





E então aquilo chegou com uma lucidez de tirar o fôlego, em silêncio, como se tivesse estado por trás de suas pálpebras desde sempre, como se só estivesse esperando o tempo todo para ela *querer* ver.

Imagine: Um céu noturno, preto, perfeitamente claro e sem nuvens, profundamente no campo, onde não há outras luzes que poderiam poluir o escuro virgem. Silêncio. Então, depois de um momento de antecipação suspensa, um lampejo.

Uma estrela.

Primeiro piscou para a vida, um ponto brilhante de branco contra uma tela preta de veludo, tão perto, parecia que ela seria capaz de chegar com a mão para tocá-lo. Outra luz cintilante, mais uma vez muito perto, estava queimando em um forte vermelho sangue. Em seguida, outro, ainda mais uma, brilhando, todas perto da primeira.

Então, todas de uma vez, milhares de estrelas piscaram para a vida.

Eles brilharam contra a escuridão, queimando e cintilando, chamando-a com a canção mais bonita e dolorida. Ela corria através de seus sentidos como uma brisa intangível, como uma seda, uma brisa viva, e estabeleceu-se em seus ossos como se estivesse esperando por anos e anos para chegar, para ela ouvir.

Ali estavam aglomerados de luz, como galáxias em todo o universo, bonitas, etéreas e espalhadas por uma vasta distância, todas pulsando com poder aquecido, cada uma única na cor, forma e tamanho, cada uma gritando para ela, cada uma à sua própria maneira.

A canção mais forte de todas veio da estrela vermelha brilhante.

Um arrepio veio sobre ela.

Começou em seu núcleo, no centro de seu estômago, e correu para fora ao longo de seus braços e pernas. Os arrepios se tornaram tremores, as borboletas em seu estômago transformadas em chama brilhante escarlate, alegria surgiu





para consumi-la. Ela queria encarar fixamente estas estrelas para sempre, sentia que eram mais do que apenas pontos brilhantes de luz, elas eram algo semelhante a...

—Você pode ver eles todos, não pode? — Morgan disse com uma voz temerosa, uma voz sussurrada que você usaria na igreja. —Todos os *Ikati*. Toda a nossa espécie, em todo o globo.

Jenna abriu os olhos e olhou para o rosto de Morgan. Ela girou com tontura e teve que engolir algumas vezes antes de se recompor o suficiente para responder.

—Eu não vi nada. — Sua voz estava mais trêmula do que ela teria gostado.

Morgan olhou para ela com algo como reverência. Reverência... e temor.

—Sim, você viu.

—Não, eu não vi. — Ela parou por mais tempo do que um piscar de olhos.

—E mesmo que eu tivesse, isso não significa nada. Estou apenas cansada.

—Vou lhe dizer o que isso significa. — Morgan endireitou suas longas pernas e levantou-se cambaleante da cadeira. —Isso significa que você está conectada a *todos* nós, você pode nos encontrar em qualquer lugar, até mesmo através da neve cega, breu, cegueira ou no fundo do oceano. Este dom é o mais forte do nosso sangue, um dom compartilhado por apenas alguns de nossa espécie ao longo dos tempos, um dom com que a própria Maria Antonieta foi abençoada. Isso significa que você é ligada a todos nós, de uma forma que não estamos ligados uns aos outros. Na realidade. — Morgan inclinou a cabeça e a afundou em uma baixa reverência, um joelho dobrado de forma elegante com o outro para trás. —Isso significa que você é a rainha.

Jenna olhou para ela, piscando. —Desculpa. — Disse ela lentamente. —Eu devo estar alucinando. Pensei ter ouvido você dizer que sou a rainha.





—Sim. — Morgan insistiu. Ela se levantou com os olhos brilhando para encarar o rosto de Jenna.

Houve um silêncio total no quarto salvo pelo relógio contra a parede que contava os segundos com decididas notas estaladas. Cinco, dez, vinte...

—Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi.

Jenna mancou de volta para a cama, deixou-se cair pesado sobre ela e olhou ao redor da sala dourada em uma névoa de confusão. Ela bocejou novamente, lutando contra a maré de exaustão que queria puxá-la para baixo em um oceano de descanso abençoado.

Ela olhou para encontrar Morgan sorrindo para ela.

—Não, Morgan.

—Sim, Jenna.

—Não. *Não*.

Morgan apenas olhou para ela, sorrindo enigmaticamente. Ela desfiou o último de sua paciência.

—Eu não sei que jogo você está jogando comigo, mas não estou no clima para ele! Eu só vim aqui para obter respostas sobre o que aconteceu com meu pai e primeiro eu descubro que ele foi... ele foi *morto* aqui e não só isso, mas que sou uma *prisioneira* e agora você está tentando me dizer que... eu sou a... sou...

—Rainha. — Morgan terminou por ela com calma e silenciosamente. —E sim, goste ou não, eu acredito que é exatamente isso que você é. E não só isso, mas Leander... é o seu companheiro.

Jenna desabou sobre a cama e se enrolou em uma posição fetal. —Por favor, vá embora agora. Eu só quero que você vá embora.

Por um longo momento, tudo que Jenna ouviu foi seu próprio pulso batendo em seus ouvidos e o som da respiração suave, errática de Morgan. —Só





para você saber. — Morgan murmurou, — Há benefícios substanciais em ser Rainha dos *Ikati*.

—Acho isso extremamente difícil de acreditar. —Disse Jenna para a colcha, sua voz abafada. —Que ser a matriarca de um bando de animais selvagens que vivem na clandestinidade e matam uns aos outros se saírem da linha tenha uma única vantagem que eu estaria interessada.

—Bem... — Jenna ouviu o som de seda farfalhar conforme Morgan nervosa mudava seu peso de um pé para o outro. —Agora eles vão ter que fazer exatamente o que você diz.

Jenna mal tinha forças ou o interesse de responder. —Eles?

—A *Assembleia*. — Morgan enunciou. —Se você é a Rainha, isso significa que pode fazer o que quiser. Isso significa que você pode entrar e sair, viver a sua vida e que se danem todos eles... — Morgan mudou para um sussurro, em seguida, deu um suspiro final, espantado.

Algo em sua voz começou a deixar Jenna extremamente nervosa. Ela sentou-se rapidamente e olhou fixamente para Morgan. —Você não pode dizer a eles sobre isso. Que você acha isso.

A boca de Morgan caiu aberta. —Não seja ridícula! Sabe o que isso significa para você? Você será capaz de...

—Prometa-me. — Jenna interrompeu. Ela se inclinou e apertou a mão de Morgan. —Prometa-me que você não vai dizer a eles.

—Jenna! Eu tenho que dizer-lhes! Você não tem ideia de como é importante para nós, para mim...

—Não!

—Por que diabos não? — Disse Morgan, indignada.

Jenna soltou a mão de Morgan e sentou-se na cama. Ela respirou fundo e ergueu o olhar sobre o ombro de Morgan. A cor do céu nas além das janelas





estava se transformando em um azul sem fundo. —Porque eu não quero ser isso. Eu não posso ser isso.

—Mas... — Disse Morgan, espantada. —Por quê?

Ela apertou a ponte do nariz entre os dedos, odiando as lembranças que vieram à tona. Ela manteve o tom monótono de voz quando respondeu, para que pelo menos pudesse controlar aquela incomum dor em seu coração. Ao contrário da vez passada.

—Depois que meu pai desapareceu, minha mãe bebeu até morrer. Demorou oito anos. Não foi bonito e era incapaz de pará-la. A cada dia que eu crescia, rezava para que tudo o que a deixava tão doente e tão assustada parasse. Acho que ela estava literalmente morrendo de medo. Com o pensamento do que a seguia, o pensamento de quem ou o que queria vê-la morta. — Ela olhou para Morgan. —Os *Ikati*. E agora você está me dizendo que eu tenho que ser o quê? A encarregada? A líder? Das mesmas pessoas, *coisas*, que a mataram? As coisas que mataram o meu pai? — Ela balançou a cabeça bruscamente. —Não. De jeito nenhum. Sem uma maldita chance.

Morgan olhou para ela por um longo momento, solene. —Sinto muito por sua mãe. — Disse ela calmamente. —Eu não sabia disso. Tudo o que sabia, tudo o que qualquer um de nós sabe é que seu pai abandonou a tribo por uma mulher humana e teve um filho. E então ele... — Ela umedeceu os lábios, hesitando. —E então ele...

—Sacrificou-se para que pudéssemos viver. Sim. — Disse Jenna. — Aparentemente foi o que ele fez.

—Mas ele sabia exatamente o que estava fazendo. Ele amava este lugar. — Morgan disse suavemente. —Ele amava o seu povo, a sua posição, o nosso modo de vida. Ele não deixou Sommerley porque era ruim. Ele deixou porque não poderia ter o que queria se ficasse. Por causa da *Lei*. Mas você pode ter o





que você quiser, Jenna. Você não entende? Porque você é quem é, você pode ir embora, pode ficar, pode ter o que eu quis a minha vida inteira.

Morgan se inclinou para frente e gentilmente pegou a mão de Jenna em sua própria e segurou lá com uma pressão cuidadosa.

—Que é o que, exatamente?

—Liberdade. — Ela respirou. —Você pode ter a sua liberdade.

As palavras de Morgan voltaram a ela, faladas com tal tristeza na noite que eles chegaram na limusine. *É mais o que estamos tentando manter dentro.*

O corpo de Jenna agora estava tão pesado com o cansaço que ela sentia que iria se afundar direto pelo colchão para o andar de baixo. O desejo de sono parecia tão irresistível como a atração da lua sobre as marés. Ela lutou por mais um momento.

—Eu já tinha isso, Morgan. Eu já *tenho* isso e não há nada que me mantenha aqui contra a minha vontade, sendo bem comportada. Não importa como Leander e a Assembleia ou qualquer outra pessoa tente me forçar, não serei bem comportada. — Ela olhou para Morgan, apertando os olhos e piscando conforme seu rosto entrava e saía de foco. —E acho que você não quer ser comportada também, mas tenta agir como se fosse. Eu acho que já teve o suficiente dessa besteira machista.

Morgan apertou a mão dela, com força. Seu rosto borrado conforme a exaustão se infiltrava como um cimento lentamente endurecendo nos músculos de Jenna.

—Então me prometa que não vai dizer-lhes sobre isso. Pelo menos ainda não. Não até que eu possa descobrir como contornar ou sair disso. Prometa-me e você tem a minha palavra, eu vou te dar algo em troca. O que você quiser que eu seja capaz de dar.





—Qualquer coisa? — Perguntou Morgan, de repente tensa. —Você vai me dar alguma coisa? Você promete?

—Eu prometo.

As pálpebras de Jenna caíram, mas se abriram quando as unhas de Morgan pressionaram na carne de sua palma. Ela se inclinou mais perto, os olhos muito largos e escuros, sem piscar.

—Eu quero o que sempre me foi negado. O que os outros tomam por certo. Eu quero o que você tem, Jenna. *Liberdade*. Eu quero andar para longe de Sommerley e nunca olhar para trás, nunca mais ter que me preocupar com eles vindo atrás de mim. Se você puder conseguir fazer Leander me deixar ir, não lhes direi nada. Vou até ajudá-la a sair daqui. Você tem minha palavra.

A paixão sufocada na voz de Morgan convenceu-a.

Jenna caiu mais, sua cabeça bateu no travesseiro. —Temos um trato. — Ela murmurou, já meio adormecida. —Só não diga nada a eles. Basta manter isso entre nós... por agora... e eu vou fazer Leander deixar você ir... tenho certeza que vou encontrar uma maneira de convencê-lo...

A escuridão começou a deslizar sobre ela como um doce cobertor se lançando.

Ela estava quase dormindo quando ouviu Morgan sussurrar algo para si mesma. Algo angustiado e com auto aversão, algo que soava quase como um pedido de perdão.

Mas antes que Jenna pudesse perguntar pelo que Morgan precisava de perdão, ela caiu no esquecimento escuro.





CAPÍTULO DE ZESSETE

A sala estava lotada.

Malditamente lotada, Leander pensou conforme passava seu olhar sobre os criados ao longo da parede da galeria, os candelabros acesos, o oceano de cetins e rendas que farfalhavam enquanto as mulheres se moviam. As esposas dos membros da Assembleia e dos Alfas visitantes estavam com suas melhores roupas para a ocasião, um jantar que ele fortemente argumentou contra.

Em outro momento. Fúria subiu em sua garganta. Em qualquer outro momento eu teria sido capaz de impedir tudo. Mas com o Conselho de Alfas convocado, ele simplesmente foi voto vencido. Em sua própria casa, nada menos.

Isso era loucura pura.

Não era hora de bobagem e festas, não era tempo de ter toda a liderança dos *Ikati* reunidos em um só lugar, como patos sentados em uma lagoa. Nas últimas vinte e quatro horas, os Alfas das outras tribos chegaram a Sommerley com suas famílias, embaixadores e comitivas. Eles ficariam por um dia, uma semana ou um mês, o tempo que levasse para que todos pudessem chegar a um acordo sobre quais as precauções seriam tomadas, o que seria feito com relação aos Expurgari.

E de igual importância: o que seria feito em relação a Jenna Moore, a *Ikati* que desobedeceu a lei.





A pedido da Assembleia — e contra seus desejos expressos — Jenna foi mantida como uma prisioneira em seu quarto durante os últimos quatro dias. Ela era agora considerada uma ameaça de proporção desconhecida. Recusou-se a mudar na frente da Assembleia, fugiu para a floresta, recusou-se a responder quaisquer perguntas ou mesmo se encontrar com eles.

Um dos membros da Assembleia cogitou a ideia dela poder estar conectada a quem agora estava perseguindo os *Ikati*. Motivada pela raiva ou vingança, ela tinha tanto as razões e os meios para enfrentá-los.

Leander foi impedido de partir o pescoço do homem em dois quando essa ideia foi transmitida. Ele lembrou a eles com muita veemência que ela nem sabia sobre seu pai até que contou.

Ela era guardada cuidadosamente por uma vigília rotativa de quatro dos seus homens mais fortes, comida e água eram levados a ela em bandejas de prata, estava autorizada a ver qualquer pessoa que quisesse, mas negou o acesso a qualquer outra pessoa, além de Morgan. Isso foi tolerado nos últimos dias, mas ele sabia que a Assembleia estava ficando inquieta. Sabia que não demoraria muito para que ela fosse forçada a fornecer provas irrefutáveis do que era — que poderia mudar — e era amiga e não inimiga.

Até agora Leander foi o único que a viu mudar para vapor. Nestes tempos perigosos, sua palavra por si só não era suficiente para convencer o resto deles de que ela era de fato uma deles.

O Alfa da colônia de Manaus disse.

O pescoço dele também esteve em perigo de ser quebrado por Leander.

Seu olhar encontrou Morgan de pé do outro lado do salão. Ela estava pálida e ereta com as costas contra uma coluna de alabastro, vestida com um vestido estranhamente casto e simples de cetim marfim. Ela tinha um olhar cauteloso, mas ele sentia sua euforia.





Ele franziu a testa. Morgan não parecia normal nos últimos dias. Apenas planejar este jantar mal concebido e organizado às pressas a trouxera — ainda que pouco — de sua estranha e febril distração. Ela permanecia em silêncio através das reuniões da Assembleia, através de todas as discussões acaloradas sobre o que fazer com Jenna, usando uma expressão enigmática bem parecida com a que estava no rosto dela agora.

Ela virou a cabeça e o pegou olhando. Com um sorriso de Mona Lisa que levantava metade de sua boca ela colocou dois dedos curvados sobre a testa e inclinou a cabeça.

Seu cenho franzido se aprofundou, mas depois foi distraído por alguém rindo bem alto em seu ouvido. Ele se afastou. Correu um dedo sob o colarinho de sua camisa e puxou-o para longe de sua pele queimando. A sala não estava apenas lotada, estava superaquecida.

O Conselho de Alfas marcou uma reunião esta noite, às dez horas, após o jantar. Após a — incrivelmente estúpida — dança. A orquestra já trabalhava em seu lugar no segundo andar, bem acima da aglomeração de pessoas, serrando os violinos e tocando as trombetas, tocando sob candelabros ramificados que jogavam um brilho inquieto sobre todos eles. Fatias de luar vinham através das janelas do segundo andar, brilhando pálido sobre a reunião abaixo.

Um Christian cismado aproximou-se dele. Usava um terno perfeitamente cortado de zibelina marrom, a camisa de seda italiana aberta no pescoço e trazia um grande copo de uísque em sua mão.

Leander sabia que era seu quarto uísque até agora. Estava vigiando Christian cuidadosamente desde o comentário de Morgan na Biblioteca Leste. O comentário que parecia enchê-lo com uma horrível onda de ciúmes. O comentário que o deixava com tanta raiva que quase não conseguia falar.





Ele nunca esteve em uma competição com seu irmão. Nem queria estar.

Mas suspeitava, interiormente em uma parte abandonada de seu coração, que uma competição era exatamente no que os dois estavam enredados — uma silenciosa e não reconhecida. Ele não podia descrever o sofrimento insuportável que isso lhe trazia, tanto para si e quanto para Christian... para o que isso significaria no relacionamento deles.

Leander tinha outra suspeita a qual nunca admitiria para si mesmo. Fazer isso seria como abrir a caixa de Pandora e libertar a fera egoísta dentro dele que não pensava em ninguém, além de si mesmo.

A suspeita era esta: não importava a dor que causasse a ambos, ele faria qualquer coisa para reivindicar Jenna como sua.

Qualquer coisa, inclusive jogar fora todos os seus laços familiares e todas as leis que o prendiam.

—Todos os suspeitos de costume. — Christian disse secamente. Ele levantou o copo aos lábios e engoliu o líquido âmbar, o drenando rapidamente. Ele abaixou o braço e fez sinal para um garçom pairando nas proximidades para mais uma dose. —Eu acho que o nosso amigo Alejandro vai desafiá-lo para um duelo mais tarde.

Alejandro, o Alfa de Manaus no Brasil, que denunciou os motivos de Jenna, encarou Leander por trás da proteção de um aglomerado de mulheres que esvoaçavam sobre ele como mariposas delirantes. Ele era alto, tão alto quanto Leander, embora de algum modo faltasse substância física, como se você pudesse colocar o seu punho no abdômen dele e ele simplesmente saísse pelas costas, arrastando fumaça.

—Bom. — Leander disse, olhando-o uniformemente. Ele era o único outro Alfa solteiro, mais jovem do que Leander por quatro anos e uma vida inteira,





pretensioso e pomposo e gostava muito de si mesmo para seu próprio bem. — Talvez eu tenha a chance de terminar o que comecei na reunião da Assembleia.

Alejandro abaixou o olhar e voltou sua atenção para uma de suas admiradoras, uma mulher empolada dentro de um vestido dois tamanhos menores, o que deixava seus amplos seios em perigo iminente de violar as restrições do decote delicadamente frisado. Ele abaixou a cabeça e sussurrou algo em seu ouvido. Ela irrompeu em uma onda de risos e acenou com a mão gorda na frente de seu rosto.

E, em seguida, algumas coisas estranhas aconteceram ao mesmo tempo.

Em primeiro lugar, a orquestra perdeu duas notas da sonata inteiramente. O violinista puxou seu arco em um grito estranho, fora de tom entre os dois. Tropeçaram por um momento, incapaz de encontrar o caminho de volta para a harmonia, enquanto Leander olhava para eles, os olhos apertados.

Em seguida, um silêncio caiu sobre o salão de baile. As pessoas pararam de falar no meio da frase, pararam de andar e rir, o gelo em suas bebidas até pareceu parar de tilintar. O silêncio encheu a sala. A mulher roliça, rindo com Alejandro levantou a mão à boca, agarrou seu braço, e afundou os dedos tão fundo que Leander quase sentiu a contusão se formando de onde ele estava.

Alejandro franziu o cenho para ela — todos os dentes se mostrando embora ele não estivesse sorrindo — então ergueu o olhar. Ele também congelou no lugar, como se tivesse sido atingido por uma flecha.

No mesmo momento, Leander ouviu um assobio de Christian. O senso de perigo subindo, corroendo sua pele, Leander virou.

E lá estava ela, um anjo envolto em um vermelho demoníaco.

Jenna ficou apoiada na porta em arco, uma mão descansando levemente contra a cabeça de uma estátua de mármore de uma pantera musculosa no meio de um pulo. A outra se arrastava lentamente para baixo da curva estreita,





de sua cintura delineada sob o vestido Valentino vermelho escarlate que ele disse a ela para não usar, mas sabia que ela usaria exatamente por causa disso.

Estava serena, sorrindo misteriosamente como se não tivesse uma preocupação no mundo, como se não estivesse enfrentando uma sala inteira cheia de feras ansiosas e prontas para atacá-la na primeira provocação, o coração vivo e escuro da tribo reunido para testemunhar sua glória.

Ou sua destruição eminente.

Ela sempre foi bonita, nas lembranças dele, em suas melhores fantasias. Mas agora se tornou — com a luz de velas marcando a pele e as sombras dançando sobre seu rosto e corpo, e em camada sobre camada de seda — algo mágico e poético, como o brilho de um raio de sol cortando através de uma nuvem de tempestade.

Usava o cabelo solto, com ondas estilo Madonna, caindo em ondas de mel deslumbrantes sobre os ombros nus, sobre os contornos brancos leitosos de sua garganta, peito e braços que estavam em perfeito contraste com a tonalidade viva de seu vestido.

Uma parte de sua mente — a parte que ainda podia pensar, que não foi afetada pela magia dela — observou seu sorriso sensual, o olhar de calma controlada que ela deu a todos eles, uma sala cheia de acusadores silenciosos e mortais.

Ela mudou seu peso. A alta fenda em seu vestido escorregou, revelando uma extensão longa, nua e perfeitamente tonificada da curva de sua perna, que terminava em uma sandália de salto alto delicada vermelha carmesim. Ele sentiu a batida de seu coração enquanto seu olhar se movia sobre o torneado tornozelo fino, até a panturrilha nua, joelho e coxa tão familiar em sua memória, familiar dos eróticos e doloridos sonhos que o tocavam noite após noite, como um veneno em seu sangue.





Minha, pensou ele, faminto. A palavra o inundou com algo parecido a desespero.

Os olhos dela encontraram os seus do outro lado da sala. O sorriso sensual dela agora em algo claramente provocativo.

Christian exalou por entre os dentes, uma lufada suave de surpresa e isso quebrou o encanto.

Leander deu um passo adiante, o sangue bombeando de volta para seu coração. Ele cruzou o salão em silêncio, as pessoas se afastando, impacientes, para deixá-lo passar. Ele parou alguns centímetros longe dela, perto o suficiente para sentir seu perfume sutil de rosas frescas do ar e inverno, perto o suficiente para alcançar e acariciar seu braço.

Com esforço concentrado, impediu-se de tocá-la. Ele fez uma pequena reverência. — Jenna. — Disse ele suave e leve. — Você decidiu se juntar a nós. Estou feliz em vê-la.

Seus lábios se curvaram. Uma sombra fugaz atravessou seu rosto, em seguida, desapareceu. Ela recuperou a postura com um aceno de cabeça. — Bem, odeio perder uma festa. — Ela disse igualmente leve. Fixou-o com um olhar uniforme, erguendo o queixo. — Eu estava ficando cansada da solidão forçada.

Alguém novo se aproximou, mas Leander era incapaz de olhar para longe dela.

Ela estava segura. Ela estava aqui, em pé de modo alegre e bonita na frente dele, tendo de alguma forma conseguido passar por seu séquito de guardas. Ela parecia ilesa, mais do que ilesa, parecia luminosa. Requentadamente assim. E estranhamente confiante. De forma imprudentemente confiante, ele diria, à luz das circunstâncias atuais.

Ele sentiu todos os olhos na sala queimando como tochas em suas costas.





Mas ela permaneceu como se separada de todos eles por uma camada de vidro: serena, imperturbável, como se não fosse nada mais do que uma curiosidade em uma vitrine de museu, uma cabeça encolhida trazida das entranhas mais profundas da Amazônia, em exposição para todos possam ver.

Ele olhou para ela e levantou uma sobrancelha.

—Cuidado, amor. — Ele disse, a voz afável. —Eles estão todos à procura de qualquer motivo para trancá-la e jogar a chave fora. Não lhes dê um.

Jenna levantou uma sobrancelha em troca, fria e altiva como Cleópatra diante dos romanos. —Eles? Você não?

Ele sorriu, muito levemente. —Minhas razões são diferentes das deles, isso eu posso lhe assegurar. — Ele murmurou. Sustentou seu olhar pelo que pareceu uma eternidade, desejando que ela respondesse, que lhe desse alguma pista de que sentia alguma coisa por ele.

Mas, naturalmente, ela não lhe deu nada, além de um sorriso frio e seu perfil perfeito quando ela virou a cabeça para a pessoa agora com eles.

—Jenna. — Morgan deslizou até parar ao lado de seu cotovelo. —Você está linda. — Leander viu as duas trocarem um sorriso secreto, como se só as duas soubessem de algo.

—É o meu favorito, eu acho. — Disse Jenna, de improviso. Ela alisou a mão sobre as camadas de seda franzidas reunidas sob o corpete, no topo de seu seio, onde ele se encontrava com a parte superior de sua caixa torácica. —Eu nunca fui muito de vestir vermelho, mas este... bem, o ajuste é perfeito. — Ela olhou de soslaio para Leander, seu sorriso se aqueceu de forma quase imperceptível. —Por alguma estranha razão, eu o amei.

—Posso pegar algo para você beber? — Morgan perguntou a ela, atenciosa.





—Champanhe? — Jenna respondeu, ainda sorrindo. — Isso parece bastante apropriado, não acha? — Morgan assentiu, seus lábios juntos, e se afastou em direção a um garçom.

—Vocês duas parecem estar forjando uma amizade e tanto. — Disse Leander, observando-a ir. Havia algo de errado ali, mas ele não poderia apontar o que. Ela e Morgan estavam próximas agora, parecia... e como ela conseguiu passar pelos guardas?

Cada fissura e rachadura no quarto foi selada minuciosamente antes de sua chegada. Mesmo a porta estava protegida com um selante invisível para impedi-la de mudar para vapor e escapar. Nenhuma precaução foi poupada, mas de alguma forma isso não tinha importância.

A música começou novamente e as pessoas estavam começando a falar, ainda que apenas em sussurros. Todos os olhos da sala ainda estavam apontados para os dois.

O sorriso de Jenna se aprofundou, tornou-se zombeteiro. —Foi-me dito, por uma fonte muito confiável, que é bom ter amigos. — O verde nos olhos dela ficou em um tom mais escuro. —Pessoas em quem você pode confiar em tempos de necessidade.

Morgan retornou e entregou a Jenna uma taça de champanhe, o vidro cheio de bolhinhas se movendo loucamente. Ela fez isso tão educadamente que Leander imaginou uma reverência invisível com o gesto. Outro olhar passou entre eles, e Morgan colocou os dedos levemente no antebraço de Jenna antes de voltar a se mover para a multidão, em direção a um Christian ainda boquiaberto.

Seu olhar estava fixado firmemente na perna de Jenna, ainda despreocupadamente se projetando a partir da fenda alta em seu vestido. Em seguida, ele viajou lentamente até sua cintura, seus seios, seu rosto.





Christian percebeu que Leander estava olhando para ele precisamente no momento que Morgan chegou ao seu lado.

Leander encontrou os olhos de Christian com um olhar frio, até que seu irmão abaixou o olhar e se virou. Morgan disse algumas palavras em seu ouvido. Christian assentiu rigidamente, em seguida, se afastou no meio da multidão.

—Você está? Precisando, quer dizer, de alguma coisa? — Perguntou Leander, voltando-se para Jenna.

—Eu estou... bem. — Ele pensou ver algo em seus olhos, algo que poderia ser dor ou raiva, rapidamente se apagou.

—Sim, Morgan disse isso. Embora não muito mais. — Acrescentou, incisivamente.

Ela apenas sorriu, ainda misteriosa.

—Você não estava gravemente ferida? — Ele solicitou.

—Meu pé não estava gravemente ferido, não. — Ela equivocou-se, movendo o seu olhar sobre a multidão no salão de baile. —Ele está curado agora. Obrigada por sua preocupação.

—Tão rapidamente? — Ele pressionou, ainda não convencido. —Parecia haver uma grande quantidade de sangue...

—Morgan é uma boa enfermeira. — Ela respondeu vagamente, olhando por cima do ombro dele.

Esta conversa estéril e educada estava começando a fazer as palmas das mãos dele coçarem.

O que ela fez nos últimos quatro dias? Por que não falou com ele? Ou com qualquer outra pessoa, além de Morgan? Quando ele poderia falar com ela sozinho? Por que merda ela estava tão distante?





—Só por curiosidade, quem é o homem alto, bonito de pé com todas aquelas mulheres contra a parede mais distante?

Ele não tinha que virar a cabeça para saber a quem ela estava se referindo. Ele respondeu-lhe com os dentes cerrados. —Alejandro. Alfa da colônia brasileira.

Seus olhos se voltaram para os dele. —Você não gosta dele.— Ela parecia se divertir com isso.

—Não. Eu não gosto dele.

Ela sorriu. —Bem, você pode querer sair, então. Ele está vindo em nossa direção.

Leander se virou conforme Alejandro, alheio a todo o resto ao redor dele enquanto se concentrava em Jenna como um sabujo caçando, andando através de um bando sussurrante de esposas de homens da Assembleia. Elas se afastaram juntas, chocadas.

Leander segurou o cotovelo de Jenna, de forma leve e começou a virá-la em direção à porta. —Talvez devêssemos ir para algum lugar mais privado para conversar. — Ele murmurou, observando sem se surpreender que ela não tirou o braço de seu aperto leve.

—Oh, não. — Ela respondeu. —Eu adoraria ouvir o que ele tem a dizer. Após os últimos dias de solidão forçada, preciso desesperadamente de uma conversa estimulante. — O olhar dela brilhou quando olhou para ele, afiado e em seguida desviou.

—*Madame.*

Alejandro estava de repente ali, passando por Leander propositadamente esbarrando duro em seu ombro, ignorando-o. Ele tirou o aperto de Leander do cotovelo de Jenna com um movimento hábil: fraco, obsequioso, e rápido.





—Você é... — Ele limpou a garganta, abaixou seu olhar sobre a figura de Jenna, demorando em seu decote. — *Linda*. Ainda mais impressionante do que eu ouvi falar.

Leander precisou se esforçar muito para não esmagar o rosto de Alejandro com seu punho.

—Que agradável. — Disse Jenna, sorrindo timidamente.

Ela chocou Leander, levantando a mão para Alejandro. Ele se inclinou sobre ela, seus lábios mal acariciando a superfície de sua pele acetinada. — Isso parece ser uma qualidade bastante rara nos dias de hoje. — Ela acrescentou levemente, olhando para seu brilhante cabelo escuro. — Apesar de desfrutá-la.

Alejandro se endireitou, ainda segurando a mão de Jenna e lançou um olhar vitorioso em direção a Leander. Seu olhar deslizou de volta para o rosto dela. Seus olhos estavam arregalados e não piscavam e ele usava uma expressão de estupor, como se tivesse se fartado em uma sobremesa rica e estivesse achando extremamente difícil digerir.

—*Obrigado*, moça bonita. — Ele ronronou. — Temo que nem todos nós nascemos com a capacidade de ser agradável com os outros. Mas como eu sempre digo, com *um pouco de charme vai por um longo caminho*¹¹. Um pouco de charme nos leva longe.

—Bem dito. Concordo plenamente. — Jenna respondeu suavemente, permitindo que sua mão descansasse na palma da mão de Alejandro, como se ela nunca fosse removê-la. Eles olharam um para o outro por um

¹¹ (As partes em itálico nas frases do Alejandro são falas que originalmente estavam em português.)





momento, ambos sorrindo. Jenna tinha uma expressão de curiosidade e um pouco divertida, e ele pediu a deus fosse só por causa do cabelo de Alejandro.

Fúria explodiu dentro dele, quente, uma tempestade mortal, uma chama devoradora.

Jenna moveu seu olhar mais uma vez para um lugar além do ombro de Leander. Ela franziu a testa, depois recuperou sua expressão plácida e jogou o cabelo para trás por cima do ombro com um movimento gracioso de sua cabeça. —Maravilha. Aí vem a cavalaria. — Ela murmurou, quase sem mover os lábios.

Quatro homens estavam atrás dele agora, se acumulando, depois oito, depois vinte. Leander sentia todos, suas energias concentradas, focada com precisão em Jenna, que ainda sorria como se ela não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

A Assembleia. Os Alfas. A tempestade de fogo cresceu, um uivo impiedoso dentro de seu crânio.

—Lady Jenna. — Uma voz disse sobre seu ombro direito.

LeBlanc, o alfa de Quebec, maldito do inferno. Eles nem sequer dariam a ele um momento a sós com ela, para que pudessem conversar.

—Talvez você não se importasse em se juntar a nós na sala de reuniões por um momento. Receio que temos muito a discutir antes de podermos continuar com nossa festa.

—Cavalheiros. É claro. — Respondeu Jenna facilmente. Ela desembaraçou a mão do aperto de Alejandro, tomou um gole delicado de seu champanhe, depois abaixou a taça e lambeu os lábios de rubi,





deliberada e lentamente. Sorriu para o grupo de homens, olhando para um de cada vez.

Leander viu dois deles balançarem para trás em seus calcanhares, o resto afetado demais até mesmo para reagir com mais do que olhares atônitos.

—Eu odiaria interromper suas festividades por ser inflexível. Por favor. — Ela disse docemente, com a mão estendida para LeBlanc. O sorriso dela era lindo e deslumbrante e totalmente sem calor. —Vá na frente.

Ela moveu o olhar para o rosto de Leander, seus olhos glacialmente pálidos.

Algo escuro e reptiliano se moveu dentro do peito dele. De repente, ele se lembrou de um conselho que seu pai deu-lhe há muito tempo, quando ainda era um menino, uma lição sobre a natureza das mulheres.

“Nunca subestime uma mulher, filho, ou cometa o erro tolo de tentar dobra-la a sua vontade. Ela pode te elogiar e sorrir e até mesmo parecem concordar, mas no final ela vai arrancar seu coração, alimentar os lobos com o seu corpo, e depois desfrutar de uma boa noite de sono.”

Com outra torção em seu interior, ele se afastou um pouco de Jenna e lhe permitiu ser conduzida pela mão para fora do salão e pelo longo corredor em direção à sala de reuniões. Ele sentiu um emaranhado silencioso, seguindo a trilha Ikati como uma escola de parasitas famintos.



—Exigimos uma mudança. — LeBlanc insistiu novamente, os dedos pressionando contra a superfície polida da mesa de mogno, com os olhos verdes gelados. — Exigimos agora.





A sala estava em silêncio, exceto pelo eco distante da orquestra à deriva no outro lado da mansão e a respiração irregular de homens agitados. Era muito mais escuro ali do que no restante da casa e mais frio. Não havia janelas para deixar entrar a luz durante o dia, não havia lareira para brilhar contra o frio da noite.

Eles estavam sentados em cadeiras puxadas às pressas de todos os cantos da sala, um círculo áspero de dezenove homens com três dos quatro Alfes em uma longa mesa como juízes em um tribunal.

Jenna estava sozinha diante deles, sua pele pálida e luminescente contra o vestido vermelho e as sombras azuis e carvão ao redor dela. Ali no escuro, nos limites estreitos de sala, ela brilhava como uma estrela da manhã.

Mas seus olhos, pensou Leander, observando-a com cuidado. Seus olhos brilhantes reuniam a luz fraca e a enviava voando de volta para todos eles como o flash de facas em uma caverna.

Durante os últimos vinte minutos, Jenna os observou dançar ao redor das perguntas, parecendo apreciar a crescente tensão e frustração dos homens sentados à sua frente. Além de Leander, ela era a única de pé.

Ela recusou ao pedido de LeBlanc de tomar um assento com um simples não, sucinto.

Ela parecia não ter a menor ideia do perigo em que estava se colocando. Ele viu Ikatis presos e punidos por muito, muito menos do que esta exibição de desrespeito.

—De verdade? — Jenna meditou. Ela ergueu as sobrancelhas, uma sombra de desdém nos lábios.

—Sim. — LeBlanc disse, inflexível, sentando-se para frente. Ele apertava as mãos sobre a mesa agora e começava a se levantar. —Você





simplesmente deve mudar na frente da Assembleia. Não podemos simplesmente aceitar sua palavra sobre isto...

—E o que dizer a palavra do Alpha de Sommerley, Lorde McLoughlin?

— Jenna interrompeu. Seu desdém pelo homem mostrando-se em seus lábios curvados, engrossando o ar entre eles. Ela deixou seu olhar ir para onde Leander estava contra a parede oposta da sala de estar. Inclinado, os braços cruzados, tenso e em silêncio nas sombras de um grande armário, sombras que escondiam sua expressão e seus olhos.

—Você não vai considerar sua palavra como prova? Você está chamando-o de mentiroso?

Leander ouviu LeBlanc ranger os dentes e sorriu de satisfação cruel para si mesmo. Ela era inteligente. Seja qual fosse a resposta de LeBlanc ou ele admitia a derrota ou seria um desafio aberto. A Lei não permitia Alphas desafiarem abertamente uns aos outros sem provocar uma luta até a morte.

Outra voz interrompeu e o quarto se virou para ele. Visconde Weymouth.

—Ninguém está impugnando Lorde McLoughlin aqui, Lady Jenna, ele atestou sua capacidade, bem como os seus motivos. Mas a Lei exige a prova e sua objeção continua colocando-a em uma posição muito precária. Estamos vivendo em tempos perigosos... devemos saber onde está sua lealdade e conhecer seus dons, se você tiver algum, especialmente desde que será tão fácil fornecer qualquer tipo de prova. Ou você é Ikati ou você não é. Está conosco ou contra nós.

Murmúrios de aprovação foram ouvidos ao redor da sala. Leander os viu balançando as cabeças e olhares presunçosos de congratulação passou de rosto em rosto.





Com uma onda de raiva que levou sangue para o rosto, Leander enrolou suas mãos em punhos apertados. Morgan estava certa. Estes homens não eram nada mais do que idiotas arrogantes, apaixonados pelo som de suas próprias vozes e muito complacentes com controle incontestado e autoridade para ter qualquer empatia ou humildade com alguém. Eles governam apenas para si, para seu próprio prazer, conforto e egos.

Pela primeira vez em sua vida, Leander sentiu que talvez fosse hora de uma mudança.

—A Lei. — Repetiu Jenna, zombando. — Certo. Você nunca pode escapar do aperto da morte de sua perfeita, brilhante e bárbara Lei.

Ela olhou para todos eles com os olhos frios... então seu olhar encontrou o de Leander do outro lado da sala.

Tudo de uma vez, a indiferença calculada pareceu escorrer de seu rosto, deixando-o aberto e nu, como se as camadas de uma cebola tivessem sido puxadas para trás para revelar seu núcleo. Seus olhos brilhavam claro e forte, seu sorriso desapareceu, melancolia se mostrou em seus lábios. Sua voz, quando veio, ficou pouco acima de um sussurro.

—Eu quase sinto pena de você. Não sabe o que está perdendo. Não sabe o quão incrível é ser... livre.

Uma risada a partir de outro canto escuro da sala. Leander soube imediatamente que era Morgan, embora não se virasse para olhar.

—Leander disse à Assembleia que você transformou-se antes de seu aniversário, Lady Jenna. — Alguém disse rispidamente, ignorando a risada abafada de Morgan.

Leander cortou seu olhar para a voz com forte sotaque.

Durga, o Barão Bhojak, Alfa do Nepal.





Ele sentou-se na frente de Jenna, no centro da mesa, com as mãos cruzadas sobre seu grande peitoral, pernas abertas na frente dele, sua postura a de alguém entediado inteiramente pelo processo. Mas Leander sabia melhor. Durga ganhou uma reputação de governar sua tribo com um punho de ferro. Ele era da velha escola, um linha-dura, um purista. A Lei acima de tudo.

—Ele disse? — Ela murmurou, ainda olhando para Leander com aqueles olhos brilhantes. E enviou um tremor direto através de seu núcleo. *Você não sabe o que está perdendo...*

—Sim. Isto é... incomum. Altamente incomum. Incrível, na verdade. — Durga disse tirando um invisível fiapo da lapela de seu terno preto e manteve o olhar abaixado enquanto continuava. —Não me lembro de, pelo menos, na minha vida, uma única instância de uma transformação de meio-sangue Ikati antes de seu vigésimo quinto aniversário.

Havia um desafio aberto em sua voz. Leander viu quando ela moveu seu olhar para Durga e inclinou a cabeça para o lado, considerando-o em silêncio.

Alejandro estava sentado em uma cadeira levemente inclinado em direção a ele. Mesmo do outro lado da sala, Leander sentiu o desejo pulsando do homem em ondas. Ele não conseguia tirar os olhos de Jenna. Arrastava seu olhar de cima para baixo de seu corpo, mais e mais. Ele olhava para ela com os lábios franzidos e testa franzida como se estivesse tentando memorizar uma equação muito difícil.

Leander se afastou da parede e abaixou os punhos para os lados. Seus pulmões apertados sob um aperto de aço que tornava difícil respirar.

—Bem. — Jenna disse levemente, puxando o cabelo sobre o ombro com um movimento gracioso, feminino da mão. —Não foi a primeira vez.





Leander que esqueceu Alejandro completamente, piscou para Jenna.

Não era a primeira vez?

Ninguém se mexeu. O silêncio era ensurdecedor.

—A primeira vez foi quando ainda era uma criança. E houve outras vezes desde então, embora não em anos, tenho sido muito cuidadosa... — Ela parou, seus olhos cintilaram para ele. Um leve rubor cor de rosa levantou-se em suas bochechas.

Leander foi o primeiro a se recuperar. —Quantos anos você tinha pela primeira vez? — Ele perguntou para o silêncio cru e com fome.

—Dez. — Disse com voz hesitante. Ela limpou a garganta. —Eu tinha dez anos. Foi o dia em que meu pai desapareceu.

Não se escutava um som na sala de estar. Nem mesmo uma única respiração foi tirada.

Dez.

Leander sentiu todo o sangue sumir da cabeça. Ele mudou pela primeira vez com onze anos, o mais novo de seus familiares, o mais jovem de toda sua tribo. Ninguém mais sabia de alguém que passou pela transformação antes de doze. E como ele, todos os outros eram puro-sangue Ikati.

Mas se ela tivesse se transformado com dez anos...

—Impossível. — Durga zombou com um coro de concordância dos homens reunidos. Suas vozes eram de primeira tentativa, em seguida, tornou-se mais confiante quando ele repetiu novamente. Cruzou os braços grossos sobre o peito e balançou a cabeça. —Isso simplesmente não é possível!

Apenas o Visconde Weymouth permanecia em silêncio, boquiaberto. Alejandro saltou da cadeira como se fosse queimado, assim como outros





dois homens, olhando fixamente para Jenna com rostos ameaçadores e apertados e cheios de um desejo escuro animal comprimido, totalmente perigoso.

—Se isto for verdade... — Alejandro não terminou a frase. Ele levantou uma mão aberta para Jenna, então caiu, sua boca trabalhando em silêncio como um peixe fora de água.

Leander deu um passo para longe da parede. Sem mover o seu olhar do rosto de Alejandro.

—É uma mentira. — Disse Durga, categoricamente. Ele ficou de pé, ajeitou o terno e olhou para Jenna com um sorriso de escárnio, desfigurando seu rosto. —Não se esqueça quem ela é senhores, esta é a prole do sangue contaminado, nascida de uma união ilegal. Ela é a filha de um criminoso. É metade humana, claramente inferior, um perigo para todas as nossas tribos!

Ele apontou um grosso dedo, acusador para ela, seu rosto duro e vermelho. —Nunca um mestiço Ikati fez a transformação nessa idade. Isso é um fato. Não só ela está mentindo, ela simplesmente é...

—Eu sou filha do meu pai. — A voz de Jenna ecoou pela sala de perto e de repente sufocou, seu tom claro e forte. —Eu não sou uma mentirosa e não sou inferior a ninguém. Especialmente você.

Ela olhou para Durga com um olhar de tal poder que ele parou com o dedo no ar, como se o choque houvesse atrapalhado seu cérebro, fazendo-o esquecer o que estava fazendo ali.

Ele piscou uma vez surpreso e Leander sabia exatamente o que o homem estava pensando. Estava simplesmente espantado por ela se atrever a falar com ele dessa maneira. Por enfrentá-lo. Ele provavelmente não





conseguia se lembrar da última vez que alguém fez isso, se alguma vez em sua vida alguém o fez.

Ele era Alfa Ikati, líder dos animais que desfilavam como os homens, um mortal, guerreiro reverenciado, um senhor, um mestre e uma força.

Ele estava absolutamente, inequivocamente fora de questão, irrepreensível. Era sua maneira. Era seu direito de primogenitura. Era a Lei.

E ela não passava de uma mulher.

—Você vai provar a todos nós, neste minuto, se é ou não um de nós. — Outro homem do círculo insistiu. Isso provocou acenos de concordância ao redor da sala. —Se você não...

—Mostre-lhes. — Leander aproximando-se disse, movendo-se para fora das sombras e andando em direção a ela. Ele sentiu a tensão crescente na sala, viu os olhares frios e calculistas sobre os rostos dos homens, sentiu algo feio e perigoso se desenrolando.

—Não.

Seus olhos se encontraram, mas seu rosto estava fechado, o desafio teimoso estava ali novamente. Ela não iria ouvi-lo, sabia. Mas precisava fazê-la ouvir, porque estava colocando-se em terrível perigo.

—Se não o fizer, haverá consequências, minha querida. — Disse o Visconde Weymouth, sua voz hesitando. Ele parecia acometido por algum terror sem nome. Ele não se moveu de sua cadeira, embora até agora toda a sala estava energizada pelo conflito crescente. Ele limpou a garganta e falou novamente, sua voz trêmula sem tranquilidade agora. —Muitas consequências muito desagradáveis, eu sinto muito em dizer.

—Jenna,. Alejandro começou, seu tom de voz suave embora seu rosto estivesse sombrio com algo que Leander não gostava nenhum pouco. — Minha cara, talvez você não entenda.





Ele deu um passo mais perto dela, levantou uma mão para ela, mas pensou melhor quando ela recuou com uma careta. Ele passou a mão sobre seu cabelo e sorriu para esconder a aparência fugaz de raiva que atravessou seu rosto.

—Não queremos desrespeito. Nem queremos alarmar você ou prejudicá-la, por isso a reunião. Estamos aqui apenas para obter algumas respostas, como amigos.

Ele lançou um olhar calculado para Durga, que entendeu. Abaixou o braço que ainda mantinha na direção Jenna e sentou-se pesado em sua cadeira com um olhar de indignação atônito. Mas Leander sabia que era tudo uma farsa. Eles iriam machucá-la se ela não obedecesse e rapidamente. Ele estava ao seu lado em dez passos, dobrando seu corpo entre ela e a sala cheia de homens silenciosos.

Ele tinha que fazê-la entender. Precisava protegê-la.

—Estou bem ciente de como você trata seus amigos. — Jenna disse friamente assim que Leander a alcançou.

—Não faça isso, por favor. — Ele disse com voz baixa em seu ouvido, seus dedos descansando em seu antebraço. —Tudo que eles precisam é uma simples confirmação da verdade. Não há necessidade disto.

—Eu não tenho medo deles. — Seus olhos eram tão nítidos quanto sua voz.

—Você seria sábia se tivesse muito medo deles. Eles não conhecem você, como eu. Para eles, você é apenas uma ameaça, uma desconhecida. Eles não são tão... apaixonados por você como eu. E eles não serão tão tolerantes com você. Não serão indulgentes em nada.

Ela hesitou, abaixando o olhar para os dedos em seu braço. Então, ela olhou para ele, seu olhar claro e sincero, todos os vestígios de raiva se foi. —





Eles querem a verdade? Procurei a verdade e olha onde estou. — Disse ela, sua voz leve. — Eu não sei se é bom sempre querer a verdade.

Com um lampejo de intuição, Leander sabia o que tinha que fazer.

—Tudo bem. — Disse ele, apertando os dedos em seu braço. — Eu sei como.

Ele a puxou contra seu peito, segurou seu rosto entre as mãos e beijou-a com força nos lábios.

Por um momento não havia nada entre eles, mas o corpo rígido de raiva e choque, os lábios achatados, com o rosto se contorcendo pela distância. Ele segurou seu rosto com as mãos, ouvindo os murmúrios de surpresa dos homens e a ingestão aguda da respiração de Alejandro e manteve os lábios pressionados contra os dela.

Ele sentiu seu batimento cardíaco selvagem, irritado. Ele ouviu os pequenos sons de protesto que ela fez em sua garganta, sentiu as mãos se fecharem contra o peito dele, tentando empurrá-lo. Ele pensava que ela nunca iria ceder.

Mas então algo suavizou entre eles, apenas um pouco. A sombra de tensão diminuiu de seu pescoço, os lábios ficaram como pedra em veludo. Seus braços, apoiados tanto contra o peito, começou a se soltar e em seguida, enrolar em volta do pescoço. Seu corpo se arqueou contra ele e ela prendeu a respiração pelo nariz.

Seus lábios se separaram.

Ela tomou a língua em sua boca e ele deslizou as mãos para o seu brilhante cabelo, segurando sua cabeça, sentindo o comprimento quente, exuberante de seu corpo contra o dele. Ela deslizou os dedos até seu pescoço. Eles se apertaram em seu cabelo, puxando sua cabeça para baixo ainda mais, aprofundando o beijo.





Ela soltou outro som baixo em sua garganta, mas este foi puramente erótico.

Ele esqueceu seu plano apressado de salvá-la, esqueceu seu ciúme e a preocupação e tudo o mais no universo. Apenas um único pensamento permaneceu quando ele provou a doçura do mel da boca dela e segurou-a nos braços, tão magra, firme e real contra ele. Incrivelmente real.

Minha.

Ela finalmente se afastou, os olhos ainda fechados, seus lábios roçando o seu quando ela respirou uma única palavra, irregular.

—Desgraçado.

E então, pela segunda vez em quatro dias, Leander ficou olhando para o vestido de Jenna e como ele deslizava para o chão a seus pés.





CAPÍTULO DEZOITO

Em toda sua vida, Jenna nunca foi tão humilhada. Oh, sentia tanta raiva. Ele beijou-a. Ele a forçou a transforma-se na frente de todo mundo. Mas a pior parte, a parte mais agonizante e miserável, foi o jeito como ela respondeu. Escondeu seu rosto nas mãos, gemendo só de lembrar. O jeito que sua pele começou a formigar e a ruborizar, mesmo que tentasse lutar contra isso, sua boca se abriu para aceitar sua língua, seu aroma preencheu suas narinas, suas mãos inevitavelmente ao redor de seu rosto, de repente seu grande corpo pressionou contra ela, segurando-a firmemente. Despertando-a e fazendo-a perder o controle na frente de todos.

Graças a deus estava escuro. Ela não teria que se olhar no espelho; não precisaria mais ter que ver nenhum olhar zombeteiro, pois desejava se esconder para sempre. Escondeu seu rosto no braço do sobretudo, escondeu-se dentro dele e escorregou pelo suporte de madeira, preso ao redor de seu corpo nu. Guardou o colar e virou seu nariz para o forro de seda. Cheirava como ele, gemeu novamente e caiu de novo na escuridão do refúgio de fileiras de casacos e suas dobras espessas, camada sobre camada, proviam um caloroso refúgio. Mesmo na escuridão do closet de Leander, Jenna sabia que seu rosto ficou vermelho. Ela sabia que ficaria a salvo ali por um tempo, pelo menos, bem mais a salvo do que em seu próprio quarto. Embora os guardas do lado de fora diriam, se necessário, que ela ainda





estava lá dentro e não passou por eles. Realmente não era culpa deles, Morgan os dissuadiu a sua vontade com seu poder de persuasão, dizendo para todos a deixarem passar e esquecerem ter visto as duas. O que, claramente, eles tão gentilmente fizeram.

E fugir para a floresta, bem, ela podia muito bem se esconder em vez de anunciar seu paradeiro. Com o número de Ikati na sala de estar, no salão de festas, passar por toda a mansão e segui-la para a floresta seria fácil.

Mas ali, no quarto de Leander, ninguém a seguiria, mesmo que percebessem que ela fugiu para lá. Não havia nenhuma maneira que o restante da Assembleia ousasse violar os limites do santuário do Alfa.

Pelo menos era o que ela esperava.

Ela só precisava de tempo para pensar. Precisava de tempo para decidir como exatamente cumpriria sua promessa feita a Morgan, como iria convencer Leander a fazer algo que seria basicamente equivalente a traição de sua parte. Ela não tinha ainda todas as idéias brilhantes.

Esta noite era para ser a sua estréia, como Morgan continuava chamando-a. O corte em seu pé estava completamente curado, ela podia mudar novamente. E ela tinha uma ideia, pensou que poderia realmente funcionar. Bastava dizer para a Assembleia, bastava mostrar-lhes um pouco de algo, como talvez um pé virando vapor, com o braço ou uma mecha de seu cabelo apenas seria prova o suficiente para tirá-los de suas costas e deixá-la sair do radar e escapar de volta para sua antiga vida. E a fuga era exatamente o que ela estava planejando.

Mas no minuto em que ela viu seus rostos arrogantes sinistros e como eles se reuniram para se escondem por trás de Leander no salão de baile, ela sabia que não iria mostrar-lhes qualquer coisa.

Porque eles planejavam forçá-la.





E então Leander, com aquele beijo... bem, ele tirou a escolha das mãos dela.

Ela era uma tola. Sabia disso, tão certo como sabia que o sol nasceria no dia seguinte. Ela era uma tola por manter-se pensando nele, hora após hora, dia após dia, pensando, sonhando e desejando mesmo quando tentava o seu melhor em engolir esse sentimento e esquecer.

Sabia que ele era exatamente como o resto deles. Tudo que queria era a sua cooperação, sua submissão, sua obediência. Não havia nenhuma maneira dela obedecer a qualquer um deles.

Especialmente ele.

—Pensei que eu fosse encontrá-la aqui com algumas tesouras, rasgando todo o meu guarda-roupa. — Disse uma voz divertida, baixa e sedosa a alguns metros.

—Não me tente.

A cabeça de Jenna chicoteou para cima. Ele estava ali, seu contorno quase invisível no meio da sala escura. Ela sufocou um suspiro irritado. Como se não tivesse escutado a voz dele? Como se não tivesse ouvido seu coração?

—Estava esperando que não me encontrasse tão facilmente. — Ela respondeu calorosamente, movendo-se um passo de volta para a linha de casacos, as mãos apertadas em volta da gola de lã, puxando-o para mais perto. Outro passo e suas costas atingiram a parede do armário.

—Não seja ridícula. Você estava um andar acima da sala. Eu posso facilmente ouvir o seu batimento cardíaco de lá.

Através da escuridão ela viu o brilho dos dentes de Leander quando ele sorriu. Em seguida, o cheiro dele bateu nela, especiarias, fumo e homem viril. Seus batimentos cardíacos bombearam vida em seus ouvidos, um eco





dos seus próprios. Ela percebeu logo que não o ouviu antes, porque ele entrou no quarto em forma de vapor e depois voltou para homem.

O que agora significava que ele estava ali nu. Assim como ela estava nua sob este casaco.

—E apenas para o registro, eu não estava querendo destruir suas roupas. — Jenna agarrou. —Eu apenas... — Ela se debateu, odiando-se por deixá-lo ficar sob sua pele. —Eu apenas estou tentando ficar quente!

Ele deu um passo à frente, usou uma mão para afastar um casaco de cashmere cinza-claro que estava bloqueando parcialmente seu rosto. A pele de seu peito esculpido estava envolta em sombras, mas ela viu seu brilho polido quando ele se moveu. Uma onda de luz obscura caiu sobre os músculos de seu abdômen; âmbar, sombras cinzas mais profundas delineava os ângulos de sua carne. Ela puxou seu olhar para longe antes que ele derivasse mais para baixo.

—Eu consigo pensar em melhores maneiras de mantê-la quente. — Ele murmurou.

—Tenho certeza que pode. — Ela disse de forma acida, nervosa. Precisava ser tão masculino? Forte? Tão bom tentando-a?

Jenna soltou um pouco de fôlego entre os dentes, não percebendo que ele estava preso. —Como me lançar em uma panela de água fervente. Ou me deitar no chão no deserto. Ou derramar mel por todo o corpo e despejar uma colmeia sobre a minha cabeça. Ou-...

Ele estalou. —Você entendeu minhas intenções totalmente errado, amor. Exceto provavelmente a parte do mel.

Ela pegou o brilho em seus olhos quando ele sorriu, lenta e languidamente. —Sem as abelhas.





Ela engoliu em seco e apertou os dedos ao redor do casaco. Seu coração começou a martelar em seu peito. —Bem, então você é o único. O resto dos seus amigos estão firmemente decididos a fazer algo desagradável comigo porque eu não...

—Mas você fez. — Ele interrompeu, ainda com o mesmo tom envolto em seda, acariciando e enviando tremores sobre sua pele. —E agora eles tem sua prova. Você não está mais em perigo iminente.

—Nesse momento não com eles. — Jenna espiou quando ele se moveu um passo mais perto.

Ele abaixou a mão e enrolou seus longos dedos em volta da gola do casaco de lã. A outra mão dele se aproximou-se e agarrou a lapela. Ele a puxou para mais perto até que seus corpos estavam separados apenas por uma fina camada de lã.

Ela olhou para ele e o tempo parou.

Ele era uma cabeça mais alto do que ela, irradiando calor de sua pele dourada, com o rosto escondido nas sombras e as mechas de cabelo de ébano grossos que caíam sobre a testa e maçãs do rosto. Os músculos duros e substanciais de seus ombros e braços estavam dobrados na escuridão, delineados, escuros contra a luz escassa.

Mas seus olhos eram claramente visíveis, largos, sem piscar e brilhante, ferozmente verde.

—Você nunca poderia estar em qualquer perigo comigo. — Ele sussurrou. —Você sabe disso. Diga-me que você sabe.

—Apenas em perigo de perder a minha capacidade de pensar. — Ela murmurou, em seguida, mordeu a língua. Abaixou o olhar para sua boca, o agradável contorno cheio de seus lábios, em seguida, apenas fechou os





olhos, percebendo que isso não ajudaria aliviar a dor que a estava corroendo por dentro.

—E por que acontece isso? — Ele perguntou, rouco, divertido. —Se você me odeia tanto?

Ele deve ser afastado. Ela deveria afastá-lo e voltar para vapor e ficar muito longe de...

—Jenna.

Seus polegares estavam em seu queixo, inclinando a cabeça para cima. Seus olhos se abriram. Ela olhou através de seus cílios, então mordeu o lábio para evitar tremer. Sentiu-se em pânico. Sentiu-se congelada. Não conseguia desviar o olhar.

Ele disse o nome dela, um sussurro, inclinou a cabeça, e agora a diversão desapareceu. —Você me odeia?

Ela hesitou, então balançou a cabeça uma vez negando, rapidamente. —Mas eu deveria, depois do que você fez comigo lá embaixo.

Ele riu, uma expiração baixa, aliviada. —Desculpe-me tê-la feito mudar para vapor, mas você é a criatura mais teimosa que já conheci. Irá colocar-se em perigo mortal apenas pela questão de fazer um ponto. Eu não podia suportar isso.

Ela sentiu sua respiração quente em seu pescoço quando ele sussurrou em seu ouvido. A pele em seus braços se arrepiou. Sobre seu pulso acelerado, ela se ouviu dizer: —Como você sabia... como você sabia que iria funcionar? Que você poderia me fazer mudar assim?

—Eu arrisquei. — Ele acariciou um dedo levemente sobre um local macio sob sua orelha. —Ao contrário de qualquer outro mestiço, seu catalisador parece estar ligado às suas emoções, especialmente as mais





fortes. Incluindo fúria assassina. — Ele riu, em seguida, empurrou o cabelo para o lado com o nariz e respirou fundo contra seu pescoço.

Jenna ficou perfeitamente imóvel quando a ponta de seu nariz se arrastou para baixo em sua garganta. Sua mandíbula com a barba por fazer era um arranhão áspero surpreendente contra sua pele nua. Ela desejou que as mãos tivessem ficado onde estavam e não ao redor de seus ombros, quis que o tremor dos joelhos parassem para apoiar o seu peso.

—Isso não foi justo. — Ela disse com voz embargada. —E eu odeio ser forçada a fazer o que não quero. Eu odeio valentões.

—Eu sei. — Ele murmurou. Acariciou com um polegar de seu maxilar, leve como uma pluma. —É por isso que eu gostaria de pedir sua permissão para fazer algo.

Jenna sabia que ele ouvia seu coração bater violentamente no peito, assim como ouvia sua respiração irregular, sentia a forma em que seu corpo se preparava tenso como uma corda de arco sob seu toque. O conhecimento de que ele poderia, com toda a probabilidade, quase provar a profundidade de sua excitação encheu-a de um autoclismo requintado de vergonha.

—Você prometeu. — Disse ela, forte e sem fôlego, sabendo o que estava por vir.

—Sim. — Ele concordou, imóvel. —Eu o fiz. Então desta vez estou pedindo sua permissão.

O som de sua respiração pareceu de repente ensurdecador em seus ouvidos.

—Eu quero te beijar novamente. — Ele disse calmamente. —Você irá deixar?

Ela não respondeu, porque não podia falar.





Respirava de forma constante pelo nariz, forçando-se a dizer não. Ela apertou os olhos fechados, lutando contra o desejo, lutando contra o medo, lutando contra o conhecimento de que o seu futuro inteiro poderia depender de qualquer coisa que fizesse a seguir.

Ele inclinou a cabeça para a dela e sussurrou contra sua bochecha. — Você quer?

Ela moveu a cabeça para negar, mas encontrou-se balançando afirmativamente em seu lugar.

Ele não se moveu por um momento e ela quase derreteu. Mas então o polegar em seu queixo subiu para traçar o contorno do lábio inferior, no canto de sua boca.

A vontade de fugir ficou mais forte. Ela começou a virar a cabeça para longe, mas ele estendeu a sua mão ao redor da parte de trás do seu pescoço e levou seus lábios aos dela.

Desta vez não foi forte, não estava exigindo. Foi um toque de pele sobre pele, uma carícia tão leve que era apenas uma lufada de ar. Sua língua traçou a curva de seu lábio inferior. Ela estremeceu, congelada no chão. Ele chupou o lábio e gentilmente puxou-o com a boca.

Ele começou a massagear a tensão na parte de trás de seu pescoço com a mão, fazendo com que a tensão em seus músculos diminuísse. A parede começou a ruir, um pequeno pedaço de cada vez, como pequenas borboletas que pousavam em uma flor e estivessem levantando vôo e se espalhando para o espaço.

Seus lábios se separaram e ela começou, previsivelmente a beijá-lo de volta.

Ele empurrou uma mão forte em seu cabelo e outra em sua cintura, suavemente, lentamente, puxando-a para mais perto. Seus dedos ainda





estavam apertados em volta da gola do casaco, seus braços pressionados contra o peito nu, mas o casaco deslizou aberto e ela sentiu sua pele na dela, o calor de um quadril nu e uma musculosa coxa e só uma mera tira de tecido entre o resto de seu corpo e o dela.

Seus beijos ficaram mais profundos, mais longos, mais exigentes. Sua mão livre foi sobre o contorno de seu corpo através da fina barreira do casaco, prendendo-se na curva de sua cintura.

Leander colocou a mão dentro do casaco na parte baixa de suas costas, pedindo-lhe para se aproximar mais.

O sangue dela começou ferver.

Ela sonhou com isso, mais e mais, as carícias que queria tanto, mesmo enquanto lutava para empurrar todos os pensamentos dele de sua mente. Durante quatro longos dias ela não viu seu rosto, por quatro noites intermináveis ela foi torturada com a consciência de sua proximidade como um farol que brilhava na noite mais escura. Longe de sua presença, ela quase foi capaz de convencer-se que o desejo profundo, tangível que existia entre eles era uma invenção de sua imaginação.

Mas havia aqueles eróticos e atormentado sonhos.

Seu batimento cardíaco.

Como a chamada de uma sereia, ele sempre fazia um sinal para ela, a cada minuto durante os longos dias e noites, um baque e eco tão convincente que parecia se fundir com o sangue dela, deixando-a louca de desejo, chamando-a para o esquecimento, onde ela hesitava em olhar para baixo.

Foi somente depois de horas de prática com Morgan que ela aprendeu a bloqueá-lo quando queria, isto e a cascata de pensamentos que povoam sua própria mente com seu toque. Mas cada vez que fechava os olhos ainda





podia vê-lo, uma estrela vermelha no horizonte escuro, forte e queimando de calor.

E agora que ele estava ali, com as mãos e boca aquecendo cada polegada de sua pele, ela sabia que só estava enganando a si mesma. Foi atraída para o círculo de seu calor, seus braços, a sensação dele tão certo que entrava em confronto com o que sua mente queria, que era correr.

—Não se coloque em perigo assim novamente. Por favor. Eu não posso suportar. É importante para mim que você esteja segura, Jenna. — Seus braços se apertaram ao redor dela forte e sua voz caiu para um sussurro. —É mais do que importante. É tudo. Eu daria tudo que eu tenho para ter certeza que nada te machuque.

—Você é o único que pode me machucar. — Ela protestou, odiando o quão fraco soava. Ambivalência e euforia estavam batalhando dentro dela, a euforia estava rapidamente ganhando. Ela balançou a cabeça, tentando limpá-la. —Eu sei que você acha que pode me manter aqui, mas não ficarei presa em uma gaiola, Leander. Eu não serei sua prisioneira.

Ele arrastou os lábios percorrendo do seu pescoço até sua clavícula. Seus dentes pressionados contra a carne macia ali tão forte que picava.

—Eu não posso negar que quero mantê-la comigo. E eu quero que você queira ficar. Mas... faria qualquer coisa para te fazer feliz. Mesmo que isso signifique deixá-la ir, se é isso que você quer. Mesmo que isso signifique quebrar toda a lei que existe. Farei qualquer coisa, Jenna. Eu farei qualquer coisa.

Embora sua voz fosse baixa, abafada contra sua pele, ela reconheceu a verdade nisso, a emoção crua e chegou a conclusão abrupta de que se colocaria em perigo por ela.





Ele estava disposto a soltá-la, protegê-la e assumir as consequências, não pensando em nada além de, exceto satisfazê-la e incitar a raiva de todas aquelas feras rosnando.

Algo perfurou no centro de seu peito, uma doçura estranha que levou lágrimas aos olhos. Ela esqueceu o que era doçura, esqueceu o que era ser tocada, realizada e acarinhada e abriu-se algo nela, derreteu-a como luz do sol na neve. Quando deixou o ar sair, todos os seus medos e hesitações saíram junto, deixando apenas calor e certeza.

Ela soltou seu aperto na gola do casaco e deslizou os braços ao redor da dura força que era os ombros de Leander. Por conta própria, seus dedos se entrelaçaram nos grossos fios de seda de seu cabelo.

Ele fez um som baixo em sua garganta quando seus corpos se encontraram. O casaco deslizou abrindo para deixar a pele dele aquecida se encontrar com a dela. Seus seios pressionados contra o peito, sua ereção pressionando dura, quente e latejante contra a curva de seu quadril.

—Não me deixe ir. — Ela sussurrou tonta, delirante. —Ainda não. Não essa noite.

Em seguida beijou-a, ferozmente. Suas mãos seguravam ambos os lados de seu rosto, a fricção de sua língua e os lábios contra os dela era tão doce e erótica que ela pensou que fosse morrer de pura felicidade.

—Amor. — Ele sussurrou e beijou-a novamente.

Assim quando seus joelhos ficaram fracos, ele rompeu o beijo e se inclinou para acariciar seu seio. A mão subiu, seu polegar roçou o mamilo. Ele endureceu instantaneamente sob seu toque. Jenna engasgou quando ele puxou-o na boca e chupou, um puxão entre os dentes, uma volta de sua língua, um delicioso prazer dolorido que se espalhou por seu corpo como uma lavagem de mel iluminada pelo sol.





Sua mão desceu sobre o ventre, acariciando sua suavidade arredondada, foi mais abaixo para traçar seu osso ilíaco, em seguida, até a carne entre suas coxas.

Ele amassou, apertou e acariciou sua pele, seus dedos roçando seu monte, provocando levemente. Ela gemeu em sua garganta quando ele se ajoelhou na frente dela, sua boca contra seu estômago. As mãos em seus seios.

Ele mergulhou a língua em seu umbigo, apertou os dentes na carne de seu quadril, deslizou uma mão lentamente pelo corpo dela e encontrou o seu centro, úmido e quente. Ela suspirou e afundou os dedos em seus ombros enquanto empurrava um dedo dentro dela. Ele tocou-lhe e acariciou-a até que seus dedos ficaram escorregadios, até que ela gemeu e deslizou os dedos em seu cabelo.

Seus olhos se abriram ao som de algo pesado deslizando no chão com um ruído abafado. Leander endireitou-se, em seguida, capturou seus lábios novamente enquanto puxava outro casaco do cabide para cair a seus pés, depois outro.

Depois de mais quatro, ele gentilmente empurrou-a para o chão pelos ombros e viu quando ela deitou-se na cama que ele fez, uma piscina profunda de lã, cashmere e seda para amortecer seu corpo.

Ele se ajoelhou ao lado dela e empurrou o sobretudo de lã, deixando-a nua e exposta no chão, apenas os braços envoltos ainda pelo tecido. A luz era nada além de sombras meio azuladas e cinzas reluzentes pálidas que se fundiram ao veludo preto, mas ela viu claramente seu olhar febril bebendo-a, devorando-a.





Ele levou seu olhar de volta para o seu rosto e ela viu a fome que assolava-o, a mesma fome que a fazia se sentir como se tivesse injetando fogo em suas veias.

—Tudo em que eu penso é você. — Disse ele, rouco, olhando diretamente em seus olhos. —Tudo o que eu quero é você, desde o primeiro segundo que a vi. Eu nunca quis tanto algo na minha vida.

Jenna sabia que ele viu o sangue escorrer de seu rosto, mesmo à luz prateada na sala. Mas agora ela não se importava. Agora ela queria que ele visse tudo.

Sentou-se e tirou o casaco, deixando-o cair atrás dela, um outro cobertor quente para descanso de seu corpo, para amortecer o peso dele sobre ela. Ela deitou-se novamente contra o chão, espalhou seu cabelo, seu corpo encapsulado em luxo e preenchido com uma dor que enchia profundamente seu núcleo.

—Leander. — Seu olhar nunca deixou o seu. Ela estendeu os braços. — Venha aqui.

Leander se via em seus olhos. Seus pensamentos, seus humores, a necessidade desenfreada que rasgava através de seu sangue marcando-o. Como ele, ela era vapor e fogo, paixão e fumaça, teimosa e obstinada. Como ele, ela estava sozinha e acostumada a isso, porém não era feita para a solidão. Ela precisava de um companheiro, tanto quanto ele, um parceiro forte e leal para compartilhar uma vida, sonhar e amar.

Minha, ele pensou novamente, enquanto olhava com fome a glória de seu corpo nu diante dele.

Ele precisava saboreá-la. Ele precisava senti-la, tomá-la e ouvir seus gemidos formando seu nome. Ele se sentiu quente, vivo e inflamado, sua ânsia por ela levando-o ao limite da razão para um lugar onde ele perderia a





si mesmo, um lugar onde a urgência que se alastrava pelo seu sangue bloquearia o resto do mundo e apenas deixaria os dois juntos, finalmente.

Mas ele a fez esperar.

Ele se conteve quando o fogo subiu para ferver seu sangue e simplesmente estendeu uma mão passando-a lentamente sobre a perfeição de veludo de sua pele. Seus dedos traçaram a curva do seio, a forma de sua caixa torácica, a cintura, a carne cremosa de sua coxa. Seus lábios se separaram enquanto a acariciava, seus olhos se fecharam. Suas costas se arquearam para atender seu toque. Os braços dela caíram no chão atrás de sua cabeça.

Ele abaixou-se sobre ela, equilibrando seu peso cuidadosamente sobre os cotovelos. Ela embalou-o com os joelhos e os braços, virou o rosto para o seu. Ele roçou um beijo sobre sua bochecha, pálpebras, o arco perfeito de suas sobrancelhas.

As palmas das mãos acariciaram suas costas nuas e seus braços, inquietos. Ela suspirou levemente, sua respiração quente contra seu rosto e seu coração saltou ao som. —Amor. — Ele sussurrou novamente, tudo o que ele sentia por ela contido em uma palavra.

Ele inclinou a cabeça para seu pescoço; ela inclinou o queixo para lhe permitir um melhor acesso. Ele tomou-a, acariciando com sua língua a coluna aquecida de seu pescoço, saboreando sua pele floral com uma simples sugestão de sal. Ele sentiu seu movimento abaixo dele, o peito arqueando para encontrar o seu.

Ele abaixou a cabeça contra o peito, a carne acetinada de seus seios, os bicos requintados de seus mamilos, rosa escuro contra sua pele pálida brilhante. Seus dentes mordeu-a gentilmente e ela respirou seu nome como se preso na garganta.





Leander sorriu, com a cabeça abaixada, os dentes à mostra contra sua pele. Uma alegria feroz, selvagem queimando por ele.

Minha.

Ele passou a língua para baixo de seu corpo, entre os seios, sobre a barriga, até suas coxas. Ele mordeu ali também, ouvi-a soltar um leve gemido inquieto quando os dentes mordiscaram sua carne succulenta.

Ele encontrou seu centro, o rubi escorregadio entre as dobras quentes e úmidas sob a língua.

Ela engasgou e ficou imóvel, sua respiração irregular. Ele colocou os dedos em seu interior e se deleitou com ela. Seu gosto doce como xarope de bordo, os músculos de suas pernas lisas e flexionados, toda feminina contra seus ombros, quadris e o traseiro redonda e suave em suas mãos.

Ele a beijou e acariciou-a com sua língua até ela se contorcer sob ele, suas mãos tocando seu cabelo.

—Leander. — Ela suspirou, sua voz rouca, ofegante. Ele não parou. Ele queria, precisava ouvi-la dizê-lo novamente. Outra volta de sua língua com os dedos acariciando-a agora, provocando, sondando dentro dela, o calor e a umidade apertando-o. Ela gemeu, com as costas arqueadas.

Ele empurrou seus dedos mais profundos e ela deu-lhe o que ele queria com uma ingestão aguda da respiração.

—Leander!

Em um movimento rápido, ele ergueu seu corpo e penetrou-a profundamente.

Ela se rompeu ao redor dele.

Seu clímax foi abrupto e lindo, um delicioso, tremendo aperto e palpitação que quase lhe enviou ao limite de uma só vez. Ela gritou, suas coxas tremendo, seu corpo um belo arco tenso debaixo dele. Ele cerrou os





dentes, desejando segurar-se contra a enorme maré de prazer que o orgasmo dela lhe deu, desejando-a enquanto ela ainda estava ofegante debaixo dele, com a cabeça jogada para trás, os olhos bem fechados, a sensação de seu corpo tão exuberante, tão quente e agradável que teve que morder a língua para segurar-se.

Em um momento ela relaxou. Sua cabeça pendeu para o lado. Ela suspirou, suspirou novamente, com as pernas e os braços afrouxando ao redor dele.

Ainda ardente e pulsante dentro dela, mal controlado, Leander inclinou o rosto de Jenna para ele com um dedo. Ele a beijou com ternura e seus olhos se abriram.

—Melhor? — Ele perguntou baixo, gentilmente provocando.

Ela sorriu para ele, piscou lentamente, com os olhos estreitos, as bochechas coradas. —Quase.

Ela passou as mãos pelas costas, as palmas das mãos abertas contra sua pele, puxando-o mais perto. Seus joelhos deslizaram para cima, os tornozelos cruzados em sua cintura. Seu sorriso agora era algo totalmente feminino, conhecedor e sensual. Ela arqueou contra ele e puxou-o profundamente dentro de si com um movimento erótico, fluido de sua pélvis.

Ele respirou com um gemido, toda a provocação desapareceu.

Ela levantou os quadris e afundou os dedos em seu traseiro e agora ele não podia parar. Ele empurrou, a agonia queimando-o com a sensação dela, quente contra sua pele.

Ela soltou um gemido suave, com a cabeça inclinada para trás, o calor dela queimando-o. Ele se deleitou com a visão dela debaixo dele, sua beleza em êxtase, seu cabelo uma onda dourada de seda caindo sobre a pilha de





cashmere e lã, o brilho ofuscante de pele leitosa, as coxas esbeltas ao redor dele, apertando-o na cintura.

—Jenna. — Ele engasgou, preso entre seu prazer e sua própria libertação.

Ela estremeceu, disse o seu nome, formando outras palavras roucas que significava *sim*, e *oh deus, por favor*, e *agora*. Ela puxou sua cabeça para baixo com ambas as mãos e beijou-o com força. Seu corpo tenso contra o dele, ela recebeu suas estocadas, com arrepios, ruídos e gemidos do fundo da garganta que ecoou através dele.

Ela suspirou contra sua boca e inclinou a cabeça para trás. Olhos amêndoas de gato fixos nele com um olhar de prazer e ardor tão intenso que seu coração acelerou dentro de seu peito.

—Venha comigo. — Ele ordenou rouco, empurrando profundamente. Ele abaixou a cabeça e mordeu o pescoço dela, tão forte que provou o sabor acobreado de seu sangue em sua língua. Ele fechou os olhos e deixou seus quadris assumirem, os impulsos mais e mais rápidos, o a eletricidade rangendo ao longo de seus nervos, indo direto para sua espinha.

—Sim. — Ela respirou, o mais fraco dos sons antes de sua cabeça cair para trás, antes que ela parasse de respirar completamente. Todo o seu corpo se arqueou contra o dele e ele gemeu, tremendo, sentindo seu aperto ao redor dele quando seu orgasmo explodiu. Ele empurrou profundo, tão profundamente que poderia ter doído, mas ela apenas gemeu baixo, apaixonada e apertou as pernas ao redor dele. As unhas arranhando suas costas.

Seu próprio orgasmo começou como um pulso latejante que se expandiu rapidamente e explodiu através de seu corpo, arrancando outro gemido dele, este mais profundo e primitivo. Ele enterrou o rosto em seu





cabelo e colocou as duas mãos sob seu traseiro, apertando e bombeando até que se perdeu.

Ele entregou-se a ela.

Sua semente e seu clímax e coisas que ele não tinha um nome para dar, coisas secretas do fundo de seu coração, que ele nunca falou em voz alta, amor e escaldante desejo presos como um só, um ápice de prazer e bem-aventurança juntos nesta adorável criatura debaixo dele, reivindicando-o para ela.

Ela era sua. Ela era sua e nada poderia mudar isso agora.

Ele pensou por um breve e perturbado segundo que se morresse neste momento, ele seria o homem mais sortudo que já conheceu.

Contra seu peito, sentiu as batidas de seu coração, mantendo o tempo apenas para si, sua batida frenética ainda não diminuindo. Ficaram entrelaçadas no escuro, sobre a confusão de casacos, alheio ao mundo por muito tempo, incontáveis minutos. Deixou-se derivar, nesse ofegante e lento momento sonhador, perfeito e preguiçoso.

Quando pode respirar novamente, encontrou os lábios dela, beijou-a delicadamente. Seu cabelo escuro arrastou-se ao longo de sua pele de alabastro. Ele deslizou para fora dela e rolou para o lado, o lado dela, puxando-a com força para se aninhar no espaço quente contra seu corpo, seus peitos, estômagos e coxas pressionados juntos.

Ele acariciou seu rosto, empurrou uma mecha de cabelo de sua testa. Alguns fios brilhantes refletiam a luz como fios dourados. Ela enterrou-se ao lado dele, suspirou, sua cabeça aninhada em seu braço.

—Agora estou melhor. — Ela murmurou, sonolenta e relaxada contra ele.





Inclinou-se para beijá-la, um sorriso pagão, um sorriso bárbaro. Um triunfo e feroz orgulho tomou conta dele, implacável e escuro como um furacão.

Minha.





CAPÍTULO DE ZENOVE

Ele a levou para sua cama, em algum momento durante a noite, embora ela não tivesse acordado para isso ou qualquer outra coisa, até este momento. Ela se sentia como se não tivesse dormido em anos e estivesse recuperando o tempo perdido.

Os olhos de Jenna se abriram para o brilho suave da madrugada começando a clarear no céu através das janelas do quarto de Leander. Eram enormes — como tantas coisas nesta casa senhorial — que pareciam mais como painéis de um castelo chanfrado emoldurados no marco da janela como cortinas de seda pesadas mostrando a floresta verde-esmeralda escura envolta em neblinas e sombras.

Sua cama era enorme, bem como suave, o edredom deliciosamente confortável. Estava quente, satisfeita e totalmente relaxada, como uma boneca de pano com as juntas soltas. Olhou para Leander, sólido, substancial e ainda dormindo ao seu lado, sentiu a garganta arder de emoção como se um uísque quente estivesse descendo direto para seu estômago.

Ele era bonito como nenhum outro homem que ela já conheceu, a pele reluzente e os músculos esculpidos e a potente masculinidade encoberta de maneiras elegantes, perfeitamente à vontade com seu próprio corpo. Confiante. Mesmo dormindo ele parecia confiante; uma sugestão de um sorriso satisfeito curvou um canto de sua boca.

A luz da manhã difusa o lisonjeava, embora ele não precisasse disso, era muito perfeito. Ela levantou um dedo e traçou o contorno de





sua sobrancelha escura. A ponta de seu dedo ficou um pouco acima da curva de seus olhos, perto o suficiente para sentir o calor de sua pele.

Debaixo de seu dedo, ela sentiu o eco dos seus sonhos.

Ela fechou os olhos e se concentrou em seu batimento cardíaco.

Nos quatro dias que ela e Morgan passaram juntas em seu quarto trancadas, ela amargamente se lembrou que Morgan mostrou a ela como bloquear qualquer coisa que não quisesse ver ou sentir, gerenciar o excesso de sensações que viessem à tona através dela com o toque de pele sobre pele.

Graças a deus ela aprendeu. Se não, à noite, com as mãos, boca e o corpo de Leander sobre o dela, tê-lo dentro dela poderia ter sido algo muito diferente.

Seu olhar caiu sobre os lábios. Seu dedo se moveu de sua testa para ficar sobre a curva almofadada acima de seu lábio superior, um arco esculpido da proporção perfeita.

Ela queria beijá-lo. Queria tocar seu corpo novamente e passar longas horas descobrindo-o. Queria dizer-lhe todos seus segredos e medos, sentir a dura longitude dele enchendo-a, alongando-a e inflamando-a até que se perdesse nele, na magia do que fizeram juntos.

Ela não tinha certeza de como se sentia sobre isso, o que quer que isso fosse. Ela pensou, franzindo a testa, poderia alegremente renunciar a qualquer outra reflexão sobre o assunto por tanto tempo quanto possível.

Para sempre, de preferência.

A noite passada não mudava nada, disse a si mesma com firmeza, deixando cair a mão da sua exploração fantasma de seu rosto. Nada mesmo.

O choro solitário de um falcão que deslizava através do céu branqueado chamou sua atenção de volta para as janelas.





Uma curiosa onda de desejo moveu-se dentro de seu estômago quando ela olhou para a floresta. Era profundo e primitivo, como uma nota baixa de uma corda de violão. Mas a nota não desapareceu e sim cresceu e vibrou em seu estômago quando olhou para a linha de árvores que rolava fora na distância ao longo das colinas baixas. A súbita vontade de sentir o chão argiloso da floresta sob os pés era como uma coceira, uma compulsão quase irresistível.

—Ela chama você. —Leander murmurou. Ele mudou seu peso sobre o colchão, enviando uma lufada de ar perfumado e quente para seu nariz, o delicioso cheiro de sua pele. O calor de sua mão pesada e real em seu quadril. —Certo?

Ele abriu os olhos e olhou para ela com um olhar quente, com desejo evidente.

Ela corou profundamente, desejando não tê-lo feito. A lembrança do prazer que ele lhe deu com o corpo, com as mãos, lábios e língua, tornou-se uma deliciosa doçura em sua boca.

—A floresta? Sim, acho que sim. Eu me senti... segura lá. Em casa.

—Isso porque ela é a sua casa. — Ele esticou-se como um gato na luz do sol, sonolento e lânguido, mas capaz de ficar totalmente alerta a qualquer momento para devorar um rato.

Ou ela.

Ele recostou-se para baixo contra o colchão e deslizou a mão de seu quadril para traçar até sua espinha, fazendo pequenos círculos, acariciando com o polegar. Ele enviou correntes de eletricidade fluindo através de seu corpo.

—O que quer dizer? — Ela perguntou casualmente, tentando ignorar o pulso de prazer que suas mãos davam a ela, mesmo este, um toque leve de sua pele nua sobre a dela. Ali na luz do sol da manhã, a lembrança de sua devassa noite anterior parecia algo muito distante e esquecido.





Ele ergueu-se sobre um cotovelo para olhar para ela com os olhos estreitos, um sorriso secreto. Mesmo parcialmente escondido atrás de uma mecha de seu cabelo, seus olhos brilhavam como joias refletindo a luz.

—Você nasceu lá.

Ela sentou-se abruptamente na cama. Os lençóis de cetim brancos deslizando até a cintura, sua pele se arrepiou quando encontrou o ar frio. Ela olhou para Leander com os olhos arregalados.

—O que?

Ele abaixou o olhar para seus seios nus, em seguida, ergueu os cílios para olhá-la mais uma vez. Seu sorriso aumentou. Ele levantou a mão para sua bochecha, observou o caminho quando se moveu para baixo em sua mandíbula, sobre seu pescoço. Um dedo traçou o contorno delicado de sua clavícula.

—Que criatura adorável você é. — Ele murmurou, levando seu dedo para baixo para roçar languidamente entre a elevação de seus seios. — Ainda não são cinco horas da manhã, e você já está gritando comigo.

Ela puxou o travesseiro debaixo de sua cabeça e bateu-lhe com ele.

Leander caiu para trás contra os lençóis com uma risada abafada. Ele estendeu a mão para ela, encontrou sua cintura, puxou-a em cima de seu corpo o que foi fácil com seus músculos fortes. Ela fez uma careta para ele quando empurrou de lado seu cabelo e segurou a cabeça com as duas mãos. Ele olhou para seu rosto.

—Você nunca vai parar com os pronunciamentos dramáticos? — Ela perguntou.

Algo em seu rosto suavizou. Ele acariciou o polegar sob a franja de seus cílios inferiores, em seguida, puxou seu rosto para ele, trazendo para seus lábios uma fricção deliciosa. Ela pensou que poderia não ser capaz de respirar pelo desejo que rolava através dela quando sentiu o corpo quente sob o dela, seus lábios nos dela.





Então, enquanto ele acariciava um lado para baixo de suas costas e passava o dedo na fenda entre o traseiro, pensou que a respiração poderia até não ser necessária.

—Eu posso ter mais um ou dois pronunciamentos dramáticos na manga ainda. — Ele murmurou. Seu olhar de um pálido verde com sombras, focado nela. —Talvez algo envolvendo um joelho dobrado?

Levou-lhe um momento de silêncio estupefato antes de encontrar sua língua e desejou que ela se movesse.

—Eu não tenho certeza se posso aguentar mais uma de suas surpresas. — Disse ela, nervosa. Abaixou a cabeça contra seu peito para evitar o seu olhar e ouviu a batida constante de seu coração, tentando acalmar-se com a sensação do seu peito liso sob sua bochecha.

—E, além disso. — Ela disse, antes que pudesse evitar. —As coisas que envolvem homens e joelhos dobrados geralmente envolvem questões, não muito agradáveis. E grandes bolas. Especificamente grandes bolas doloridas.

Ela engoliu em seco, mordeu o lábio, sentiu a propagação das chamas em todo o rosto.

—Tudo bem, então. — Disse ele, divertido e sem arrependimentos. Passou as mãos sobre sua cabeça, o dedo através da cascata espessa dos cabelos sobre suas costas. —Eu vou dizer algo completamente neutro. Talvez... bom dia?

Jenna respirou dentro e fora através de seu nariz, agitada, beirando a histeria. —Você tem exatamente dez segundos antes de sua cabeça se separar de seu corpo. — Disse ela com cuidado exagerado, concentrando-se na visão real de uma penteadeira elaborada outro lado da sala, uma elegante peça de madeira burlled walnut coberta com mármore e um espelho em forma de escudo. —Eu nasci aqui?

Ele apertou seus lábios para seu cabelo e ela sentiu a risada sacudindo-o. —Hostil e exigente. A dupla perfeita. Como é irresistível. Você definitivamente é o meu sonho de mulher.





Ela saiu dele com um bufo frustrado, mas ele pegou-a antes que se levantasse da cama e empurrou-a de volta para a suavidade do colchão. Ele jogou uma perna pesada sobre as dela, pegou seu pulso e prendeu-o acima no travesseiro sobre a cabeça.

—Você é literalmente tão carinhosa. — Ele disse suavemente. A luz se derramando por seu cabelo escuro pintando os ângulos de seu rosto mais profundo com um tom de café com chocolate e ouro. Saboreou o calor e o peso de sua perna sobre seu corpo, os músculos firmes de suas coxas, abdômen e braços, as cócegas dos pelos contra sua pele.

Ela olhou em seus olhos esmeralda, cheios de calor e profundo, sensibilidade travessa e sentiu a coisa fria e impenetrável que se formou em seu peito desde a infância, como um bloco de aço derretendo em uma fundição.

Ela piscou para ele, atordoada por um novo sentimento desconfortável, algo que ela não sentiu em anos, algo que fez seu corpo se sentir tão leve que era como se estivesse cheia de hélio e corria o risco de flutuar para fora da cama e à deriva em direção ao teto.

Ela tinha uma suspeita terrível que esse novo sentimento desconfortável poderia ser felicidade.

Não, ela pensou. Oh, meu deus, não.

—Carinhosa? —Ela repetiu suave. Seu pulso era um súbito rugido, trovejando em seus ouvidos.

Você não pode se apaixonar por ele. Você não pode.

Ele passou a mão pelo braço dela, acariciando a pele de seu pulso e o lugar macio dentro de seu cotovelo, acariciando seu ombro, então seu pescoço. Ele levou a mão até o lado de seu rosto e abaixou a cabeça. Ele roçou a ponta do seu nariz contra o dela.

— Sommerley tem abrigado os Ikati de Sommerley por quase vinte gerações. Onde são mantidos todos os nossos segredos, permitiu-nos florescer e viver através de centenas de anos. Está no nosso sangue. Está em seu sangue. Seu corpo pode não ter nascido lá, mas a sua alma sim,





seu espírito sim. É a sua casa, Jenna. —Ele murmurou. —Você está finalmente em casa.

—Oh. — Ela riu, um pouco alto demais e sem fôlego, virando o rosto para evitar os olhos dele. —É isso que você quis dizer?

Ela nunca soube exatamente onde nasceu. Era apenas mais um dos muitos mistérios de sua infância, um fato sem importância perdido na confusão de fugas, esconderijos e fingir ser algo que ela não era. Em algum lugar perto da água, era a resposta padrão de sua mãe, como se ela realmente não se lembrasse ou simplesmente não queria dizer, Jenna nunca descobriu. E assim foi, com todas as outras perguntas não respondidas, congeladas no frio amargo que solidificou seu coração há muito tempo. Era o tipo de frio que queimava como o fogo.

É por isso que você está aqui, lembra-se? Ela repreendeu a si mesma. Respostas. Nada mais.

Leander abaixou o rosto para o dela. Ele exalou e roubou de volta seus lábios, misturando suas respirações. Ele passou a boca sobre a dela com um roçar de seda de pele contra pele que a fez estremecer.

—Minha moça linda. — Ele murmurou, beijando o canto de sua boca. Abriu os dedos em seu pescoço, dedos quente e forte em seu cabelo, acariciando possessivo. —Meu amor. — Ela sentiu o calor de sua ereção dura e insistente em que seu quadril. Ele abaixou a cabeça e mordeu a pele macia de seu pescoço, apertou os lábios suavemente onde ele machucou a pele na noite anterior. — Diga que você é minha. Diga-me que é minha.

Não. Não, não, não, não, não, não, não. NÃO!

Ela se contorceu debaixo dele, tentando escapar, mas ele apenas riu baixo em sua garganta e puxou-a ainda mais perto.

—Tão recatada. —Brincou ele na voz de um pirata que a deixou leve. Ele deslizou a mão para baixo contra o seio e segurou a plenitude na palma da mão. Sua voz caiu uma oitava. —Você não era tão recatada na noite passada.





Ele beliscou o mamilo entre os dedos e ela lutou contra um suspiro.

Ela pulou da cama e ficou tremendo, com os olhos arregalados diante dele. —Mostre-me! —Ela deixou escapar, desesperada por qualquer distração que restauraria a sua rápida diminuição do senso de controle.

Seus olhos bebiam dela, seus seios, quadris e coxas, todos tão suavemente arredondados, tudo tão luxuriante e feminino.

—Como quiser, minha senhora. — Ele respondeu. Puxou as cobertas para longe de seu corpo em um longo sussurro, deslizando o tecido, revelando o corpo nu plano, os músculos rígidos de seu abdômen, ousado e sua ereção impossível de ignorar.

Ela empalideceu e puxou forte o lençol da cama, em seguida enrolou-se nele, não deixando nada visível de seu corpo, exceto um braço nu, sua testa e os olhos, que piscou para ele rápido e assustada como um bebê pássaro.

—Isso não! — Disse.

Ele deitou-se contra o colchão com os dedos entrelaçados atrás da cabeça, um sorriso malicioso descansando em seu rosto bonito. A luz da manhã brilhava em todo o peito. Ele cruzou os tornozelos e lançou-lhe um olhar simulado de sofrimento. —Isto me entristece, ver que a visão do meu corpo nu seja tão desagradável, amor. Acho que eu poderia chorar.

—Eu quis dizer a floresta! Eu quis dizer como mudar para uma pantera!

Seu corpo parou completando a quietude neste momento. Seus olhos escuros, o sorriso desapareceu de seu rosto. Ele se sentou ereto, plantou os pés no chão e agarrou a beira do colchão. Suas pernas estavam abertas, seu membro duro projetava-se nos músculos de sua barriga.

Ela desviou o olhar. Sua falta de autoconsciência, a facilidade perfeita em que ele estava habituado em mostrar sua pele lhe pareceu





mais visceral e atraente do que qualquer outra coisa que viu dele até agora. Ele exalava calor e energia indomável, era ágil, belo e insondável, era absolutamente atraente e carismático, sem nada de esforço.

No entanto, ela sabia em seu coração, que toda a sua beleza, requinte e a poesia de suas palavras viviam debaixo de uma criatura primitiva, pronto para atacar. Uma criatura que teve uma participação na morte de seu pai.

Ela nunca poderia permitir ser arrastada para seu mundo, não importava quão bem ele falasse palavras como minha linda moça, casa e diga-me que é minha.

Parecia ter passado um tempo muito longo antes de falar. O quarto ainda frio ao redor deles.

—O que você disse ontem à noite. — Começou ele, seu tom sombrio e controlado. — Na Assembleia, sobre sua primeira mudança com dez anos.

Seu olhar foi atraído de volta para a surpreendente beleza feroz de seu rosto. Um estalo de eletricidade tremulou sobre sua pele. —Sim?

—Era a verdade, não era?

—É claro que sim. — Ela retrucou, não conseguindo manter a afronta em sua voz. O lençol caiu para seu pescoço. Ela agarrou-o com os dedos duros, puxando-o de volta ao redor de sua garganta.

Ele apenas olhou para ela, agarrando a beira do colchão com os longos dedos que lhe acariciaram momentos antes e estreitou os olhos.

—E o que mais?

—Eu não sei o que quer dizer. — Disse ela, seus lábios achatados para uma linha fina, teimosa. Ela ergueu o queixo.

—Quero dizer. — Disse ele, com a mesma voz sombria, avaliando com o olhar. —Que se você começou a mudança quando tinha dez anos de idade e que escondeu com sucesso o fato de todos ao seu redor,





incluindo nossos espiões, você é com toda a probabilidade capaz de todos os tipos de truques interessantes. Eu gostaria de saber quais são.

Ela apertou os dentes. Não o deixe seduzi-la! Não deixe que ele ganhe!

—Eu honestamente não tenho ideia do que você está falando. — Disse ela, puxando o lençol para envolvê-lo de forma mais segura ao redor de seu corpo. —Mas se você preferir não me acompanhar até a floresta para que eu possa tentar mudar para algo mais substancial do que um fio de ar, eu posso me virar sozinha.

Ela começou a marchar para as janelas com a cabeça erguida, o lençol ondulando atrás dela como o véu de um vestido de casamento. Ele levantou-se rapidamente da cama, caminhou até ela e agarrou seu braço.

Ela se virou para ele assustada e ficou imediatamente presa no calor de seus olhos. A luz oblíqua das janelas os fazia parecer com um jade pálido.

—Pode confiar em mim, Jenna. — Disse ele. Sua voz era surpreendentemente suave para a aparência dura, inflexível em seu rosto. — Apesar do que pode pensar, meu interesse são as melhores intenções do coração. Se houver mais nessa história do que você está dizendo a nós, se houver alguma coisa que está escondendo de mim, da Assembleia, eu preciso saber agora. Você está fora de perigo agora, mas o seu lugar na tribo não será garantido até que estabeleça exatamente o que você...

Jenna tirou o braço do aperto de Leander com toda a dignidade que conseguiu reunir, vestida apenas com um lençol ridículo, arrastando-o, tremendo da cabeça aos pés com indignação, com um homem nu e resplandecente ao seu lado.

—Não há nenhuma garantia, Leander. Não aqui, não em qualquer outro lugar. Eu lhe disse ontem à noite, eu não ficarei presa. Eu não vou ser sua prisioneira.





Eles ficaram enfrentando um ao outro, sem sorrir.

—Sim. — Disse ele. —Eu me lembro. Mas, aparentemente você se esqueceu do que eu disse na noite passada.

Ela não esqueceu. Estava ciente de que sua promessa de deixá-la ir era a única coisa que fez todo o seu medo e hesitação se derreter. Sua promessa era a única coisa que lhe permitiu se entregar ao momento, ao desejo que cantava através de seu sangue, encurtava a respiração e corria através de suas veias como veneno. Mas agora, à luz fria do dia a certeza da noite passada parecia tola, o pensamento positivo foi substituído pela dúvida.

—Você realmente faria isso? — A lembrança de seu encontro com a Assembleia trouxe a mordida metálica de raiva para o fundo da sua garganta. —Com todas as suas regras, restrições e segredos, você me deixaria apenas caminhar de volta para o mundo, de volta à minha antiga vida? Quando ninguém mais pode deixar Sommerley sem a permissão de vocês? Mesmo Morgan, um membro da Assembleia, não pode ser livre para viver sua vida como ela sonha porque ela é uma mulher?

O rosto de Leander se manteve neutro, nenhum músculo de seu rosto ou corpo se moveu. Mas seus olhos, oh, quando seus olhos arderam direto em sua alma com uma chama feroz de raiva, ela quase deu um passo para trás.

—Sim. — Ele respondeu, sua voz mortalmente suave. —Eu iria.

Ela ergueu o queixo outra fração, sem vontade de ser intimidada. —Eu não acho que eles iriam permitir.

Ele olhou para ela, inescrutável e terrivelmente bonito, tão magnífico e selvagem como a grande floresta negra que se estendia além das janelas para o infinito.

—Eu sou o Alfa desta tribo, Jenna. Não preciso de permissão para qualquer coisa. Eu faço o que eu quero.





—E se houver um preço a pagar? —Ela perguntou, sabendo que não poderia ficar impune. Nem mesmo ele estaria isento da lei. Seu pai certamente não ficou.

Sua voz caiu e ele disse: —Então eu vou pagá-lo.

Ela mordeu o lábio por dentro, sem saber o que queria. O céu fora das janelas estava indo do cinza claro ao estanho, um amanhecer de prata escurecendo. Nuvens pesadas com chuva flutuavam no horizonte, esperando para soltar sua recompensa de água para as árvores, montanhas e planícies abaixo. Parecia frio, úmida e convidativa, quando tudo neste quarto de repente parecia tão densamente apertado, aquecido e cheio de nada, além dele.

—Eu vim aqui para conseguir respostas. — Ela finalmente conseguiu dizer depois de um momento interminável, dolorido. —Isto foi tudo que eu sempre quis. — Ela limpou a garganta quando sua voz falhou. —Isso é o que é mais importante para mim. Descobrir... quem eu sou. Preencher todos esses buracos que faltam no meu passado.

Seus olhos se suavizaram. Ele estendeu a mão e torceu uma mecha do seu cabelo entre os dedos. —Estou aqui para ajudá-la, Jenna, mas você estará me mantendo em clara desvantagem, se não me contar tudo.

Ele levantou o cacho de cabelo e acariciou-o sobre a sua bochecha, para baixo na curva de seu pescoço. Ela estremeceu quando ele o arrastou sobre a elevação de seus seios, seu olhar caindo para seguir o caminho.

—No entanto, eu tenho que pensar. — Disse ele, sua voz abaixou a um sussurro rouco. —Que não pode ser a única razão pela qual você veio aqui. —Ele levou o olhar para o seu rosto, soltou a mecha de cabelo de seus dedos e levantou a mão para roçar seu rosto com os dedos.

Ela sentiu a chama de calor sobre suas bochechas sob o peso de seu franco e sábio olhar.





—Não fique tão satisfeito consigo mesmo. —Disse ela friamente, irritada com sua suposição arrogante. Ela já teve o suficiente de hipóteses de todos sobre ela e Leander.

—É claro que essa é a razão pela qual eu vim aqui. —Ela se virou, apertando os dedos com tanta força ao redor da beira do lençol que ele beliscou e enrugou em seu punho. —E esta foi a única. —Disse ela, acenando com a mão para indicar com dedo, o súbito calor sufocante da sala, a desordem da cama desfeita. —E isto foi um acidente infeliz.

Ele deixou cair sua mão para o lado. Deve ter sido sua imaginação que fez a temperatura na sala parecer cair vários graus. Ela arriscou um olhar em sua direção. O olhar estreito, avaliador estava de volta novamente.

—Entendo.

Ele virou a cabeça, desviou o olhar para a manhã nascendo fora das janelas. Ela foi atingida novamente pelos sombras esculpidas, delineando o contorno de seu rosto cheio, a boca solene, a curva de longos cílios, tão puro e perfeito como um cintilante conto de luz e transformando as linhas em prata reluzente.

Ela olhou para ele e pensou com um arrepio subindo por sua coluna, no que exatamente ele era.

Magia negra.

Magnético, perigoso e sedutor. Capaz de tudo.

—Bem, então. — Disse ele. —Se essa vai ser sua resposta depois de tudo...

Ele deslizou para longe dela, movendo-se em direção à lareira de mármore ao lado oposto do quarto. Não estava acesa na noite passada; a lareira estava fria com as cinzas de um dia. Ela seguiu seu movimento com os olhos enquanto ele parou com uma mão apoiada na lareira.

Ele se virou para olhar para ela. Não podia ler a expressão em seu rosto.





—Será respostas que terá. Siga-me, por favor.

Ele mudou para vapor e desapareceu na boca negra da lareira. Um fio de fumo cinza arrastando-se enrolado atrás dele quando ele passou pela chaminé na escuridão encontrando o céu da manhã.

Levou apenas um momento antes de sua surpresa passar e ela mudar também. Ela deixou cair o lençol para uma poça de cetim no chão e correu para cima através da chaminé com crosta de fuligem surgindo ao longo da borda de bronze da chaminé, mas ele já estava rapidamente se tornando invisível contra a cobertura de nuvens que pairava sobre tudo, engolindo-o.

Ele era um espectro pálido circulando no céu, muito além dos jardins verdes e bem cuidados de Sommerley, rompendo a primeira linha de árvores na floresta.

Ele estava se movendo rápido.

Ela avançou, correndo para longe do telhado e subindo para o ar espesso o mais rápido que pode, empurrando através dos aglomerados de nuvens cinza e prata. O vento fresco correu sobre ela, a umidade do ar pesado diminuiu e arrastou-a em seu progresso, mas ela fez um esforço para manter-se em movimento, para mantê-lo à vista.

Aonde será que ele iria?

O terreno tornou-se um borrão de cor sob ela, os jardins da mansão deram lugar a campos selvagens, em seguida, colinas baixas cobertas por grama e terra. Em seguida, a floresta abaixo, uma linha abrupta de árvores escuras tão grossas que pareciam como água, como um lago vasto, antigo... uma plácida superfície, com perigos e segredos à espreita por baixo.

O trovão apareceu como um longo e distante ruído.

A primeira chuva começou exatamente quando ela o perdeu de vista além do surgimento de uma colina. A cobertura suave da névoa tornou-se algo mais espesso, gotas mais pesadas que deslizavam através dela, primeiro suavemente, em seguida com mais energia, cortando,





picando como um milhão de agulhas minúsculas. Ela levantou-se mais longe no céu, sobre o monte e depois parou, procurando no céu de chumbo e a floresta negra silenciosa abaixo.

Leander estava longe de ser visto.

Ela pegou o seu cheiro muito para o sul, talvez uma dúzia de milhas, apenas uma leve atração de especiarias e fumaça flutuando no vento gelado. Apenas alguns átomos de sua presença ainda pairavam no ar, mas foi o suficiente. Ela atirou-se na direção dele, usando-o para guiá-la como pistas em um jogo de esconde-esconde, até que finalmente se tornou forte o suficiente para desacelerar na beira de um prado, procurando.

Mas esta não era uma clareira natural, ela viu quando pairou acima. Esta foi feita pelo homem, com camas ordenadas de flores e uma parede de pedra que corria ao longo dela.

Onde ele estava? A chuva agora a cortando tão forte que tinha que se concentrar para ficar como vapor. Era desconfortável. Ela se contraiu, lutando contra a tempestade. Não sabia quanto tempo mais poderia se manter desta forma.

Mas do outro lado da clareira, ao lado de uma enorme árvore estava pingando e com o brilho da água deslizando sobre a pele nua.

Ele estava agachado no chão com uma mão na casca áspera da árvore gigante, a outra afundada na terra. Ele estava olhando para ela, sem sorrir.

Ela olhou para o perímetro da clareira, olhando a beleza intencional dos jardins e grama, pedaços de pedras cobertas de musgo e mudou para mulher logo atrás de Leander. Alívio inundou-a quando recebeu o ar em seus pulmões e estendeu os membros. O cheiro de terra molhada e água da chuva atingiram seu nariz, seguido rapidamente pela picada de ar gelado sobre sua pele.

Eles estavam protegidos da tempestade através da copa de galhos acima deles, mas ela ainda estava molhada. Ela caminhou sobre a suave





camada de folhas mortas e musgo sob os pés e se agachou ao lado de Leander, joelhos na samambaia molhada, tremendo de frio. Eles não olharam um para o outro.

—Onde estamos?

Sua voz veio sobre um ar frio. —O lugar de descanso final dos Ikati.

Ela ficou de pé ao mesmo tempo, esquecendo sua nudez o frio e a tempestade acima. Levantou-se silenciosamente ao lado dela e virou o rosto.

—Você me trouxe a um cemitério? — Ela viu a queda de uma gota de água cair em sua bochecha, em seguida, deslizar para baixo sobre ela como uma lágrima. Ela não piscou. —Por quê?

—Eu queria que você visse uma coisa. —Ele disse calmo, seus olhos escuros e insondáveis.

—O que?

Um pequeno lampejo de emoção brilhou nos seus olhos, mas foi rapidamente extinto.

—A sepultura de seu pai.

Ele se virou e se afastou dela, para fora da clareira aberta e a tempestade. Seu corpo nu estava encharcado totalmente pela chuva, seu cabelo ficou imediatamente liso e preto ao redor de seus ombros, movimentado pelo vento.

Mas ela apenas ficou olhando para ele, muito congelada para se mover.





CAPÍTULO VINTE

Daria estava nua.

Ela também foi amordaçada e vendada, seus braços e pernas amarrados juntos tão fortemente com cordas que a pele abaixo estava ferida e sangrando. E não era a única parte dela que sangrava. A longa ferida, em forma de cruz que foi esculpida em seu braço com a ponta de uma faca de caça ainda estava sangrando livremente e latejante.

Ela ficou trancada no porta-malas do veículo durante horas, desde que acordou com uma dor cega na parte de trás de sua cabeça onde bateram nela com algo brusco e pesado. Seus braços estavam amarrados nas costas, os joelhos foram dobrados contra o peito e seu corpo estava sacudindo por tremores incontrolláveis.

Eles iriam matá-la. Disso ela tinha certeza.

Expurgari. Terror e fúria se enrolaram na boca do estômago, enviando um ferrão amargo de bile subindo pela garganta.

Ela não viu ou ouviu-os chegar o que significava que eram astutos e inteligentes. Ela não sentiu o cheiro deles, o que significava que eles sabiam como disfarçar o seu cheiro dos Ikati.

Também significava que eles estavam esperando, observando esse tempo todo, bem debaixo de seus narizes.

Ela estava sem fôlego por toda a dança na festa, revezando-se com o marido e um corado, distraído Christian e muitos outros homens da tribo, amigos e relações diplomáticas quando resolveu sair para o





jardim de rosas para tomar ar fresco. Ela ficou sozinha por apenas um momento, inclinando-se contra uma treliça de flores de jasmim, olhando para as estrelas.

Ela estava distraída, inegavelmente, com a notícia que se espalhou como chumbo grosso através da pequena nobreza reunida de que a transformação de Jenna foi confirmada, em frente à Assembleia e que o próprio Leander a fez fazê-lo, com um beijo nada menos, em seguida, ambos desapareceram.

Para discutir seus problemas, o mais provável.

Ela sorriu, olhando para as estrelas, pensando no jogo entre os dois. Apesar de ser o Alfa dos Ikati ela sabia que seu irmão ansiava por uma parceira que poderia amá-lo, enfrentá-lo, apoiá-lo e desafiá-lo para dar o seu melhor. E Jenna parecia perfeitamente adequada para essa tarefa. Talvez ela pudesse convencê-la a permitir que as mulheres da tribo pudessem ter um papel mais ativo nas decisões que afetavam suas vidas.

Um aglomerado de estrelas da constelação Virgem piscou para ela, milhões de anos-luz de distância, com sonhos e promessas.

E então mãos duras se fecharam ao redor de sua boca.

Eles eram calosas e ásperas, cobertas de algo pegajoso e viscoso, como resina de pinheiro. Houve uma facada ofuscante da dor na parte de trás de sua cabeça que enviou uma luz escarlate e vaga-lumes laranja explodindo atrás de suas pálpebras fechadas. Uma onda de intensa tontura a atingiu, seguida muito rapidamente por uma crescente onda de escuridão e então nada.

Até que ela acordou e notou seus membros presos, sua pele machucada e cortada, seu corpo deitado em cima de um fedorento cobertor sujo na prisão negra. Com o zumbido baixo, a sensação da estrada rolando e se afastado, ela cantava uma canção de adeus. Estava sendo levada para longe de sua casa, longe de qualquer esperança de resgate.





Não haveria nenhuma chance de fugir, ela sabia. Ela era menor e estava algemada, fraca com a lesão. Ela não poderia mudar. Mordeu o lábio para conter um soluço e rezou para ser forte o suficiente para não falar.

Embora eles certamente tivessem formas horríveis de tentar convencê-la.

O coração de Daria começou uma pulsação dolorosa dentro de seu peito quando o carro diminuiu e parou. Ela ouviu portas se abrirem e fechar, o som de botas no cascalho, vozes masculinas baixas resmungando algo que ela não conseguia entender. Uma rajada de ar frio atingiu sua pele nua, quando o porta-malas se abriu.

Ela gritou contra a mordaca quando dois pares de grandes mãos se fecharam ao redor de seus pulsos e tornozelos e a puxaram.





CAPÍTULO VINTE E UM

Leander não esperava ver essa reação em Jenna quando encontrasse a sepultura de seu pai. Ele não podia. Pensava que soubesse tudo sobre ela até este momento, uma mulher que era tão forte e desafiadora nem mesmo ele poderia imaginar vê-la assim. Ou ainda que com a rápida visão da pedra da sepultura esculpida com o nome de seu pai, ela caísse no chão como um tecido descartado e começasse a chorar, grandes soluços sacudindo todo o seu corpo enquanto ela se ajoelhava, com o cabelo molhado e espalhado sobre os ombros e costas como uma mortalha pingando, joelhos e dedos afundado profundamente na grama encharcada.

—Por quê? —Ela disse num sussurro agonizante, rouco à lápide. Sua voz foi quase engolida pelo boom do trovão no céu. —Por que você me deixou?

Leander ajoelhou-se ao lado dela e colocou a mão suavemente no seu ombro, mas ela bateu-a para longe, deixando uma mancha de lama em seu pulso e respingos escuros sobre o peito. Ela se virou para ele com olhos selvagens.

—Você poderia tê-lo ajudado! — Ela sussurrou, seu rosto mortalmente branco. Ela balançou de volta para os calcanhares, os dentes arreganhados, lágrimas quentes e a fria chuva escorrendo pelo rosto, misturando-se juntos percorrendo sua mandíbula. —Você poderia ter impedido!





Ele sentiu o animal dentro dela, enrolado logo abaixo da superfície, uma criatura escura e mortal despertada pela raiva, pronta para cortar seu caminho para fora.

—Não. — Ele disse, com cuidado e baixo.

Ele não se moveu, não desviou o olhar, embora a chuva gelada em sua pele nua fosse doloroso. Os dedos das mãos e pés estavam dormentes de frio, mas ele manteve-os onde estavam, afundados na grama longa e na lama. Ele manteve sua respiração inalterada e seu rosto neutro. Não queria fazer quaisquer movimentos bruscos e empurrá-la sobre o limite.

Se ela mudasse para pantera agora, ele tinha certeza que iria atacá-lo sem hesitação.

Na sua forma animal, o Ikati era primitivo e perigoso, propenso a súbitas explosões de violência. Sua mente humana, cada aspecto de seu coração humano, sendo tragado por este lado primitivo. Eles mantinham a capacidade de raciocinar, mantinham a sua memória e personalidade, mas tornavam-se altamente imprevisíveis, muitas vezes letais.

Em sua forma de pantera, com a quantidade de raiva em seus olhos neste momento, Jenna era plenamente capaz de matá-lo e com bastante facilidade. Ela estaria cheia de energia fresca, suas emoções cruas e esmagadoras, o seu instinto de lançar-se na fonte de sua dor seria insuportável.

Manteve-se à beira da transformação, o sangue subindo, músculos e tendões cantarolando com o esforço de manter sua forma humana enquanto cada nervo em seu corpo gritava perigo!

—Eu não era o Alfa, naquela época, Jenna. Era pouco mais que uma criança.

Um relâmpago iluminou o céu com uma sobrecarga em uma chama brilhante e branca. Isso foi seguido por mais trovoadas, em seguida, a chuva pareceu aumentar. Ambos foram encharcados e ele





sabia que ela deveria estar congelando, exposta como estava com apenas sua massa de cabelo para protegê-la contra os elementos.

Mas Jenna não se moveu de sua posição. Ela ignorou a chuva, trovões e os relâmpagos e apenas olhou para ele com uma expressão que lhe doía tanto que sentiu como se seu coração tivesse sido perfurado pela ponta de um punhal.

Ódio. Ela olhava para ele com ódio absoluto.

—Eu não acredito em você. — Era quase um grunhido, o rosnado de um animal.

Chuva fria e picando se derramava sobre eles, saltavam alto fora da grama, pingando da ponta de seus narizes. Ele sentiu uma súbita crepitação quente entre eles, cheirava como o cheiro familiar de fumaça e pólvora picando no fundo de sua garganta e sabia o que estava prestes a acontecer.

—Eu nunca iria mentir para você, Jenna. — Ele disse aproximando-se, sabendo que estava colocando sua própria vida em perigo se não mudasse agora, agora mesmo, antes que ela o fizesse. — Juro, eu nunca faria isso.

Leander olhou para ela, tremendo e ofegante, começando a piscar. Seus olhos perderam o foco, em seguida, encontrou-o novamente. Eles mudaram como se lançando pontas afiadas em tom verde, para um escuro de raiva animal.

Suas pupilas mudando para fendas pretas, na vertical, seus olhos brilhavam com um tom sobrenatural, fosforescente. A agitação em seu corpo tornou-se mais violenta, seus membros se contraíram como se formigas invisíveis estivessem rastejando sobre cada centímetro de sua pele, mas ela não se moveu. Vibrava hostilidade, enrolada firmemente como uma cobra mortal pronta para atacar.

Ele sentiu-o. Sabia que estava chegando.

O vento gelado roubou a respiração de seus lábios.





Assim quando outro raio rasgou o céu para iluminar o cemitério varrido pela chuva foi quando Jenna se ajoelhou e mudou para pantera.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Terra. Céu. Árvores. Chuva. Ele.

Tudo, tudo de uma só vez. Consciência perfeita. Percepção perfeita.

Poder.

Não havia nada antes em sua vida para comparar com essa sensação, essa grande inundação de eletricidade correndo de forma primitiva queimando por suas veias. Houve um flash de dor aguda quando ossos, músculos e tendões se transformavam, terrível, então doce, a renúncia dolorosa que brilhava através de seu sangue, ardia sobre sua pele. Era inebriante. Ela foi transformada com o excesso de força bruta e uma sensação que vibrava através de cada molécula de seu corpo.

Seu novo corpo simplificado, musculoso.

Ela sentiu uma emoção humana pálida por um mero momento, antes de apenas vir a raiva ou medo, não conseguia se lembrar com o resíduo que ainda permanecia em seu nariz como um perfume barato. Mas ela estava tão além agora, empurrada para um mundo muito melhor, muito mais fino, tão cheio da absoluta beleza, muita luz, som e sabor.

Cada respiração que ela tomava agora era pura e fria, como inalar neve, cada minuto que um raio de luz perfurava através das nuvens negras como milhões de filamentos brilhando em uma lâmpada, cada





cheiro por milhas ao redor floresceu em seu nariz e sobre sua língua com um gosto melhor do que o melhor dos vinhos.

E ela via tudo. Tudo.

Abriu a boca para rir com o êxtase surpreendente deste sentimento, uma alegria feroz que vinha do nada para agarrá-la em volta da garganta e destruir todos os cuidados terrenos em pedaços. O som que saiu de sua garganta levou o homem à sua frente ficar de pé.

Foi um estrondo, um rosnado profundo na selva, rico e vibrando com perigo, potência e o poder de uma linhagem antiga e arrepiante.

Era o som mais bonito que ela já ouviu.

O homem deu outro passo para trás, estendeu a mão, os dedos abertos e hesitante. Ele sussurrou o nome dela em um tom de temor.

Ela o conhecia, sim, sabia que ele não era um perigo para ela. Sabia que ele não estava com medo e seus olhos estavam muito amplos e estava quase sem respirar. Sabia que ele era um Alfa; ela cheirava a ondulação do poder e de soberania que ele exalava como um delicioso perfume em volta dela, enchendo cada poro, fixando-se em cada átomo.

Ela sabia seu nome, embora isso pouco importava agora. Apenas uma palavra veio à mente quando ela olhou para ele, sua silhueta grande e masculina transmitindo poder contra o céu cru.

Companheiro.

Ela não sabia como sabia, mas sabia que ele pertencia a ela e ela a ele e juntos pertenciam à terra fértil e a floresta selvagem e a canção que vinha do coração da natureza que gritava com ela de todos os lados.

A canção era mais forte atrás dela. Acenando, subindo em notas doces e grossas que caíam sobre ela, implacável, indiscutivelmente um chamado vindo das árvores.

Ela virou a cabeça para olhar para a floresta para o lugar de onde a música vinha fluindo forte e alto, como a canção de uma deleitável sereia irresistível. Aqui. Aqui. Aqui, então se virou para o homem.





Ela tentou falar, mas o único som que saiu de sua garganta agora era um estranho e tímido estrondo, um convite baixo que fez os ombros do homem relaxar. Ele encheu seus pulmões com o ar, a tensão deixou seu corpo e ele sorriu para ela, os olhos brilhando, exultante, atônito.

Com um movimento rápido que ocorreu sem um pensamento ou esforço consciente, Jenna empurrou-se para terra, quatro pontos estranhos, maravilhosos de pressão, girou no ar e pousou em um perfeito convite silencioso, de costas para o homem. Um flash longo, branco e puro passando por cima de sua cabeça enquanto se movia. Com o nariz para baixo do chão, ela esquadrinhou as árvores antes de cheirar, provar e ouvir toda a vibração da natureza que nadava ao redor dela, um zumbido que crescia e crescia dentro de sua cabeça como uma sinfonia, como uma obra escrita apenas para ela.

A floresta chamando-a com a música mais doce que já ouviu em sua vida.

A canção do santuário. Uma canção de casa.

Jenna empurrou-se para fora da terra e começou a correr em grandes passos, galopando para as árvores, com os pés em um borrão abaixo dela com os braços acolhedores da floresta.

Ela não olhou para trás.

Ele a seguia porque precisava fazê-lo. Seus pés não lhe deram outra escolha.

Leander correu atrás de Jenna, forçando muito seus braços e pernas quando ela se tornou em um borrão de estrias brancas sobre o prado aberto na direção das árvores. O animal nele rugiu para a vida, arranhando fora de sua pele. Ele passou para pantera no meio do caminho, a chuva agora saltando sobre o pelo preto elegante e fortes músculos, nunca diminuindo sua velocidade.

Seu olhar nunca a deixou. Contra o dia escuro e a floresta mais escura à frente, era impossível perder.





Ela era de um branco puro, tão branca como a pérola mais perfeita, exótica, luminosa e rara.

Ele ouviu falar das lendas sobre Panteras Brancas, dos membros da sua tribo que perderam o paraíso há muito tempo — onde eles viviam como deuses — se desmoronou à ruína. Mas ao vê-la com seus próprios olhos, senti-la...

Ele estava tão atônito que não podia recuperar o fôlego.

A floresta era sombria, úmida e espessa com nevoeiro. Baixas gavinhas¹² nadavam um pouco acima do chão, mais alto engolindo as copas das árvores em uma camada densa a pálida luz do dia mal penetrava. Esta era a parte mais antiga da floresta, nunca pisada por seres humanos, escondida como uma joia intocada no coração de Sommerley.

As árvores cresciam a alturas de mais de 300 metros, o chão da floresta estava enterrado sob uma camada profunda de folhas perfumadas, musgo e pinheiros agulhas, o silêncio era inquebrável, apenas se ouvia o canto dos pássaros e o som da água pingando pelos baixos ramos e poças claras que penetravam na terra.

Muito à frente dele, Jenna se movia pela floresta como um fantasma, pálida e bonita contra as madeiras escuras, navegando na densa vegetação rasteira como se soubesse cada segredo delas. Ela não deixava uma única folha amassada em seu rastro. Apenas a névoa se movia ao redor de seus pés, separando-se em silêncio enquanto ela passava rapidamente, girando em turbilhões de pálida névoa.

Ele esticou o pescoço para frente e também as pernas, tanto quanto podia, suas patas afundando no barro sob os pés, a dor dos músculos e tendões fazendo pressionar seus dentes quando ele se empurrou ao seu limite para segui-la. Ela era rápida e ágil, correndo como especialista e

¹²Um órgão preênsil presente nas plantas trepadeiras. São estruturas filiformes, simples ou bifurcadas na extremidade, com a função de agarrar ramos, galhos, folhas, ou qualquer outro objeto que sirva de apoio para a planta em crescimento.





bela precisão sobre os restos de árvores caídas, ao redor dos troncos grossos e brilhante folhagem escura, movendo-se como uma leve brisa marfim através das árvores antigas.

Ele nunca viu algo se mover tão rápido. Ele nunca viu nada tão bonito.

Ficou cuidadosamente atrás dela, ouvindo o tamborilar da chuva sobre a terra e a pedra enquanto eles se moviam através da floresta, observando seu belo fantasma movendo-se como o vento, o cheiro de terra revolvida e o aroma feminino potente em seu nariz, seu corpo em sintonia com cada movimento dela.

Ela precisava ver. Precisava chegar ao topo e olhar sobre sua floresta.

Ali. Aquela árvore na frente. Enorme, seu tronco imponente, como um arranha-céu, com ramos acima da elevação perdida na névoa.

Ela saltou do chão da floresta e caiu facilmente no tronco da árvore vinte metros para cima, garras afundando profundamente na casca perfumada. Ela ainda parou por uma fração de segundo, testando o equilíbrio, sentindo o deslizamento do vento através de sua pele. Levantou a cabeça e olhou para o céu, em direção à copa encharcada de chuva, galhos e ramos brilhantes pela luz.

Ela empurrou e subiu mais.

Quando pode subir mais longe, saltou para um galho mais alto e largo como uma cama king-size e caiu sobre as quatro patas, em um perfeito agachar silencioso. Ela caminhou em direção ao final do ramo quando ele se curvou através de uma abertura na densa massa de folhas, a casca fresca e áspera sob seus pés.

Uma vista panorâmica da floresta foi espalhada diante dela como um banquete. Festejou com os olhos recentemente mais potentes sobre a beleza do arco-íris de luz solar cintilando acima das copas das árvores molhadas, colinas de safira escuro com chuva, neblina e pinheiros,





bosques negros e mouros esmeralda e prados grossos com flores silvestres curvando-se sob o peso da chuva.

Ela sentou-se sobre as ancas, levantou o nariz para o vento do oeste e fechou os olhos.

Corujas confortavelmente situadas em árvores ocas. Um Cervo, perto, cheirado através de pilhas de folhas secas para capturar bagas caídas. Esquilos sobre a casca, as marcas intactas de um pica-pau contra um tronco, musgo, pedra e séculos de vegetação rasteira. As vibrações escassas de todas as criaturas por milhas ao redor. A chuva, mais leve agora, tamborilava para baixo através da copa, acalmando-a. O cheiro de água fresca e dos bancos de capim vetiver¹³, sobre fundos de areia, coberto de granito do rio Avon.

Ela foi inundada pela floresta, ficou imersa nela e bebeu dela. Não queria mais sair.

Em seguida, um novo perfume, mais escuro e mais quente do que os outros, um leve toque de tempero sob o cheiro de animais de sangue quente e pele molhada. Um novo coração pulsando ao mesmo tempo que o dela.

Ela virou a cabeça e abriu os olhos para encontrá-lo agachado ali na base do ramo.

Sua cauda longa serpenteava para frente e para trás atrás de si. Olhos amendoados sagazes fixos e afiados com um questionamento em seu rosto.

E isto era muito surpreendente: a beleza desta criatura era ainda mais tangível e agradável do que qualquer outra coisa, até mesmo a totalidade de sua floresta vasta e intocada.

¹³Planta herbácea (*Vetiveria zizanioides*), da família das gramíneas, nativa da Ásia, cujas raízes apresentam propriedades febrífugas, calmantes e tônicas e encerram óleo essencial usada em perfumaria; capim-de-cheiro, patchuli, vetiver.





A cabeça enorme, em forma de cunha afinando no nariz e até o mais prata bigode que refletia a luz sombreada, a pele brilhando contrastando o carvão vegetal preto carregava um tom de púrpura, o corpo tão poderoso e musculoso.

Este animal era magnífico. Abençoado com uma graça pura inegável.

Ela saltou para as quatro patas em um movimento suave e começou a andar em direção a ele, movendo-se muito lentamente, com cuidado. Curiosidade chamando-a, algo quente e voluntarioso cantou através de seu sangue.

Um som em sua garganta agora. Um tímido bufo, um tom de questionamento.

Ele soltou um som baixo de reconhecimento, que retumbou em seu peito. Ela chegou mais perto e parou apenas um metro de distância.

Ele moveu-se para frente, elegante e mortal, perfeitamente em silêncio sobre quatro enormes patas de seda e tocou o focinho dela. Com a simples pressão, ele esfregou sua bochecha contra ela. Seus bigodes passaram por cima dela com uma corrente elétrica que estava perto de um choque.

Assustada, ela respirou e congelou.

Ele congelou com seu olhar concentrado nela. Outro batimento cardíaco, outro momento em que ela não se moveu, então ele abaixou a cabeça para ela novamente, acariciando-a. Ela fechou os olhos e aceitou a pressão, apertando seu focinho contra o dele um pouco mais forte, até que ele se aproximou e estavam ombro a ombro e ele soltando um rosnado baixo e depois um ronronar profundo.

E oh, esse sentimento, essa dor, este ardor, a intensa felicidade que ela nunca experimentou.

Ela abriu os olhos, respirou fundo, o frio em seus pulmões e voltou para mulher.





—Não. — Ela suspirou, cambaleando com as mãos estendidas, tentando encontrar o equilíbrio novamente com pés humanos que pareciam escandalosamente fracos e frágeis.

Ele mudou de posição, bem como um flash dissolveu o preto em vapor, que se fundiram em uma nua e musculosa forma que ela estava começando a conhecer tão bem. Ele estendeu a mão e pegou ambos os pulsos dela enquanto ela se debatia, oscilando perigosamente perto da beirada inclinada no ramo maciço. Uma brisa fresca madura com a umidade e o buquê da floresta pegou seu cabelo, soprando por trás para levantá-lo em gavinhas pesadas que estendiam a mão sobre seu peito, acariciando.

Sua voz era um rosnado baixo, quando ele apertou seus dedos fortemente ao redor de seus pulsos. —Não o quê?

Ela olhou para ele. O tempo parou em um impasse.

Ela olhou para o belo rosto e os seus olhos estreitos, por uma franja de cílios negros como carvão olhando para ela. Ela olhou para o cabelo brilhando ao redor de seus ombros, um longo fio no canto de seus lábios cheios. Ela olhou para seu resplandecente corpo nu, pele parda modelada com sombra e luz e quase parou de respirar.

Ela o absorveu, tudo dele, totalmente. De repente, sentiu que esta era a primeira vez, que o via. Seu coração deu um pulso. A pele em seus braços subiu com arrepios.

—Pare. — Ela sussurrou, sua voz um eco fino de si. —Não pare.

E ela deu um passo em seus braços tão facilmente.

Ele a beijou como se já estivesse profundamente dentro dela, com as mãos apertando em sua cintura e pescoço, a boca aberta e quente, um som de urgência em sua garganta enquanto seus corpos se uniam. Ela passou os braços ao redor de seus ombros, divertindo-se com a sensação dos músculos inflexíveis sob a pele lisa, como a seda cobrindo o aço.

Seu corpo era uma pressão quente sólida contra seu peito e quadris enquanto se beijavam, e o vento frio passou por eles, sussurrando





através das árvores e enviando padrões que vibravam em todo o brilho âmbar espalhado debaixo de suas pálpebras fechadas. Um punhado de gotas de chuva caíam sobre as folhas e o vento passou sobre eles, salpicando os ombros e cabelo com gotas perfumadas e geladas.

—Eu sinto muito. —Sua voz era baixa e rouca, rompendo com emoção demarcada, um murmúrio urgente entre beijos. —Eu não queria incomodá-la, não estava tentando fazer você se transformar, apenas pensei que deveria ver...

—Não. — Ela interrompeu, sua mente nebulosa com uma súbita falta esmagadora, batendo, causando uma dor implacável que cortava mais profundo com cada respiração que dava. O seu animal ainda era tão forte, tão poderoso, coroando sob a pele, abrangendo o limite entre o controle completo e doce abandono...

—Não se desculpe. Não é sua culpa. Eu sou a única que deve se desculpar. Apenas ficou um pouco fora da minha mente. E você é... você continua me dando as respostas que eu pedi, as respostas que eu queria...

Sua voz caiu para um sussurro quando ele deslizou a mão na cintura, para os cabelos sob a palma da mão aquecida. Ele inclinou a cabeça para a sua com seus polegares sob o queixo.

—...O tempo todo você me deu o que eu queria...

Sentia-se tão estranha, como um sonhador vagando através de um belo conto de fadas, não querendo acordar. Uma onda de novo prazer desenrolou-se em seu núcleo quando ele abaixou a cabeça para seu pescoço, inalou profundamente contra sua garganta. Ele puxou a cabeça para trás com os dedos em seu cabelo e olhou para ela.

— Dei a você? — Havia algo desafiador agora em seu tom, algo incrédulo. Seus olhos escureceram.

Jenna abriu a boca para responder-lhe, mas Leander deslizou a mão pelas costas, ao longo de sua cintura, empurrou-se sem avisar entre





as pernas dela. Ele encontrou seu centro, as dobras úmidas de sua carne se abrindo sob seus dedos invasores.

—E isto? — Disse ele, de repente, áspero, exigente. —Isto é algo que você quer?





CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Ele empurrou um dedo dentro dela, por Deus, tão quente e úmida, pegou o queixo na mão forçando-a a olhar para ele. Ele empurrou o dedo mais fundo, dentro e fora e ela fez um som sem palavras, suas pálpebras vibravam com cada estocada.

Sua voz caiu, seu tom se tornando adstringente. —Ou será que este é apenas outro acidente infeliz?

Sua língua saiu para lambar o lábio inferior e ele quase se perdeu em uma corrida de luxúria pagã, querendo levá-la em seus braços abrir suas pernas e levá-la de volta para baixo, montando-a.

Seu sangue fazia um apelo estrondoso por Jenna, Jenna, Jenna, tão alto que ele se perguntou se ela não podia ouvi-lo. Mas ele se segurou, concentrado ferozmente na contenção do animal que queria forçá-la, aqui e agora, que queria tomá-la ao ar livre, se ela lhe desse permissão ou não.

Ele precisava que isso fosse sua decisão. Precisava muito desesperadamente saber que ela queria isso tanto quanto ele, que sentia a mesma necessidade angustiante por ele quanto sentia por ela, que ela entregaria o seu coração e alma, como ele fez e não apenas seu corpo.

Sua rejeição esta manhã causou uma dor surpreendente. Era uma sensação que não se importava de lembrar, nem que precisasse para entendê-la. E colocando tudo em perspectiva cristalina.

Ele estava apaixonado por ela.

Irremediavelmente, terrivelmente, violentamente apaixonado.





Sem responder, sem tirar os olhos dos dele, Jenna tirou os braços de seus ombros, estendeu a mão entre seus corpos e fechou-a ao redor de seu eixo rígido.

Ele respirou fundo e congelou. Seu coração parou, depois reiniciou com um pulsar doloroso quando ela esfregou seu polegar sobre a ponta, sentindo os sucos e a pele acetinada. Ela abriu os dedos para baixo, explorando a sua forma, seu calor, as unhas levemente marcando sua pele.

Ela deslizou os dedos até a base, virou a mão e voltou ao longo das veias palpitantes e a carne dura como uma rocha, acariciando e apertando, ouvindo sua respiração ofegante aumentar, observando seus olhos ficarem quentes.

Ele não podia pensar. Não conseguia respirar. Mal podia ficar de pé sob a agonia mágica de sua mão macia, feiticeira.

—Jenna. — Alertou, comprovando a si mesmo, sua resolução e determinação por um fio. Ele abaixou a cabeça e puxou sua boca de volta para sua garganta, sentindo o pulsar quente e vital contra seus lábios. Ele inalou o perfume de sua pele, permitindo que o animal dentro dele sentisse um júbilo rápido, então deslizou outro dedo dentro do veludo apertado de seu corpo.

Um leve grito de prazer saiu de sua garganta. Seus quadris fizeram pequenos círculos excruciantes contra ele.

—Eu não posso suportar você lamentando, me lamentando. — Ele sentiu sua própria vontade se romper, pedaço por pedaço, caindo no esquecimento enquanto ela se movia contra ele, sensual e sedutora. — Não importa o quanto quero você, não importa o quanto eu queira isto para sempre, você precisa estar certa de que é o que quer... não vou forçá-la. Não vou forçá-la. Isso precisa ser sua decisão.

Doce, lábios famintos encontraram seu pescoço, o maxilar, o lóbulo da orelha. Empurrou seus dedos mais fundo dentro dela, o que lhe valeu um gemido suave, ardente que ecoou através dele.





—É isso que você quer? Eu sou o que você quer? — Ele murmurou contra o pescoço dela.

Ela deslizou uma coxa até o quadril, os músculos suaves contra o dele. Seu joelho foi até a cintura e ela se abriu para ele como uma rosa. Isso o levou à loucura.

Ainda assim, ela não disse nada.

—Jenna, deus, Jenna... diga-me o que você quer... diga sim ou pare...mas não o nada... — Ele pediu. Ouviu a emoção crua na voz dele, toda a pretensão arrancada, o cheiro do seu cabelo e sua pele, seu sexo quente, pronto para levá-lo rapidamente a loucura.

—Por favor. — Ela disse suavemente contra seu pescoço. Ele se afastou para olhar seu rosto, seus olhos veludo suave, seus lábios tão maduros e vermelhos como uma cereja. Um pequeno sorriso travesso rolou sobre a boca cereja e ela apertou sua mão ao redor de sua ereção.

—Por favor...? — Leander repetiu firmemente, rígido e quase sem poder falar.

Sua voz caiu para um gutural sussurro divertido. —Por favor pare de falar.

E ela o beijou.

Cada pensamento caiu de uma só vez.

Ele virou-se sem romper o beijo e apertou as costas contra a casca áspera da árvore antiga. Seus braços em volta dos ombros, as pernas rodeando sua cintura. Ele a ajudou, levantou-a, agarrando sua parte inferior, afundando os dedos profundamente em sua carne tenra. Ela era a luz em seus braços, quase nenhum peso. Ela arqueou as costas e por um belo momento a viu se curvar à luz, pingos de chuva espalhados sobre os seios e a garganta como joias brilhantes.

Ele encontrou sua entrada, empurrou-se em seu calor com um gemido alto. Ela respondeu com seu próprio som visceral de prazer e





apertou suas pernas ao redor dele, os músculos fortes tensos, pressionando os calcanhares nas suas costas.

Eles ainda ficaram imóveis por um longo momento sem fôlego, envoltos um no outro. Seu sangue bombeado juntos, seus corações batendo como um só, enquanto os sons da floresta viva e a tempestade enchia o mundo ao redor deles.

Ela suavemente exalou e apertou os braços ao redor dele. Como um homem saltando da prisão, ele estava de repente, primorosamente livre.

Eles começaram a se mover juntos, balançando em seu abraço perfeito, seu sexo duro empalando o dela molhado e esticado ao redor dele. Ele nunca conheceu nada como isso, nunca soube que poderia fazer amor com uma deusa em uma floresta, no alto dos galhos de uma árvore, e perder-se nela no céu varrido pela chuva e para a floresta tão escura e vasta ao redor deles.

Minha, o animal dentro dele gritou. Minha!

—Diga que você é minha. — Ele sussurrou áspero, em seu ouvido. Ele bombeou profundamente nela, abrindo suas pernas ainda mais. Sua pele começou a se apertar. Cada centímetro de seu corpo começou a doer com tal intensidade que o peito encheu-se de alegria e com uma chama escura de medo secreto. O medo de perdê-la e perder-se, o medo do que aconteceria com ele se ela fosse embora.

—Diga. — Ele ofegou, enterrando-se nela, perdido em chamas. — Diga que você vai ficar comigo. Diga que você pertence a mim, Jenna.

Ela apertou os dedos nos músculos dos ombros e estremeceu. Um suave gemido escapou de seus lábios. Seu cabelo explodiu em ondas douradas em toda a casca coberta de líquen e ele sentiu seu corpo se apertar, sentiu sua libertação. Ele enrolou os dedos em seus cabelos, forçando o rosto dela para ele, forçando-a a olhar em seus olhos enquanto empurrava dentro dela e a reclamava como sua.

—Pelo amor de deus, mulher. —Ele gemeu. O ar se transformou em fogo. —Diga.





Ela olhou profundamente em seus olhos, suas pupilas largas e pretas, então inclinou a cabeça para frente. Ela roçou seus lábios pétala contra sua bochecha.

—Você sabe como eu me sinto. — Ela respirou, baixo e rouca.

Ele se acalmou, ofegante, enterrado dentro dela, calor e umidade nublando sua mente. —Não... é bom o suficiente. — Disse ele, os dentes cerrados contra sua liberação, rosto duro, os olhos ferozes. Ele pressionou o rosto em seu pescoço e rosnou como um animal. —Fale. Eu preciso ouvir você dizer as palavras.

Ela se acalmou, bem como uma chama segura no alto e silenciosa, exceto para o coração batendo forte, entrelaçado com o dele, seu corpo um belo e perfeito arco ao redor dele. Ela levou um dedo sobre os lábios, fez um pequeno movimento, moveu os quadris. Ele gemeu com a sensação contra seu rosto.

Outro movimento de balanço dos quadris, um tremor em suas coxas e ele quase se perdeu. Seus dedos se apertados em seu traseiro, seus olhos se fecharam.

—Leander. — Ela murmurou. —Você já sabe.

Um aumento súbito de raiva passou por ele. Muito bem, então. Ele teria que jogar sujo.

Ele cerrou os dentes, se afastou deslizando quase completamente fora dela. Ele estendeu a mão e agarrou seu eixo rígido, empurrou a ponta contra sua abertura lisa. Ela gemeu, protestando. Não permitindo que deslizesse de volta, ele esfregou-se contra ela, para trás, com a cabeça contra seu mamilo inchado, seu calor contra a dureza dos lábios molhados. Ela gemeu de novo e começou a balançar os quadris ao ritmo de seus golpes.

Ela abriu os olhos. Ele viu o desejo ali, a paixão juntamente com a resistência.

—Você pertence a mim. — Ele sussurrou, quase ofegante. —Seu corpo não mente. Seus olhos não mentem. Diga a verdade.





Ela balançou a cabeça. — Pare com isso. — Disse ela entre os dentes e fechou os olhos.

Ele inclinou a cabeça para baixo e pegou o mamilo duro entre os lábios. Ele chupou profundamente, puxando a aréola tensa em sua boca e ouviu seu suspiro, sentiu seu corpo enrijecer contra ele. Colocou-se dentro dela, profundo e duro, em seguida retirou-se rapidamente.

Seu gemido se rompeu. Ele empurrou nela novamente e sentiu uma forte contração de seus músculos.

— Sim, por favor, sim. — Ela sussurrou. Suas unhas arranhando a carne de seus ombros.

Ele saiu quase todo para fora dela e se acalmou completamente. Ele segurou-a com as mãos apertadas na carne macia de sua cintura, ofegante contra seu ombro.

— Você pertence a mim, mulher. Admita. — Ele pegou sua boca e beijou-a profundamente. Entrou nela mais uma vez, depois outra vez, até que ficou completamente enterrado dentro dela, até que não pode ir mais fundo.

Ele sentiu o empurrão contra ele, sentiu o movimento de seus seios contra o peito dele. Contra sua boca, ela engasgou seu nome. Ele levou a mão até o queixo e segurou o rosto para ele.

Ela respirou irregular por um momento com os lábios entreabertos, piscando, tremendo. Ele ainda se segurava e seus olhos se encontraram.

Um único movimento de balanço erótico de seus quadris e ele quase se perdeu. Ela respirou fundo e sentiu o aperto da pulsação rítmica de seu orgasmo começar.

Ela disse em uma respiração irregular, cortada quando sua cabeça caiu para trás contra o tronco da árvore. — Tudo bem, sim! Eu pertenço a você! Sou sua.





Não importava que ela disse isso com seus dentes cerrados, desafiante.

Ela disse.

Ele empurrou para dentro dela, empurrando profundamente, pressionando-a para baixo contra ele com tanta força que foi um prazer insuportável quase beirando à dor, melhor dor que já sentiu. Ele não conseguia o suficiente dela, sua reluzente pele pálida que tinha gosto de flores e cheirava como o céu, seus eróticos gemidos femininos contra seu ombro, seu mistério, fogo e coragem em uma erupção que marcou profundamente em seu coração.

Ele gozou em uma corrida violenta, cego, os dentes cerrados, os dedos cravados na casca áspera sob seus pés, inebriante com a sensação de seu corpo exuberante em volta do seu. Jenna gemeu e convulsionou contra ele, gozando novamente. Ele cobriu a sua boca com a dele, roubando o som de seus lábios, reivindicando domínio sobre seu coração e seu corpo, até mesmo sobre a respiração. Ele derramou a sua semente dentro dela e forçou sua língua em sua boca enquanto ela soltava um som baixo de profunda rendição em sua garganta.

Ele viu uma luz branca fria contra suas pálpebras fechadas, êxtase e agonia, êxtase feroz percorrendo-o com a sensação tão brilhante, quente e latejante, cada polegada sua aberta e crua para ela, seu coração e alma nus, seu corpo devastado e abandonado.

Rendido. Finalmente, completamente entregue.

Quando pode respirar novamente, quando ele abriu os olhos para a visão de seu rosto olhos estreitados, a pele corada com um lindo rosa tudo parecia novo, tudo parecia diferente. Mesmo na penumbra da floresta ao redor deles parecia mais brilhante de alguma forma, iluminado pela magia do que fizeram juntos.

Ela deixou cair uma perna de sua cintura, temporariamente encontrando o equilíbrio, depois a outra. Durante todo o tempo ele manteve-se dentro dela, não querendo que acabasse. Não querendo que terminasse nunca.





Ele colocou os dedos em seu queixo, inclinou a cabeça para trás para que pudesse ver seu rosto melhor, para que pudesse ver seus olhos. Ele cheirava a casca molhada e pinheiros perfumados e o fraco almiscarado aroma de sexo ao redor deles, aquecendo o próprio ar.

Eles não falaram durante muito tempo, um momento suspenso se passou olhando um para o outro na floresta enquanto voltaram para a realidade à sua volta. Ele finalmente saiu dela com um beijo.

—Eu espero que você perceba. — Ele disse apertando seus braços ao redor dela, os olhos ávidos em seu rosto. —Não vou deixar você retirar isto. — Ele sorriu para ela vitorioso, deslumbrante. —Mesmo se realmente não quisesse dizer, disse. Não irei deixá-la pegar de volta.

Jenna ficou olhando-o, com os seus corpos ainda pressionadas juntos, estavam saciados e doloridos... e absolutamente encantados. Um luxuoso prazer se espalhou por ela com seu primeiro toque, um prazer que a capturou e deixou-a de joelhos.

E agora, enquanto ele olhava para ela com o vento fresco escorregando por seus corpos nus e raspando a pele sobre a casca quando ele a tomou contra a árvore, ela percebeu que finalmente encontrou o que estava procurando sua vida inteira.

Mais do que apenas respostas, mais do que mera informação ou fatos.

Ela abriu os lábios para falar, para dizer-lhe que realmente quis dizer o que disse, mas algo a deteve, algo estranho e novo.

Era um perfume, o menor indício de cobre e sal carregado na brisa. Ela franziu a testa, olhando para ele, tentando decifrar. Ela conhecia este cheiro, conhecia este escuro e metálico aroma queimando levemente na parte de trás de sua garganta. Era coberto com algo mais, algo mais doce, algo floral...

Rosas de chá.

Rosas de chá... e sangue.





Jenna engasgou.

Leander reagiu de uma só vez. Ela sentiu a maneira como seu corpo respondeu ao choque no rosto dela, seus músculos instantaneamente tensos, os olhos afiados como um falcão.

—O que foi? O que está errado?

Ela piscou e sentiu um arrepio frio sobre sua pele. A floresta ao redor deles, momentos antes tão acolhedora e quente, de repente pressionando, escura e perigosa.

—Daria. — Ela sussurrou. —É Daria. Ela está ferida.

Ele não esperou que ela dissesse mais. Agarrou-lhe os pulsos em suas mãos, olhou em direção ao oeste, onde Sommerley esperava, em seguida, virou o rosto para trás para o dela, seus olhos indo para a pedra. Entendimento sem palavras passou entre eles.

Eles mudaram para vapor através do dossel de ramos, para o céu aberto.





CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Eles voltaram para Sommerley da forma como saíram, filtrando-se através da chaminé que dava para a enorme lareira no quarto de Leander. Ele mudou para homem assim como Jenna na lareira de mármore mudou para uma mulher na frente dele.

Ele empurrou-a para seu armário, os pés mal tocando o chão e puxou uma calças bege e uma camisa de linho branco dos cabides de madeira. Ele entregou a ela sem dizer uma palavra. Vestiu-se rapidamente, dobrando as mangas e pernas da calça muito longa, observando Leander quando ele puxava mais roupa dos cabides para si mesmo.

Ela olhou para a pilha amarrotada dos casacos ainda amontoados no chão, restos de sua vida amorosa na noite passada e viu seu rosto ficar mais tenso e mais sombrio a cada segundo.

Jenna achou que ele podia sentir o cheiro de sangue derramado também. Ele era mais forte ali, beliscando o ar como a picada de insetos que picam. Ela poderia encontrar sua fonte se ele deixasse, se ele desse a ela um momento, mas ele já estava empurrando-a para fora da porta, descendo a escada curva. Ela tropeçou atrás dele com os pés descalços enquanto a arrastava através dos corredores sinuosos da mansão em direção ao som dos batimentos cardíacos que reuniam vozes tensas.

Eles invadiram a Biblioteca Leste através das portas de mogno e o salão caiu em silêncio.





Todos os homens estavam ali reunidos, os líderes dos Ikati e sua própria Assembleia. Eles se sentaram em choque rígidos ao redor da mesa retangular longa, espalhados por toda a sala em pequenos grupos, olhando fixamente. Por alguma razão, todas as janelas estavam abertas, amplas. A sala estava quase frígida. Morgan estava sentada sozinha na sombra em um canto da sala, os braços ao redor de si mesma, como se para se proteger. Ela olhou primeiro para o chão, em seguida, para eles.

Sua expressão de alívio foi seguida rapidamente por algo como terror.

Christian foi o primeiro a falar.

—Você está seguro. —Disse ele, com a voz embargada. Ele olhou diretamente para Jenna. Seu olhar caiu para a mão, presa a de Leander, em seguida, passou sobre o cabelo despenteado, seus lábios inchados. Seu rosto ficou vermelho.

Seu rosto ficou vermelho, bem como quando ela percebeu que, além de, provavelmente independente de como ela parecesse, com certeza estava completamente revestida e marcada, marcada com o cheiro de Leander. Que todos seriam capazes de sentir.

—Nós não sabíamos onde foi, ninguém poderia encontrar qualquer um de vocês. — Ele gaguejou.

—O que aconteceu? — Leander interrompeu, duro. —Onde está Daria?

—Ela desapareceu em algum momento durante a festa, nós estivemos procurando por ela a noite toda. Tentamos encontrá-lo também. Nós pensamos que vocês tinham desapareci...

—Ela foi ferid...

—Nós sabemos! Nós encontramos o sangue e pegadas levando para longe de East Gate. Dois guardas foram encontrados, mor...





—Como diabos eles entraram! —Leander trovejou, agarrando a mão de Jenna com tanta força que doía. —Eu tenho uma centena de homens de guarda, sensores e temos câmeras...

—Não é o seu trabalho? — Cuspiu Christian, respirando pesado. — Certificar-se de que ninguém entra ou sai? — Seu olhar correu para trás entre Jenna e Leander, até as mãos unidas e até seus rostos novamente. —Ou você estava distraído demais para se preocupar?

—Temos de nos concentrar em conseguir encontrá-la agora. — Alguém interrompeu. —Temos que nos concentrar em garantir a segurança do restante das tribos.

As vozes dos homens começaram a subir umas sobre as outras, formando um coro de ruídos que criou uma parede confusa de som na cabeça de Jenna.

Mas uma voz estava misteriosamente silenciosa. Sua ausência chamou a atenção de Jenna como o puxar de um ímã e um novo perfume começou a florescer em seu nariz. Era um fedor escuro fétido, como se algo tivesse morrido e estivesse apodrecendo no meio deles.

Ela o reconheceu imediatamente.

Culpa. Era o enjoativo e tangível terrível cheiro de culpa.

O desespero se reunia em um nó mal em seu peito enquanto os olhos de Jenna encontravam a fonte do cheiro. Algo claro e terrível chegou sobre ela, afundando-se na boca do estômago. Ela sentiu como se tivesse acabado de engolir um frasco de veneno.

—Morgan!

Sua voz ecoou pelas paredes com os painéis de madeira da sala. Seu tom de horror assustou os homens reunidos em outro silêncio abrupto. Os dedos de Leander apertados ao redor do dela enquanto trinta pares de olhos surpresos se viraram para ela, depois para Morgan, que estava congelada e em sua cadeira com cara de culpada.





A voz de Jenna caiu para um rouco e acusador sussurro. —O que você fez?

Morgan ficou em silêncio por um longo momento, com os olhos arregalados e fixos ela derramou em uma linda cascata escura de cabelo por cima do ombro. Lágrimas brotaram em seus olhos e começou a manchar suas bochechas.

—Não era para ser ela. — Ela gemeu.

A sala irrompeu em caos.

Um grunhido de fúria saiu dos lábios de alguém, um homem alto que Jenna não viu antes. Ele estava pálido e era magro, olhos frios com preocupação. Ele saltou do outro lado da sala em direção a Morgan e por pouco não fechou as mãos ao redor de sua garganta enquanto outros quatro homens o pegavam. Prenderam seus braços e o arrastaram para longe quando ele uivou de indignação e se contorceu como um louco em suas mãos.

—Kenneth! Controle-se agora, homem! — Alguém gritou para ele.

O marido de Daria, Jenna percebeu. Seu coração encheu-se de empatia. Como terrível deveria ser perder seu companheiro. Como ela sangraria se algo acontecesse com Leander, como ela morreria se alguém o machucasse...

Companheiro.

Seu estômago saltou em queda livre com uma torção dolorosa. Toda a respiração deixou seu corpo em uma única corrida, violenta.

Seu olhar saltou para Leander. Ele ficou tenso e ameaçador ao seu lado, emanando perigo, marcado pela raiva enquanto olhava com fúria fria para Morgan. Ela estava chorando abertamente agora, sua cadeira rodeada por um círculo de homens.

Mas Jenna não podia desviar o olhar do rosto de Leander. Ela não conseguia respirar. Ela não podia se mover.





Por um longo momento, ininterrupto tudo que podia fazer era olhar para ele, congelado, de boca aberta. Ela sentiu seu passado e seu futuro escapulindo, sentiu o coração pulsando e se torcendo como se estivesse em sua agonia dentro dos limites de seu peito.

Se eles nunca conseguirem encontrá-la... e se ela fosse executada. E agora?

Eu o amo? Estava apaixonada por ele?

Um ar gelado das janelas abertas bateu sobre sua pele. E arrepiou sua nuca como se alguém tivesse se aproximando do túmulo.

Ela piscou e voltou para si mesma, assim quando dois homens pegaram Morgan pelos braços e a puxaram para fora da cadeira para ficar de pé. Ela não lutou ou protestou quando eles começaram a arrastá-la em direção à porta, cuspiendo palavras como traidor, monstro e prostituta.

Com os joelhos fracos e trêmulos, Jenna soltou os dedos da mão de Leander. Ela precisou gritar sobre o barulho de vozes masculinas irritados.

—Pare!

Todo mundo congelou. A cabeça de Leander girou em sua direção. Ela deu um passo hesitante para frente, depois outro, sentindo-se nua e exposta na roupa mal ajustadas de Leander. O piso de madeira frio contra o calor dos seus pés descalços a cada passo.

—Deixe-me falar com ela.

A voz doce de Alejandro flutuou para ela do outro lado da sala como se estivesse em um sonho. —Meus caros, por favor, não interfiram. Não temos tempo para punição, ela deve ser question...

—Eu somente irei falar com Jenna! —Morgan soluçou e se apoiou peso contra os braços que a prendiam. —Nenhum de vocês bastardos vai me fazer falar!





—Que merda está acontecendo aqui? — A voz de Leander por trás, cortou duro. —Por que ela só quer falar com você, Jenna?

Jenna deu outro passo para Morgan, ignorando-o. —Para onde eles a estão levando? —Ela perguntou suavemente, avançando lentamente por toda a sala congelada, sentindo cada olho nela quase queimando em sua pele.

Então a voz de Durga, rosnando como um trovão através da sala.

—Você não tem autoridade para questionar essa traidora, Lady Jenna, não mais do que você tem a autoridade para entrar nesta reunião.

Ele passou através dos homens para ficar diante dela, moreno e substancial, bloqueando seu caminho. Seus olhos brilhavam escuro e funesto. —Você não tem autoridade alguma. — Ele zombou. Seus lábios se curvaram para trás para revelar uma fileira de surpreendentemente dentes brancos. Ele cruzou os braços grossos sobre o peito. —Na verdade, eu devo insistir que você saia.

Jenna sentiu Leander dar um passo adiante atrás dela, sentiu os dedos fazer uma extensão possessiva no ombro dela, sentiu sua intenção de esmagar a traqueia de Durga tão agudamente que a imaginou em detalhes vívidos. Sua morte borbulhando no tapete a seus pés, o sangue quente coagulando na madeira fria em piscinas vermelhas grossas, os dedos arranhando o ar, agarrando, não encontrando nada.

—Eu sou o Alfa desta tribo, Durga. —Leander disse perto de sua orelha. —Eu dou as ordens aqui. Esta mulher está sob minha proteção. Escolha suas próximas palavras com sabedoria!

Antes de Durga poder formar uma resposta, a voz de Morgan soou alta e clara por trás das costas.

—A rainha dos Ikati tem toda a autoridade concedida ao abrigo da lei!

Isso foi quando o ar no salão na verdade se transformou em gelo.





Os dedos de Leander sofreram um espasmo, afundado mais profundo em sua carne. Ninguém se mexeu. Ninguém falou. Jenna não achou que alguém ainda respirava. Em algum lugar na distância além das janelas abertas, um cão começou a latir.

De repente, ela sentiu como se estivesse observando-se a partir de cima, flutuando como uma fina camada de vapor, livre e sem corpo, abraçando o teto. Ela ficou curiosamente destacada e um pouco tonta. O sangue dela parecia ter parado de circular por todo o corpo e reunidos em uma grande massa aquecida a seus pés. Ela pensou que poderia realmente desmaiar se não fosse pela pressão da mão de Leander no ombro dela, a dor real e dolorosa de suas unhas se afundando em sua pele.

Fora do gélido silêncio, espantado, a voz de Christian levantou-se como o repicar de um sino. —Eu sabia!

Os olhos de Durga, horrorizados em seu rosto. —Não. Impossível! Ela é uma mestiça.

O Visconde Weymouth imediatamente interrompeu, sua voz vacilante. —Filha do mais poderoso Alfa em toda a nossa história, o Skinwalker¹⁴.

—Um traidor! —Durga gritou. —Que se casou com um ser humano! Seu sangue misto é impuro, ela não pode ter nem um décimo dos seus dons! Ela não pode ser rainha!

—Skinwalker? —Jenna murmurou para ninguém em particular, ainda flutuando, ainda livre, os gritos dos homens que saltavam fora das paredes e a bolha de proteção do choque que se instalou ao redor dela.

Alfa.

Mestiça.

Rainha.

¹⁴Metamorfo nativos americanos, conhecidos principalmente como as bruxas Navajo ou Skinwalker.





Já aconteceu antes, Durga. — Os olhos azuis de Weymouth, pálidos, fixados em Jenna, seu rosto pálido. —Cleópatra, a última rainha do Egito, era uma Rainha mestiça. Você se lembra dela, eu presumo? — Sua voz caiu mais e mais enquanto ele falava. —O ditado é tão antigo como a nossa espécie. Sangue segue sangue. Se o sangue é forte, os dons são fortes. —Ele ergueu a mão e apontou um dedo trêmulo para ela. —E o sangue dela é o mais forte de todos aqui.

Skinwalker.

A bolha protetora de Jenna explodiu em choque aberto.

Agora, o sangue começou a levantar-se de suas pernas, levantar-se sob sua pele, queimando como fogo em suas veias enquanto todos eles olhavam para ela, uma sala cheia de homens boquiabertos à frente dela e um furioso atrás, sua raiva crescente e pulsante e focada agora nela, seus olhos firmes em suas costas.

Ela nem sequer precisava olhar para Leander para sentir o olhar ardente dele.

—Isto é um lixo! —Durga rugiu. Ele virou seus escaldantes olhos para Leander. —Fantasia completa! Como sabemos que esta mulher não tem algum tipo de envolvimento com os cães que levaram sua irmã! Ela manteve-se trancada em seu quarto por dias com a outra prost...—Ele apontou o polegar em direção a Morgan, que tinha caído de joelhos no chão, quando os homens que a mantinham olhavam em choque para Jenna, sua raiva esquecida. —Uma mulher que acabou de admitir traição, uma fêmea que você permitiu em seu bando, uma fêmea que agora sabe tudo sobre nós, nossas estratégias defensivas, nossas forças logísticas e fraquezas tudo!

Ele nivelou seu olhar para Jenna com tal ódio puro, absoluto que ela quase deu um passo para trás. —Ela não pode ser rainha! Ela não pode sequer ser confiável! As duas provavelmente estavam planejando isso o tempo todo!

—Não. —Christian disse categoricamente. —Ela não sabe nada disso.





Durga rosnou, um baixo grunhido de hostilidade que retumbou através da sala. —Nós não podemos saber isso! Ambas devem ser presas e interrogadas e em seguida, poderemos determinar o que fazer com...

—Jenna. — A voz de Leander veio do lado dela, dura. —Há algo que você precisa me dizer?

Ela virou a cabeça para olhar para ele e viu uma mancha feia em sua bela face.

Dúvida.

Ele duvidava dela. E ela acabou de perceber o que ele significava para ela, tinha apenas começado a admitir para si mesma o quanto queria e precisava cuidar dele e agora... agora ele duvidava dela.

—Jenna. — Ele disse novamente, um imperativo.

Luz solar fraca angular através das janelas altas, derramava-se pálida pelo chão reluzente, caindo quente em suas feições. Mas não havia calor em seus olhos. Eles brilhavam redondos como um diamante e frio.

Ele esperou, em silêncio. Por todo o ouro do mundo, ela não conseguia encontrar sua língua para falar.

—Basta dizer-lhes, Jenna! — Morgan soluçou. —Basta mostrar-lhes o que você pode fazer!

A mão de Leander escorregou de seu ombro, ele deu um passo. E o tempo todo, uma coisa martelado em sua cabeça, afogando tudo o mais para fora com uma cruel ironia que teria causado um sorriso se ela não quisesse sumir e chorar.

Companheiro.

—Você não pode pensar que tive alguma coisa a ver com o desaparecimento de Daria, Leander. — Disse ela tão forte quanto conseguiu enquanto tudo dentro dela estava fraco e se debatendo. Toda a nova alegria que encontrou na floresta estava sendo sugada,





centímetro a centímetro, por um vácuo, um buraco negro maciço de dor. —Você não pode.

Ele continuou olhando para ela, seus olhos avaliando e cheio de cálculo rápido, com o rosto muito selvagem, muito além do toque humano a ser domado. —Você não queria nada mais que a verdade de mim, você se lembra? — Ele murmurou. —Você exigiu muito, e agora... — Sua voz era tão suave, sempre tão escura e controlada, não revelando nada. —Agora tenho que exigir isso de você, amor.

Nenhum som foi ouvido no salão. Nenhum músculo se moveu ou uma respiração quando o Alda dos Ikati virou-se para encará-la totalmente e fixou-a em seu olhar verde, claro e frio como um dragão.

—Há algo que você precisa me dizer?

Era uma dor curiosa que ela sentia, testemunhando o despertar em seu rosto, a maneira que a dúvida florescia em algo mais profundo, algo mais escuro quando ela manteve o silêncio ofegante enquanto os segundos se passavam lentamente. Leander sustentou seu olhar sem piscar, sem sorrir. A dor curiosa queimando e queimando e ainda assim ela não podia dizer nada. Ela não podia falar.

Leander finalmente se retirou e Jenna sentiu algo dentro dela, a queda no peito, algo se rompendo, como o copo que caia no chão. Ela perdeu-se, em seguida, perdeu o sentimento de realização e satisfação que sentiu apenas há pouco tempo, envolta em seus braços, seu corpo dentro dela, suas formas se encaixando tão perfeitamente como se eles fossem feitos um para o outro.

Ela perdeu a única felicidade passageira que conheceu.

Ela controlou sua respiração. Controlou as pernas trêmulas. Ela ainda controlava a bile que queria subir em sua garganta quando se virou para Morgan, que se ajoelhava lamentavelmente no chão, ainda cercada por atordoados, homens boquiabertos.

—Diga a eles o que você sabe, Morgan. Diga-lhes para onde ela foi levada.





—Eu não sei! — Ela lamentou. — Eles não me disseram nada, eu só fui contatada uma vez e eles me prometeram que pegariam Weymouth, apenas ele e mais ninguém!

O Visconde Weymouth engasgou, em seguida, deu dois passos rápidos em direção Morgan e deu-lhe um tapa muito forte no rosto.

Sua cabeça balançou com o impacto do seu golpe, mas ela se virou para trás e olhou para ele, com o rosto coberto de lágrimas, seu orgulho ainda não derrotado.

—Como eles chegaram a você? —, Ele perguntou, tremendo de fúria. —Por que você nos traiu?

Morgan sorriu, seu belo rosto contorcido em uma máscara de ódio. —Por que eu iria traí-lo? — Ela soltou uma frio risada, sem alegria. — Quando todas as decisões sobre a minha vida não é minha? Ou mesmo até com quem me casar não é determinado por mim, e sim pelo Guardião da Linhagem, forçando sobre mim e todas as outras mulheres da nossa espécie, para fazer um jogo de sangue adequado? Não somos nada mais para você do que os criadores!

O Visconde Weymouth bateu nela novamente, desta vez com tanta força que caiu no chão sobre um cotovelo. Uma gota de sangue brotou em seu lábio inferior. Ela lambeu-o, em seguida, passou as costas da mão pela boca. As manchas de sangue sobre o queixo.

—Você tem alguma ideia do que fez? — Weymouth gritou. Os outros homens começaram a avançar ao redor de Morgan, olhando para ela com os punhos flexionados e enfrentando com fúria. —Eles irão matar todos nós!

—Então, vamos morrer! —, Ela gritou de volta para ele. Uma dúzia de mãos se estendendo para ela, fechando forte ao redor de seus pulsos, braços e cintura. Ela foi transportada para seus pés. —Nós vivemos em nossos joelhos, presos por sua preciosa e maldita LEI.

Weymouth recuou para esbofeteá-la mais uma vez, mas seu braço foi pego no ar.





—Não. — Leander disse muito suavemente, seus dedos se fecharam em um punho de ferro ao redor do pulso do outro homem. —Faça isso novamente.

O visconde torceu o pulso para longe e começou a recuar, ofegante e de olhos arregalados, esfregando a outra mão sobre o local onde os dedos de Leander se cravaram em sua carne.

—Você vai levar Morgan para uma sela segura para ser interrogada. —Leander continuou, seu tom ainda macio e infinitamente escuro. Ele fez um sinal para Morgan com a cabeça, mas não tirou o olhar do visconde. —E você vai esperar por mim lá. Não irá começar sem mim. Ela não vai ser tocada novamente sem minha permissão expressa. Isso está perfeitamente claro?

O visconde concordou, ainda recuando.

—E o que dizer dela? — Durga exigiu, apontando um tremendo dedo para Jenna.

Leander voltou a cabeça para considerar Jenna, apenas um movimento elegante de seu pescoço e por um momento rápido, horrível, tinha certeza de que iria ser arrastada para a prisão junto com Morgan. Ela manteve os calcanhares com força contra o chão, manteve sua coluna reta e seu rosto impassível. Mas o olhar que ele deu a ela, o sorriso de lâmina fina quando ele examinou-a sob seus cílios, enviou uma onda de medo em linha reta através de seu coração.

Todo o calor e suavidade que estiveram ali na floresta agora foi substituído por algo estranho e frio. Cortava o ar entre eles, liso como o aço, predatório e perigoso.

—Christian, Andrew. — Seu olhar cintilou ao seu irmão e outro homem muito maior, em seguida, voltou para seu rosto. —Escolte Jenna de volta para seus aposentos. Não deixe que qualquer outra pessoa entre. Espere por mim lá até eu voltar. — Ele deu mais um passo para longe dela.





—Você nunca encontrará Daria sem ela! — Morgan gritou, lutando para libertar-se das mãos que a prendiam. Alguém torceu-lhe o braço atrás das costas e Morgan fez uma careta de dor. —Ela será morta, sem Jenna! — Ela gritou novamente.

Mas ninguém prestou qualquer atenção. Quase todos os olhos ficaram em Jenna.

Jenna não protestou quando Christian veio e tomou seu braço suavemente, ela não falou quando ele e Andrew a levaram para o quarto. Manteve a cabeça erguida, manteve o rosto sério. Ela não iria deixá-los ver seu medo.

Mas quando passou pela porta, não pode resistir a outro vislumbre de Leander.

Ela esticou a cabeça por cima do ombro para vê-lo, de pé sozinho no meio da sala. Imóvel, tenso, olhando diretamente para ela.

Olhando para ela com os olhos escuros e furiosos.





CAPÍTULO VINTE E CINCO

Christian olhou para fora da fileira de janelas enormes do quarto rosa e dourado, em silêncio de costas para ela, as mãos cruzadas nas costas. Seu olhar perdido ao redor do quarto, mas ela não via nada, exceto o padrão repetido de hera na parede, o que causava impressões ardentes de vermelho contra suas pálpebras quando ela fechou-as.

Ela fez isto muitas vezes ao longo dos últimos minutos.

A cadeira em que estava sentada parecia estranhamente sem substância, como se apenas tivesse que mudar seu peso e ela desapareceria debaixo dela em uma nuvem de fumaça. Nada, de fato, parecia ter qualquer peso. Até suas mãos no colo pareciam prontas para evaporar. Tudo parecia como um sonho.

De seu tempo ali com Morgan, Jenna sabia que este quarto foi selado como um cofre. Ela procurou nele uma centena de vezes em forma de vapor, em busca de qualquer fuga, qualquer saída, mas não havia nenhuma.

Sem alças para abrir as janelas, sem fissuras nos painéis, não tinha lareira e chaminé que levaria à liberdade do telhado. Nem mesmo uma lufada de ar fluía passando pelas portas. Ele foi equipado perfeitamente com um batente de chumbo personalizado que permitia fechar sem lacunas e trancava com a finalidade e vedação hermética de um túmulo.

Eles tinham preparado bem sua chegada. Não haveria nenhuma fuga até Leander decidir deixá-la sair. Se Leander decidisse deixá-la ir.





Se eles te encontrarem... corra...

Como ela desejava ter escutado sua mãe. E que estúpida, tola e imprudente ela foi.

Ele não a amava, não confiava nela, ele nem sequer lhe permitiu falar em sua própria defesa antes de enviá-la com guardas para aguardar seu retorno. Sabia que ele imaginava que fazia parte dos planos de Morgan para destruir os Ikati, pensava que era uma traidora. E agora sabia com grande clareza o que acontecia com aqueles que entraram em conflito com a sua Lei selvagem, inflexível...

Sua boca ficou seca.

O relógio longcase¹⁵no canto começou a bater a hora em, notas baixas assombrando.

—Eu sei que você não teve nada a ver com o desaparecimento de Daria. —Christian murmurou, trazendo Jenna de volta de sua inspeção atordoada das costas das mãos. Ele virou a cabeça para considerá-la através dos olhos estreitos. Contra as cortinas de seda e as nuvens escuras além das janelas ele parecia tão frio e distante como a chuva que caia sobre a floresta esmeralda à distância.

—Aprecio isso, Christian. —Jenna respondeu calmamente. —Mas a sua Assembleia não parece compartilhar desta opinião. — Sua voz ficou ainda mais baixa. —E nem o seu irmão.

Leander, oh, Leander, o quão próximo nós ficamos.

Ela ainda sentia o cheiro dele em sua pele, ainda sentia sua respiração quente em seu ouvido e ouvia seus gemidos de prazer quando ele encontrou sua felicidade dentro dela. Ela quase provou a doçura de veludo de sua língua quando ele empurrou-a na sua boca.

Mas agora ele se foi, tudo se foi com um piscar de olhos e nada poderia trazer toda essa doçura de volta.

¹⁵Relógio longo e antigo.





Christian continuou olhando para ela com uma expressão inescrutável. Seus olhos e rosto estavam sombreados com cinza claro vindo das janelas e quase formando um halo ao redor de sua cabeça.

—Você o ama? — De repente, ele perguntou, com voz muito alta.

Ele a surpreendeu. Olhou para ele e todo o quarto em silêncio e percebeu que havia uma possibilidade de ser enviada para a morte como uma traidora dentro de uma hora. Ela não seria uma covarde agora, depois de tudo.

Ela não mentiria. Para ele ou para si mesma.

—Sim. —Ela murmurou, sua garganta se fechando com a palavra.

Ele só piscou e se virou para a janela. Ele pareceu se contrair em si mesmo, diminuindo como uma chama em um quarto sem ar, um fantasma de um homem parado em um quarto com decoração feminina e fechaduras muito bem trancadas.

—Como você sabe? — Ele murmurou olhando para fora, o dia foi varrido pela chuva para algum ponto distante que ela não podia ver.

—Porque cada vez que vejo seu rosto, sinto como se pudesse voar.

Ela não percebeu que falou em voz alta até que Christian virou-se lentamente e deu-lhe um leve sorriso de dor. —Sim. — Ele disse ainda congelado, os olhos ferozmente brilhantes. —Isso eu entendo.

Eles olharam um para o outro em silêncio ponderado por um momento. Ele virou-se mais uma vez.

—O que ele fará com Morgan? — Jenna ouviu sua voz como se vindo de um sonho distante no qual ainda estava presa dentro.

Eu o amo, oh, deus me ajude, o que eu faço?

—Muito provavelmente matá-la.

Isto atravessou seu sonho e acordou como uma faca na carne. O sangue inundou suas bochechas. —É claro. — Disse ela, com força. —Por que não? Afinal de contas, ela é descartável, ela é apenas uma mulher.





—Não tem nada a ver com seu sexo. — Disse ele, olhando para fora da janela. —Ela é uma traidora, Jenna. Ela mesma admitiu. Por causa dela, pelo menos um homem morreu e podemos esperar que talvez seja a responsável pelas mortes em nossas tribos irmãs. E agora, se os Expurgari souberem onde estamos, se souberem de todas as nossas tribos ao redor do mundo... todos nós estamos em sério perigo. Ela não apenas traiu o Visconde Weymouth. Ela nos traiu.

Jenna pensou em traição e vingança e o quanto Morgan deveria odiar estes homens, a forma como controlavam todos os aspectos de sua vida. Ela entendia sua raiva, sua impotência. Pensou em seu pai e como ele deixou este lugar, porque não estava autorizado a amar quem quisesse.

Quando pensou na dor que Leander provocou, ela sentiu uma espiral em seu ventre como se afundando as garras geladas em seu coração. Ela sentiu as unhas cravando nas palmas das mãos e foi um prazer essa dor. Diminuindo-a em qualquer outro lugar.

—Eu me pergunto, o que você vai fazer agora? —Perguntou Christian, interrompendo seus pensamentos. Ele levantou a mão e passou um dedo longo muito lentamente pelo painel chanfrado de vidro, deixando um rastro de névoa vindo do calor de sua pele.

Ela desviou o olhar, encontrou a visão familiar de suas mãos apertadas pálidas no colo. Respirou fundo, amargo e flexionou os punhos aberto. Havia pequenas manchas crescentes vermelhas onde as unhas romperam a pele.

—Você diz isso como se eu tivesse uma escolha. Provavelmente ficarei sentada aqui neste quarto, vigiada como um pássaro em uma gaiola, até que a Assembleia decida o meu destino.

Talvez eles fossem prendê-la para sempre. Talvez fossem matá-la e enterrá-la ao lado de seu pai.

Ou talvez... talvez a torturassem.





Ela imaginou se seria Leander a fazê-lo. Imaginou seu belo rosto duro quando batesse nela, quando a chicoteasse e esfolasse a pele, derramando seu sangue no chão.

E talvez todos eles fossem queimar no inferno. Ela lutou contra as súbitas lágrimas amargas.

—Não. —Disse Christian. Jenna olhou para ele, piscando a umidade em seus olhos. —Não, isso simplesmente não vai acontecer. — Ele olhou para ela, feroz e faminto. —Não para você.

Ele passou uma mão sobre a sua confusão de cabelos negros, endireitou os ombros debaixo de sua camisa de linho marfim e abaixou-se para pegar o acento com pés de mármore perto de seus pés. E ele jogou direto através da parede de janelas.

A sala explodiu em ruído.

Jenna cobriu o rosto por instinto quando grandes pedaços, irregulares de vidro voaram por todos os lados, brilhando pelo ar como um milhão de lâminas minúsculas. O pó de mármore quebrado e destruído com chumbo peneirado ao redor deles, estabelecendo-se em seu cabelo e em seus braços, descendo depois de um momento em silêncio, não natural quando ela se sentou congelada em estado de choque.

Um grito de fora da porta, o som de um punho sendo batido. Ele não abriu, ele trancou. Jenna olhou de boca aberta para porta, depois para Christian. Ele estava no meio dos escombros da janela demolida com as mãos soltas ao lado do corpo. Sua expressão serena não mudou, mas seus olhos brilhavam ferozmente verde nas profundezas do seu rosto sombreado.

—Leander é o Alfa dos Ikati, Jenna. — Sua voz estava cheia de tristeza e tão abandonado que o som gelou sua pele. —Mas você é a rainha. Se eles a reconhecem ou não, se você quer ou não...





Um sorriso melancólico fraco curvou seus lábios. Sua voz ficou suave. —Se você escolhe amar um irmão sobre o outro, isto nunca deixará de ser verdade.

Ele fez um sinal com a mão para as janelas, para o buraco e a brisa fresca que ousou perturbar as cortinas, levantando-as e batendo os pesados babados de seda ao redor de suas pernas. —Eu nunca fui nada além do que o segundo filho, o segundo melhor. Mas acima de tudo, sou Ikati. Sou obrigado pela lei. Sou como uma merda guiado por ela. E sobre isto, a Lei é perfeitamente clara.

Ele respirou fundo, os músculos trabalhando em sua mandíbula. — Você é a rainha. Eu acredito em Morgan, porque a conheço desde sempre. Qualquer pessoa precisa apenas olhar para você, para sentir, para saber. Estão todos com medo do que isso significa para eles. Mas você é a rainha e sua vida é sua.

Jenna respirou para dentro e para fora, piscando em estado de choque e em compreensão abrupta. A luz solar se arrastava ao longo das cores do tapete sob seus pés. Um par de estorninhos subia ao céu além das janelas, em ziguezague, como se estivesse bêbado no horizonte azul prateado.

Ela ficou sem pensar, cruzou o olhar com ele, tocou-lhe o rosto com a barba por fazer. —Eu sabia que você era um cavalheiro. — Ela sussurrou.

Seu leve e triste sorriso o deixou mais bonito. Punhos com raiva começaram a bater na porta do quarto. Nenhum deles se moveu.

—Mas não posso deixar você fazer isso. — Ela olhou em seus olhos, movendo a cabeça. —Eles terão sua cabeça por isso. Você sabe que sim.

Ele levantou a mão e gentilmente pressionou os dedos ao lado de seu rosto, cobrindo seus dedos. Ele virou o nariz para seu pulso e inalou. —Minha cabeça... — Sua voz falhou. —Minha cabeça não é sua preocupação. — Ele fechou os olhos e apertou os lábios, muito brevemente, em sua pele. —Mas o seu caso é de grande preocupação para mim. Por favor vá. Rapidamente.





—Jenna!

A voz enraivecida de Leander atravessou a porta. Seus punhos mantendo um ritmo intenso, latejante na madeira. —Cristo! O que está acontecendo lá dentro? Abra essa porta! Abra essa maldita porta!

—Você não pode ir para casa. — Christian disse calmo, levantando a cabeça para olhar para ela, ignorando o barulho estrondoso. —Eles vão procurar lá primeiro. Vá para algum lugar que eles não poderão encontrá-la e viva a sua vida.

Ele sorriu novamente, apenas que desta vez era agri-doce, cheio de saudade e pesar e não alcançou seus olhos. —Em algum lugar quente. É para onde eu iria, se pudesse. — Ele se virou para a janela quebrada e olhou para longe. —Em algum lugar, sem toda essa névoa terrível.

—Obrigada, Christian. — Ela sussurrou, piscando afastado a umidade que turvava sua visão. —Obrigada.

Ela ficou olhando para ele quando as batidas na porta ficaram mais altas. Ela sabia que seria a última vez que veria seu rosto, um rosto que era tão impecável e esculpido como todo o resto de sua espécie, um rosto cheio de dor que quase partiu o coração dela, um rosto que ela nunca seria capaz de apagar de sua memória...

...um rosto tão parecido com Leander, o homem que capturou seu coração e fez seu corpo queimar e queria vê-la morta.

O som de madeira se rachando sob pressão estalou-a para fora de seu devaneio.

—Vá. — Christian pediu, afastando-se, com o olhar fixo em seu rosto. —Vá!

Sem outra palavra, Jenna mudou para vapor e subiu para fora da janela quebrada para o céu varrido pelo vento assim que a porta se estilhaçou aberta e cinco homens entraram na sala.

Leander foi o primeiro a entrar pela porta arruinada, mas ela já tinha ido embora.





CAPÍTULO VINTE E SEIS

A casa era estranha, enganosamente assim. Tijolos vermelhos e persianas brancas com um pequeno gramado e uma cerca de madeira, assim como os seus vizinhos à esquerda e à direita. Nada se movia além das janelas e cortinas, vozes eram ouvidas acima dos pássaros cantando no tráfego da noite e o zumbido fraco do avião a jato que deixava uma linha de cinza pérola através do céu anil. Uma luz brilhava dentro para indicar um ocupante.

Ela levou todos os dias para encontrar este lugar.

O bairro era bom, fora de moda. Ela deduziu pelos modelos de carros mais velhos ao longo das ruas e as pessoas que viviam ali eram bem de vida, mas não ricos. Os jardins eram pequenos, mas bem cuidados, as casas modestas, mas mantidas em bom estado de conservação. O subúrbio em si era completamente esquecível, como um dos milhares encontrados em toda parte, em todos os continentes do planeta.

Era um lugar onde você poderia misturar-se, se fosse preciso.

Mas não era o lugar onde Jenna escolheu para se misturar. E sim onde eles estavam.

O fedor dos Expurgari por todo lado.

Era um aroma vicioso da violência e inveja, ganância, com uma sede de sangue subjacente que era inconfundível. Era grosso na grama no jardim de rosas, onde Daria era mantida e escorria da casa parecendo um vapor mal. Fazia sua pele arrepiar.





Ela nunca esteve em Londres antes em sua vida. Nunca rastreou um bando de assassinos psicopatas também. Mas agora, ela pensou amarga, olhando para a casa de tijolos de seu esconderijo atrás de uma lixeira fedida no beco do outro lado da rua, agora era um dia para todos os tipos de estreias.

A primeira vez que mudou para um animal selvagem.

A primeira vez que descobriu que estava apaixonada.

A primeira vez que foi acusada de traição por um bando de animais raivosos que fingiam ser homens.

Ela não queria nada mais do que voar para longe e esquecê-los esquecer tudo sobre ele e sua dissimulada Assembleia, arrogante com seus antigos homens feudais, leis ridículas que teria provavelmente feito a cabeça de Christian cair em um cesto. Não queria se intrometer, mas sentiu o perfume de rosas de chá e sangue quando se levantou no ar acima de Sommerley e não se conteve. Ela se contorceu em uma corrente ascendente de ar e seguiu o cheiro quando a levou longe da perfeição pastoral de Sommerley para a bagunça, o barulho da humanidade e ruas entupidas que era Londres.

Ninguém ajudou seu pai. Ele morreu a morte de um traidor. Amigos o abandonaram. Mas ela não era como eles, não era nada como eles. Não iria deixar Daria morrer, não se houvesse algo que pudesse fazer sobre isso. Iria provar-lhes que o seu preconceito contra os seres humanos era tão errado quanto o preconceito levantado contra elas.

E então terminaria com todos eles.

Levou horas de vôo extenuante, mantendo-se em forma de vapor, misturando-se com as nuvens de chuva e ar poluído da cidade, até que finalmente encontrou esse lugar. Ela seguiu o cheiro. Não podia sentir Daria em tudo, não podia chamá-la sob suas pálpebras fechadas ou sentir o seu batimento cardíaco em qualquer lugar perto. Era como se tivesse desaparecido, ficou apenas seu perfume.





E agora estava debruçada e agachada, nua e com fome em um beco sujo que cheirava a lixo podre, escondendo-se atrás de uma lata de lixo transbordando, inalando o cheiro de homens tão vis que exalava uma névoa fétida ao redor de si.

Ela passou a maior parte da última hora mentalmente castigando-se por mais uma demonstração maciça de estupidez. Esta pequena viagem muito provavelmente iria matá-la.

Não havia como entrar. Não havia nenhuma fresta nos tijolos do lado de dentro.

Nenhum buraco, nenhuma rachadura em uma janela, nenhuma única telha solta no telhado. Junto com o distinto cheiro de Daria e do mal, era assim que ela sabia que estava no lugar certo.

A porta da frente da casa foi aberta. Jenna assobiou uma respiração afiada entre os dentes cerrados e encolheu-se contra a lixeira de metal.

Um homem olhou para fora. Alto, magro e raquítico, ele estava vestido de preto da cabeça aos pés e uma maleta prata em uma mão. Seus olhos percorreram a rua tranquila. Ele não se moveu por um longo momento, mas, em seguida, aparentemente satisfeito que não havia perigo, saiu para a varanda e fez um sinal com a cabeça para alguém para seguir. Ele caminhou rapidamente para o carro esperando na garagem, entrou e ligou o motor.

Outro homem o seguiu, vestido também de preto, mas um tinha enormes bíceps e coxas tensas contra a sua roupa. Ele carregava uma mochila de nylon com zíper. Ele parou na porta para um último olhar para dentro, em seguida, virou-se e começou a fechar a porta atrás de si.

Pouco antes dele fechar a porta, mudou para uma fina camada de névoa e flutuou acima da cabeça do homem por um momento invisível, silencioso, em seguida, deslizou entre o batente imposto por chumbo e a porta. Ela desapareceu como uma sílfide na escuridão agourenta da casa.





CAPÍTULO VINTE E SETE

Uma vez, quando era um menino de quatorze anos, apenas começando a entender o mundo em que vivia, seu futuro e o papel dentro dele, Leander fugiu de casa.

Ele não planejou isto. Acordou na calada de uma noite de primavera particularmente agradável com o brilho da lua tão brilhante através de suas janelas que iluminava o quarto inteiro com um mágico brilho perolado. Ele saiu da cama e foi até as janelas, olhou para o céu nebuloso, frondoso e sentiu a necessidade imperiosa de sentir a grama orvalhada sob seus pés descalços.

Ele sempre foi furtivo, ainda mais uma vez que começou a mudar três anos antes, por isso, foi fácil fugir pela longa escada curva do que era então mansão de seus pais e escapar pela porta da cozinha, a única com tais dobradiças bem lubrificadas que nunca chiava quando aberta.

Ele não poderia mudar na casa. Seu pai teria percebido. A descoberta era inevitável.

Assim, esperou até que estivesse profundo dentro das fronteiras perfumadas de sebes de alecrim altos que rodeavam a fonte de mármore de Tritão nos jardins e mudou então.

Lembrou-se de como se sentiu ao sair, correr e mudar à vontade entre o animal, humano e vapor, os caminhos da floresta como veludo escuro, o príncipe dos céus estrelado, rei do belo, mundo mágico.

Livre.





Ficou emocionado por sentir essa liberdade roubada. Enviou o sangue pulsando em suas veias quando ele pulou da terra macia e a grama de seda, a brisa murmurando por entre as árvores antigas, gotejamento luar para coroá-lo em opala e pérolas.

Nunca esteve sozinho assim. Nunca pode brincar, explorar e correr até seus pulmões se ferirem e as pernas queimarem. Havia sempre alguém observando, alguém para se certificar de que ele não caísse, não falhasse, se fazia como lhe foi dito e seguir a linha, como convinha à sua posição.

A liberdade era algo novo e estranho para ele.

E também primorosamente intoxicante.

Horas mais tarde, na beira mais distante de Sommerley, estava deitado nu em cima das paredes altas lavradas que marcaram o fim do seu território, ele olhou para fora no mundo vasto e desconhecido no outro lado e, de repente, veio sobre ele.

E se eu continuar?

O pensamento o prendeu. Por um momento cego, ele oscilou entre uma necessidade agonizante de cortar o coração e fugir do seu futuro, do seu povo e à sua herança e tudo que vinha com essas coisas... e o jogo do dever que tinha pendurado em volta do pescoço desde o nascimento.

Ele era o Alfa herdeiro. Era o futuro da tribo. Com todo o privilégio e poder que acompanhava sua posição, também estava preso e amarrado de uma maneira que nenhum dos outros estavam.

Ele olhou para o céu sensual, a grande lua perfeita. Imaginou um futuro para si mesmo, que incluía liberdade, romance e aventuras... e só assim, a decisão foi tomada. Sorriu para a lua, ajeitou seu agachar e estava prestes a mudar para vapor...

... quando seu pai estendeu a mão e com muita firmeza agarrou-lhe o pulso.

—Antes de ir. — Ele disse suave. — Um momento de seu tempo.





Leander girou entre choque e indignação e se contraiu para fora do alcance de seu pai.

Infelizmente e para grande desgosto de Leander, seu pai era um dos poucos outros na tribo que podia mudar para vapor. Seus dons eram incomparáveis, seus sentidos poderosos. Leander foi pego, mais de uma vez, em algum ato de insubordinação de um menino precisamente por causa disso.

—Eu não ia a lugar nenhum. — Ele bufou, deixando cair seu olhar do rosto de seu pai, enigmático e sombreado pela copa das árvores que se espalham em seus grossos ramos.

—Não? — Respondeu seu pai, a risada aquecendo sua voz. —Eu, uma vez pensei que fosse.

Leander não respondeu. Ele se virou e olhou com tristeza para seus pés, respirando pesado pelo nariz. Humilhação e raiva tomou conta dele em ondas terríveis, esmurrando-o.

—De qualquer forma, você deve saber algumas coisas antes de tomar sua decisão.

—Não é como se você realmente fosse me deixar ir de qualquer maneira. —Disse Leander, mal-humorado e indignado. —Eu nunca consigo fazer o que eu quero.

Um carro passou no meio da noite, sem ser visto, em algum lugar distante na distância negra para além de Sommerley. Apenas o zumbido de baixo dos pneus que se deslocavam ao longo do asfalto em uma estrada que nunca viu foi o suficiente para fazê-lo doer com desejo por todas as coisas que nunca lhe seriam permitidas.

—Nós somos muito parecidos, você e eu. — Seu pai disse suavemente, estudando o rosto de seu filho. — Foi difícil para mim e será para você. Ainda mais difícil, eu imagino. Assassinatos, morte, espionagens... todas estas coisas serão exigidas de você, tudo isso e muito mais se liderar nossa espécie. Mas você é forte e isto é algo muito bom. Porque ser o líder dos Ikati é um dever que esmagaria mais fracos.





Leander cruzou os braços sobre o peito e olhou para seu pai, desafiante, impenitente. —Eu não quero ser um líder. Eu só quero ficar sozinho.

Seu pai lhe deu um olhar de soslaio e um sorriso cheio de compaixão.

—As coisas mudam, Leander. Dia após dia, o futuro se aproxima, o passado se afasta. Quer queiramos ou não, a mudança é inevitável. — O olhar de seu pai deslizou para onde a luz tocava o açafrão e ouro na estrada pavimentada que levava para longe de Sommerley. Seu olhar seguiu a estrada até que a luz diminuiu e os paralelepípedos foram engolidos pela sombra.

—Sua hora está chegando, filho. E eu sei que você estará pronto. Mas se não estiver disposto a viver a vida que foi definida antes de... — Seu pai levantou a mão para a noite, um simples gesto cheio de graça e autoridade. — Então vá...

Leander ficou congelado. A brisa noturna agitava as árvores ao redor deles, o cheiro de sabugueiro e grama molhada eram nítido e frescos no nariz.

—Os desertores são considerados uma das piores ameaças à tribo. —Leander disse devagar, pensando sobre isso. Sua mente se virou, indo a frente. —Eles estão desesperados. Descontrolados. Perigosos. Quase tão perigosos como...

Mas ele não disse a palavra. Ficou no ar entre eles.

—Sim. — Respondeu seu pai.

Ele mastigou o interior de seu lábio. —A Assembleia irá atrás de mim.

Seu pai sorriu serenamente. —Sim.

—Eu teria que encontrar um lugar na floresta, algum lugar onde possa viver e mudar sem ser notado...





—Ouso dizer que você seria capaz de cuidar de si mesmo e encontrar uma maneira de sobreviver sozinho. Você é o mais bravo dos meus filhos, de longe o mais engenhoso. Embora seja jovem, eu não tenho nenhuma dúvida que irá se cuidar. E o mundo está cheio de lugares arborizados, com certeza.

Leander enviou um olhar tímido de volta para Sommerley, para onde sua casa estava no fundo da floresta selvagem e bonita. Seu coração tomado de súbita emoção, euforia ou remorso, ele não poderia dizer. —Mamãe iria matá-lo.

Seu pai assentiu triste. —Sem dúvida.

O temperamento de Leander agarrou. —Então por quê? Porque você faria uma coisa dessas? Porque iria me deixar ir quando é contra a Lei, quando ninguém pode sair, nem mesmo você, o Alfa?

Seu pai, de repente parecia mais velho. Suas belas feições traindo o fardo de uma vida de liderança com linhas ao redor da boca, nos vincos esculpidos em sua testa.

—Porque você é meu filho e eu te amo. Você tem uma escolha, assim como todos nós, mas deve estar disposto a sofrer as consequências. Deve estar disposto a abandonar tudo o que tem e nunca voltar para Sommerley: seus amigos, sua família, sua casa. Você deve estar disposto a se afastar de sua herança e seu futuro e qualquer tipo de segurança. Deve estar disposto a ser perseguido e provavelmente, muito provavelmente capturado e punido severamente pela Assembleia.

—Você deve estar disposto a ser caçado pelos nossos inimigos, e viver de lugar em lugar como um fugitivo, sentir-se como um estranho onde quer que vá nesta terra. Deve ter certeza de que tudo o que está perseguindo ao abandonar a sua casa vale todas essas coisas.

Seu pai suspirou e virou-se para a fronteira da floresta do topo. Ele olhou para baixo no prado escuro espalhado abaixo, cheio de flores alpinas e camundongos cochilando no doce e amadurecido cheiro do verão por vir. —A meu ver, só há uma coisa que vale esse tipo de sacrifício. Só uma coisa em todo o mundo.





—O que é? — Leander sussurrou, encantado com o medo rastejando curioso.

O brilho âmbar refletido nas lanternas verdes dos olhos aquecidos no perfil de seu pai quando ele virou a cabeça um pouco e sorriu para ele.

—Amor.

Leander piscou, confuso. O sorriso de seu pai apenas aumentou. — Você está apaixonado, filho?

Leander torceu o nariz e bufou. —Não.

—Ah. Bem então. Talvez não valesse a pena o risco. Mas deixo isso para você decidir.

Seu pai começou a dissolver-se em vapor começando pelos pés e subindo, lentamente em partes, o corpo brilhando e girando pelo ar aquecido como o vapor ondulando acima da água, até que apenas seus ombros e cabeça permaneceu. Era um truque que Leander viu antes, quando sua mãe estava zangada com ele sobre algo e ele queria suavizá-la com um pouco de capricho.

Leander cruzou os braços sobre o peito, imóvel e olhou para seu pai.

—Seja qual for a sua decisão, filho, eu gostaria de pedir-lhe um favor.

Silêncio. Um suspiro. —O que?

—Se você voltar esta noite, vamos manter esta conversa entre nós dois. Se sua mãe descobrir que eu não tentei impedi-lo. — Ele riu enquanto seu peito e pescoço desapareceram em vapor, enrolando-se em volta da cabeça em tiras finas, pálidas com a fumaça —Ela vai me matar.

Com um piscar de olhos, ele se dissolveu completamente, deixando Leander sozinho no escuro.





Todos esses anos mais tarde, Leander se lembrou das palavras de seu pai enquanto ele estava olhando por cima da multidão reunida na entrada curva na frente da mansão Sommerley. Seus amigos e sua família, os líderes iguais a ele em todo o mundo, a maioria das pessoas da aldeia, centenas e centenas de Ikatis ficou em silêncio grave pisando no cascalho branco, se molhando na chuva constante que começou novamente.

Apenas Christian estava faltando na multidão. Ele foi jogado na cela com Morgan.

Seu pai e sua mãe estavam mortos, seu irmão o desafiou, sua irmã estava nas garras de seu antigo inimigo, provavelmente sendo torturada, violentada ou morta neste momento. Seu povo estava à beira de cair no caos, sua tribo estava à beira da guerra, e ele estava à beira de perder sua mente.

Há apenas uma coisa que vale esse tipo de sacrifício somente uma coisa em todo o mundo.

Seu pai sabia que ele não iria realmente fugir, Leander entendia agora. Ou talvez soubesse que tudo o que Leander realmente precisava era poder tomar sua própria decisão. Nenhum homem podia realmente governar se isto fosse forçado a ele, se a necessidade de servir e proteger não fosse escolha dele com o coração que batia dentro de seu próprio peito.

E naquela noite a muito tempo ele escolheu ficar, porque Sommerley era seu reino, sua herança e alma. E ele a adorava. Percebeu que nunca iria abandoná-la, nem mesmo aqueles que dependiam dele.

Ele tinha um trabalho a fazer. Foi criado para fazê-lo, foi preparado para este momento e esta luta. Precisava proteger seu povo e levá-los para a segurança e exterminar a ameaça.

No entanto, com tudo o que perdeu e tudo que ainda tinha que fazer, por toda a fúria, vingança e ira que queimava em suas veias, por todo o terror que viu nos olhos de seu povo e do perigo que desceu de





forma tão abrupta e brutalmente sobre eles, neste momento Leander pensava apenas em uma coisa.

Jenna.

Ela era sua paixão. Ela era seu fogo. Ela era o seu coração.

Ele iria encontrá-la. Iria encontrá-la porque ela era sua companheira, sua rainha e sua futura esposa e a própria morte não poderia mantê-lo separado dela.

—Nossas defesas foram violadas. — De sua posição elevada no degrau mais alto da escada de mármore que levava às portas de ferro maciço da mansão, sua voz profunda chegava facilmente através da multidão reunida. —Nossos segredos foram descobertos. Nosso inimigo está finalmente aqui. Cada um de nós sabe o que está em jogo.

O vento frio soprou, enviando folhas secas saltando por entre as pernas da multidão. Ele levantava as barras das saias longas e jaquetas, jogava o cabelo molhado contra suas bochechas e mandíbula. O céu com tons cinza ardósia em cima, sufocado com nuvens ameaçadoras que caía como chuva em folhas inclinadas para a floresta. As árvores parecendo garras escuras dentro da tigela molhada do céu.

Seu olhar passou pela multidão. —Deixe-os vir. Somos Ikati. Nós sobrevivemos das eras, vamos sobreviver a isso.

Seus lábios se curvaram em um sorriso, frio e bonito. —Vamos matar todos.



Nada se moveu. Nada fez um som e tanto quanto ela podia dizer, nada respirava.

Estava sozinha. Por quanto tempo mais, ela não queria nem considerar.





Ela permaneceu como vapor no teto de gesso do pequeno vestíbulo por um momento, olhando para baixo e em volta para os móveis de madeira pesados, os azulejos espanhóis de tom sangue escuro em camadas sobre o piso, os espelhos barrocos pendurados e arrumados na parede oposta. Suas superfícies lisas brilhantes refletindo a luz escassa permeando as janelas fechadas e ela vislumbrou mil espelhos e salas escuras iguais uma e outra vez como em algum parque de diversões horrível.

Exceto pela câmera de vídeo montada em um tripé em um canto da sala de estar e o conjunto de computador e impressora em uma mesa de carvalho maciço no que parecia ser um estúdio, a casa tinha uma manhosa, sinistra, sensação medieval. Havia até mesmo uma armadura de aparência antiga apoiada contra uma caixa de aço de vidro fechado, o interior do que se mostrou uma surpreendente coleção abrangente de armamento antigo.

A coisa engolia uma parede inteira da sala de estar. Assustava profundamente.

Jenna se arrastou através do teto tão lentamente quanto pode para a parte de trás da casa, seus sentidos abertos para qualquer som ou movimento. Uma vez que passou por uma porta em arco, estava em um longo corredor, alinhado com as portas fechadas de ambos os lados.

As portas eram de chumbo. Embora pintadas de branco para enganar o olho, ela sentiu a frieza dura irradiando delas como gelo preto, liso e traiçoeiro. O teto ali foi pulverizado como pipoca, áspero e irregular. Ela não sentiu nada por trás dessas portas reforçadas, sem batimentos cardíacos ou calor, nenhum sinal de Daria ou deles.

Ela se arrastou para frente, rolando e forçando-se em tão fina névoa que conseguiu entrar no teto irregular, tentando ser furtiva, tentando ser corajosa.

A porta no final do corredor emitia o aroma leve de cobre e sal.

Sangue.





Jenna deslizou pela porta. Ela espalhou-se ao longo do primeiro marco e em seguida, no oposto das janelas uma por vez sua superfície gelada, tentando encontrar uma fenda para passar. Não havia nenhuma. Esta porta foi feita como as outras, todas as aberturas ao redor dela estavam hermeticamente selados.

Ela olhou para a tranca. Ela sabia que a porta estava trancada, sabia que não seriam tão estúpidos a ponto de deixar a chave em algum lugar, convenientemente astut...

Ela hesitou, flutuando no ar por um momento de indecisão, em seguida, voltou para mulher. O piso parecendo escorregadio sob seus pés. Ela se ajoelhou e olhou através da maçaneta da porta, em seguida, permitiu-se um sorriso triste.

Ela não precisava de uma chave depois de tudo.

Jenna voltou para vapor e começou, lentamente, passar pelo buraco da fechadura.



Leander estava sozinho no quarto vazio de Jenna diante da janela arruinada com o frio da chuva soprando. Cacos de vidros e mármore triturados, como ossos quebrados sob as botas.

Seus homens tinham suas ordens, sua tribo estava preparada para a guerra. Eles haviam se escondido por milênios, mas nunca se esqueceram de como lutar.

Eles eram Ikati. Eram guerreiros. Lutar corria em seu sangue.

E ganhariam. Mesmo que tivesse que matar todos e cada um dos Expurgari com as próprias mãos, iria garantir que ganhassem.

Ele levantou os olhos para o leste, ao frio sol, estéril encoberto por nuvens de tempestade, e pegou um traço dela no vento.





Ela ainda estava ali, demorando-se como um fantasma, seu aroma fresco de rosas de inverno e lembranças provocando ar fresco na suavidade de sua pele, a forma de seus seios e quadris, o prazer intenso de seu corpo cedendo ao seu.

Ele murmurou a ela as boas-vindas suave, o cheiro de sua menina pantera, tão vulnerável, imprudente e valente.

Encontre-me.

Chamou-a através de sua mente. Ele fechou os olhos e deixou-a afundar debaixo de sua pele, os quentes vestígios femininos que formavam peças do quebra-cabeça do seu desaparecimento. Ele abriu seu nariz, seus ouvidos e seu coração, deixou o animal assumir, o grande gato que caçava de noite com seu nariz para o vento, que trazia morte rápida a suas presas e garras afiadas, que vivia sempre todo tempo apenas sob sua pele, esperando e observando a chance do resplandecer.

Ele inalou profundo e encontrou-a ali, a mulher que afirmou ser sua.

Seu perfume era tão potente para ele como o dia em que a viu pela primeira vez, no início preso por um momento, ele vislumbrou-a através das portas de vidro, o ardor empalidecendo o verão em comparação com o fogo que ela acendeu em seu corpo, em seu coração.

Em seguida, era convincente. Intrigante. Emocionante.

Agora era uma necessidade absoluta pela sobrevivência.

Quase uma vibração, quase uma presença tangível, o cheiro dela despertou algo que ele não podia nomear que vivia dentro dele, a parte que era animal, caçador e apenas isto.

Ela era sua. Ela pertencia a ele. E ele iria encontrá-la.

Ele respirou o fantasma dela por um longo momento, uma profunda fome, dor cavando um buraco em seu peito. Em seguida, o Alfa abriu os olhos, mudou para vapor e subiu para fora através da janela estilhaçada para o céu ameaçador.





CAPÍTULO VINTE E OITO

O sangue embebido nos largos lençóis brancos, círculos erráticos que ia do mais brilhante escarlate para alguma cor macabra próximo ao marrom coagulado. Jenna nunca viu tanto dele, tudo em um só lugar.

Ela segurou a pouca esperança de que a fonte ainda estivesse viva.

—Daria. —Ela sussurrou, chegando a tocar um dedo no frio, rosto pálido. —Daria?

Ela estava nua, de braços abertos na cama, seus pulsos e tornozelos algemados à estrutura de ferro, seu cabelo derramando-se em rios escuros emaranhados ao redor de sua cabeça.

Feridas marcando cada polegada de sua carne pálida.

Feios hematomas roxos e pretos florescia sobre as pernas e os braços, cortes profundos na carne das coxas e abdômen, um rastro de pequenas queimaduras pretas com resíduo de cinza manchando a pele macia ao redor dos mamilos de ambos os seios.

Queimaduras de cigarro.

A raiva veio quente e forte comendo através de seu peito enquanto olhava para a cena macabra, o corpo sem vida de Daria tão quebrado e espancado, o seu rosto, branco como a morte coberto de hematomas e sangue, mas ainda estranhamente, bonito.

As pálpebras de Daria vibraram. Um leve gemido escapou de seus lábios inchados.





Graças a deus. Ela estava viva. Jenna se sentou cuidadosamente na beirada da cama e levantou o braço de Daria. Estava tão frio, seu pulso estava tão fraco.

—Saia. — Daria sussurrou, movendo a cabeça lentamente e deliberadamente, fazendo uma careta de dor. Ela lambeu os lábios rachados com uma língua seca, pálida. Seus olhos se abriram. Uma pupila dilatada maior que a outra.

—Jenna, saia agora.

—Não se mova. Não fale. — Jenna insistiu, delicadamente afastando uma mecha de cabelo incrustado de sangue para fora dos olhos de Daria. —Eu vou te tirar daqui. Você vai ficar bem.

Esta era uma mentira deslavada. Jenna nunca teria achado que isso terminaria de qualquer jeito e menos bem.

—Eu não lhes disse nada... — A voz de Daria veio em um sussurro quebrado. —Ainda não...

Seu olhar febril caiu em algo atrás do ombro de Jenna. Embora não parecesse possível, seu rosto ficou ainda mais branco. Suas pálpebras se fecharam novamente. Com um tremor que balançou todo o seu corpo, ela ficou em silêncio.

Jenna fez uma inspeção rápida, visual da sala. Outra câmera de vídeo estava em um tripé no canto, três cadeiras de madeira contra uma parede, uma mesa de cabeceira aberta, uma lâmpada, e um conjunto de ferramentas ensanguentadas em uma bandeja de aço inoxidável brilhante. Uma pulseira de couro, alicates, facas serrilhadas e afiadas. O chão era de concreto bruto, com um dreno aberto no centro. Não havia janelas.

Jenna sentiu um profundo medo começando a suplantiar sua raiva.

O medo foi substituído pelo horror absoluto quando ela se virou e viu a cinco metros uma serra curva, serrilhada com alças em ambas as extremidades que se encostava à parede sem pintura ao lado de uma prateleira alta de postes de madeira bruta. O rack era composto apenas





por duas pernas de cinco centímetros pregados e uma barra superior. Algemas de tornozelo de ferro pendiam para baixo do meio dela.

Ela viu isso antes, este aparelho horrível, em um episódio do History Channel, de dispositivos de tortura populares durante a Inquisição. Era apropriadamente chamado The Saw, os corpos das vítimas, amarrados em posição invertida, eram serrados ao meio através de suas pernas abertas até uma confissão ser feita. Ou elas morressem.

Inevitavelmente, faziam ambos.

Ela saltou da cama, o coração batendo e se dirigiu para a mesa, procurando uma chave para as algemas. O fedor daqueles homens e o sangue de Daria e suas cruéis intenções incompreensíveis estavam tão espessos no ar que era palpável. Ela sentia-se doente.

O que fizeram os Ikati a estes homens que poderia justificar tal depravação? Um crime nunca poderia explicar isso.

Não havia nenhuma chave. Não em cima da mesa, não na pasta, não nas gavetas que puxou para fora e despejou tudo no chão.

Ela procurava através dos papéis e cadernos encadernados e encontrou uma pilha espessa de diversas imagens. Ela quase se revoltou quando vislumbrou uma.

Era uma foto de Daria, nua, rodeada por quatro homens. Seu nariz estava sangrando, seus olhos selvagens. Ela agachou-se com terror óbvio contra a parede distante desta estranha sala angustiante.

Um homem anônimo, magro, vestido de preto, de costas para a câmera usando uma longa faca em uma mão fechada, um cigarro aceso na outra. Havia uma tatuagem na parte interna do seu pulso. Embora pequena, ela viu claramente.

Era uma pantera negra decapitada, executada com uma lança.

Ela não se preocupou em olhar para o resto. Elas caíram através de seus dedos para o chão.





Três passos largos e ela estava de volta na cama. Um puxão sólido, com duas mãos e um pé apoiado contra a estrutura de ferro, depois outra. A cabeceira não cedeu. Ela amaldiçoou alto, plantou os pés no chão, colocou as mãos em seu cabelo e mordeu a língua a para não gritar.

Apenas ajude-me, ela rezou, olhando para o teto. Pânico, desespero e horror animal puro esmagando seus pulmões tão forte que ela mal podia respirar. Suas mãos tremiam tanto que se apavorar seria inútil. Daria estava deitada na cama, silenciosa e quebrada, cera e cinza como um cadáver. Apenas ajude-me e eu juro que nunca vou pedir nada nunca mais.

Ela fez um esforço para respirar, para permanecer lúcida, para pensar e fechou os dedos ao redor da estrutura de ferro frio novamente. Ela ergueu o pé descalço e apoiou-o contra a armação da cama, inclinou todo o seu peso sobre a perna traseira e lentamente, profundamente inalou.

Ela fechou os olhos e ouviu a voz de seu pai em sua mente.

—Você é uma princesa... uma princesa que um dia será uma rainha.

—Eu preciso de você. — Ela sussurrou ferozmente para o quarto morto. —Preciso da sua ajuda. Por favor ajude-me!

Ela puxou com força. Gemendo em protesto estridente, o metal se dobrou, a cama tremeu, a cabeceira cedeu por um centímetro. A cabeça de Daria pendeu para trás e para frente sobre o travesseiro e ela soltou um som baixo, sufocado na garganta.

Jenna puxou novamente e o ferro se soltou de suas amarras na armação com um rangido metálico alto, enviando-a cambaleando para trás com um pedaço de metal retorcido em sua mão. Um dos braços de Daria soltou-se da cabeceira arruinada que pendia sobre a beira da cama. As algemas de prata que ainda circulavam seu pulso torcido refletindo a luz.





—Bem, bem. — Uma voz falou lentamente atrás dela, lânguido e divertido.

Jenna se virou. Seu coração parou quando viu um homem parado na porta aberta. Ele estava vestido todo de preto, suas longas pernas abertas, os braços magros cruzados sobre o peito estreito. Ele sorria, confiante e astuto. Ele se adiantou e outros três homens entraram, muito maiores e mais animais do que o primeiro. Eles tinham rostos famintos e aterrorizantes.

— Outra gatinha de rua para se juntar à nossa festa. — Ele abriu os braços em um gesto fluido, sinistro de saudação. —Bem vinda.

Com o coração batendo forte sob suas costelas, ela viu a pequena tatuagem, preta em seu pulso interior. Sua mente registrou várias coisas ao mesmo tempo.

O homem de preto com a faca da fotografia.

O líder.

O inimigo.

Ela tornou-se extremamente consciente de sua nudez, seu cabelo caindo sobre os ombros e peito, o pedaço de metal trançado em sua mão.

Seu sorriso astuto ficou maior quando os outros três homens, raivosos e eriçados, começaram a se mover na direção dela.





CAPÍTULO VINTE E NOVE

Jenna estava sonhando... ou morta.

Ela sabia disso porque não havia nenhuma dor, não mais e também porque seu pai estava lá, tão bonito, cheio de vida e jovem, exatamente como ela se lembrava dele. Estava escuro e úmido ali, o ar perfumado com jasmim. Uma bonita, típica noite no Havaí. Seu pai andando descalço em silêncio ao redor de sua pequena casa, olhando para baixo para a praia vazia.

Através das portas de vidro do pátio ela via como as palmeiras sussurravam na brisa, como a lua brilhava acima do oceano e seu cabelo escuro acenando em uma cortina de seda, refletindo a luz. Ela o observou andar para lá e para cá de seu lugar secreto sob as escadas, aquele com seu estoque de travesseiros, cobertores e seu velho amigo Teddy.

Felicidade brilhou através do mel ensolarado, puro e dourado e perfeitamente doce. Seu pai estava ali, ele iria protegê-la, não precisava ter medo por mais tempo.

Mesmo quando ele se mudou para uma nuvem de vapor, deixando cair sua roupa em uma pilha vazia de roupa lentamente flutuando como ar no tapete, depois, se transformou em um enorme corvo negro que bateu as asas e pousou sobre a mesa de tampo de vidro, ela não precisava ter medo.

Enquanto ele estivesse ali com ela, tudo ficará bem.





O corvo virou a cabeça e parou com um olhar firme, inteligente de penetrantes olhos negros. Ele pulou para o lado na mesa, abriu suas asas e piscou para ela.

Jenna se arrastou para fora de debaixo da escada, atravessou sem ruído através da sala escura com Teddy debaixo do braço. Ela saiu para a varanda, sentindo a umidade do ar no cabelo e pele como a carícia de um amante. Ela ergueu o braço para fora, sussurrou para o corvo.

—Papai... é você?

O corvo fez um grito de advertência severa, deu mais um passo para deslizar na lateral da mesa e se transformou em uma borboleta com as asas de âmbar polido e ouro.

Ele pairou por um momento sobre sua cabeça, fora do alcance da sua mão estendida, balançando silenciosamente pelo ar pesado, perfumado, em seguida, voou com a graça acidentada ao longo da beira da varanda e sumiu na noite tropical, estrelada.

Jenna o viu partir, um fogo queimando através de seu coração. A dor que diminuiu, enquanto ele estava ali, mas agora estava voltando, com uma vingança, rasgando através de sua mente e seu corpo e cada lugar escuro, escondido em sua alma.

A dor foi o que a fez perceber finalmente que não estava morta.

A morte deveria ser um descanso, não está interminável agonia alucinante. Ela não estava sonhando, pelo menos não sobre isso. Percebeu que estava se lembrando de algo de muito tempo atrás, que ficou enterrado, perdido e esquecido com tantas outras coisas.

Ela o viu se transformar quando era uma criança, mais de uma vez. E em mais de uma coisa.

Algo no céu noturno chamou sua atenção. Vermelho e pulsante, brilhando com cor, queimando brilhante como uma gota de sangue contra o índigo sem fundo. Uma estrela. E ela não sabia o que isso significava, essa estrela que viu em algum lugar antes, em algum lugar em outra vida.





Era tão difícil pensar sobre as ondas de dor. Ela ainda estava sonhando? Estava tendo alucinações? Estava no inferno?

Um som batendo começou em algum lugar longe, em algum lugar além da visão ou toque, um barulho rítmico do bombeamento de sangue rapidamente através de músculos, apertando. Através de um coração. Era um som que ela reconheceria em qualquer lugar.

Um gemido sem palavras de reconhecimento, então o fogo e dor começou a surrá-la mais profundamente, um pulsar contra seu crânio, raspando contra sua pele como um conjunto de dentes viciosos, lacrimejando.

—Ela está voltando.

A voz era do sexo masculino, baixa, sem um traço de inflexão. Uma segunda voz, igualmente sem emoção respondeu.

—Finalmente. — O som de botas raspando contra o cimento, uma cadeira sendo empurrado para trás. —Vamos começar novamente.

Ela reconheceu o som impressionante metal, papel e cheiro de tabaco pegando fogo, a picada acre de fumaça em suas narinas. Antes que ela pudesse falar, acordar ou abrir os olhos, outra dor, mais nova e infinitamente pior, cortou sua morte de sonhos como mil facas aquecidas pressionando na pele macia de sua coxa.

Em seguida, o repugnante e horrível cheiro de carne queimada.

Sua carne.

Um grito rasgou sua garganta antes que a dor realmente tomasse conta, antes de se tornar tão ruim que ela se debatia impotente contra ela, desesperada para parar. Mas estava algemada, contida por amarras invisíveis ao redor de seus tornozelos e pulsos que a mantinham no lugar. Seu grito foi aumentando e aumentando, assim como a dor.

O punho bateu forte em sua bochecha parando-a por um curto momento.





—Cale a boca ou diga adeus a sua língua, cadela estúpida! —A segunda voz, sibilando e cuspiendo em seu ouvido.

Ela caiu atordoada, agonizando em silêncio. O coração batendo mais e mais forte.

—Agora. — A voz começou novamente, desta vez em um tom razoável. —Eu vou perguntar mais uma vez. E desta vez, eu sugiro que você me diga o que eu quero saber.

Ela virou a cabeça na direção da voz, o que enviou tiros de agulhas de dor em seus olhos fechados. Ela apertou suas pálpebras contra as picadas de agulhas, então os piscou abertos.

O quarto apareceu em sua visão. As paredes nuas, a mesa de madeira riscada, a bandeja reluzente de ferramentas. Uma lâmpada no teto cantarolava e piscava, sufocando o quarto em luz fluorescente.

O homem de casaco elevava-se acima dela, sorrindo com os olhos inexpressivos.

Daria ... onde Daria estava? Ela lembrou-se com uma luta fugaz, o braço do homem batendo em um borrão, o som do estalo hediondo do seu abdômen feito quando a faca perfurou através dele. Aconteceu tão rápido, ela não teve tempo para mudar para vapor, embora se lembre de tentar defender-se com a peça da estrutura da cama de ferro que tinha em sua mão.

Eles bateram nela, cortaram e queimaram, mas ela foi poupada da brutalidade final do estupro. Quando eles amarraram-na à cama e ela gritou mandando tirarem suas mãos ásperas, eles riam e fizeram piadas grosseiras sobre como o sexo com ela seria pior do que a bestialidade.

Algo úmido e pegajoso espalhava-se sobre os lençóis debaixo dela, algo quente que ainda escorria do ferimento aberto em seu estômago. Sangue, piscinas de sangue, embora ela não pudesse, por alguma estranha razão, sentir o cheiro. Tudo o que ela cheirava era fumaça de cigarro e carne queimada e o fedor de corpos sujos.





—Devo repetir a pergunta? Ou você acha que já tem uma resposta pronta para mim?

Ele levantou o cigarro aos lábios e inalou contra ela, puxando a ponta em chamas, então exalou. A fumaça em plumas de suas narinas como um dragão. Através da onda de dor que bateu em seu corpo como ondas golpeando a costa, ela notou que as unhas deles eram grotescas. Mastigada em pequenos tocos, esfarrapadas e amarelas.

Fino e esguio como uma aranha, ele se inclinou sobre ela e deixou o fumo se enrolar como dedos fantasmagóricos ao redor de seu rosto.

—Onde está a quarta tribo, gatinha? — Sua voz era brincalhona, acariciando, leve como uma brisa da tarde. — Nós sabemos sobre Quebec, Sommerley e aquela em Nepal e nós sabemos que há uma quarta onde o resto dos seus animais repulsivos vivem, mas não sabemos onde ela está. E nós não podemos colocar o nosso plano em ação até que o façamos. Devo dizer, o seu assim chamado 'Guardião das linhagens' tem ficado notavelmente de boca fechada.

Seu sorriso malévolo se demorou. Ele segurou-a em seu afiado olhar, oco. — Mesmo quando eu cortei sua cabeça com uma faca de cozinha. — Disse ele suavemente. — Eu fiquei muito, muito aborrecido.

Miseráveis homens invisíveis. Ela queria cuspir em seu rosto, mas sua boca estava muito seca.

— Há um lugar lindo em nossa sede em Roma, onde mantemos e exibimos todas as cabeças. Uma estante de troféus, você pode dizer. — Explicou calmamente. — É bastante impressionante; temos recolhido muitas durante séculos. O formaldeído é verdadeiramente um conservante notável. Se eu soubesse que íamos ter duas convidadas hoje, poderia ter feito uma apresentação em slide para vocês.

Ele sentou-se na cadeira e fumou, calmo e controlado, observando-a com aqueles olhos brilhantes. — Embora a maioria delas sejam de mulheres e, portanto, não tão valiosas para nós. São os Alfas que realmente queremos.





O pequeno gesto que ele fez com o cigarro parecia de alguma forma lamentável. —Como diz o velho ditado, corte a cabeça da serpente e o corpo vai morrer, suas espécies inteiras são cortadas neste caso. Precisávamos do Guardião para nos dizer quais os gatinhos são realmente importantes. Por alguma razão, porém, é sempre as fêmeas de sua espécie que são as mais ansiosas para falar.

Os olhos brilhantes se estreitaram. —Apesar de sua amiga no outro quarto não ser de muita ajuda. Ainda.

Seu minúsculo sorriso vicioso continuou como se estivesse permanentemente certo disto.

—Mas talvez você seja mais flexível, sim? Vou fazer um trato com você. Diga agora tudo e será mais rápido. — Ele fez um gesto largo com o braço para indicar o quarto, o conjunto de ferramentas e seu corpo nu sobre a cama. Ele se inclinou em sua cadeira e lentamente, abaixou o braço. Ele não piscou, seu sorriso não vacilou.

—Ou, se preferir, eu tenho todo o tempo do mundo.

O cigarro chegou em círculos preguiçosos de fumo apenas polegadas de seu olho direito.

—Eu...

Isso saiu, uma coisa quebrada patética, um gemido humilhante. Jenna se conteve e lambeu os lábios. O homem de casaco ergueu as sobrancelhas. Ele esperou, paciente e inescrutável, até que ela tentou mais uma vez.

—Eu tenho algo para lhe dizer.

Um sussurro quebrado novamente, de alguma forma menos patético, mas fraco e, no entanto, encharcado de dor. Olhou diretamente para o homem de casaco piscando brevemente, embora os homens que ela sentiu no outro lado da sala, em seguida, chegaram mais perto.

—Bem. — Seu sorriso se aprofundou. Ele se endireitou e pegou uma cadeira para arrastar ao lado da cama. Sentou-se e ela olhou para





seu rosto, a careca, reluzente de sua cabeça, a pequena imagem em preto com tatuado no interior do seu pulso. Os olhos mortos.

—Eu acho... — Ela começou, tentando manter-se forte com o rio de agonia que queria engoli-la inteira. O som do coração batendo estava tão perto agora, aumentando em seus ouvidos, correndo através de seu sangue, abafando até mesmo o som de seu próprio coração.

O homem de casaco inclinou-se, esperando. Ele falou, um assobio sibilante e ela quase não pode ouvi-lo sobre o ruído em sua cabeça.

—Sim? O que foi, minha pequena gatinha indefesa? Diga-me o que você acha.

Ela abriu a boca novamente e ele se inclinou ainda mais perto, tão perto que ela viu os minúsculos vasos sanguíneos vermelhos serpenteando através dos brancos de seus globos oculares. Ele não tinha se barbeado recentemente, tinha um pouco de carne de sua última refeição presa entre os dentes da frente e estava com extrema necessidade de um banho. Ele se inclinou ainda mais perto, estendeu a mão e tocou um dedo longo e pegajoso no pulso na base de sua garganta.

Ela o olhou de cima para baixo através de seus cílios e sorriu para ele, doce, sem um traço de medo.

—Eu acho que você é ainda mais estúpido do que feio. — Ela sussurrou. — A vida é uma cadela.

Houve um minuto suspenso de silêncio antes que ele registrasse, antes dele se levantar abruptamente, jogar o cigarro no chão e chutar a cadeira para trás com a bota.

Ela sentiu uma satisfação cansada, mas completa finalmente! Seu sorriso nojento de aranha desapareceu. Ela começou a desmaiar, levada por uma corrente de dor que fluiu e segurou-a em suas garras como uma aranha com sua presa, indo para a escuridão à espera.





Little Miss Muffet¹⁶ sentada em um banquinho. Comendo sua coalhada e soro de leite.

Veio adiante uma aranha. Sentou-se ao lado dela e assustou Miss Muffet que se afastou...

—Dê-me o alicate. —Ele pediu com a mão. Outro homem, ainda pairando apenas fora da vista, saltou para atender seu pedido.

Antes de chegar à bandeja de ferramentas que estava tão nitidamente na mesa de madeira, Leander explodiu pela porta.

Ele encheu a sala com uma mancha de pele preta e rosnado indignado e longos e afiados dentes que enterrou no primeiro que viu e esse era o homem de casaco. Ele afundou suas garras em seu peito e suas presas em sua garganta e com uma sacudida do nariz rasgou tirando sangue, batendo a cabeça dele. Os outros correndo para um canto da sala.

Leander mudou para vapor apenas quando uma faca passou assobiando por sua cabeça e caiu com um baque duro atrás dele. O corpo do homem de casaco deslizou caindo de joelhos, em seguida, entrou em colapso ao lado de sua cama no chão.

Leander virou-se e viu que a porta de chumbo foi demolida completamente. Embora reforçada com barras de aço de ambos os lados, o seu impacto cortou as barras ao meio e a jogou longe com grandes pedaços de gesso e uma parte do teto com ele. Dois homens estavam na porta arruinada, gritando alguma coisa para ele quando flutuou acima da sala em uma massa turbulenta de vapor branco.

Ele viu Jenna como uma boneca de porcelana quebrada na cama abaixo dele, nua e ferida, coberta de linhas de sangue escuro e liso. Seus grandes olhos verdes foram para ele com um rosto branco como a neve.

Uma fúria cega o atravessou como um furacão e tudo em que pensava mais e mais era: eu vou matar todos vocês.

¹⁶Little Miss Muffet" é uma ninar, uma das mais comumente impressa em meados do século XX.





Um grito veio da parte de trás da casa e soube que um terceiro homem estava chegando. Leander não esperava que ele chegasse antes de voltar para pantera e atacar.

Jenna, entrando e saindo da consciência, observava o acontecimento ao redor dela de sua prisão de correntes sobre a cama encharcada de sangue. Era um show bizarro de ação, quase divertido em sua silenciosa violência, como um jogo de videogame horrivelmente e cruel.

Havia uma pantera negra enorme voando pela sala, suas patas dianteiras musculosas alcançando, esticando-se, longas garras para fora, mostrando os dentes afiados. Ela soltou um terrível rugido que pareceu viajar até ela flutuando como ondas.

Havia os homens gritando silenciosamente, com suas bocas abertas e olhos esbugalhados, em colapso como bonecas de papel quando a pantera caiu sobre eles com fúria plena, rosnando. Houve um fraco estalar de ossos, ecoando quando os homens caíram como folhas secas sob os pés. Um enorme jato de carmesim, através da luz bruxuleante, espirrou em uma longa curva pingando através do teto.

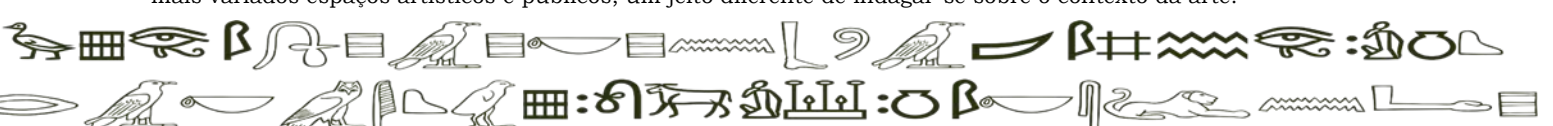
Era quase bonito, pensou ela, olhando com calma e com desprendimento reparador olhando as estrias de sangue caindo acima dela. Era quase como... arte performática¹⁷.

Ela não podia sentir mais nada, nem os braços ou as pernas e não a dor, nem mesmo um rastro de horror de medo ou qualquer coisa parecida com emoção. Ela lançou um olhar para a cena que poderia ser descrita como tédio e percebeu que simplesmente... desistiu.

Foi assim que soube que morreria.

E de repente um terceiro homem estava sobre a forma elegante preta, cortando atacando com uma lâmina que refletia na luz.

¹⁷A arte que um dia foi restrita aos mecenas e grandes museus, já há algum tempo assumiu formas distintas, democráticas e libertou-se dos formatos clássicos impostos. A arte performática é e sempre foi vista como uma arte libertadora. Tidas por alguns como manifestações estranhas, as performances contemporâneas são grandes agentes de provocação que levam aos mais variados espaços artísticos e públicos, um jeito diferente de indagar-se sobre o contexto da arte.





O coração do homem foi arrancado por um poderoso par de mandíbulas que rompeu seu peito, arrancou o órgão bombeando e o jogou para o lado. Mais sangue jorrando, gritos ficando cada vez mais silenciosos e o punhal indo para a mira certa que terminou abruptamente quando a pantera se transformou em um homem muito bonito e nu, a lâmina afundada em seu peito.

Ele tropeçou para trás. O homem sem coração caiu no chão. Tudo acabou.

Ela pensou que deveria estar muito perto da morte agora, porque seu pai estava ali novamente, sentado na cadeira ao lado da mesa de madeira, olhando para ela com um ar sombrio. Parecia que queria dizer alguma coisa, como se ele estivesse prestes abrir a boca e falar, mas a pantera que virou um homem, muito bonito, nu, estava inclinado para baixo ao lado da cama, bloqueando tudo no quarto com a forma de seu dourado corpo musculoso.

—Fique comigo, Jenna! — Gritou ele, tirando as amarras que ligavam os pulsos algemados na grade da cama. Havia uma ferida no peito, uma longa mancha de sangue abaixo dela. Mais dois puxões e ele libertou suas pernas. —Fique comigo!

Ela tentou dizer-lhe que estava tudo bem, estava indo para outro lugar agora, em algum lugar onde poderia ver seu pai novamente e não haveria qualquer dor, qualquer confusão ou quaisquer segredos, mentiras ou fugas, ou aranhas malvadas, mas tudo que saiu de seus lábios foi um suspiro.

Ela olhou para ele, para seu cabelo escuro deslizando sobre seus ombros e seu rosto glorioso em pânico, os olhos suplicantes. Ele estava gritando algo mais, seus lábios pareciam se mover em câmera lenta, mas ela não conseguia ouvir nada e pensou que talvez isso não importasse de qualquer maneira.

Apenas uma coisa importava. Ela desejou ter força para dizê-la em voz alta.





Eu te amo, ela pensou, caindo, flutuando, sentindo subir a água negra rodando em seu peito, o pescoço, correndo sobre o queixo bochechas e nariz, bloqueando o céu, a lua e todas as estrelas cintilantes.

Leander, eu te amo.

Ela esperava que ele entendesse.

Então ela fechou os olhos e afundou-se no rio escuro que esteve esperando para reclamá-la o tempo todo, ouvindo os ecos mais e mais como um refrão, como um devaneio e essas três pequenas palavras que ela simplesmente não conseguia encontrar força para dizer.

Eu te amo.





CAPÍTULO TRINTA

Jenna não morreu.

Nem se recuperou, não exatamente. Ela permaneceu por mais de uma semana em um estado de sono agitado em sua cama. Apenas um gemido ocasional quebrava o sinistro silêncio pálido.

Leander a observava dia e noite da cadeira ao lado da porta ou do sofá, no final da cama de dossel ou andando para trás e para frente nos limites do seu quarto que estava em um estado harmonizado e com uma pesar ao mesmo tempo. Ele não podia chorar, não podia se alegrar. Ela estava ali, mas, ao mesmo tempo, não estava e o médico não podia lhe dizer muita coisa útil.

—Ela é forte, Leander. Mas teve sorte por ainda estar viva, depois de ter passado por um momento muito ruim. Sua mente e corpo precisam de tempo para cicatrizar. Felizmente, ela não teve uma infecção em suas feridas. Quando ela estiver pronta, vai acordar.

Sorte. Ele não acreditava nisso. Ele não colocava nenhum favorecimento na palavra.

Coragem. Valentia. Teimosia. Bravura. Estas palavras ele acreditava, estas eram as palavras que descreviam esta mulher deitada tão imóvel e pálida na cama, seu cabelo louro longo espalhado como ondas de seda sobre os travesseiros.

Sua irmã ainda estava mal, mas, viva porque Jenna foi corajosa o suficiente para tentar salvá-la. Ela colocou-se no caminho do perigo por alguém que mal conhecia e tinha, com toda a probabilidade, salvo Daria





simplesmente desviando a atenção. Ele tinha com ela uma dívida além da medida, mas sua gratidão também vinha com o puro e primitivo amor, junto com tudo que sentia por ela, uma paixão e respeito que aumentava com o passar de cada dia desde que se conheceram, mas permaneceu preso em sua garganta como um punho por um bom tempo.

Ela era seu coração e seu fogo e ele a amava com cada fibra de seu ser, mas não conseguia entender como dizer isto para ela. Não depois do que ele a fez passar.

Naturalmente, ele se culpava por tudo. Por cada erro, passo em falso e oportunidades perdidas que a levou a este ponto, crucificava a si mesmo a cada dia. E não conseguia apagar as lembranças. Ele era assombrado tanto em seu sono como nas horas de vigília.

Ele tirou-a daquela câmara de tortura medonha primeiro e depois voltou para sua irmã, envolvendo seus corpos feridos com cobertores ásperos, amaldiçoando como um demônio, vestiu uma calça encharcadas de sangue retirada do corpo de um homem morto. Ele dirigiu como um louco de volta para Sommerley em um carro que roubou dos Expurgari.

Aqueles monstros Expurgari mortos. Que eles queimassem por toda a eternidade no fogo do inferno.

Mas, havia mais, ele sabia, muitos mais do que aqueles poucos que ele matou em Londres. Isto era apenas o começo. Ele passou dias fazendo planos de batalha para proteger sua tribo, preparando-se e chamando os outros para cravar uma luta longa e feia. A Assembleia sendo convocada a cada dia; a máquina de guerra começando a rolar suas engrenagens pesadas.

E a cada dia ele estava distraído mantendo-se no limite e quase dominado pela possibilidade terrível de Jenna acordar de seu sono perturbado.

Ele olhava para ela de manhã quando o amanhecer vinha e tinha que sair, rastejando silenciosamente sobre o edredom lavanda, rosa e





prata e através da fenda nas cortinas fechadas. Ele tocava-lhe com o dedo o pulso como um relógio, e quando o relógio antigo soava a hora do meio-dia. Ele sentava-se com ela durante longas noites sem lua, roçando seus lábios contra sua testa, em silêncio, pedindo-lhe para acordar.

Eventualmente, era o que ela fazia.

Demorou oito longos dias antes dela abrir os olhos, outros dez antes dela estar forte o suficiente para sair da cama. Mas permanecia em um silêncio pálido e vacilante, dando passos lentos ao redor da mansão em seu braço ou com Christian.

Leander o retirou da cela da prisão e pediu perdão por colocá-lo ali em primeiro lugar. Ele enlouqueceu quando Jenna sumiu, tinha a necessidade de lançar-se em qualquer coisa, qualquer um. Mas agora não podia suportar mais a discórdia entre sua família, não poderia se preparar para a guerra quando cada um que ele amava e a própria cola que os mantinham juntos, estava quebrada em pedaços a seus pés.

Impossivelmente, Christian o perdoou e disse-lhe que entendia.

Leander não sabia se ele seria tão indulgente em seu lugar.

—Você não a merece, sabe disso.

Sentaram-se na Biblioteca Leste vazia após o café da manhã quente, observando Jenna pelas janelas altas. Ela estava imóvel no jardim de rosas, com o rosto voltado para o céu claro de verão.

Leander deu um único aceno para o comentário improvisado de Christian, sem palavras concordando. Viu que se curvava e colhia uma rosa do tronco, um confortável xale de seda azul ao redor de seus ombros, a barra de sua saia vibrando com uma brisa. Ela endireitou-se e fez uma careta, ele viu, mesmo a esta distância a forma como ela puxava uma respiração rápida, a maneira como ela se movia e então lentamente exalava e levantava a flor ao nariz. Ela fechou os olhos.

Seus ombros relaxados e assim ele também o fez. Percebeu que se empurrou para frente em sua cadeira quando viu a dor fugaz cruzar seu





rosto. Ele deixou escapar um longo suspiro, avaliando e afundou-se na cadeira, sua visão cega pela fúria fria.

Eles pagariam pelo que fizeram com ela. Todos eles. Cada. Um. Até o último.

Vendo a reação dele, Christian sorriu de soslaio para ele. —Bem, você na maior parte do tempo não a merece.

Leander balançou a cabeça lentamente para trás e para frente, olhando para ela ainda. —Não importa de qualquer maneira. — Disse ele, quase para si mesmo. —Ela nunca vai me amar. Não depois de tudo o que eu fiz e ao colocá-la completamente nesse estado. Uma vez que ela estiver curada... vai embora. Não há nada que possa mantê-la aqui.

Christian sorriu e depois de seu sorriso levantou uma xícara de chá aos lábios. A xícara de porcelana delicada com as suas pequenas flores amarelas pintadas parecia em perigo iminente de ser esmagada ao pó entre os dedos fortes. —Você não é tão inteligente como pensa, grande irmão. — Ele murmurou.

Ele tomou um longo gole da xícara, segurou-a com firmeza longe de seu corpo com o cenho franzido, como se tivesse de alguma forma se ofendido com o comentário, em seguida, colocou a porcelana sobre a mesa de tampo de mármore com um baque agudo!

—Só por curiosidade. — Christian acrescentou, com a voz muito calma, muito modulada, seus dedos agora com os nós brancos e apertados em seu colo. —Você ainda não disse a ela a decisão da Assembleia?

Leander enviou-lhe um pequeno sorriso amargo. —Não se esqueça de quem estamos falando. Ela não dá a mínima para o que a Assembleia tem a dizer. Nunca vai viver de acordo com suas regras. — Ele encolheu os ombros, um movimento cansado. —E eu não a culpo.

Jenna se virou e olhou diretamente para Leander através da janela, como se sentisse o peso de seu olhar. Seu rosto estava muito pálido e sombrio dentro da massa de ouro brilhante de seu cabelo, caindo em





ondas que se levantavam e flutuavam cintilantes ao redor de seus ombros.

Apenas seus olhos eram claramente visíveis, largos e sem piscar, o olhar totalmente verde.

Por um momento seus olhos se encontraram. Ele queria saltar da cadeira e correr para ela, pegá-la em seus braços, beijar seus cabelos, bochechas e lábios, mas, em seguida, ela deixou cair os olhos e se virou. Ela puxou o xale de seda mais perto e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha em um gesto que parecia ao mesmo tempo desconsiderado, indiferente e inteiramente vulnerável em sua elegância simples, de menina. O rosto caiu em uma raia silenciosa olhando para o cascalho sob seus pés.

—Bem. — Christian se levantou da cadeira. Ele lançou um último olhar para Jenna antes de voltar o olhar para Leander. —Nunca se sabe. Ela pode fazer a diferença. Você deveria dizer a ela.

Leander sentiu os dedos de seu irmão pressionar um leve aperto no ombro dele enquanto andava atrás de sua cadeira. Ele virou-se para vê-lo caminhar lentamente fora da sala, o andar pesado, os ombros curvados. Quando ele olhou para trás para as janelas, Jenna se moveu para fora da vista.

À medida que os dias passavam, Jenna mantinha seu silêncio e a palidez de marfim em sua pele e ela ficava tão sombria e distante que Leander sabia que estava certo. Ela irá embora assim que for capaz.

Era apenas uma questão de tempo.

Encontrou-a mais cedo cochilando ao anoitecer em uma cadeira de balanço em um quarto não utilizado no segundo andar da mansão. Um livro estava aberto no colo. Um pequeno fogo murmurando na lareira, pilhas irregulares de gravetos laranja e amarelos com brasas e cinzas. Viu-a dormindo, da porta, com o rosto tingido com a última luz do sol, seu peito subindo e descendo em um lento ritmo.





Seus pés descalços para fora da colcha de malha jogada sobre seu colo e pernas. Vendo como pálida e vulnerável era contra o chão de madeira escura enviou uma onda inesperada de angústia através de seu coração.

—Você faz muito isso, você sabe. — Ela murmurou empolgante. Virou-se para olhar para ele com os olhos de pálpebras pesadas, os cabelos bagunçados em uma queda de mel ao redor de seus ombros nus.

—O que, exatamente? — Ele perguntou, encostado no batente da porta.

Seus lábios se curvaram. Ela o olhou de cima para baixo uma vez antes de responder.

—Olhar para mim.

—Eu faço? Bem, desculpe. Não estava ciente de fazer isso.

Um vaso de cristal com rosas do jardim caiu espalhando pétalas vermelhas perto de sua cadeira. Seu perfume encheu o ar. Ele passou por ela, movendo-se casualmente e pegou uma flor entre os dedos. Imaginou-a pegando-as do jardim, enchendo o vaso com água, trazendo-o para animar a sala silenciosa deserta e se perguntou o que isso poderia significar.

—Bem você faz. Até me observa dormir. —Ela suavemente acusou.

Ele se virou para ela antes que pudesse esconder sua surpresa. Ela observou-o através de cílios chocolate, sua expressão que poderia ser um tanto de curiosidade, mal-estar ou desdém queimando. Eles olharam um para o outro um em cada lado da sala, enquanto o sol escondia-se enviando tons de laranja, gengibre e ouro de reluzente prismas brilhantes pelo chão polido. Ela abaixou o olhar para suas mãos, com o livro aberto no colo. Ela fechou-o com um estalo firme e colocou sobre a mesa de pau-rosa ao lado de sua cadeira.

—Como você sabe? —Leander manteve sua voz calma mesmo com um esforço monumental. —Estava acordada?





Ela sorriu, um pouco triste pensou, olhando para o horizonte com tons de fogo, em seguida, encolheu os ombros. —Acordada ou dormindo, parece que eu sempre posso... sentir você. — Ela disse suavemente. Cruzou as mãos no colo, então as deslizou apertando o que deve ter diminuído o sangue contra seus braços.

—Ah. Sim.

Ele se aproximou de sua cadeira, olhando as rosas ainda veludo macio em suas mãos. Ele esfregou as pétalas entre os dedos e imaginou que a seda que tocava era sua pele. —Morgan disse-nos sobre o seu dom. Seu dom bastante... extraordinário.

Ele parou ao lado da janela e olhou para o céu e como ela se refletia de volta para ele como uma dança fantasma nos painéis. —Você pode ver todos nós, então? Pode sentir todos? Em toda parte?

Ela ajustou seu peso na cadeira e virou-se para olhar para ele. Abaixou a cabeça e seu cabelo caiu para frente, cobrindo o rosto numa queda de dourado, deslocando luz. —Alguns mais que outros.

Ele não perdeu a sugestão, mas seu ego exigia que ela dissesse em voz alta.

—Quer dizer... eu?

Ela levantou os joelhos até o queixo, seu vestido de algodão deslizando sob a manta que protegia as pernas nuas da corrente de ar e colocou os braços ao redor de seus tornozelos. —Sim. — Ela murmurou para os joelhos. Então, num tom mais sombrio. —Especialmente você.

Ele esperou um momento por mais, mas ela permaneceu como estava, os olhos para baixo em silêncio e um véu de cabelo em seu rosto.

—Eu não matei Morgan. —Ele finalmente disse.

—Eu ouvi. —Disse ela. Seus dedos cravando profundamente em seus braços novamente. —Mas você não a deixou ir também.

Era condenação em seu tom suave? A aversão fugaz em sua expressão escondida?





—Sua traição nos custou muito, Jenna. Alguns de nossos melhores homens foram mortos, nossas defesas foram violadas. Nossa existência protegida por um longo tempo. Quem sabe o que o futuro reserva para nós. E você...

Ele parou abruptamente. Quando voltou a falar, sua voz era muito baixa. —Quase lhe custou sua vida. O que quer que eu faça?

—Eu estive pensando muito sobre isso. — Ela disse em voz baixa e olhou para ele. —E, para ser totalmente honesta... não sei. — Seus olhos eram claros e quase sem cor na luz. Ele não podia ler sua expressão. — Mas eu fiz uma promessa... uma promessa que tenho que manter. De alguma forma.

Ela parou de falar e ele franziu a testa, esperando. Ela não disse mais nada, apenas a olhou para ele, sem expressão.

Olhos de corça rastreando seu rosto e, em seguida, seu peito, onde uma atadura branca aparecia pela gola aberta de sua camisa.

—Você está ferido. — Ela murmurou.

Ele sorriu seco. —Eu vou viver, não se preocupe. Não foi muito profundo, nada como...— Seu sorriso lentamente desapareceu. Sua mandíbula começou a se apertar e ele desviou o olhar, com as pétalas esmagadas em seu punho. Ele abriu a mão e elas caíram lentamente no chão.

—Como está Daria? — Ela perguntou em voz baixa, depois de um tempo. —Christian me disse que ela está se recuperando bem, melhor do que se poderia esperar, mas... — Ela engoliu em seco e abaixou os cílios. Seus braços apertados ao redor de suas pernas. —Ela parecia tão mal. Pensei que ele pudesse estar, tentando me animar melhorando gentilmente algumas notícias.

Leander levantou o olhar para o rosto dela. Ela tinha o lábio inferior preso entre os dentes e balançava-se muito lentamente, na cadeira.





—É muito cedo para dizer. A probabilidade de lesão permanente ainda existe, o médico me disse. E. —Acrescentou, mais acentuado do que pretendia. —Não haverá muitas cicatrizes.

Ela apertou a mão pálida sobre os olhos. —Deus. Se eu tivesse chegado lá mais cedo. —Ela sussurrou. —Só que me levou tanto tempo para encontrá-la, quase todo o dia. Se eu tivesse chegado lá mais rápido... — Ela puxou uma respiração irregular e balançou a cabeça. Ela apertou os olhos juntos. Uma linha de lágrimas presas em seus cílios. Ela limpou-as com as costas dos seus dedos.

—Jenna. —Leander disse, sua voz áspera. —Não é sua culpa. Se você não a tivesse encontrado, se você não tivesse ido procurá-la, ela estaria morta. O que você fez, ali...

Ele perdeu as palavras.

Olhando para ela agora, tão bela e frágil e visivelmente desanimada, o crepúsculo correndo em seu rosto como o toque de um amante, enviou uma dor terrível através de seu corpo, um ardor feroz através de seus pulmões que o deixou atordoado e sem fôlego. Ele tentou inalar, tentou recuperar o fôlego, mas não conseguia encontrá-lo.

Quanto tempo ele tinha? Quantos dias, horas ou minutos até ela o deixar para trás com um buraco no peito, onde seu coração costumava estar?

O pensamento de viver sem ela, era como ácido em sua garganta.

—Então... — Ela soltou um longo suspiro e se ajeitou na cadeira, cruzando as mãos recatadamente no colo. Ela olhou para suas mãos e falou com uma voz leve e tranquila. —Quando é que você vai fazer isso?

O desespero em sua voz o trouxe de volta à realidade. Suas sobrancelhas se arquearam.

—Fazer o que?

Ela enviou-lhe um escuro, olhar resignado. —Prender-me e julgar.

Ele olhou para ela, horrorizado.





—Com Morgan. — Explicou ela, quando ele ainda não falou nada.

—Quem... porque... o quê? —Ele gaguejou.

Ela acenou com a mão pálida no ar na frente do rosto dele, fracamente desconsiderando. —Você não tem que representar um ato para mim, Leander. — Ela suspirou. —Eu sei que você pensa que eu ajudei Morgan. Acusou-me disso, naquele dia na frente da Assembleia. E por isso, eu fugi novamente e rompi a Lei novamente. Esse é o seu trabalho, não é? Fazer cumprir a Lei? Proteger a tribo? — Ela olhou para ele, seu olhar severo e inflexível. —Punir o inimigo?

—Jenna. — Leander disse, sufocado, os olhos cheios de choque. Seu rosto ficou muito pálido. Ajoelhou-se no chão na frente dela e segurou suas mãos, puxou-a para perto dele. —Como você pode pensar uma coisa dessas? Como pode sequer pensar que eu iria machucá-la?

—Porque você. — Ela começou devagar. —Você mesmo disse, na reunião da Assembleia naquele dia. Você disse...

—Eu perguntei se você tinha alguma coisa para me dizer. — Ele interrompeu antes que ela pudesse terminar. —Você odeia valentões, lembra? Eu esperava que fosse parar de se esconder de mim, parar de guardar segredos. Estava apenas dando-lhe uma chance de me dizer por você. Sempre foi tão teimosa, sempre tão desafiadora. Não iria forçá-la a nada, não novamente, não quando você deveria ter admitido para mim o que eu já sabia...

—O que você já sabia?

Ela puxou as mãos fora do seu alcance e se levantou. A colcha enrolando-se ao redor de seus pés. Ela passou por cima dela, foi até a cama e sentou-se na beira do colchão, com as costas, rígidas para ele.

Sua voz veio estranha e instável por toda o quarto. —O que isto quer dizer? O que exatamente você já sabia?

Ele chegou a seus pés. Seu coração batendo contra as costelas. —O que você é. Quem você é.





Ela virou a cabeça uma fração e ele teve um vislumbre de seu perfil. Lábios comprimidos, bochechas coradas, cílios longos. Dedos fechados na manta de pele brilhante.

—E quem eu poderia ser, Leander? — Ela disse as últimas palavras com lábios apertados.

Ele foi para ela em passos lentos e medidos, sem tirar os olhos do rosto dela. O perfume das rosas e dela era quente no nariz, o brilho do pôr do sol inundando a sala, iluminando seu cabelo junto com o fogo. Ele parou em frente a ela e colocou um dedo sob seu queixo. Levantou sua cabeça.

Ela levantou os olhos e um raio de sol caiu em seu rosto. Ele iluminou os olhos ferozes, verde brilhante, brilhante como uma esmeralda refletindo à luz.

—Bem...—Ela sussurrou. —Quem sou eu?

—Você é a rainha dos Ikati. — Ele murmurou, segurando seu olhar. —Minha rainha. Meu coração e alma... meu verdadeiro amor.

Seus lábios se separaram. Ela não piscou. Ela não disse nada.

—Você é a mulher pela qual esperei toda minha vida, a mulher que me fez querer ser um homem melhor, que me fez pensar que tenho uma chance de ser o homem que eu sempre quis ser.

Ele afundou-se ao seu lado no colchão, emoldurou seu rosto com as mãos, virou o corpo para o dela. —Você é tudo que eu sempre quis e o pensamento de que irá me deixar, que apenas está esperando até que esteja bem o suficiente, me dá vontade de morrer.

Ela olhou para ele, boquiaberta, pálida como um lençol. O fogo estalou e cuspiu. Um pedaço caiu pela grade. Em algum lugar lá fora, um rouxinol começou a cantar.

—Bem. —Ela finalmente conseguiu dizer enquanto enxugava as lágrimas. —E eu aqui pensando que ir embora não era uma opção. — Ela





baixou o olhar, mas ele pegou o pequeno sorriso que cruzou seus lábios, divertido e irônico.

—Pelo contrário. — Ele se permitiu um sorriso para coincidir com os dela. —À rainha é permitido muito e a liberdade. — Ele gentilmente levantou o pulso aos lábios, em seguida, colocou a mão contra sua bochecha.

Ela apertou o sorriso de sua boca. —Há essa palavra novamente. — Meditou, seus olhos ainda baixos. —Eu não acho que quero esse título. — Ela fez uma pausa. —Eu definitivamente não mereço esse título.

—A Assembleia acha que merece. —Disse ele. Roçou o rosto para baixo do seu antebraço para a dobra do cotovelo, inalando o aroma de sua pele, em seguida, beijou de volta até seu pulso.

Jenna olhou para ele, surpresa.

—Eles colocaram em votação, considerando várias coisas importantes. Em primeiro lugar, há a questão do seu sangue poderoso. Como seu pai era o único Skinwalker...

—O que merda isso significa? — Jenna puxou seu pulso da mão dele e inclinou-se para olhar para ele com olhos penetrantes. —Edward disse-me isso antes, naquele dia que a Assembleia se reuniu, o que significa isso?

Leander olhou para ela com as sobrancelhas levantadas. —Você deve saber. —Disse ele. — Sua mãe deve ter lhe contado quando era criança...

Jenna balançou a cabeça negativamente.

Leander cruzou as mãos muito suavemente em seu próprio colo. — É um termo que nós pegamos do léxico nativo americano... a única coisa apropriada que poderíamos pensar para descrever o que ele era, o que ele podia fazer.

—O que ele podia fazer? — Jenna respirou.





Leander hesitou. Esfregou os polegares para frente e para trás sobre as duas mãos, acariciando, aquecendo. — Jenna, seu pai podia mudar a qualquer coisa que ele quisesse. — Disse ele suavemente. — Não apenas vapor. Não apenas Pantera. Qualquer animal do planeta, qualquer ser humano com quem quisesse se parecer, qualquer coisa de natureza orgânica, qualquer coisa elementar, qualquer coisa inanimada. Vento. Água. Fogo. Uma árvore. Uma lâmpada. Qualquer coisa.

Ela olhou para ele, sem fôlego, o som de seu pulso batendo em seus ouvidos. Ela fez um barulho que não era bem coerente enquanto pensava naquela noite na varanda há muito tempo: O pai dela. O corvo. A borboleta.

Leander sorriu quando viu amanhecer o reconhecimento em seu rosto. Ele ergueu a mão para acariciar sua bochecha.

— Onde eu estava? Oh, sim, na divulgação de seus próprios dons bastante surpreendentes que Morgan nos contou e finalmente, o fato de que você arriscou sua própria vida para salvar Daria, mesmo Durga, teve que admitir, é algo que só os puros de coração fariam, eles fizeram o anúncio formal de seu título e só aguardam a prova de todos os seus dons, você é a rainha.

Jenna engoliu em seco e piscou, respirando de forma irregular. — Enquanto aguardam a prova de todos os meus dons? Mas eu... apenas posso mudar para vapor... e só uma vez mudei para pantera.

Seu dedo acariciou sua bochecha, para trás e para frente, para trás e para frente. Seu sorriso se aprofundou. — Os Ikati têm um ditado antigo, Sangue segue Sangue. O que o seu pai podia fazer... pode estar em seu sangue também. O mais provável é que você também vá. Apenas posso dizer que estamos todos muito ansiosos para descobrir.

A covinha brilhou em sua bochecha. — Alguns de nós mais do que outros.

Ela olhou para ele. Sua boca fez várias formas estranhas, mas nada saiu.





"—Eu... eu... — Ela finalmente conseguiu. Ela abaixou os olhos de volta para a cama e desenhava círculos preguiçosos com o dedo sobre a manta de pele entre eles. —Entendo. Bem. Isso é tudo muito... interessante. —Ela respirou fundo, trêmula. —Para dizer o mínimo. Mas...

Ela levantou os olhos direto para os seus e olhou para ele com firmeza, os olhos lindos, verdes e tranquilos.

—Eu não quero ser sua rainha.

—Outro título, talvez? —Ele murmurou, observando-a de perto. —Duquesa? Imperatriz? Aquela que deve ser obedecida?

Sua expressão azedou. —Vocês ingleses são muito apegados com esses seus títulos.

Ele esperou, sem falar, segurando seu olhar.

—O que acha dessa... regra... sobre as pessoas que não têm voz em seus próprios destinos, pessoas que não podem mesmo decidir com quem vão se casar? As pessoas que odeiam você por ter o que eles não têm, liberdade. —Ela abaixou o olhar e balançou a cabeça. —Eu te disse antes. Você não tem ideia de como é maravilhoso ser livre. Se eu sou... o que você quiser chamar-me... e tiver uma escolha, eu escolho a minha liberdade.

—Então você não tem vontade de fazer mudanças na Lei. — Disse Leander, com muita naturalidade.

—Mudanças? — Ela franziu a testa para ele enquanto ele continuava olhando para ela com benevolência, bonito e enigmático com a luz esboçando curvas douradas e vermelhas sobre a pele. —O que quer dizer com mudanças?

—Bem. —Ele falou, perfeitamente sereno, erguendo as sobrancelhas para ela. —Quem você acha que seria capaz de fazer alterações na Lei, se não a rainha?





Foi um total de trinta segundos antes dela compreender. O sangue começou a correr por suas veias como fogo.

—Ah. Alterar. Sim. Bem. —Ela limpou a garganta. —Eu sempre pensei que a Lei era muito rigorosa. Déspota, na verdade.

Ele assentiu solenemente. —Arcaica.

—Sim, exatamente. Com extrema necessidade de algumas... atualizações.

—Ajustes. —Ele concordou.

—Hmmm. Sim, a lei está precisando de algumas revisões. E se apenas a Rainha pode fazer esses tipos de mudanças... —Um ombro se levantou. Leander observou seus lábios, maduros como cerejas contra o brilho de sua pele cor de creme.

—Pense nisso como uma oportunidade para corrigir os erros de um sistema imperfeito. — Ele murmurou. —Trazer liberdade aos oprimidos. Você poderia trazer a Lei dos Ikati para o século XXI.

Seus cílios abaixados faziam uma curva escura de seda contra suas bochechas. —Eu nunca imaginei que pudesse ter uma mudança... — O mais ínfimo dos sorrisos apareceu em seus lábios. —Embora deva admitir, liberdade é algo ao qual eu sou particularmente afeiçoada.

—Sem mencionar os problemas sobre a violação das regras. — Acrescentou. Ela olhou para ele. Seu rosto estava calmo, mas seus olhos estavam brilhantes, verdes e rindo.

—Não se esqueça das brincadeiras. — Disse ela.

Seu sorriso se aprofundou. Ele deslizou a mão por seu braço e sobre o ombro, a palma da mão deslizando sobre sua pele nua. Ele fechou a mão ao redor da nuca dela, enterrou os dedos no peso fresco de seu cabelo. —Grandes bolas, se bem me lembro. — Disse ele, rouco.

Seus olhos assumiram uma nova luz, ardendo e intensos, quando ele inclinou a cabeça para ela.





Ele deu um beijo em sua bochecha, sua testa. Ele cheirou seu cabelo de lado e esfregou seu pescoço. —E uma boa joelhada pode ficar popular. — Disse ela sem fôlego.

Ele riu baixo em seu ouvido e colocou os braços ao redor dela, puxando-a para perto. Seus braços enrolados sobre os ombros. —Eu estava apenas começando isso. —Ele murmurou, apertando seu abraço. Um leve suspiro zombeteiro deixou seus lábios. —Quanto mais fácil seria a minha vida se eu não estivesse amando uma mulher tão teimosa, exigente. Acho que você será muito ruim para a minha pressão arterial.

—Sim. — Ela concordou, inclinando a cabeça para a dele. — Tenho receio que serei uma esposa muito difícil. De alta necessidade de correção.

—Eu acredito que seja o termo correto.

Esposa. Seu coração começou a inchar no peito, tão grande que ele pensou que fosse explodir.

— A Teimosa real. — Ele murmurou, pressionando os lábios no canto da boca dela. Ele sentiu seu sorriso, curvando-se e tenso contra o seu beijo.

—É Rainha Teimosa para você, meu amor. —Respirou, deitada de costas sobre os travesseiros. Ela estendeu os braços para ele e ele se inclinou sobre ela e sorriu, um sorriso genuíno neste momento.

—Deus, sim. — Ele sussurrou. Inclinou a cabeça para beijar seu pescoço, a fina pele de sua garganta. Seus lábios tentadores os seios expostos em convite aberto acima do decote de seu vestido. —Diga novamente.

Seus dedos abriram os botões de pérolas delicados de seu vestido de verão. Ele trabalhou abrindo a parte superior.

—Rainha... — Ela parou quando sua língua sondou a carne que foi exposta com os botões abertos. Ela entrelaçou os dedos em seu cabelo, virou a cabeça para seu pescoço. —Rainha Teimosa?





—Não, a outra. — Ele murmurou com uma risada baixa, deixando cair beijos sobre sua pele. Ele levantou a cabeça e olhou profundamente em seus olhos com a mão percorrendo o lado de seu rosto.

—Oh, vamos ver. — Ela fingiu pensar, olhando para o teto com suas sobrancelhas juntas. —Estou um pouco cansada, minha memória não é muito clara...

—Meu amor. —Ele insistiu, franzindo o cenho para ela. —Você disse meu amor. E eu quero que diga novamente.

Suas sobrancelhas subiram. —E eu sou a teimosa?

—Jenna...

—E quanto a teimoso...

—Jenna.

—Meu amor. — Ela sussurrou cedendo, com um olhar profundo brilhando. —Eu admito. Você é meu amor e minha vida e não há nada no mundo que poderia me fazer deixá-lo. Nem mesmo seus títulos ridículos.

—Minha linda moça. — Ele respirou. Deixou sua cautela, ansioso por seu corpo flexível, feminino, pelo coração apaixonado. Apertou seus lábios nos dela e o animal dentro dele acordou, se espreguiçou e rugiu eu quero, eu preciso, até que ele mal podia ouvir as palavras que deixaram sua própria boca. —Grandes bolas e joelhadas será apenas o começo. Vou adorar você todos os dias para o resto de nossas vidas.

E ele abaixou os lábios nos dela mais uma vez.

Mais tarde, muito mais tarde, depois que o fogo queimou as brasas e cinzas e uma enorme e brilhante lua subiu para o céu, Jenna observava Leander dormir.

Ele dormia de costas, um braço em volta do pescoço, o rosto coberto pelo cabelo. Ela estava deitada de lado ao lado dele e arrastava os dedos sobre seu peito musculoso, ao longo das bordas do curativo branco. Sua pele emanando calor em todos os lugares que tocava.





Ela tinha aquele dolorido sentimento novamente, esse sentimento que sabia ser felicidade. Parecia não só desconhecido, mas terrivelmente frágil e assustador. Ela se perguntou como as pessoas conseguiam viver com ele. Sentindo-se como um animal selvagem arisco, parecia pronta para fugir a qualquer momento.

Ela sorriu com tristeza. Estava começando a entender os animais selvagens. Muito bem, na verdade. Talvez um dia ela fosse entender esta fera imprevisível chamada felicidade também.

—Tudo o que você está pensando, fico pensando o que é. — Leander murmurou, abrindo os olhos para olhar para ela com um sorriso sonolento. Ele rolou para o lado e virou-a de costas com a mão contra seu quadril. Ela se acomodou contra o cetim suave e inclinou a cabeça para vê-lo melhor. Na escuridão, era esculpido em sombra, olhos verdes contra a pele quente.

—Não é nada importante. — Disse ela, deslizando os dedos sobre os músculos inflexíveis em seu bíceps, seu ombro. —Você sabe, a natureza da realidade, o sentido da existência. Só um pouco dessas besteiras.

Ele inclinou a cabeça para morder os lábios, seu cabelo macio e perfumado contra sua garganta. —Isso soa terrivelmente chato. — Ele pegou sua mão e empurrou-a contra o lençol e ficou entre suas coxas. Sua ereção já estava dura contra seu quadril. —Estou certo de que podemos chegar a um ou dois assuntos mais excitantes.

—Algumas pessoas acham que discutir o significado da existência é muito emocionante, eu tenho certeza. —Ela sorriu com lenta maldade, sensual.

—Ninguém neste quarto. —Ele respondeu, arrastando beijos ao longo do topo de sua clavícula.

—E quanto ao futuro? Talvez devêssemos discutir isso.

Ele fez uma pausa, levantou a cabeça para olhar para ela com um olhar cauteloso. —Você não me irá dizer que mudou de ideia sobre nós,





não é? Eu dormi muito rápido? Disse algo errado? — Ele lutou para se sentar. —Eu ronco?

Ela o empurrou de volta para os travesseiros, sufocando uma risada. —Não, você não disse nada de errado e você não ronca. — Ela abaixou os olhos e tocou na borda de seu curativo, deixando a cortina de cabelo sobre o rosto. —Embora eu deva admitir que você cai no sono muito rápido. Como, em cinco segundos. Pode querer consultar um médico sobre isso.

—Não é minha culpa você ser muito bonita e eu tomar meu tempo com você. —Ele disse, relaxando novamente. Levantou a mão e tirou os cabelos do rosto. Ela encaixou-se debaixo do braço dele e ele sorriu para ela. —Vigorosamente e repetidamente. —Ele disse. —Até que eu fique completamente exausto.

—Até você desmaiar. — Jenna corrigiu, piscando para ele por debaixo suas pálpebras.

Ele levantou o dedo para traçar uma marca vermelha irregular que marcava a carne de seu ombro, a ponta do dedo seguindo o caminho da lâmina da faca. Seu sorriso de provocação desapareceu.

—Diga-me que eu não te machuquei. — Ele murmurou, inclinándose para pressionar um beijo em meio a um murmúrio no ombro. —Diga-me que não perdi a cabeça e esqueci de ser gentil. — Ele ergueu os olhos para o rosto dela e ela viu a auto-recriminação ali e dor. —Você ainda está ferida, ainda frágil, eu deveria ter sido mais cuidadoso, eu deveria ter esperado...

—Se você tivesse esperado, eu poderia ter que precisar me jogar sobre você, o que seria muito inconveniente para uma rainha. — Jenna levantou a mão para traçar os planos de seu rosto com a ponta dos dedos. —Eu estou bem, Leander. Apenas um pouco dolorida.

—Por mim ou por causa do...





Ele deixou pendurado entre eles. Ela pensou que nunca o viu parecer tão perturbado ou tão bonito, seu cabelo capturando a luz em cores da meia-noite, ônix, pele e índigo profundo.

—Você não me machucou. — Ela lentamente explicou, levantando as duas mãos para pressionar contra seu rosto. —No caso de você não poder entender a diferença, aqueles eram gemidos de prazer, meu amor.

Ele soltou o ar pelo nariz, apertou os olhos fechados, e inclinou a cabeça para a dela. —Nada pode feri-la, nunca mais. — Ele sussurrou em seu ouvido. —Nem eu, nem aqueles bastardos. Quando eu vi você lá, acorrentada e pálida como a morte, todo aquele sangue...

Ele enterrou o rosto em seu cabelo e não falou por um longo tempo. Ela apertou a mão contra o peito, sentindo o coração bater forte e irregular sob a palma da mão.

—Eu quase perdi minha mente. —Ele finalmente disse, apertando os braços em volta dela. —Eu perdi minha mente. E então quando você não acordou por tanto tempo...

Ele estava deitado contra ela quieto e ainda, sentindo o calor, a força de seus braços embalando seu corpo.

—Vou fazê-los pagar pelo que fizeram. — Ele sussurrou ferozmente. —Eles vão pagar cada gota de sangue.

—Sim. —Jenna disse suavemente. Ela acariciou as mãos sobre as costas, arrastou seus dedos para baixo em sua coluna vertebral. —Eu sei. E vamos ganhar esta guerra, ou seja lá o que for, porque nós somos mais fortes do que eles. Mais espertos.

—Superiores. — Disse ele, áspero.

Ela assentiu com a cabeça em seu ombro. —Também mais bem informados.

Ele levantou a cabeça para considerá-la em silêncio, esperando.





—Uma coisa boa aconteceu lá. —Disse ela, séria e suave, olhando para o seu rosto. —Naquele dia que eu fui procurar Daria. No dia em que... me pegaram. Uma coisa muito boa aconteceu.

Seu rosto ficou sombrio. —Acho extremamente difícil de acreditar.

—Ele me tocou. — Jenna sussurrou.

—Estou bem ciente disso, Jenna. —Leander disse rigidamente. Ele se levantou do seu lado para sentar-se ereto com os braços cruzados sobre os joelhos dobrados, os lençóis uma confusão em dobras ao redor de sua cintura. —Eu estou bem ciente do que eles fizeram com você.

Ela sentou-se ao lado dele e deslizou a mão por suas costas, sentindo o músculo duro sob a pele lisa, o cabelo sedoso na nuca de seu pescoço. —Não, eu quis dizer, ele me tocou. Seu líder. Com a mão nua.

Levou um momento de silêncio antes que ele a compreendesse. Ele virou-se para olhar para ela em cheio no rosto, o luar derramando-se através da janela atrás dele, não permitindo que ela pudesse ver sua expressão.

—Você está falando...?

—Sim. — Ela interrompeu, balançando a cabeça. —É isso que eu estou dizendo.

—Então, você pode...?

—Ver tudo. Suas lembranças. Seus pensamentos. — Sua voz escureceu. —Seus planos.

Sua respiração era o único som no quarto além dos pequenos murmúrios inquietos do fogo moribundo. Depois de um momento ele se inclinou e com a palma da mão em seu ombro, empurrou-a suavemente de volta para o colchão.

—Diga-me. —Disse ele em voz baixa, elevado por um cotovelo sobre ela. Seus olhos brilhantes.





—Não será fácil. —Jenna começou hesitante. —Há muitos deles.

Eles são muito organizados e muito bem... — Ela fez uma careta, em seguida continuou. —Treinados. O líder desse pequeno grupo não estava nem mesmo no alto de sua organização. Eles sabem sobre todas as tribos, exceto uma e eles estão muito orientados. Planejando se infiltrar, para o ataque. Planejando nos eliminar da existência, a qualquer custo.

Ela virou o rosto em seu ombro e fechou os olhos. —Eles odeiam você... nós... tanto.

—Agora você pode ver porque nós tivemos que ficar escondidos todos esses anos? — Ele sussurrou. Roçou os lábios com os dedos, arrastou-os sobre a curva de sua bochecha, sua mandíbula. —As pessoas odeiam o que eles não podem entender, o que é diferente. Eles odeiam e querem erradicar. A violência e a intolerância são tecidos através do tecido da natureza humana como um fio de escarlate.

—Minha mãe era humana e ela não era assim. — Jenna protestou. —Eu conheço muitas pessoas que não são assim. Você não pode simplesmente manter esse pensamento de geração em geração, isto está mantendo os Ikati no passado. Nós nunca seremos capaz de viver ao ar livre, nós nunca seremos capazes de avançar, se não pudermos deixar de viver no passado.

Ele sorriu para ela. O luar encontrando os contornos do seu rosto e deslizando sobre sua pele em flâmulas de cristal pálido, mágicas e cintilantes como pó de fadas. —Longe de mim pensar que você irá concordar comigo. — Ele murmurou, abaixando o rosto para tocar o nariz dela.

—Eu sempre vou discordar de você quando você estiver errado. — Disse ela, virando o rosto.

Ele pegou seu queixo em sua mão e levantou-o, segurou o rosto dela em sua mão. —Eu posso estar errado sobre muitas coisas, mas uma coisa eu tenho certeza absoluta. —Disse ele, acariciando seu polegar sobre o lado de seu rosto.

—E o que é isso? — Jenna perguntou sarcasticamente.





—Você é a criatura mais completamente teimosa que já conheci.

Ela bufou e puxou o queixo da sua mão, mas ele pegou-a novamente e rolou meio caminho em cima dela, prendendo-a no peito e parte de suas pernas com o peso de seu corpo. Sua risada sacudiu os dois.

—Eu não terminei! Você é a criatura mais completamente teimosa que eu já conhe...

—Você já disse isso!

—E eu te amo. Eu amo você, Jenna. Acordada ou dormindo, discordando ou concordando, faça chuva ou faça sol, eu te amo. — Ele olhou para ela, seu corpo pressionado completamente contra o dela, seu olhar solene focado em seu rosto.

—Oh. Bem. Talvez você deveria ter dito isso primeiro. — Seus lábios se torceram em um pequeno sorriso. Seus cílios caíram. —E apenas, para registro. — Ela disse suavemente, escondendo o rosto em seu ombro. —Desde que eu tecnicamente não disse ainda... eu também te amo. Finalmente sinto que estou em casa. Você é a minha casa, Leander. — Ela fechou os olhos e deu um beijo em seu peito. —A vida é dor e todos iremos morrer um dia. — Ela sussurrou, lembrando as palavras de sua mãe. —Mas o verdadeiro amor vive para sempre. E pode mostrar-lhe o caminho de casa.

Sua mão acariciou-lhe o braço e costas, beijos com toque de penas choveu sobre seu pescoço e ombro. Ele deixou mais beijos sobre o rosto, acariciou seus lábios levemente contra o dela. Ajustou os quadris para subir sobre os dela e acomodou seu peso entre as pernas. O ardor lentamente começou em seu estômago.

—Eu deveria dizer mais sobre o que eu vi... — Ela murmurou, então engasgou quando sua boca foi para o seio, encontrou seu mamilo. Língua quente e os lábios sedosos contra sua pele. —Eu preciso te dizer sobre... sobre os seus planos...





—Amanhã. —Leander murmurou, levantando a cabeça, seu olhar escuro e sério. —Amanhã podemos planejar estratégia e vingança junto com nossos planos para vencer a guerra. Amanhã podemos fazer todas essas coisas. Mas, agora...

Ele a beijou, duro e delicioso, até que ela perdeu o fôlego e seu peito ficou apertado. Seu corpo se arqueou contra ele.

Ele olhou para ela entre os olhos estreitos e sorriu. —Neste momento temos outras coisas para fazer, grande rainha.

—Na verdade. — Ela murmurou, deslizando as mãos em volta do pescoço dele. —Eu acho que você disse algo como Aquela que deve ser obedecida. E ela quer realmente uma bela noite de amor.

A risada dele foi abafada contra o pescoço dela. —Bem, então, eu suponho... —Ele roçou os lábios contra os dela. —Seu desejo é uma ordem. Como posso ser útil, minha senhora?

—Oh, eu tenho certeza que vou pensar em alguma coisa. — Ela disse inocente. —Na verdade, eu posso pensar em várias coisas.

Ele inclinou a cabeça para trás para olhar para ela, sorrindo como um bobo.

Ela ofereceu-lhe seu próprio sorriso selvagem e levantou as pernas para cima para envolvê-las firmemente ao redor de sua cintura.

FIM





AGRADECIMENTOS

Um grande obrigada a Marlene Stringer, da Agência Literária Stringer por ser a primeira pessoa a dizer o que todo escritor quer ouvir: Eu adorei. Você tem sido uma grande defensora. Também um grande obrigada à equipe de Montlake por ser tão maravilhoso trabalhar com vocês. Vocês são fodas. Para Melody Guy, que me ajudou a refinar a história de Jenna e Leander com algumas sugestões incríveis, estou enviando abraços virtuais e uma mensagem. As quarta-feira do clube do livro senhoras, Anthony, Don, Stephen, John, e Gene, grandes beijos. E por muitos mais anos de libertinagem bêbada e batendo mesa. Eu amo vocês como as irmãs que eu nunca tive. E Jay, que aguenta a loucura de viver com uma escritora obcecada e me ensinou como ser uma pessoa melhor. Você é meu herói. Eu estaria perdida sem você.

